



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

MARCELLA SILVA MOUSINHO MACHADO

**A CARREIRA PROFISSIONAL DOS JORNALISTAS VETERANOS EM TEMPOS  
DE MUDANÇAS ESTRUTURAIS: MERCADO DE TRABALHO, PRÁTICAS E  
SOCIALIZAÇÕES**

JOÃO PESSOA

2021

MARCELLA SILVA MOUSINHO MACHADO

**A CARREIRA PROFISSIONAL DOS JORNALISTAS VETERANOS EM TEMPOS  
DE MUDANÇAS ESTRUTURAIS: MERCADO DE TRABALHO, PRÁTICAS E  
SOCIALIZAÇÕES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (PPJ/UFPB) como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Jornalismo, com área de concentração em Produção Jornalística e linha em Práticas, Processos e Produtos Jornalísticos.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Sandra Regina Moura

JOÃO PESSOA

2021

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

M149c Machado, Marcella Silva Mousinho.

A carreira profissional dos jornalistas veteranos em tempos de mudanças estruturais : mercado de trabalho, práticas e socializações / Marcella Silva Mousinho Machado. - João Pessoa, 2021.

212 f. : il.

Orientação: Sandra Regina Moura.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA.

1. Jornalismo. 2. Jornalista veterano. 3. Carreiras profissionais. 4. Mercado de trabalho. 5. Juvenização do jornalismo. 6. Envelhecimento - Profissional. I. Moura, Sandra Regina. II. Título.

UFPB/BC

CDU 070(043)



## ATA DE DEFESA DE BANCA DE MESTRADO

Aos três dias do mês de fevereiro de 2021, às 16 horas, foi realizada, por videoconferência, através do endereço eletrônico <https://meet.google.com/xqp-xpzz-pph>, a defesa de Mestrado da aluna **MARCELLA SILVA MOUSINHO MACHADO**, sob a matrícula **20191000755**, cuja pesquisa intitula-se "**A CARREIRA PROFISSIONAL DOS JORNALISTAS VETERANOS EM TEMPOS DE MUDANÇAS ESTRUTURAIS: MERCADO DE TRABALHO, PRÁTICAS E SOCIALIZAÇÕES**".

### AVALIAÇÃO:

(X) Aprovado(a)                      ( ) Reprovado(a)

As observações sobre o trabalho acadêmico encontram-se no verso desta Ata.

### COMISSÃO EXAMINADORA:

Profa. Dra. **SANDRA REGINA MOURA**  
Presidente

Profa. Dra. **JOANA BELARMINO DE SOUSA**  
Examinadora Interna

Prof. Dr. **FÁBIO HENRIQUE PEREIRA**  
Examinador Externo ao Programa

**Observação:** A presidência da Comissão certifica a presença dos demais membros.

Em memória de Nelma Figueiredo, Lena Guimarães e Adelson Barbosa, jornalistas até o último fôlego.

A todos os jornalistas, maduros ou jovens, que já tremeram e choraram diante de uma notícia ao exercerem a melhor profissão do mundo.

## AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa é uma obra coletiva, produzida a muitas mãos e mentes no Mestrado Profissional em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Nesse percurso pude contar com a colaboração de colegas de turma e de egressos(as) do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ), de professores(as), da coordenação e dos técnicos-administrativos do Centro de Comunicação Turismo e Artes (CCTA) e da Biblioteca Central (BC). Nesse grupo incluo também os(as) jornalistas maduros(as) pesquisados(as) e outros profissionais que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste estudo.

Aos meus colegas de turma, Iara Alves, José Primitivo, Robson Roque, Raniery Soares, Sílvia Torres, Bob Vagner, Felícia Arbex, Felipe Nunes, Larissa Madruga, Luís Eduardo, Samara Melo, Tatiana Ramalho e Vitor Daniel agradeço o compartilhamento do ambiente da sala de aula, as indicações de leitura, os contatos de possíveis entrevistados e o incentivo na produção da pesquisa.

Às professoras Paula Paes, Glória Rabay e Ana Lúcia Medeiros agradeço as referências bibliográficas e as orientações metodológicas para o projeto de pesquisa no curso das disciplinas.

Minha gratidão aos professores Fernando Firmino, Fabiana Siqueira, Patrícia Monteiro, Cláudio Paiva, Luiz Custódio, Zulmira Nóbrega, Laerte Cerqueira e Alfredo Vizeu pelas aulas e ensinamentos nesses semestres.

Agradeço à coordenadora do Programa do Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ), Zulmira Nóbrega, e aos servidores Mary Echeveste e Joércio Nascimento, pela atenção e prestatividade no atendimento das demandas e no acompanhamento das etapas do mestrado.

À professora Sandra Moura, minha orientadora, agradeço o acolhimento generoso e paciente, a parceria nas autorias dos artigos científicos e a participação em momentos importantes da minha jornada na graduação e no mestrado. Sua confiança e persistência foram fundamentais no meu amadurecimento acadêmico-profissional.

Agradeço aos servidores responsáveis pelo atendimento de minhas solicitações via Lei de Acesso à Informação (LAI), contactados pelo Serviço de Informações ao Cidadão (SIC) e das Ouvidorias da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), do Governo da Paraíba (Secom-PB), da Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP), Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB), Assembleia Legislativa (ALPB), Câmara Municipal de João Pessoa (CMJP), Tribunal de Contas do Estado (TCE), Tribunal Regional Eleitoral (TRE), Tribunal Regional do Trabalho da

13ª Região (TRT13), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) e da Superintendência Regional do Trabalho (SRTb/PB).

Aos jornalistas participantes do questionário o meu profundo agradecimento pelas respostas fornecidas. A contribuição desses profissionais foi essencial na coleta de dados para a presente investigação.

Aos(as) jornalistas Edilane Araújo, Frutuoso Chaves, Gisa Veiga, Gonzaga Rodrigues, Hermes de Luna, Ivani Leitão, José Vieira Neto, Kubitschek Pinheiro, Lúcia Figueiredo, Madrilena Feitosa, Nonato Guedes, Silvana Sorrentino, Sílvio Osias e Wellington Farias expresse minha gratidão por terem concordado em participar da pesquisa. Agradeço a receptividade, a confiança e o esforço de memória nas entrevistas, bem como o engajamento nas discussões e os conselhos dos experientes profissionais.

Agradeço à jornalista Maryellen Badarau pela companhia em uma das entrevistas e pela escuta das angústias desse processo de construção da pesquisa; ao produtor cultural Gil Sabino e à jornalista Hacéldama Borba por disponibilizarem contatos de entrevistados ou intermediarem a aproximação entre a pesquisadora e os profissionais selecionados.

Ao presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado da Paraíba (Sindjor-PB), Land Seixas, agradeço o fornecimento de dados da entidade para o estudo. Estendo meus agradecimentos aos jornalistas Giovanni Meireles e Evandro da Nóbrega pelo compartilhamento de importantes materiais para a pesquisa.

“Conte ao mundo as nossas histórias e nunca esqueça que nós existimos enquanto alguém se lembra de nós.”

(Julián Carax/Carlos Ruiz Zafón)

## RESUMO

Esta pesquisa analisa as carreiras profissionais dos jornalistas veteranos no exercício do jornalismo na cidade de João Pessoa, na Paraíba. Foram assim denominados, de acordo com os objetivos do estudo, as últimas gerações de profissionais que ingressaram nas redações antes da inserção do computador e da internet nas rotinas produtivas, com trinta anos ou mais de experiência profissional, com cinquenta anos ou mais em idade, detentores de capitais culturais e sociais adquiridos ao longo da prática nessa atividade. Os estudos sobre as mudanças estruturais no jornalismo têm indicado que os profissionais mais velhos são substituídos pelos mais jovens nos postos de trabalho. A ausência de jornalistas veteranos é apontada por teóricos como prejudicial para a profissão. Ao mesmo tempo, mudanças no paradigma demográfico demonstram um aumento significativo de trabalhadores maduros e da permanência destes em suas atividades laborais. Diante desse cenário de transformações e impermanências, buscamos investigar como os jornalistas envelhecem em suas carreiras profissionais. Como base teórica, incorporamos o conceito de carreira advindo do interacionismo simbólico, bem como o cenário delineado pelos estudos sobre juvenização da profissão jornalística, mudanças estruturais e envelhecimento. Desse modo, esta pesquisa objetivou analisar as carreiras profissionais desse grupo, desde as fases de treinamento e recrutamento até formas de socialização, organização e de permanência na atividade na maturidade. Para tanto, partimos de um mapeamento exploratório dos jornalistas veteranos na cidade de João Pessoa, de um questionário *online* e de entrevistas em profundidade com catorze profissionais para responder as questões propostas. Entre os resultados do nosso estudo observamos que a longevidade profissional é justificada, sobretudo, pelas socializações, escolhas e renegociações operadas nos cursos das carreiras. Estas envolvem a adesão a novos estatutos, o ingresso em outras frentes de atuação na profissão, o atendimento de demandas mercadológicas e qualificacionais, a transição de cargos e funções, a aproximação com as instâncias de decisão das empresas e do serviço público, além da interiorização de novos valores profissionais. Tais gerações de jornalistas veteranos representam, portanto, um novo perfil de jornalistas mais velhos que estão conectados, atualizados e mantêm-se produtivos.

**Palavras-chave:** Jornalista veterano. Carreiras profissionais. Mercado de trabalho. Juvenização do jornalismo. Envelhecimento.

## RESUMEN

Esta investigación analiza las carreras profesionales de los periodistas veteranos que están en el ejercicio del periodismo en la ciudad de João Pessoa, en Paraíba. Son descritos, de acuerdo con los objetivos de este estudio, las últimas generaciones de profesionales que ingresaron en las redacciones antes de la integración del internet y de las computadoras en las rutinas productivas. Son personas con treinta años o más de experiencia profesional, con cincuenta años o más de edad, titulares de capital cultural y social adquiridos a lo largo de su práctica en esta actividad. Los estudios acerca de los cambios estructurales en el periodismo indican que los profesionales más viejos han sido sustituidos por los más jóvenes en los puestos de trabajo. La ausencia de periodistas veteranos es descrita por teóricos como perjudicial para la profesión. Así mismo, los cambios en el paradigma demográfico demuestran un aumento significativo de personas mayores y de permanencia en sus actividades laborales. Ante este escenario de transformaciones e impermanencia, buscamos investigar cómo envejecen los periodistas en sus carreras profesionales. Como base teórica, incorporamos el concepto de carrera proveniente del interaccionismo simbólico, así como el escenario delineado por los estudios sobre juvenalización de la profesión periodística, cambios estructurales y envejecimiento. De ese modo, el objetivo de esta investigación es analizar las carreras profesionales de este grupo, desde las etapas de formación y reclutamiento hasta las formas de socialización, organización y permanencia de estas personas en las prácticas en la madurez. Para ello, partimos de un mapeo exploratorio de los periodistas veteranos en la ciudad de João Pessoa, de un cuestionario en línea y de entrevistas en profundidad con catorce profesionales para responder a las preguntas propuestas. Entre los resultados de nuestro estudio, observamos que la longevidad profesional se justifica, sobre todo, por las socializaciones, elecciones y renegociaciones operadas en el curso de las carreras. Se trata de la adhesión a los nuevos estatutos, la entrada en otros frentes de actuación de la profesión, la satisfacción de las exigencias del mercado y de la cualificación, la transición de puestos y funciones, la aproximación a los órganos de decisión de las empresas y de la función pública, además de la interiorización de los nuevos valores profesionales. Estas generaciones de periodistas veteranos representan, por tanto, un nuevo perfil de periodistas mayores que están conectados, se actualizan y siguen siendo productivos.

**Palabras-clave:** Periodista veterano. Carreras profesionales. Mercado de trabajo. Juventud del periodismo. Envejecimiento.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Vínculos ativos por faixa etária de 2016 a 2018 .....	57
Quadro 2 – Jornalistas veteranos entrevistados e as décadas de ingresso no jornalismo.. .....	86
Quadro 3 – Jornalistas veteranos, os locais e funções nas quais atuam.....	87
Quadro 4 – Perfil dos respondentes do questionário .....	119
Quadro 5 – Mapeamento dos cargos com jornalistas com mais de 50 anos de idade no setor público.....	144
Quadro 6 – Mapeamento dos jornalistas com mais de 50 anos de idade em plataformas independentes .....	150

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Funções desempenhadas pelos jornalistas veteranos .....	120
Gráfico 2 – Atributos profissionais positivos na maturidade .....	122
Gráfico 3 – Atributos profissionais negativos na maturidade .....	123

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2 DISCUSSÕES TEÓRICAS E CONCEITUAIS.....</b>	<b>20</b>
2.1 INTERACIONISMO SIMBÓLICO: PROCESSO E INTERAÇÕES SOCIAIS .....	20
2.2 MOBILIDADES E PERMANÊNCIAS NA CARREIRA .....	23
2.3 PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO .....	25
2.4 O CONCEITO DE CARREIRA NO JORNALISMO .....	28
2.5 A JUVENIZAÇÃO DA PROFISSÃO JORNALÍSTICA .....	31
2.6 OS JORNALISTAS MADUROS NO MERCADO DE TRABALHO .....	33
2.7 A MEMÓRIA REFERENCIAL DOS PROFISSIONAIS VETERANOS .....	35
<b>3 AS TRANSVERSALIDADES DA MÍDIA PESSOENSE.....</b>	<b>40</b>
3.1 MONARQUISTAS, REPUBLICANOS E LITERATOS .....	40
3.2 JORNALISTAS ENGAJADOS E IMPRENSA ALTERNATIVA .....	43
3.3 ENTRE COBRAS CRIADAS E FOCAS .....	47
3.4 READAPTAÇÕES E A ENTRADA NO DIGITAL .....	50
3.5 O JORNALISTA LOCAL E AS REFERÊNCIAS DE MERCADO .....	56
<b>4 METODOLOGIA DE PESQUISA.....</b>	<b>64</b>
4.1 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO.....	65
4.1.1 A definição de jornalista veterano pelas pesquisas acadêmicas .....	65
4.1.2 Ramificações do processo de juvenização na literatura jornalística .....	71
4.1.3 Interacionismo Simbólico e os estudos no jornalismo .....	72
4.2 MÉTODOS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS .....	74
4.2.1 Histórias de vida na perspectiva profissional .....	74
4.2.2 Monólogos e diálogos na entrevista .....	75
4.2.3 Unidades de registros da memória .....	77
4.2.4 Percepções em diário de campo .....	78

4.2.5 Mapeamento exploratório do cenário local .....	79
4.2.6 Elaboração de um questionário .....	82
4.3 PROCEDIMENTOS DE SELEÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS .....	83
4.3.1 Critérios de seleção dos jornalistas .....	83
4.3.2 Recorte dos profissionais escolhidos.....	85
4.3.3 Análise e interpretação dos dados .....	87
4.4 DIÁLOGOS INTERGERACIONAIS .....	89
4.4.1 Realização das entrevistas .....	89
4.4.2 O velho e o novo no contexto da pesquisa .....	92
4.4.3 Diálogos, atos e omissões na entrevista .....	95
4.4.4 Auto-edição, performance e jornalistas na pesquisa .....	96
<b>5 O JORNALISTA E A CARREIRA.....</b>	<b>98</b>
5.1 A PRIMEIRA GERAÇÃO: 1960-1970.....	98
5.1.1 Gonzaga Rodrigues .....	98
5.1.2 Frutuoso Chaves.....	100
5.1.3 Nonato Guedes.....	101
4.1.4 Wellington Farias .....	103
5.1.5 Sílvio Osias .....	104
5.1.6 Kubitschek Pinheiro .....	106
4.1.7 Silvana Sorrentino .....	107
5.2 SEGUNDA GERAÇÃO: 1980 .....	108
5.2.1 Edilane Araújo .....	108
5.2.2 Gisa Veiga .....	109
5.2.3 Ivani Leitão .....	110
5.2.4 Lúcia Figueiredo .....	111
5.2.5 Madrilena Feitosa.....	112
5.2.6 Hermes de Luna .....	114

5.2.7 José Vieira Neto.....	115
<b>6 ANÁLISE DA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL.....</b>	<b>118</b>
6.1 O PERFIL DO JORNALISTA VETERANO PESSOENSE.....	118
6.2 INSERÇÃO PROFISSIONAL E RECRUTAMENTO.....	123
6.3 CRIAÇÃO DE NOVOS VEÍCULOS E PROJETOS.....	128
6.4 POSSE DE NOVOS GESTORES.....	131
6.5 DEMISSÃO OU SAÍDA DO OCUPANTE .....	132
6.6 RECESSO DE FÉRIAS DO TITULAR .....	134
6.7 FECHAMENTO DE EMPRESAS.....	135
6.8 CASAMENTO, MATERNIDADE E PATERNIDADE.....	138
6.9 DISCORDÂNCIAS EMPRESARIAIS E EDITORIAIS .....	140
6.10 NOMEAÇÕES POLÍTICAS E CONCURSADOS.....	143
6.11 SUBMISSÃO DE PROJETO.....	148
6.12 PLATAFORMAS DE MÍDIAS DIGITAIS.....	149
6.13 BEM-ESTAR E APOSENTADORIA.....	156
6.14 RELAÇÕES GERACIONAIS .....	159
6.15 ATRIBUTOS DA MATURIDADE .....	163
6.16 CARREIRAS ALTERNATIVAS .....	169
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>173</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>179</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>195</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa analisa as carreiras profissionais dos jornalistas veteranos que estão no exercício do jornalismo na cidade de João Pessoa, na Paraíba. São assim denominados, de acordo com os objetivos do estudo, as últimas gerações de profissionais que ingressaram nas redações antes da inserção do computador e da internet nas rotinas produtivas, com trinta anos ou mais de experiência profissional, com cinquenta anos ou mais em idade, detentores de capitais culturais e sociais adquiridos ao longo da prática nessa atividade. A investigação tem como foco o estudo das trajetórias desse grupo até a chegada à maturidade, de modo a examinar como esses jornalistas se posicionam frente às transformações na profissão, no mercado e na experiência individual de envelhecimento dentro do mundo profissional.

Neste trabalho consideramos duas gerações de jornalistas. A primeira é formada pelos profissionais que ingressaram no jornalismo até por volta dos anos de 1970, antes da criação dos cursos de Comunicação Social na Paraíba, e conviveram dentro da redação com as pioneiras turmas de graduados, que militaram ou acompanharam os movimentos estudantis e camponeses da década de 1960 (KUCINSKI, 1998, 2003). A segunda é composta pelos jornalistas que entraram na profissão na década de 1980, por meio da graduação. Ambas vivenciaram os processos de inserção dos sistemas informáticos que alteraram os instrumentos de trabalho, as rotinas produtivas e extinguiu funções. São estes profissionais que acompanharam o processo de transição da monomídia para a multimídia e da segmentação de funções para a polivalência. No presente estágio da carreira, os estudos sobre as mudanças estruturais no jornalismo têm observado que estes veteranos passam por um processo de substituição por jornalistas mais jovens.

Desde o início do século XXI, o jornalismo defronta-se com uma série de mudanças estruturais que afetam o mundo do trabalho de forma globalizada, em razão das pressões exercidas pela lógica comercial, da precarização nas relações trabalhistas e pelos processos de convergência. Entre os efeitos desse movimento estão a hiperconcorrência entre as estruturas midiáticas tradicionais e as plataformas digitais, alterações nas rotinas e identidades profissionais, diluição de fronteiras entre áreas, crises nos modelos de negócio, entre outros fatores. Nesse cenário, as jornadas produtivas são mais longas, com salários cada vez mais baixos, optando-se pela contratação de pessoas jurídicas e de jovens recém-formados que se submetem mais facilmente às exigências do mercado (PEREIRA; ADGHIRNI, 2011).

As pesquisas sobre as mudanças estruturais no jornalismo têm como objeto de estudo a transição de um chamado “velho jornalismo” para um “novo”, no qual as reflexões sobre o lugar dos jornalistas veteranos e a juvenização da profissão se inserem. No Brasil, as percepções sobre esse profissional sênior no mercado são investigadas por autores como Adghirni (2017) e Pereira (2019). A redução da idade e suas implicações na profissão no mundo também são acompanhadas por autores como Josephi e Oller Alonso (2018) e pelo projeto *Worlds of Journalism Studies* (WJS). Ainda sem ter essa perspectiva como base, outros estudos que consideraram a maturidade como critério deram ênfase a aspectos ligados à memória (RIBEIRO, A.P.G. 2006), ao próprio processo de envelhecimento desses trabalhadores (PAGENOTTO, 2011), à exclusão (GARSCHAGEN, 2012) e aos conflitos geracionais na redação (SILVA, 2018).

Diante das transformações que alteram não só a rotina, mas a identidade jornalística, as experiências com os processos de convergência digital e profissional apontam os veteranos como os responsáveis por fazerem oposição a esse movimento de integração da redação e da efetivação da figura do jornalista multitarefa (SALAVERRÍA; NEGREDO, 2008). Nas pesquisas argumenta-se que, para este grupo, tais modificações são estratégias empresariais para substituí-los por jovens inexperientes, mal pagos e sem direitos trabalhistas, assim como criticam a qualidade do que é produzido nos meios digitais por não identificarem nessas peças informativas valores clássicos da profissão. Comumente esse grupo é subdividido entre apocalípticos e integrados, ou mesmo entre os adaptados e os resistentes.

De fato, os jornalistas dessas gerações anteriores defrontaram-se com contextos e perfis profissionais distintos, mesmo no que concerne ao desenvolvimento de suas carreiras. Ainda que não seja possível estabelecer uma classificação rigorosa da trajetória profissional de um jornalista ou critérios para uma progressão, o curso delas seguiam, até o século XX, em geral, uma tradição. Na área, muitos começavam como repórteres ou revisores. Posteriormente, poderiam assumir cargos intermediários como os de chefia, e, mais adiante, os de editor, redator-chefe e encerrando nos postos de direção (PEREIRA, 2008). Antigamente, os mais velhos, fossem repórteres, escritores ou professores ocupavam a função de copidesque por dominarem a escrita. Os editorialistas eram redatores de muita experiência e de confiança da direção dos jornais, também considerados os melhores autores de artigos (MELO, 2003). Outros eram correspondentes internacionais (AGNEZ, 2014).

Além de estarmos diante de um cenário de redações mais enxutas, com a alta produtividade em detrimento da qualidade, do jornalista que assume várias funções com um salário inferior, entre outros processos de precarização, acresce-se ainda o preconceito etário.

Em muitos casos o etarismo, neologismo para o preconceito com relação à idade (BUTLER, 1980), é camuflado ou fica em segundo plano quando observados os motivos das demissões de trabalhadores no jornalismo e, no melhor dos casos, no remanejamento para outras funções. Em veículos nos quais a estética é um dos atributos da qualificação profissional, este problema é mais visível. A *British Broadcasting Corporation* (BBC), corporação pública de rádio e televisão do Reino Unido, já protagonizou episódios de discriminação etária e, em alguns casos, acrescidos de preconceito de gênero.

Em 2011, a apresentadora Miriam O'Reilly ganhou uma ação em que acusava a BBC de discriminação por idade e sexismo. Ela e mais quatro colegas, todas entre quarenta e cinquenta anos, que atuavam no programa *Countryfile*, foram demitidas. Para os seus lugares foram conduzidas apresentadoras mais jovens. Na época, a empresa se comprometeu com uma política de representatividade etária. O então diretor geral, Mark Thompson, declarou que o caso O'Reilly marcaria uma virada para a BBC. Entretanto, em 2014, novos episódios foram denunciados e as demissões começaram a ser acompanhadas de um acordo de confidencialidade.

A jornalista Olenka Frenkiel foi um dos casos mais recentes. Sua carreira foi iniciada na BBC da Irlanda do Norte, em 1979. Ela deixou a emissora após trinta anos quando percebeu que estava sendo “apagada” ao completar cinquenta anos de idade, assim como suas colegas. A jornalista percebia que, enquanto os homens, contemporâneos de sua geração prosperavam, as mulheres da mesma faixa etária haviam sumido. A discriminação ocorria em etapas, como deixá-las de fora das pautas de trabalho para, em seguida, os diretores apontarem a baixa produtividade e as dificuldades na execução das tarefas, o que caracterizaria os profissionais maduros como trabalhadores difíceis de lidar.

Ainda na mídia internacional, há denúncias anteriores aos casos de Miriam O'Reilly e Olenka Frenkiel. Em 2006, Anna Ford deixou a BBC, aos 62 anos, alegando que havia sido excluída por causa de sua idade. Em 2008, Selina Scott recebeu 250 mil libras depois de ter processado o Channel 5 por preconceito etário, quando tinha 57 anos. Com relação aos apresentadores, estudos como o de Stawski (2015) concluíram que o avanço da idade é mais cruel com as mulheres na comparação com os seus colegas homens. Isto seria um reflexo da própria sociedade que centraliza na juventude a beleza, o poder e capacidade de trabalho. Esse padrão, porém, apresenta-se de forma desigual entre os sexos.

No Brasil, considerando a quantidade de emissoras e de programas, foram e são poucas as apresentadoras de televisão com trajetórias longevas no vídeo, principalmente na fase madura. Cristina Ranzolin, de 53 anos de idade, tem 24 anos na apresentação de um telejornal

do Rio Grande do Sul; Isabela Scalabrini, de 62, passou 22 anos à frente do MGTV 1ª Edição, em Minas Gerais, deixando a função em agosto de 2019; e Kátia Guzzo, hoje com 62, ficou 17 anos no BATV, na Bahia, saindo em 2015. Na Paraíba, Edilane Araújo, de 56, foi a que permaneceu por mais tempo, com 32 anos de bancada. A jornalista começou a apresentar telejornais aos 22 anos, quando da fundação da TV Cabo Branco, afiliada da Rede Globo, que antes pertencia à Bandeirantes.

Já entre os homens, na Rede Globo e afiliadas, por exemplo, Sérgio Chapelin, com 79, permaneceu 36 anos no Globo Repórter e 24 no Jornal Nacional (JN); Cid Moreira, hoje com 93, ficou 27 anos no JN e William Bonner, dos seus 56 anos de idade, 24 deles foram na bancada do mesmo telejornal; Mário Motta, de 68, de Santa Catarina, ancora há 33 anos o Jornal do Almoço; Elói Zorzetto, de 61, no Rio Grande do Sul, está no ar há 32 anos; só no SP2, em São Paulo, Carlos Tramontina, de 64, tem 21 anos; e Hugo Esteves, hoje com 58, passou trinta anos apresentando o NETV 2ª Edição, em Pernambuco.

Desse modo, observamos uma diferença na média de idade e de permanência entre homens e mulheres. Além disso, em geral, estes profissionais são sucedidos por apresentadores mais jovens e não por colegas da mesma faixa. A ausência de representatividade e proporcionalidade etária também pode estar associada ao ageísmo, idadismo, etarismo ou velhofobia (BUTLER, 1980; NERI, 1991; GOLDENBERG, 2016), igualando-se a outras formas de marginalização como o racismo e o sexismo. Exemplo disso são os estereótipos negativos associados aos velhos como “dependente”, “fraco”, “inativo” e “inseguro” também usados para se referir à mulher, assim como “inútil”, “improdutivo” e “inativo” para designar grupos minorizados como os raciais e os pobres (NERI, 1991).

Uma explicação para a discriminação etária está na generalização da ideia de que o envelhecimento representa a deterioração das faculdades físicas e mentais, más condições de saúde e diminuição da capacidade laboral. Entretanto, não é só a idade que desencadeia essa série de eventos biológicos. Características individuais, determinantes sociais, estilos de vida e as condições de trabalho (CAMARANO; PASINATO, 2008) também influem nos modos de envelhecer, isso porque esse fenômeno não é uniforme. Não há, portanto, uma única forma de tornar-se velho, inclusive no mundo do trabalho, dado que a relação entre produtividade e envelhecimento dependerá das funções, das categorias ocupacionais e das qualificações requeridas para o exercício das atividades (CAMARANO; FERNANDES, 2018).

Entre os profissionais de televisão, para citar alguns exemplos, ainda podemos encontrar, no Brasil, com suas respectivas idades, Marcos Hummel (72) e Celso Freitas (66), como apresentadores da TV Record, além de Janine Borba (51) e Christina Lemos (56). No

SBT temos Carlos Nascimento (65), como âncora do SBT Brasil e Roberto Cabrini (59), no Conexão Repórter. Na Band há Eduardo Oinegue (55), no Jornal da Band. Já na TV Globo há Chico Pinheiro (66), Néelson Araújo (68) e William Bonner (56). Entre as mulheres estão Sandra Annenberg (51), que deixou a bancada do Jornal Hoje depois de dezesseis anos, em setembro de 2019 – substituída pela jornalista Maria Júlia Coutinho (41) –, passando a apresentar o Globo Repórter com Glória Maria (70), além de Renata Lo Prete (55), no Jornal da Globo.

Entre os repórteres mais destacados da Rede Globo e que trabalham para programas fixos da grade nacional, além dos de rede e das afiliadas do eixo Rio de Janeiro-São Paulo-Brasília, estão Caco Barcellos (70), à frente do Profissão Repórter, no qual comanda uma equipe de jovens jornalistas; Renata Ceribelli (55), Sônia Bridi (56), Ilze Scamparini (59), Ernesto Paglia (61), Valmir Salaro (66), Francisco José (76), além de comentaristas como Miriam Leitão (66), que ainda escreve para *O Globo*. No rádio atuam jornalistas como Milton Jung (57) na apresentação do Jornal da CBN e Carlos Alberto Sardenberg (72), no CBN Brasil. Há também o próprio Eduardo Oinegue e Reinaldo Azevedo (58) na Band News.

Os *blogs*, reconfigurando o espaço das colunas dos jornais, também colocam-se como alternativa para a permanência desses profissionais na atividade, de forma independente ou vinculada a grupos de mídia, sob o estatuto de blogueiros ou mesmo de colunistas, entre outras plataformas. São exemplos Elio Gaspari (76) na *Folha de S. Paulo*; Roberto Pompeu de Toledo (76) e Dora Kramer (64), ambos na revista *Veja*; Ancelmo Gois (72) em *O Globo*; Eliane Cantanhêde (67) no *Estadão*; e Juca Kfoury (69) no Blog do Juca, do UOL. Na reportagem temos Elvira Lobato (76), antiga repórter da *Folha de S. Paulo*, no portal *Mulheres 50 Mais*; Ricardo Kotscho (71), no Balaio do Kotscho e como repórter especial da *Folha*; e Leda Nagle (69), em um canal próprio de entrevistas no *YouTube*.

De fato, alguns estudos quantitativos, realizados com diferentes amostras e regiões brasileiras e na América Latina mostram uma redução na faixa etária dos jornalistas. Em 2012, uma pesquisa realizada pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em convênio com a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), com apoio do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPPJ) e da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), traçou o perfil do jornalista brasileiro (MICK; LIMA, 2013). Na enquete aplicada para 2.731 profissionais do jornalismo, 11,1% estavam entre as faixas etárias de 41 a 50 anos e, 8%, acima de 51 anos. Segundo o estudo, até aquele momento, os jornalistas brasileiros eram majoritariamente mulheres brancas, solteiras, com até trinta anos (48%). Nesse estudo, feito por formulário pela internet, 55 jornalistas na Paraíba participaram e apenas 38 foram considerados na amostra.

Um estudo aplicado para 2.789 jornalistas da América Latina, entre 2013 e 2015, pelo projeto *Worlds of Journalism Studies* (WJS), concluiu que o jornalismo na região era uma profissão relativamente recente, exercida por jovens, com experiência de quase onze anos. Segundo os dados, 61,8% deles tinham menos de dez anos de atuação e somente uma quarta parte (23%) detinha de dez a vinte anos de experiência profissional (AMADO et al., 2016). No Brasil, em um universo de 376 respondentes, a pesquisa reafirmou a juvenização do jornalismo brasileiro. De acordo com o estudo, a maioria dos profissionais tinha idades entre 20 e 35 anos (62,2%), com predomínio daqueles na faixa etária entre 25 e 35 anos (44,1%). As crises tecnológica e a econômica foram apontadas por jornalistas e analistas em comunicação como as responsáveis pela diminuição da faixa etária dos profissionais da área. Os que tinham de 51 a sessenta anos de idade e acima de 61 somavam 11,7% (MOREIRA, OLLER ALONSO, 2018).

Assim, temos perante nós uma contradição quando observamos a baixa inserção de profissionais mais velhos no mercado de trabalho – seja nos meios tradicionais de mídia ou nos arranjos alternativos – quando analisamos o aumento na expectativa de vida. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as pessoas com mais de sessenta anos de idade somam aproximadamente 31 milhões de habitantes, o que representa 15,1% da população total. A expectativa de vida atinge hoje os 72,7 anos para homens e 79,8 anos para mulheres e, até 2060, a estimativa é de 77,9 e 84,23 anos, respectivamente. Os dados do instituto indicam que nas próximas décadas o grupo dos idosos será o que mais crescerá em comparação com o dos jovens. Desse modo, o envelhecimento da população tenderá a aumentar o tempo de permanência no mercado e a provocar o adiamento da aposentadoria completa.

Os desencontros entre estatística e a realidade do mercado jornalístico são anteriores a esse momento. Pelo menos até a década de 1980 a população brasileira tinha muito mais jovens do que idosos, dado que até o início do século XX a esperança de vida do brasileiro não ultrapassava os 33,5 anos e, na metade do século, mal chegava aos cinquenta anos de idade. Entretanto, os jornalistas veteranos pareciam ser maioria nas redações ou, pelo menos, a divisão estava mais equilibrada. Ricardo Noblat (2008), na introdução do livro *A arte de fazer um jornal diário*, lembrou quando começou a trabalhar em jornal aos dezessete anos de idade. Segundo o jornalista, os jovens eram poucos e a maioria dos colegas tinha cabelos grisalhos. Ricardo Kotscho (2006), no seu livro *Do Golpe ao Planalto: a vida de repórter*, em uma das passagens revelou o seu espanto ao retornar à redação do *Jornal do Brasil*, aos 44 anos de idade, e encontrar repórteres mais jovens fazendo coberturas jornalísticas, alguns deles filhos de colegas. A nova configuração da redação o levou a concluir que seu prazo de validade como repórter do *JB* vencera.

O depoimento de Ricardo Kotscho coincide com a inserção dos computadores nas rotinas produtivas, episódio que é citado por outros profissionais. A cearense Adísia Sá, por exemplo, após uma temporada afastada das redações, também estranhou ao voltar ao trabalho e encontrar muitos jovens, separados por ilhas, em computadores (PEREIRA, 2008). Mesmo com seus noventa anos de idade e mais de sessenta de carreira, a jornalista ainda, em 2020, contribui com a imprensa de sua região com artigos e em movimentos da categoria. Alberto Dines acreditava que uma série de medidas de caráter institucional resultaram na “juvenilização” das redações e no expurgo dos antigos jornalistas, ainda na *Folha de S. Paulo*, na década de 1980. O jornalista faleceu aos 86 anos de idade, em 2018.

Pesquisas recentes já afirmaram que a ausência de profissionais mais velhos na redação é prejudicial tanto para o jornalismo, quanto para as novas gerações. Além da redução de custos ser um erro de cálculo que leva ao desinvestimento no jornalismo, a demissão de repórteres experimentados deteriorou a qualidade da profissão, reduzindo os ângulos de cobertura (STARR, 2009; COELHO, 2015). Do mesmo modo, os desencontros entre os mais antigos e os jovens, entre outros fatores, contribuem para que o mundo do trabalho do jornalista se torne um caldeirão de tensões, desafios e conflitos (FIGARO, 2013). Nem mesmo a convergência legítima a exclusão dos veteranos. Os pesquisadores indicam alternativas para integrá-los, tais como mesclar veteranice e conhecimento digital, rompendo as barreiras geracionais para que não haja problemas dessa ordem (SALAVERRÍA; NEGREDO, 2008).

Esta pesquisa surge, portanto, do incômodo gerado pela supervalorização da juventude e do domínio tecnológico digital em sobreposição à experiência profissional dos jornalistas veteranos. Observamos no discurso de jornalistas brasileiros marcadores temporais que estabelecem prazos de validade para a participação dos profissionais maduros no mercado, sobretudo no jornalismo diário. Desse modo, passamos a questionar como os jornalistas ressignificavam suas experiências na maturidade e de que forma redirecionavam o curso de suas carreiras diante do processo de envelhecimento e do encolhimento dos postos de trabalho.

A partir dessas leituras, dos dados e da observação empírica surgiram alguns questionamentos tais como: de que forma os jornalistas veteranos gerenciam suas carreiras quando chegam à maturidade neste jornalismo em permanente mutação? Como experienciam a dupla aposentadoria, reinventam-se no mercado, ingressam em outras áreas ou encerram definitivamente suas trajetórias na profissão? De que maneira foram estruturadas as relações com os seus contemporâneos e as demais gerações, superiores e as outras instâncias de poder fora da instituição jornalística? O que justifica a permanência dos profissionais no jornalismo?

Assim, tais questões buscaram respostas fundamentadas tanto no passado, quanto no presente, diante de distintos contextos temporais, históricos e sociais.

Portanto, esta pesquisa problematiza o lugar das gerações de jornalistas veteranos no mercado de trabalho na cidade de João Pessoa, diante das mudanças estruturais, da juvenização da profissão e do processo de envelhecimento no curso de suas trajetórias no jornalismo. Assim, esse estudo objetivou analisar as carreiras profissionais desse grupo, desde as fases de treinamento e recrutamento até as formas de organização e de permanência na atividade na maturidade. Entre os objetivos específicos estavam identificar quais eram os espaços e funções ocupados por estes jornalistas maduros no mundo laboral; verificar como administraram as transformações técnicas, práticas, ideológicas e identitárias na profissão; e observar como estabeleceram relações com os seus pares e demais participantes do mundo do jornalismo.

Consideramos de fundamental importância compreender a nova cultura profissional que se configura dentro do processo de transição geracional e das transformações na prática e na identidade jornalística. O jornalista veterano, além de sua maturidade profissional e prestígio, desempenha historicamente um papel dentro da estrutura da profissão, atuando como referência, tanto para os recém-chegados na profissão ou em uma empresa, quanto como detentores de uma memória funcional de outros períodos sociotécnicos desse mundo e como testemunha de fatos relevantes socialmente. Acreditamos que esse profissional também se reconfigura em novos arranjos econômicos e de trabalho, seja nas ambiências digitais ou mesmo nos meios tradicionais. Logo, faz-se necessário observar como, ao longo de suas carreiras e na maturidade, esse grupo administra os valores, ideologias, práticas do jornalismo, assim como abandona, reinterpreta ou negocia os símbolos da profissão para se manterem ativos e as dificuldades que encontraram nesse percurso.

Do ponto de vista teórico, nosso estudo fundamenta-se no conceito de carreira, advindo do interacionismo simbólico, corrente surgida na Universidade de Chicago, no início do século XX. O termo se refere a uma sequência de papéis e *status* e empregos vividos pelo indivíduo (HUGHES, 1937). Este está associado a critérios objetivos, assim como por uma perspectiva subjetiva dos atores. As instituições, por sua vez, são constituídas por pessoas em diferentes estágios de carreira e que vivenciam períodos de transição, resultantes de algumas contingências.

Nossa pesquisa circunscreve-se aos jornalistas maduros que atuam profissionalmente na cidade de João Pessoa. Com mais de oitocentos mil habitantes, a capital paraibana é a 18ª mais populosa entre as capitais do Brasil e a oitava da Região Nordeste, segundo dados de 2019 do IBGE. Dentre os habitantes, até a referida data, 60,8% tinham de 18 a 59 anos. As pessoas com

60 anos ou mais em idade correspondiam a 15,8%. O Produto Interno Bruto (PIB) da cidade representava 32% do total do estado, com uma economia baseada sobretudo no setor de serviços. Pelo menos 17,7 mil empresas e organizações formais estão sediadas em João Pessoa e 61,6% da população acima de 14 anos tinham algum tipo de trabalho remunerado.

Em todo o estado, segundo projeção do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado da Paraíba (Sindjor-PB), em 2019, havia mais de quatro mil jornalistas, dos quais menos de um terço eram filiados. Dados da Superintendência Regional do Trabalho na Paraíba (SRTb/PB) do mesmo ano contabilizaram 1.496 registros profissionais ativos no estado, sendo que 858 deles estavam em João Pessoa. Nosso recorte incluiu, assim, os jornalistas maduros que estavam nos grupos de mídia privados, em assessorias, no terceiro setor, editoras, agências de publicidade, instituições, empresas e órgãos públicos, contemplando os diferentes regimes de trabalho, seja como contratados, servidores públicos, colaboradores, autônomos, e mesmo os aposentados que mantivessem atividades jornalísticas.

Este estudo teve início com um levantamento da literatura sobre a temática no Catálogo de Teses & Dissertações da Capes, no qual inserimos no campo de buscas termos como “jornalistas veteranos”, “antigos jornalistas” e “jornalistas experientes” como forma de direcionar os resultados para trabalhos próximos ao nosso sobre a carreira dos jornalistas maduros e o mercado de trabalho em João Pessoa. O portal nos retornou dissertações e teses que tratavam da identidade jornalística, modificações no mercado e no perfil dos jornalistas, precarização, entre outras temáticas correlatas ou distanciadas. Foram poucos os que se referiam especificamente a veterance ou ao envelhecimento, bem como a juvenização do jornalismo. Assim, ampliamos nossas pesquisas para artigos publicados em revistas, anais de eventos e livros.

Após esta revisão bibliográfica, dividimos nosso estudo em três momentos. O primeiro foi iniciado com um mapeamento exploratório dos jornalistas com cinquenta anos ou mais em idade que estavam em atuação nos veículos de mídia, nas assessorias e órgãos de comunicação institucionais, além daqueles que trabalhavam em plataformas independentes. No primeiro grupo consideramos a Rede Paraíba de Comunicação, Sistema Correio de Comunicação, Sistema Arapuan de Comunicação, Sistema Opinião de Comunicação, Rede Tambaú de Comunicação e a Rede Master. Estas empresas englobam televisão, rádio, portais na internet e, no período de coleta da pesquisa, um jornal impresso. No segundo incluíram-se a Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), com a Rádio Tabajara e o jornal *A União*, as secretarias de comunicação do Estado e do município, além das assessorias dos poderes públicos como as do Judiciário e do Legislativo. No terceiro estavam portais noticiosos, *blogs* – pessoais ou com

outras temáticas e finalidades –, canais audiovisuais com fundamentos jornalísticos e as revistas.

O mapeamento exploratório foi realizado de julho de 2019 a maio de 2020, a partir de dados solicitados via Lei de Acesso à Informação (Lei nº 12.527/2011), por meio do Sistema Eletrônico do Serviço de Informações ao Cidadão (e-SIC), Ouvidorias e por verificação no portal do Sistema de Acompanhamento da Gestão dos Recursos da Sociedade (Sagres), para os órgãos públicos; e a partir dos expedientes dos canais independentes e das empresas de mídia. Nessa etapa identificamos 262 cargos com jornalistas com idade igual ou superior aos cinquenta anos. Desses, 161 eram de servidores do estado, do município ou federais em 190 ocupações, 56 estavam em 62 postos em emissoras de televisão, rádio, portais e em jornal nos conglomerados de comunicação e 43 atuavam em plataformas independentes.

O segundo momento da pesquisa foi a aplicação de um questionário dirigido aos jornalistas com cinquenta anos ou mais em idade em atuação na cidade de João Pessoa. Com 26 perguntas, no formato de múltipla escolha, o formulário buscou responder questões que contemplassem o lugar dos profissionais veteranos no mercado de trabalho e a relação destes com a maturidade. Realizado em formato virtual pelo *Google Forms*, a página recebeu respostas dos dias 9 a 28 de setembro de 2020.

O terceiro momento da pesquisa foi a realização de entrevistas semiestruturadas e em profundidade com um grupo de catorze jornalistas maduros com trinta anos ou mais de experiência na profissão e cinquenta anos ou mais em idade. Como método adotamos a abordagem da história de vida em uma perspectiva profissional. Assim, buscamos por meio do relato de vivências, das biografias e da memória do trabalho interpretar a carreira dos entrevistados (BECKER, 1997). Os depoimentos, com duração média de uma hora, proporcionaram para a pesquisa um amplo espectro de análise das trajetórias dos jornalistas maduros.

Do mesmo modo, as três décadas delimitadas apresentaram marcos importantes na trajetória da profissão no Estado, assim como no aspecto social. Em 1977 foi fundado o curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no campus da capital. Os anos de 1980, assim, registraram a saída dos primeiros graduados e, em paralelo, a criação das pioneiras emissoras de televisão na cidade. No final da década de 1980 e início da de 1990 foram iniciados os processos de informatização dos jornais locais. Os trinta anos também é o período usado como referência nos estudos demográficos, além de ser um lapso temporal no qual uma parcela dos trabalhadores se aposenta por tempo de contribuição.

Para as entrevistas consideramos como jornalistas aqueles que eram graduados ou que possuísem apenas registro profissional, fossem homens ou mulheres. Era necessário que estivessem ativos em atividades jornalísticas, ainda que temporariamente desempregados ou mesmo parcialmente aposentados. Buscamos ainda profissionais em diferentes configurações de trabalho ou vínculos empregatícios. A partir do mapeamento exploratório e do cruzamento desses critérios, chegamos a catorze nomes, divididos em dois grupos. O primeiro foi formado por Gonzaga Rodrigues, Frutuoso Chaves, Nonato Guedes, Sílvio Osias, Wellington Farias, Kubitschek Pinheiro e Silvana Sorrentino. O segundo por Edilane Araújo, Gisa Veiga, Ivani Leitão, Lúcia Figueiredo, Madrilena Feitosa, Hermes de Luna e José Vieira Neto.

As idades cronológicas dos jornalistas veteranos entrevistados variaram entre os cinquenta e os oitenta anos, assim como o tempo de experiência profissional, de trinta a quase sessenta anos de atividade. As entrevistas foram realizadas de agosto de 2019 a setembro de 2020. Os depoimentos foram analisados com o estabelecimento de categorias que correspondiam a uma série de contingências de carreira, com a totalidade dos dados agregados em “tabelas de verdade” com fundamentos da Indução Analítica (BECKER, 2008).

Este estudo, por sua vez, partiu de alguns pressupostos. O primeiro deles foi o de que a formação profissional, ou seja, os conhecimentos e as habilidades referentes à profissão, influiriam mais para permanência ou deslocamentos dos profissionais no mercado de trabalho do que as questões etárias. O segundo ancorou-se na suposição de que a ideia de jornalista universal, ou seja, aquele que desenvolve diversas habilidades e produz para distintas mídias, não se aplica, em geral, aos jornalistas maduros, permanecendo estes em editorias e áreas das quais são originários. O terceiro pressuposto indicava que as trocas entre gerações eram escassas ou inviáveis devido à raridade ou inexistência de momentos de socialização.

No capítulo *Discussões teóricas e conceituais* apresentamos fundamentos deste trabalho, a exemplo dos estudos sobre carreira (HUGHES, 1937; BLUMER, 1977, 1980; MEAD, 1973; BECKER, 2007; STRAUSS, 1975; HALL, 2002; MARTIN; STRAUSS, 2009; BECKER; STRAUSS, 2009) e sua aplicação nos trabalhos do campo acadêmico jornalístico (PETRARCA, 2007; CARVALHO, 2018; ROCHA, 2004; PEREIRA, 2008, 2015, 2011; AGNEZ, 2014). Nessa direção, também observamos as pesquisas que abordaram o processo de juvenização do jornalismo e da redução da faixa etária, com perspectivas quantitativas e qualitativas (FRITH; MEECH, 2007; WEAVER; WILLNAT, 2012; MICK; LIMA, 2013; MOREIRA; OLLER ALONSO, 2018; JOSEPHI; OLLER ALONSO, 2018; PEREIRA, 2019; PONTES; LIMA, 2019). Ainda nessa seção discutimos o papel da socialização profissional

(DUBAR, 2012; MELLADO et al, 2012) e da memória funcional dos jornalistas (NAMER, 1988, 2004) na compreensão de suas trajetórias.

Em *Transversalidades da mídia pessoense* dedicamos o capítulo a uma revisão histórica e contextual da configuração do jornalismo na Paraíba, com foco nas mídias e no mercado profissional em João Pessoa. Apresentamos a atuação dos jornalistas em momentos históricos, a convivência entre os profissionais da redação com os primeiros graduados na profissão a partir da criação do curso de Comunicação Social da UFPB e as transformações tecnológicas no ambiente de trabalho dos jornalistas pessoenses. Nesse sentido, também apresentamos dados sobre o mercado profissional na cidade.

No capítulo *Metodologia de pesquisa*, discorremos sobre a operacionalização do nosso estudo, partindo do levantamento bibliográfico dos estudos referentes aos jornalistas veteranos. Pormenorizamos as formas de organização do mapeamento exploratório e da elaboração do questionário. Descrevemos ainda como foram definidos os critérios para a seleção dos entrevistados, realizamos uma discussão metodológica sobre as histórias de vida e o papel das entrevistas, além de outras ferramentas utilizadas no estudo. Em seguida, relatamos as experiências entre pesquisadora e pesquisados no contexto da investigação.

No capítulo *O jornalista e a carreira* apresentamos um miniperfil das trajetórias de trabalho de cada entrevistado. Em seguida, em *Análise da trajetória profissional*, expomos o resultado da análise dos dados obtidos por meio do mapeamento exploratório, do questionário *online* e das catorze entrevistas com os jornalistas maduros dos dois grupos. A interpretação das informações e dos depoimentos foram descritos em categorias que partiram desde o ingresso dos jornalistas veteranos na profissão, até as formas de recrutamento e mobilidade na carreira, em virtude de contingências, escolhas individuais e coletivas por fatores voluntários ou involuntários.

Nesta pesquisa estabelecemos, portanto, uma ponte entre passado e presente, vislumbrando o futuro, no qual o trabalho é o eixo central. Segundo Namer (1987), a vida cotidiana de um indivíduo e sua memória estão profundamente ligadas à profissão que ocupa. Bosi (1994), ao ouvir relatos de velhos de mais de setenta anos no Estado de São Paulo, concluiu que a memória do trabalho é o sentido e a justificação de toda uma biografia. Caminhamos na proposição do historiador David Lowenthal (1989, p. 83), segundo a qual “saber o que fomos confirma o que somos”.

A partir dos relatos de suas trajetórias profissionais, os jornalistas reuniram suas memórias individuais que conformaram a de um grupo. Daí nos aproximarmos do conceito de memória coletiva de Halbwachs (1990). De acordo com o autor, para se obter uma lembrança

é “necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito quanto no dos outros”, possível de ser realizada entre indivíduos que fizeram ou continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. É por meio desse exercício que uma lembrança pode ser “ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída” (HALBWACHS, 1990, p. 34).

Entretanto, é importante destacar que não pretendemos desenvolver nesta pesquisa uma obra sobre memória, tampouco sobre velhice, nem mesmo a respeito do trabalho ou dos desafios dos novos paradigmas demográficos, parafraseando Bosi (1994). Ficamos na intersecção dessas realidades. Colhemos memórias de jornalistas veteranos e experimentados sobre suas histórias na profissão, trajetórias no mercado de trabalho e espaços de socialização para compreender o curso de suas carreiras profissionais longevas.

## 2 DISCUSSÕES TEÓRICAS E CONCEITUAIS

Neste capítulo apresentamos os conceitos fundamentais do interacionismo simbólico, corrente sociopsicológica de origem norte-americana que considera os processos interativos, comunicativos e interpretativos. É no interior dessa teoria que surgem os estudos sobre carreiras profissionais, mudanças de *status* e a participação de atores sociais em grupos e instituições. Desse modo, contamos com o aporte das conceituações de autores como Hughes (1937, 1955), Blumer (1977, 1980), Mead (1973), Becker (2007), Strauss (1975) e Hall (2002).

Os princípios desenvolvidos pelos teóricos interacionistas vêm sendo adaptados para o estudo da identidade dos jornalistas desde a década de 1990 com Travancas (1992) para a análise do mundo dos jornalistas e, mais recentemente por Pereira (2008), para investigar os chamados jornalistas-intelectuais. Outra linha dentro dessa mesma abordagem teórica do interacionismo observa a carreira profissional, compreendida com um conjunto de mecanismos que permitem prever ou colocar em andamento formas relativamente estáveis de desenvolvimento de uma trajetória (PEREIRA, 2008).

Desse modo, nos tópicos a seguir buscamos discutir como se apresenta a carreira dos jornalistas, sobretudo daqueles considerados veteranos na profissão. Nesse contexto, abordamos como percepções e sentimentos de continuidade, evolução, estagnação e ruptura são expressos pelas interações e socializações dentro de um cenário de transformações na profissão. Estas modificações são observadas tanto nos modos de produção do jornalismo e de sustentação das empresas jornalísticas, quanto nos padrões etários dos profissionais e no tempo de permanência na carreira.

### 2.1 INTERACIONISMO SIMBÓLICO: PROCESSO E INTERAÇÕES SOCIAIS

A pesquisa sobre a carreira dos jornalistas veteranos assenta-se na abordagem do interacionismo simbólico. Esta corrente surgiu nos anos de 1930, na Escola de Sociologia da Universidade de Chicago, a partir das ideias de George Herbert Mead (1863-1931), inaugurando um campo de pesquisas com pressupostos teóricos próprios, influenciada por estudos dos campos da linguística, sociologia, filosofia, antropologia e da psicologia social. Por essa vertente entende-se que a sociedade deve ser estudada a partir dos processos de interação entre as pessoas, sendo ela própria constituída simbolicamente pela comunicação, por meio das significações.

Aos estudos norte-americanos somaram-se as contribuições dos teóricos de Palo Alto, tais como seu fundador, Gregory Bateson (1904-1980), Paul Watzlawick (1921-2007), Erving Goffman (1922-1982), entre outros, para os quais a comunicação deveria ser apreendida como um processo social permanente. Além do próprio George Herbert Mead, outros importantes autores do interacionismo simbólico são John Dewey (1859-1952), Howard Becker (1928), Tomatsu Shibutani (1920-2004), Anselm Strauss (1916-1996), Everett Cherrington Hughes (1897-1983) e Herbert G. Blumer (1900-1987).

Segundo Blumer (1980) e Mead (1984), no interacionismo simbólico parte-se do preceito de que a sociedade humana é composta por indivíduos que desenvolveram o seu "eu" ou *self* (persona), apoiados em uma convivência social, ou seja, numa estruturação simbólica. Desse modo, a ação individual não é espontânea, mas uma construção. Este *self*, por sua vez, foi construído a partir das características das situações que o sujeito interpretou e segundo as quais agiu. Já no caso da ação de grupos, os pesquisadores afirmam que esta é composta pela soma das ações individuais realizadas pelas pessoas que interpretam a de seus pares.

Tal afirmação contradiz as teorias sociológicas que partem da ideia de que os seres humanos são organismos possuidores de uma certa organização e que reagem às forças que são exercidas sobre eles. Desse modo, “do ponto de vista da interação simbólica, a sociedade humana deve ser olhada como composta de atores, e a vida da sociedade como o resultado de suas ações” (BLUMER, 1980 p. 28). Não haveria, assim, atividade desses sujeitos que não fossem observadas a partir dessa perspectiva. Nessa direção, faz-se necessário destacar em quais condições estes atuam. Logo, deve-se considerar que toda ação particular é formada em função da situação em que se situa e que esta é concebida ou construída conforme seja interpretada.

O ponto-chave nos estudos do interacionismo simbólico é o de que o comportamento dos atores deve ser analisado a partir do processo de construção da ação. Isso envolve não só observar as condições anteriores, nem somente o resultado da ação. Para compreendê-lo, deve-se acompanhar o processo do ponto de vista desse indivíduo atorizado, “desde o momento em que a interpretação pelo ator se faz a partir de objetos designados e apreciados, de significações adquiridas e de decisões tomadas” (BLUMER, 1977, p. 40).

Assim, o interacionismo simbólico parte de três premissas. A primeira delas afirma que os seres humanos agem em relação ao mundo fundamentando-se nos significados que estes lhes oferecem, ou seja, determina um sentido de anterioridade. A segunda se sustenta na ideia de que estes significados são provenientes ou provocados pela interação social entre as pessoas, o que demonstra que o “eu” e a sociedade são indissociáveis. Já a terceira postula que os

significados são manipulados e modificados por um processo interpretativo, a partir do momento em que as pessoas se relacionam com os objetos, o que ocorre por meio da comunicação (BLUMER, 1980; MEAD, 1973).

Nos escritos de Mead (1973), a intersubjetividade tem papel central. A sociabilidade, do mesmo modo, é tida como inerente à vida dos indivíduos, agindo de maneira mútua. É por isso que o teórico ressalta a existência de um “eu” e de um “mim”. O primeiro é a consciência da individualidade capaz de mudar uma estrutura social a partir de uma ação e do impulso, resultante dos processos interativos, comunicativos e interpretativos. O segundo são as atitudes dos outros, organizadas e incorporadas, por meio da participação social e da adoção de papéis daqueles com os quais convivemos em um determinado espaço de interação, comunicação e compartilhamento de experiências. É o que Mead (1973) define como “outro generalizado”, dado que o indivíduo não adere a um papel de um participante em específico, mas a atitude geral, o que conforma o “mim”. Assim, tanto a sociedade, quanto o indivíduo se constituem:

O *self* humano surge através da habilidade de adotar a atitude do grupo ao qual pertence – porque pode expressar-se a si mesmo em termos da comunidade à qual pertence e assumir as responsabilidades que pertencem à comunidade; porque pode reconhecer suas próprias obrigações como diferentes das de outros – isso é o que constitui o *self* como tal (...). A estrutura da sociedade reside nesses hábitos sociais e nos convertemos em nós mesmos somente na medida em que podemos adotar esses hábitos sociais (MEAD, 1984, p. 33).

Destarte, é na rede das relações simbólicas e intersubjetivas que o *self* e a sociedade encontram condições para estruturarem-se e desenvolverem-se. Os estudos sociopsicológicos, por sua vez, buscam explicar a conduta humana a partir de elementos como a posição social, papéis sociais, associações em grupos, *status*, motivos (in)conscientes, estímulos, etc. As pesquisas da teoria interacionista se concentram em “imagens-raiz” ou conceitos básicos para descreverem a natureza de problemas relativos aos grupos ou sociedades humanas, interação social, os objetos, o homem como agente, atividade humana e conjugação das linhas de ação.

Entre os temas de investigação dos interacionistas estão os estudos voltados para ocupações e profissões, como os empreendidos por Everett C. Hughes, desde o início dos anos 1950. O livro *Boys in white: student culture in medical school*, publicado em 1961 com trabalhos de Howard Becker, Blanche Geer, Anselm Strauss e do próprio Hughes, é considerado um modelo de pesquisa qualitativa em Sociologia e um marco dessa área. Nove de seus 26 artigos foram dedicados a temáticas relacionadas à carreira, problemas de profissionalização, socialização do adulto, identificação com a ocupação, entre outros (NUNES; BARROS, 2014).

No tópico a seguir discutimos algumas das contribuições desses teóricos e de outras pesquisas sobre o conceito de carreira.

## 2.2 MOBILIDADES E PERMANÊNCIAS NA CARREIRA

Na Escola de Sociologia da Universidade de Chicago, o conceito de carreira foi fundado por Everett Cherrington Hughes, sociólogo pertencente à segunda geração dessa corrente teórica. Seus estudos estiveram centrados no mundo ocupacional e das profissões, no âmbito de uma cultura do trabalho e da socialização dos membros nessas estruturas. As pesquisas na área também foram desenvolvidas por autores como Becker (2007) e Strauss (1975), entre outros pesquisadores, em investigações sobre profissões reguladas como a medicina, a advocacia, arquitetura e mesmo daquelas consideradas menos prestigiosas e ordenadas como a artística, comercial, a atividade de coletivos, etc.

A carreira é definida como uma sequência de *status*, papéis, honras, empregos, atitudes e comportamentos que estão associados às experiências e atividades vividas no trabalho ao longo da vida de um indivíduo (HALL, 2002). O termo se refere a uma sucessão de movimentos de uma posição para outra dentro de um sistema ocupacional, operados por qualquer profissional no interior de uma organização (BECKER, 2007). Cada profissão mantém seu próprio sistema de convenções para o ingresso, permanência, mobilidade e saída de uma pessoa em sua área.

Segundo Hughes (1937), o conceito de carreira parte de duas perspectivas: uma objetiva, ligada aos *status* e cargos já determinados em uma dada sociedade, ou seja, os espaços sociais fixos; e uma subjetiva, que estaria vinculada à percepção do indivíduo sobre si, “uma perspectiva dinâmica pela qual a pessoa concebe sua vida como um conjunto e interpreta o significado de suas diversas características, das ações e das coisas que lhe ocorrem” (HUGHES, 1937, p. 409-410).

As instituições são constituídas por pessoas em diferentes estágios de carreira. Estas experienciam períodos de transição, isto é, de passagem de *status*, que dependem, por sua vez, de uma série de contingências baseadas tanto em fatos objetivos relacionados a uma organização ou ordem social, quanto em mudanças nas perspectivas, motivações e desejos do sujeito. Dentro de estruturas ocupacionais mais estabilizadas, os participantes podem seguir padrões de movimento vertical e horizontal, ou saírem e entrarem em novos empregos e locais formando distintas linhas de carreira (MARTIN; STRAUSS, 2009).

De acordo com Becker e Strauss (2009), um fluxo simples de carreira é aquele no qual uma pessoa é recrutada para cargos inferiores e que, com o passar do tempo, ao adquirir idade, habilidade e experiência, alcança postos mais altos na hierarquia e de maior prestígio até atingir a aposentadoria. Em outros casos, indivíduos de fora, com mais qualificações, podem ocupar as vagas mais importantes e os demais membros permanecerem nos mesmos lugares, ou serem rebaixados, assim como mudarem de função numa mesma posição.

Nesse sentido, recrutamento e substituição (BECKER, 2009) são estratégias utilizadas pelas organizações para o preenchimento contínuo de seus postos. O primeiro ocorre não só no início da carreira, mas sempre que for necessária a contratação de pessoas para uma determinada vaga. O segundo se refere à ocupação de posições que são abertas por uma série de fatores, tais como pelo movimento de pessoas em suas carreiras, demissão, aposentadoria, etc.

A escolaridade, a qualificação e o preparo dos trabalhadores são alguns dos fatores que contribuem para as mobilidades dentro de uma carreira, de modo que um determinado trabalho ou posição exige, em geral, algum tipo de aprendizado. Tal capacitação é solicitada tanto antes do ingresso no cargo, quanto durante o período de atuação, por meio de canais institucionalizados, assim como informalmente. A própria organização e seus agentes podem ser responsáveis por esse treinamento. Geralmente são os membros mais velhos na instituição ou na profissão que exercem o papel de mestres, no ensinamento daqueles que virão a substituí-los (BECKER, 2009).

Os movimentos de transição são vistos como necessários para o fluxo das carreiras, já que a mobilidade de um indivíduo depende da correspondência no ritmo no qual sucessores e predecessores entram e saem de determinados cargos. No entanto, há casos nos quais os profissionais permanecem longos períodos de tempo numa mesma posição. Daí a carreira ser um fenômeno individual e também coletivo. Tréanton (1960) observa que cada carreira compõe uma rede. Para o autor, “isso deve ser visto como um estímulo à ambição, mas também como um instrumento de capital para previsão, organização da empresa e interesse individual no esforço coletivo e no sucesso” (TRÉANTON, 1960, p. 78).

Tais mobilidades dependem de contingências estruturais, como as mudanças que afetam o mundo do trabalho. Nesse cenário, funções e posições antigas desaparecem e surgem novas, ocorrem alterações nas estruturas de uma profissão, no direcionamento das atividades, com expansões ou retrações da área, transformações nos propósitos e finalidades, entre outros efeitos (BECKER; STRAUSS, 2009). Essa série de fatores também influem na própria mobilidade da

carreira, o que a torna sem caminhos fixos e regulados, o que reflete no sistema de compromissos e na identidade.

Segundo Becker e Strauss (2009, p. 33), quando os indivíduos percebem a ocorrência de tais fatos, “as posições se transformam em entidades sociais reconhecidas e algumas pessoas começam a reorientar suas ambições. O surgimento gradual de uma nova especialidade normalmente cria esse tipo de situação nas ocupações”. Desse modo, com as modificações no sistema pelo qual as carreiras são desenvolvidas, são raras as circunstâncias nas quais a próxima geração venha a repetir o mesmo percurso (STRAUSS, 1975).

Estas alterações no curso de suas trajetórias de trabalho podem ocorrer com pessoas que estão no mesmo estágio, o que origina em novas linhas de carreira. A mesma possibilidade é aberta para os profissionais que já alcançaram os postos mais altos e prestigiosos, quando decidem procurar novos espaços e formas de atuação em sua ocupação ou em outras áreas. Segundo Strauss (1999, p. 128), “ninguém obtém, nem pode assumir, uma posição ou *status* para sempre. Sempre existe uma cláusula, oculta ou reconhecida abertamente, pela qual uma pessoa pode ser destituída ou destituir-se do *status*”. Vejamos no tópico a seguir como as socializações se constituem como um importante elemento nos movimentos na carreira.

### 2.3 PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO

No interacionismo simbólico, a dimensão interativa é um aspecto fundamental na compreensão do processo de estruturação identitária, sobretudo quando observada na perspectiva grupal, a exemplo dos ambientes institucionais. Uma instituição “representa uma ordem ou um padrão social que tem atingido certo estado ou propriedade” (JEPPERSON, 1991, p. 145), o que a torna um conceito polissêmico, cabível para tudo, como casamento, família, férias, etc., até propriamente às organizações que compõem o mundo do trabalho.

As instituições foram criadas para aliviar o indivíduo da necessidade de reinventar o mundo a cada dia e ter de se orientar dentro dele. As instituições criam ‘programas’ para a execução da interação social e para a ‘realização’ de currículos de vida. Elas fornecem padrões comprovados segundo os quais a pessoa pode orientar seu comportamento. Praticando esses modos ‘prescritos’ de comportamento aprende a cumprir as expectativas ligadas a certos papéis como casado, pai, empregado, contribuinte, transeunte, consumidor. Quando as instituições funcionam normalmente, o indivíduo cumpre os papéis a ele atribuídos pela sociedade na forma de esquemas institucionalizados de ação e conduz sua vida no sentido de currículos de vida assegurados institucionalmente, pré-moldados socialmente e com alto grau de auto-evidência (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 54-55).

As instituições, logo, fazem parte da realidade objetiva e são interiorizadas pelos indivíduos no processo de construção social da realidade (BERGER; LUCKMANN, 2004). Ainda que haja modos “prescritos”, uma série de negociações e rearranjos são possíveis dentro de uma instituição. O jornalismo, nosso campo de estudo, tem características marcantes em sua constituição, entre elas a sua vinculação com os processos sociais e históricos, a partir dos quais seus produtos, formatos e modos de organização são profundamente influenciados (FRANCISCATO, 2003).

Sua formação enquanto instituição na sociedade é fundada por princípios que a singularizam. Entre suas bases podemos citar a ideia de verdade do real, o seu papel social, métodos de trabalho simplificados quando comparado ao rigor científico, pluralidade de pontos de vista, o caráter individual e coletivo de sua produção, sendo o primeiro marcado pela subjetividade e o segundo por normas e valores, entre outras características. A profissionalização e a definição do objeto notícia ainda são apontadas por Franciscato (2003) como duas experiências históricas importantes na constituição da instituição e da atividade jornalística.

O jornalismo enquanto instituição refere-se ao seu aspecto coletivo e organizacional, “com certa carga de racionalidade, que aglutina, organiza e dá unidade a normas de ação e valores culturais institucionalizados” (FRANCISCATO, 2003, p. 22). Já por atividade jornalística pode-se compreender as habilidades e técnicas, assim como as “normas, valores e conhecimentos que conformam, dão discernimento e orientam esta prática” (ibidem, p. 22). A relevância de compreender este campo a partir de sua construção enquanto tal está assentada nesta série de características que o configuram e de atributos que lhe foram conferidos. De modo que “considerar o jornalismo como uma instituição é, por definição, tratar das contingências históricas e situacionais em relação as quais o jornalismo desempenha uma série de tarefas ou funções sociais, culturais, econômicas e políticas” (ZELIZER, 2004, p. 36-37).

A compreensão dos elementos constituintes dessa instituição jornalística antecede o próprio ingresso dos jornalistas no mercado de trabalho, a partir de características da cultura profissional presentes nas motivações para a escolha da profissão. A formação universitária, por sua vez, antecipa “elementos da prática profissional e das rotinas das redações, reforçando mitos e enfatizando um conjunto de competências técnicas” (PEREIRA, SOUSA; MOURA, 2014, p. 51). A graduação é considerada, assim, uma instância de socialização profissional no qual a cultura profissional é negociada.

As experiências pré-profissionais como os estágios revelam, de certo modo, a própria relação de complementaridade e de oposição à cultura jornalística que a formação universitária exerce. Nos estudos de Hughes (1955) sobre os estudantes de medicina, o autor identificou que a iniciação ao “trabalho real”, por meio de estágios, passava por um processo de transição entre o “mundo profano”, que seriam estereótipos da profissão (nobre, devotada, sábia) e o “mundo profissional” da prática médica, isto é, sua cultura ocupacional. Ao aplicar esse modelo ao jornalismo, essa dimensão ideológica da profissão é gestada no espaço acadêmico no qual os estudantes sustentam a ideia do jornalista como representante da sociedade, mediador imparcial, integrante da esfera do contrapoder, de um comunicador, um intelectual ou artista, herói e mesmo constituído de características negativas (SILVA, 2015). Suas bases de interação nessa fase são os professores, colegas e funcionários administrativos.

O estágio em redações e assessorias aproxima-os do mundo do jornalismo composto por uma série de convenções, negociações, laços cooperativos, escolhas, estatutos e reputações. São esses acordos compartilhados no grupo que determinam o que é notícia ou não, que legitimam o processo produtivo, a utilização e relação com as fontes, a seleção dos acontecimentos, os formatos e os enquadramentos, a periodicidade, além de um conjunto de procedimentos de segurança e credibilidade que contribuem para se precaver contra as críticas do público (GARBARINO, 1982).

Na profissão, além das atividades centrais como a apuração, redação e edição do noticiário desempenhadas pelos jornalistas, há ainda operações que dependem de outros indivíduos que não estão diretamente envolvidos no mundo do jornalismo, além de colaboradores externos ou coadjuvantes (TRAVANCAS, 1992). São ainda as escolhas que irão definir a reputação dos jornalistas e sua rede de cooperação, que dependerá não só da forma como esse ator organiza a sua trajetória dentro da profissão, mas também da base convencional vigente em uma determinada época ou fase (PEREIRA, 2008).

Desse modo, “a socialização profissional é, portanto, esse processo muito geral que conecta permanentemente situações e percursos, tarefas a realizar e perspectivas a seguir, relações com outros e consigo (*self*), concebido como um processo em construção permanente” (DUBAR, 2012, p. 358). Assim, além da própria constância dessa relação ao longo das carreiras, valores, representações e atitudes profissionais característicos da profissão jornalística “podem ser aprendidos e internalizados pelos jornalistas por meio da vivência de diferentes experiências em uma variedade de ambientes e pela interação com várias fontes, incluindo aquelas provenientes de ambientes educacionais (MELLADO et all, 2012, p. 857).

Tais percepções quanto à formação e à atuação profissional, no entanto, podem variar entre países. Influem fatores relacionados à esfera ou sistema social, o contexto histórico e cultural de uma nação ou mesmo região, a estrutura midiática e as variáveis normativas e econômicas associadas (FRÖHLICH; HOLTZ-BACHA, 2003). Assim, os recursos obtidos e negociados dos jornalistas mantêm um processo que envolve os trajetos sociais, educacionais e profissionais.

Embora tenham um projeto individual em suas carreiras, a identidade e as trajetórias dos jornalistas se constroem a partir das experiências socioculturais, de vivências e interações. Travancas (1992, p. 106) observou que esses profissionais convivem com mundos distintos e que, para transitar por eles, é “preciso desenvolver um sentimento de familiaridade com todos os locais e acontecimentos”. A relação de trabalho funciona como um “sistema de interações, onde são definidos papéis, e há solidariedade entre os membros do grupo, os quais são regidos por regras e sanções sociais” (TRAVANCAS, 1992, p. 108). Para que a profissão fosse assim constituída, esta precisou ser classificada como tal, o que resultou em seu processo de profissionalização, a partir do qual foi possível aplicar ao jornalismo o conceito de carreira, como veremos no tópico a seguir.

#### 2.4 O CONCEITO DE CARREIRA NO JORNALISMO

Os pesquisadores do Brasil já empregaram o conceito de carreira nos estudos sobre a profissionalização da atividade no país e na formação da identidade jornalística, ao analisarem condições sociais, institucionais e políticas de inserção e ascensão profissional (PETRARCA, 2007; CARVALHO, 2018), os processos de feminização da carreira (ROCHA, 2004), de construção identitária dos jornalistas-intelectuais (PEREIRA, 2008) e dos correspondentes internacionais (AGNEZ, 2014), por exemplo. Novos estudos brasileiros e transnacionais também têm se voltado para as questões que envolvem a juvenização da profissão (JOSEPHI; OLLER ALONSO, 2018).

No Brasil, a ideia do jornalismo como carreira se consolidou com o seu processo de profissionalização. O Decreto-Lei 910/1938 foi o primeiro dispositivo a regulamentar a profissão e a instituir a criação das escolas de jornalismo no país. Antes desse instrumento, em 1918, durante o Primeiro Congresso Brasileiro dos Jornalistas, já havia sido apresentado um projeto seminal de uma grade curricular para a constituição de uma formação específica para o seu exercício. Entretanto, isso só ocorreu em 1947, por meio de um convênio entre a Pontifícia

Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e a Fundação Cásper Líbero, depois do Decreto-Lei nº 5.480/1943. Novas instituições foram criadas da década de 1950 em diante (MOURA, 2002).

Antes da instituição de uma formação superior, a inserção no mundo do jornalismo dava-se por meio de indicações de pessoas influentes e relações de amizade. A atividade era acumulada com outros ofícios, sobretudo com o serviço público (BARBOSA, 2007). Além do recrutamento viciado e da falta de pré-requisitos, o jornalista estava em uma condição de parasita social e de cumplicidade com os poderosos (RIBEIRO, 1998). Nessa época, os jornalistas não pagavam imposto de renda, tinham descontos em passagens aéreas e de trem, redução de mensalidade escolar, isenção de matrícula etc. Por outro lado, não havia férias, piso salarial ou jornada de trabalho.

Ainda assim, de acordo com Pereira (2008), até os anos de 1950, literatos, boêmios, escritores, políticos e bacharéis em direito partilhavam com os jornalistas de uma sociabilidade comum e de carreiras que se confundiam. A partir do momento em que o jornalismo tornou-se uma profissão, esta deixou de ser uma atividade secundária, pois possibilitava aos seus membros o desenvolvimento de uma carreira no interior dos veículos de comunicação (PETRARCA, 2007).

No Brasil, os anos de 1960 e 1970 foram marcados pelo Regime Militar (1964-1985), pela repressão, censura à imprensa, mas também por movimentos grevistas e por novas regulamentações na profissão. Em 1969, o Decreto-Lei 972 definiu a obrigatoriedade do diploma para o exercício do jornalismo e dispôs sobre uma série de normatizações, inclusive sobre as atividades jornalísticas e as funções desempenhadas pelos profissionais, tais como a de redator, noticiarista, repórter, repórter de setor, rádio-repórter, arquivista-pesquisador, revisor, ilustrador, repórter-fotográfico, repórter-cinematográfico e diagramador (LOPES, 2013).

No contexto da profissionalização e da especialização, a participação feminina nas redações também aumentou. No país da década de 1970, as mulheres eram 20,9% da população economicamente ativa e esse número chegou a 35,5% em 1990 (BUITONI, 1986). No jornalismo, até então, a maioria dos postos eram ocupados por homens. Rocha (2004) destacou que a inserção das mulheres demarcou diferenças de gênero na carreira jornalística, no que diz respeito ao piso salarial, jornada de trabalho e na mobilidade para as mais altas colocações, principalmente os cargos administrativos, comandados por trabalhadores do sexo masculino.

Com a instituição da prática do estágio, esta modalidade se tornou uma das portas de entrada no mercado e uma forma de recrutamento para a carreira. Estes eram e são obtidos por

meio da indicação de professores e colegas ou através de processos seletivos longos e estruturados (PEREIRA, 2015). Dessa forma, o ingresso e a ascensão na carreira jornalística passaram a depender ainda mais da competência e das relações pessoais (TRAVANCAS, 1992).

Frith e Meech (2007), em um estudo no qual analisaram os impactos do aumento de graduados em jornalismo nas carreiras e na cultura ocupacional, com jornalistas na faixa dos 23 e 45 anos de idade, na Escócia, observaram a ocorrência de mudanças frequentes de empregos nesse grupo. Os autores também verificaram que o ingresso e a ascensão na profissão dependiam mais, aparentemente, da competência e do talento, advinda da cultura da ocupação, do que da formação acadêmica. Já outros estudos mostram que a educação é um dos fatores de influência potencial no desempenho dos profissionais no jornalismo (WU; WEAVER, 1998; ZHU et al., 1997).

No que se refere ao itinerários de carreira, observa-se que esta profissão apresenta uma série de ocupações convencionais para o desenvolvimento de uma trajetória nela. Estudos demonstram, em geral, uma dificuldade em se estabelecer uma linha de carreira única, rotinizada e organizada (ELLIOTT, 1977) que poderia ser seguida por todos os membros desse grupo profissional:

Um jornalista pode atuar em uma redação, em reportagem e edição, mas também em gêneros opinativos ou em funções mais administrativas. Pode também atuar majoritariamente como empreendedor ou *freelancer*. Pode ocupar cargos na área de comunicação corporativa e assessoria de imprensa ou atuar na universidade, como professor de jornalismo (PEREIRA, 2011, p. 4-5).

Ou seja, há uma diversidade de segmentações profissionais e de tipos de veículos (rádio, televisão, revista, jornal impresso, internet) nos quais o(a) jornalista pode desenvolver sua carreira dentro de uma mesma empresa, em um movimento ascendente em direção aos cargos. Podemos descrever essa trajetória organizacional do ponto de vista das ocupações e sem considerar as motivações e contingências com o jornalista iniciando sua trajetória como redator ou repórter, passando por postos como os de chefe de reportagem, editor, até alcançar a direção de redação ou a editoria geral. Este ainda pode tornar-se correspondente internacional ou ingressar nos gêneros opinativos como os de colunista, editorialista ou cronista (PEREIRA, 2008).

Este profissional também pode decidir manter um mesmo estatuto, como repórter ou colunista, ao longo de sua trajetória em diferentes plataformas ou empresas em um movimento horizontal. Do mesmo modo, pode estabelecer diferentes linhas de carreira, tanto no jornalismo diário, quanto em assessorias em grupos privados ou em órgãos públicos, ou inserir-se no

mundo editorial como escritor(a) de obras de não-ficção. Há ainda o caso daqueles que migram para a carreira acadêmica após alguns anos de atuação profissional. Os aspectos que envolvem essas mobilidades verticais e horizontais devem ser consideradas a partir da perspectiva institucional e também individual.

Pesquisas que investigam o perfil do jornalista brasileiro e estudos transnacionais têm identificado transformações na carreira jornalística. Entre as mudanças verificadas estão a juvenização da profissão, o abandono precoce do jornalismo e sua utilização como uma passagem para atividades mais lucrativas (JOSEPHI; OLLER ALONSO, 2018). Essa tendência vem sendo observada nessas últimas duas décadas. Atribui-se como uma das causas desse movimento as transformações provocadas pelas tecnologias digitais. No tópico a seguir tratamos desse processo no jornalismo brasileiro e em outros países.

## 2.5 A JUVENIZAÇÃO DA PROFISSÃO JORNALÍSTICA

Um estudo de Weaver e Willnat (2012) para *The Global Journalist in the 21st Century*, mostrou que o jornalismo tende a ser uma ocupação de jovens. Os dados indicavam que a maioria dos jornalistas estava entre os 25 e os 45 anos de idade. Já uma pesquisa do *Worlds of Journalism Studies* (2017), em 67 países, apontou os 39,1 anos como idade média dos profissionais em todo o mundo e os 37 anos como mediana entre eles. Na maioria dos lugares, estes eram mais novos que a força de trabalho em geral.

Ainda assim, devemos considerar as inúmeras barreiras para o ingresso no mercado de trabalho. Na França, a média de idade daqueles que alcançam o primeiro emprego de carteira assinada na profissão é de trinta anos. Enquanto não encontram uma colocação formal, os profissionais atuam em estágios, como *freelancers* e com contratações por tempo indeterminado. Tal quadro se configura porque o número de postos disponíveis é insuficiente para atender à demanda dos novos ingressantes. Dessa maneira, ocorre a multiplicação de estatutos precários, situações de acúmulo de tarefas, de duplo emprego e os casos de abandono do jornalismo (PEREIRA, 2019). Naquele país, a inserção dos profissionais se realiza, sobretudo, nas mídias digitais independentes, setor marcado pela fragilidade financeira e ausência de um modelo sustentável de negócios.

Um questionário aplicado pelo projeto WJS para 2.789 jornalistas da Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, El Salvador e México, entre 2013 e 2015, concluiu que o jornalismo na América Latina era uma profissão relativamente recente, exercida por jovens, com

experiência de quase onze anos. No Brasil, a maioria dos profissionais tinha idades entre vinte e 35 anos (62,2%), com predomínio daqueles na faixa etária entre 25 e 35 anos (44,1%). Os de 51 a sessenta anos de idade e acima de 61, somavam 11,7% (MOREIRA; OLLER ALONSO, 2018).

Em 2017, uma outra pesquisa, com 1.233 respondentes que participaram de um questionário em 2012 sobre o perfil do jornalista brasileiro (MICK; LIMA, 2013), demonstrou um leve aumento na idade entre os profissionais maduros como era esperado no intervalo de cinco anos (PONTES; LIMA, 2019). Nesse levantamento mais recente, 12,6% tinham de 41 a cinquenta anos, 13,6% entre 51 a 64 e 2,6% mais de 64 anos. Entretanto, aqueles entre os vinte e quarenta anos de idade ainda eram maioria, representando 71,2% do total.

A pesquisa também verificou que houve uma queda entre os profissionais que trabalhavam em mídia. Em 2012 eles representavam 48% e em 2017 eram 28%. Em assessorias o percentual passou de 31% para 28%. Do mesmo modo, o estudo registrou um aumento dos profissionais que estavam fora da profissão, ou seja, aposentados, desempregados, estudantes ou que estavam trabalhando em outras atividades. De 22% no levantamento anterior, no mais recente eles constituíam 38%.

Ao comparar a idade média da força de trabalho do brasileiro, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2017 e a faixa etária dos jornalistas com base no estudo de Pontes e Lima (2019), observamos semelhanças nos resultados, embora os cortes não levem em consideração a mesma divisão temporal. A análise do contingente de ocupados no 4º trimestre de 2017 mostrou que a população de 25 a 39 anos e 40 a 59 anos de idade correspondia a 77,7% da população, enquanto a média de jornalistas é de 71,2% entre os 20 e 40 anos e de 83,8% se incluídos os de 41 a 50 anos. Já entre os idosos, ou seja, aqueles com sessenta anos ou mais, estes representavam 7,7% da força de trabalho ocupada, enquanto os profissionais de mídia entre 51 a 64 e os com mais de 64 anos somavam 16,2%.

É sobretudo nos ambientes *online* que a renovação geracional é mais constante. Pereira e Le Cam (2018) apontaram que as redações de jornalismo digital vêm empregando jovens nos últimos anos. A presença e a impermanência dessa juventude são responsáveis por esse processo de juvenização, em razão da saída do mercado das gerações anteriores. Nesse sentido, os vínculos empregatícios em empresas de mídia funcionam como um período de experimentação que antecede a mudança para outras áreas, como relações públicas, comunicação corporativa, *marketing* ou outra área de produção cultural (JOSEPHI; OLLER ALONSO, 2018).

No Brasil, o processo de juvenização da profissão é observado pelos próprios jornalistas e pesquisadores há mais de três décadas, coincidindo com mudanças editoriais nas empresas de comunicação (RIBEIRO, 2006), com a fundação das escolas de jornalismo (LOPES, 2013), a inserção dos primeiros computadores nas rotinas produtivas (BALDESSAR, 1998) e como efeito das crises política e econômica, assim como da entrada das tecnologias digitais (MOREIRA; OLLER ALONSO, 2018).

É importante destacar que neste século XXI, o jornalismo enquanto integrante de uma lógica capitalista industrial tem sofrido as consequências das crises socioeconômicas no mundo e influências das inovações tecnológicas, principalmente das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). Esse fenômeno é definido como uma mudança estrutural, resultado de um “conjunto de transformações no jornalismo, que incluem novas formas de produção da notícia, processos de convergência digital e a crise da empresa jornalística enquanto modelo de negócios” (PEREIRA; ADGHIRNI, 2011, p. 39).

Os teóricos Charron e De Bonville (2016), partindo da análise do jornalismo estadunidense, apontaram que a fase atual da área é resultante de um quarto paradigma<sup>1</sup> de mudanças estruturais, iniciado entre os anos de 1970 e 1980. Segundo Pereira e Adghirni (2011, p. 44), este é “marcado pelas pressões exercidas pela lógica comercial de uma hiperconcorrência entre publicações, suportes e mensagens”. Inclui-se ainda a emergência de novos gêneros, rotinas e identidades profissionais, em razão da diluição de fronteiras e cruzamentos entre a atividade jornalística e áreas afins, tais como a publicidade, o entretenimento e a comunicação em nível público, organizacional e corporativo. Nesse sentido, no próximo tópico tratamos do lugar do jornalista mais velho dentro desse cenário.

## 2.6 OS JORNALISTAS MADUROS NO MERCADO DE TRABALHO

Uma das consequências das mudanças estruturais no jornalismo é a demissão de jornalistas veteranos, resultante da política de redução de custos e a substituição destes por recém-ingressos na profissão, submetidos a baixos salários e sem proteção de leis trabalhistas, inseridos na cultura profissional multiplataforma e polivalente. Ao analisar depoimentos de um grupo de jornalistas maduros em empresas de mídia, Adghirni (2017) concluiu que não havia

---

<sup>1</sup> As fases anteriores foram a do jornalismo de transmissão (século XVII), de opinião (século XIX) e de informação (fim do século XIX).

espaço para velhos no novo jornalismo, identificando uma fronteira invisível e intransponível que separa jovens e veteranos.

Segundo a autora, esses profissionais ocupavam cargos de “chefes de redação, diretores de sucursais, editorialistas, comentaristas ou escritores-jornalistas, formadores de opinião que legitimam sua existência profissional agregados às grandes estruturas de mídia” (ADGHIRNI, 2017, p. 18). Esses, conforme a pesquisadora, integravam uma “elite que sobreviveu graças a estratégias, talentos, capacidade de adaptação, adesão ideológica à empresa e espírito de invenção permanente” (ibidem, p. 18).

Em outra direção, Deuze (2009) ponderou que a criatividade do jornalista em converter empregos na mídia tradicional em ocupações em outros espaços, ou seja, em “trabalhos atípicos”, é uma alternativa em relação à crise em curso. São vistos como uma possibilidade de atuação profissional o jornalismo digital, a criação de *blogs*, portais e empresas de mídia<sup>2</sup> como as *startups* (DEUZE, 2009; PEREIRA; ADGHIRNI, 2011; BERTOCCHI, 2017).

A atuação dos jornalistas veteranos em mídias institucionais e assessorias é também outra alternativa para os profissionais, tanto criando suas próprias empresas a partir dos contatos estabelecidos em suas trajetórias, quanto nos órgãos públicos. No entanto, as pesquisas variavam quanto à realidade desses espaços. De acordo com Duarte e Giusti (2013), de um modo geral, as assessorias têm empregado mais jovens e recém-formados. Já os mais experientes, aparentemente estariam no serviço público, sobretudo em instituições que pagavam salários mais atraentes como no Legislativo e Judiciário. Nesses ambientes, os mais maduros ocupavam, muitas vezes, a coordenação das assessorias (DUARTE; GIUSTI, 2013; FIGARO, 2013).

Mesmo quando o assunto é o trabalho em regime *freelancer*, o jornalista mais velho é minoria, tomando como base uma pesquisa realizada com os profissionais da cidade de São Paulo (GROHMANN, 2012). A maioria era jovem, com faixas etárias entre 21 e trinta anos (56,7%), dos 31 aos quarenta anos (26,7%), além dos entre 41 e cinquenta anos (12,2%). A pesquisada mais velha do grupo tinha 57 anos, com o seu grau etário formando apenas 4,4% da

---

<sup>2</sup> Nesse sentido, ao mapear e investigar os arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia, os pesquisadores do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT) identificaram 170 iniciativas com características jornalísticas, com base no mapa da mídia independente da Agência Pública. Elas eram uma “forma de sobrevivência na profissão, como alternativa para a realização profissional e cidadã que os grandes conglomerados não podem oferecer” (FIGARO, 2018, p. 17). Desse modo, os jornalistas formavam coletivos, associações, cooperativas, pequenas empresas e outras formas criativas de organização para poderem atuar na área. Os participantes desses projetos eram, em sua maioria, jovens entre 20 e 35 anos, mas havia também jornalistas maduros, geralmente com vasta experiência em veículos tradicionais.

amostra. A variação de idade ficava entre 31 a 74 anos. Mesmo assim, os veteranos tinham uma vantagem quando a idade era comparada com a faixa salarial.

Nesse sentido, Grohmann (2012, p. 116) identificou dois perfis de *freelancers*: “um formado por mais jovens, que ganham pouco e têm uma vida mais instável, difícil de ser planejada”, já que nenhum deles, entre os 21 e os 30 anos ganhavam mais de quatro mil reais mensais; e “outro, formado por pessoas mais maduras, que detêm certo conhecimento e influência sobre o campo jornalístico, e conseguem melhor renda” (ibidem, p. 116). Ou seja, a experiência desempenha um papel importante no lugar desse jornalista no mercado e os novos arranjos tornam suas carreiras mais longevas, em espaços distintos das gerações que os antecederam.

Ao analisar as alterações no mercado, Starr (2009) e Coelho (2015) observaram que essa mudança no quadro das redações é, até certo ponto, negativa para o jornalismo. A ausência dos repórteres experientes, que não resistiram aos cortes e os que permanecem, porém fragilizados, impedem que haja uma socialização de conhecimentos para “um novo pacote de jornalistas, sem memória, jovens, recém-chegados da universidade” (COELHO, 2015, p. 155). Desse modo, “perdeu-se a relação privilegiada com fontes fidedignas, alimentada, anos a fio, por esses repórteres, e que lhes permitiam trazer a público histórias importantes” (STARR, 2009, p. 7). Nesse erro de cálculo na redução de custos, as empresas passaram a desinvestir no jornalismo, diminuindo, por consequência, os ângulos de cobertura e a própria credibilidade que nomes consolidados davam aos veículos.

Figaro (2013) apontou que a multiplicidade de perfis profissionais e tempos de carreira dos jornalistas estão relacionadas a fatores geracionais, de ordem tecnológica e organizacional. Considerando os processos de informatização, o acesso à internet e a proliferação dos cursos de jornalismo que se acentuaram entre as décadas de 1970 e 1990, as redações ainda compartilham de trabalhadores anteriores a esse fenômeno que se encontram com a geração que já nasceu digital, mais flexíveis às oscilações ideológicas-mercadológicas. De acordo com a autora, as diferenças mostram que há uma transição entre um perfil e outro em andamento. Para Salaverría (2016), daqui a dez ou quinze anos essa substituição geracional estará completa e todos os jornalistas serão plenamente nativos digitais pela própria inércia da vida. A falta de memória é um dos prejuízos dessa transformação, como discutimos no tópico a seguir.

## 2.7 A MEMÓRIA REFERENCIAL DOS PROFISSIONAIS VETERANOS

A perda da referencialidade histórica é classificada como uma das características do mundo Pós-Moderno (JAMESON, 2006). Nele, valoriza-se mais o jovem do que o antigo, o futuro em detrimento do passado, o que resulta em crises de identidade do homem. É a memória uma espécie de nutridora das identidades individuais, coletivas e institucionais (CANDAU, 2011). Desse modo, ela é cada vez mais necessária diante das mutações em curso na sociedade. Ao tratar de uma geração veterana, nos voltamos, inevitavelmente, ao passado e às narrativas biográficas. Lidamos com lembranças, esquecimentos, discursos nostálgicos, consciências, percepções e enquadramentos. O jornalismo enquanto formador de memória e dos testemunhos de si também é afetado por esse fenômeno, refletido nas mudanças estruturais.

É representativo da falta de memória um estudo realizado entre março e abril de 2017, com 103 jornalistas cariocas, em sua maioria jovens adultos (64,1%), quando questionados sobre quem eram por eles considerados um profissional ícone da profissão, uma espécie de personagem-emblema memorável. Embora não tenha havido uma resposta unânime, os mais citados foram profissionais que estavam em atuação no momento da pesquisa, em veículos da grande mídia. Para Gerck e Barbosa (2018), este foi um indício de que aquele grupo não se relacionava com o passado, ou seja, com a tradição histórica da profissão. Mas tal quadro não apresentava-se sem justificativa:

A própria noção identitária de grupo se abala se não é tão clara uma noção de grupo profissional, quando se dissemina uma ideia de que qualquer um com uma câmera na mão ou um meio de divulgação na internet pode ser chamado jornalista. Também a partir de uma queda dos postos de trabalho formais, fica reduzida a parcela da população que tem esta atividade como meio de vida. Diminuem, também, os pontos de encontro, as reuniões dos profissionais, as oportunidades de troca de lembranças e projetos. Assim, se não há presente duradouro, parece que também o passado comum do grupo se esvai numa ausência de personagens que sintetizem os valores históricos da própria profissão (GERCK; BARBOSA, 2018, p. 155).

Ainda assim, os mais lembrados entre os profissionais eram jornalistas veteranos como Caco Barcellos (7,7%), Ricardo Boechat, Elio Gaspari e Eliane Brum (com 4,8% cada) e Glória Maria (3,8%). Podemos inferir que, em certa medida, os jornalistas mais experientes do mercado ainda são referências para os colegas de uma faixa etária mais jovem. No entanto, é possível observar como a ausência destes maduros nas redações também gera a perda de memória histórica no mundo social do jornalismo. É a partir das memórias individuais, construídas dentro de um grupo ou de uma sociedade que são formadas as memórias coletivas. De modo que “lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que

trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós” (HALBWACHS, 1990, p. 26).

O fato é que no próprio trabalho jornalístico os profissionais em suas atividades lidam com a memória já que é dela que dependem para lembrar de “eventos e momentos passados em suas carreiras. Parte de seu conhecimento profissional é saber – ou seja lembrar – para quem ligar ou para onde ir. Hábitos, rotinas são formas de memória” (GERK; BARBOSA, 2018, p. 165). Há ainda a transmissão de valores imutáveis da profissão e até mesmo da empresa como parte desse processo. Não são só práticas, mas significados. É o que poderia mesmo se chamar de memória-hábito, desenvolvida no processo de socialização, pela repetição de um mesmo esforço, de gestos, palavras, fruto de um adestramento cultural (BOSI, 2003), ou de uma cultura profissional.

Entre as categorias coletivas, Namer (1988) menciona a memória funcional, ligada às profissões e ocupações. Segundo o pesquisador, “a sociedade contemporânea é caracterizada pela multiplicidade de memórias funcionais devido à divisão social do trabalho” (NAMER, 1988, p. 12). Cada grupo tem a sua, com seus segredos, padrões e imaginários hegemônicos sobre o mundo, necessitando de uma série de regras e sucessos para ser assim classificada normativamente. O recordar por parte do indivíduo é justamente a reconstrução de seu passado a partir dos quadros sociais, ou seja, a linguagem, o tempo e o espaço, presentes em seu grupo (NAMER, 2004).

Um discurso de 1996 do escritor e jornalista autodidata colombiano Gabriel García Márquez, proferido na 52ª Assembleia da Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP), em Los Angeles, nos Estados Unidos, refletiu sobre essa memória funcional. Intitulado originalmente de *El mejor oficio del mundo*, o texto versava sobre a rotina dos profissionais, as formas de aprendizagem anteriores às escolas de jornalismo – por meio dos encontros nas oficinas dos jornais e nos bares – e as práticas posteriores. O autor, ao falar da profissão, narrou a sua própria carreira iniciada como estudante de Direito que, aos 19 anos, entrou para a imprensa como redator de notas editoriais, galgou diferentes seções até chegar ao posto máximo de “repórter raso”:

Não haviam sido instituídas as reuniões de pauta, mas às cinco da tarde, sem convocação oficial, todo mundo fazia uma pausa para descansar das tensões do dia e confluía num lugar qualquer da redação para tomar café. Era uma tertúlia aberta em que se discutiam a quente os temas de cada seção e se davam os toques finais na edição do dia seguinte. Os que não aprendiam naquelas cátedras ambulantes e apaixonadas de vinte e quatro horas diárias, ou os que se aborreciam de tanto falar da mesma coisa, era porque queriam ou

acreditavam ser jornalistas, mas na realidade não o eram (MÁRQUEZ, 1996, *online*).<sup>3</sup>

No texto o autor criticava as deficiências das novas gerações de jornalistas que saíam das universidades e chegavam às redações sem a mesma base cultural que caracterizava os seus contemporâneos. Gabriel García Márquez ainda destacou o avanço da tecnologia que desumanizou as relações entre os pares e com o público: “As empresas empenharam-se a fundo na concorrência feroz da modernização material e deixaram para depois a formação de sua infantaria e os mecanismos de participação que no passado fortaleciam o espírito profissional” (MÁRQUEZ, 1996, *online*). O jornalista propôs “resgatar para a aprendizagem o espírito de tertúlia das cinco da tarde”, no qual se voltaria para a experiência histórica e ao jornalismo como sinônimo de serviço público.

Nesse sentido, a memória também é compreendida como narrativa, na qual a linguagem é seu elemento socializador (BOSI, 1994), que resulta do tempo vivido pela biografia dos indivíduos. Vista assim, convém retomar Bergson (2006, p. 7) quando este afirma que a memória está inserida em um “campo de lutas e de relações de poder, configurando um contínuo embate entre lembrança e esquecimento”. Logo, como já mencionamos, ela é uma construção social, sujeita às escolhas, reconfigurações, atualizações, lacunas, manipulações conscientes ou inconscientes, o que a torna um recorte. Assim “a memória se apresenta como uma possibilidade de narrativa organizada” (NAMER, 1987, p. 129).

Essa memória narrativa e funcional é comum nas autobiografias, biografias e nos textos dos bastidores de reportagens. Jornalistas, em particular os decanos, costumam escrever obras em comemoração aos seus anos de carreira ou por sentirem a necessidade de compartilhar suas histórias como registros. Quando não o fazem, são cobrados pelos colegas ou figuram como personagens para livros organizados por terceiros. Há uma significativa bibliografia, muitas vezes romanceadas dessas trajetórias e com doses de saudosismo. É, logo, a narrativa do passado com o olhar do presente, a consciência do hoje sobre as experiências. Como afirma Bosi (1994), lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com a bagagem e as percepções que temos nesta etapa da vida e não da que tínhamos quando vivenciamos tais episódios. Mas a lembrança não deixa de ser a sobrevivência do passado. Nela, a memória do trabalho é um fator significativo nas biografias dos indivíduos, principalmente dos mais velhos.

---

<sup>3</sup> MÁRQUEZ, Gabriel García. El mejor oficio del mundo. *El País*, 1996. Disponível em: [https://elpais.com/diario/1996/10/20/sociedad/845762406\\_850215.html](https://elpais.com/diario/1996/10/20/sociedad/845762406_850215.html). Acesso em: 5 out. 2020.

Ao estudar um grupo de velhos trabalhadores de São Paulo, Bosi (1994) identificou o quanto a idade gera desvalorização quando a mercadoria e a racionalização se sobrepõem ao homem na lógica da velocidade. Esta condição não se refere apenas aos operários das fábricas, mas a qualquer trabalhador, seja ele médico, professor, ator ou jornalista. Nesta pesquisa sobre a carreira dos jornalistas veteranos, nos colocamos, de fato, na mediação entre a nossa geração e essas testemunhas do passado. Porém, como ressaltamos, a finalidade deste estudo não está na memória, mas na carreira, não excluindo a centralidade desta na rememoração de suas trajetórias.

No intuito de contextualizar nosso objeto de estudo no processo de juvenização do jornalismo, no próximo capítulo buscamos delinear o cenário da mídia em João Pessoa, por meio de um percurso histórico até chegarmos ao século XXI. Nesse recorte, procuramos identificar fatores que contribuíram para as transformações nos perfis profissionais e nas linhas de carreira dos jornalistas na capital paraibana, desde a fundação dos primeiros jornais até um retrato do mercado profissional local em entre 2019 e 2020.

### 3 AS TRANSVERSALIDADES DA MÍDIA PESSOENSE

Este capítulo apresenta um histórico da mídia e do jornalismo na cidade de João Pessoa. Partimos da criação dos primeiros jornais no século XIX até o desenvolvimento dos impressos, do rádio, da fundação da televisão já na década de 1980 e dos primeiros meios digitais. Acompanhamos ainda os processos de informatização até chegarmos a um breve retrato do mercado jornalístico local. Ao revisitarmos os movimentos do sistema midiático pessoense, descrevemos ao mesmo tempo as circunstâncias de escolhas de carreira dos jornalistas veteranos.

Nessa mesma direção, também abordamos o cenário do ingresso das primeiras turmas de jornalistas profissionais formados no curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), criado em 1977, e a relação que se estabeleceu entre os decanos e os jovens graduados. Desse modo, destacamos o papel da formação universitária no processo de profissionalização do jornalismo no estado, bem como na configuração do mercado de trabalho local.

#### 3.1 MONARQUISTAS, REPUBLICANOS E LITERATOS

Na Paraíba, o primeiro jornal foi criado em 1826, ainda no Império, em João Pessoa, com o título de *Gazeta do Governo da Paraíba do Norte*. O periódico era um porta-voz da administração do presidente da província. Em seguida, em 1928, surgiu o *Gazeta Parahybana*, de orientação republicana. Outros jornais efêmeros foram lançados entre 1930 e 1940, com a tradicional defesa de interesses partidários. A primeira revista, a *Alva*, é de 1850. Tratava-se de uma espécie de folha político-literária, assim como as que foram publicadas posteriormente. Essas publicações impressas tinham como donos e apoiadores, políticos e intelectuais.

No período republicano, a gestão do presidente da província, Álvaro Machado (1857-1912), marcou a transição entre os regimes. Enquanto governou, o político promoveu a reforma do Lyceu Paraibano, fez investimentos nos sistemas rodoviário e ferroviário, instalou linhas telegráficas e criou a Imprensa Oficial. Data de 1893 a fundação do jornal *A União*, surgido “como instrumento de conciliação política de suas lideranças após o golpe militar, sob a bandeira da República que extinguiu o ex-Império destronado” (LENE, 2019, p. 115), que viria a se tornar órgão oficial em 1910. Editoriais, notas informativas, mensagens políticas dirigidas, decretos e anúncios compunham suas quatro largas colunas.

Literatura e política davam ritmo ao jornal. O seu primeiro diretor foi, inclusive, um poeta, Carlos Dias Fernandes. Ele foi o responsável por introduzir as manchetes de primeira página e por criar uma coluna escrita com as informações que chegavam por telegramas da Europa e do Rio de Janeiro, no dia anterior, pelo cabo submarino. Outra inovação foi a impressão em uma linotipo, a primeira do estado, em 1914. A partir de 1958, *A União* passou a circular em separado do Diário Oficial do Estado (LENE, 2019). É, nesta segunda década do século XXI, o mais antigo jornal da Paraíba em circulação e um dos periódicos centenários do Brasil.

Entre os impressos do final do século XIX destacou-se ainda *A Imprensa*, de 1897, criado pelo primeiro bispo e arcebispo da Paraíba, Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques. Com sucessivos históricos de fechamentos e reaberturas, viveu sua fase áurea entre os anos de 1920 e 1940. Era um órgão católico, doutrinário e noticioso. Variado, fazia a cobertura de todo o Estado, com uma linguagem mais técnica para a época. Na década de 1930 passou a utilizar fotos em suas páginas e a publicar um caderno feminino (ARAÚJO, 1986).

*A Imprensa* chegou a ser fechado em 1942 pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), não por motivos econômicos, mas sim morais. O periódico só voltou a circular em 1946. Era dirigido e escrito por religiosos e jornalistas. Um dos profissionais da época era Reinaldo de Oliveira Sobrinho, que ingressou como revisor e assumiu outras funções dentro do jornal. Sobre o ambiente da época, ele relata que *A Imprensa* era uma família, “onde pontificavam velhos e moços, num saudável clima de amizade e compreensão” (ARAÚJO, 1986, p. 45). O periódico teve seu fim decretado por falta de recursos e por pressões, tanto de dentro da igreja, quanto de fora, em 1968, em pleno Regime Militar (1964-1985). *O Combate* foi outro diário importante, surgido em 1902, de caráter republicano. Sofreu perseguições políticas e um atentado. Era um periódico escrito por jovens idealistas que circulou até década de 1970.

Data de 1908 a fundação do jornal *O Norte*, um dos principais e mais modernos veículos impressos que existiu na Paraíba, sob a direção dos irmãos Orris Eugênio Soares e Oscar Soares. Noticiário, telegramas, colunas diagramadas e impressão em linotipo o caracterizavam. De iniciativa privada, vista como concorrente de *A União*, ganhou contornos políticos em 1915 quando saiu em defesa da candidatura de Epitácio Pessoa contra Walfredo Leal ao governo estadual, no qual o primeiro foi vitorioso. Mudou de dono e o partidarismo o atingiu novamente em 1930, ao apoiar o político paulista Júlio Prestes, adversário de João Pessoa – então presidente da Paraíba –, e de Getúlio Vargas – presidente do Rio Grande do Sul –, na chapa que disputava a Presidência do Brasil (ARAÚJO, 1986). O jornal saiu de circulação em 1939 por

pressões policiais na vigência do Estado Novo (1937-1946), que exercia permanente vigilância à imprensa, e só voltaria a rodar em 1950.

Na radiodifusão, os serviços de alto-falantes e carros de som foram os precursores desse sistema no estado. A primeira emissora a funcionar em João Pessoa foi a Rádio Clube da Paraíba, em meados da década de 1930, ainda de forma artesanal, em um misto de empresa e associação recreativa (SOUSA, 2005). O veículo realizou a primeira transmissão externa de Radiojornalismo local na cobertura da visita de Getúlio Vargas ao Estado. O rádio veio não só integrar a vida cultural paraibana, mas também o conjunto das demais plataformas de comunicação. O próprio jornal *A União* criou uma coluna intitulada *Vida Radiofônica* para divulgar os acontecimentos veiculados nele.

Em 1937 foi fundada a Rádio Difusora da Paraíba, a PRI-4, considerada a primeira rádio de João Pessoa e do estado. Pouco tempo depois passaria a chamar-se Rádio Tabajara da Paraíba, mantendo o estilo de programação da primeira emissora, até a extinção de seu *cast* artístico em 1968. O veículo que o interventor Argemiro de Figueiredo ajudou a criar se tornou também um palanque de prestação de contas de sua gestão. O político, durante seu governo, tomou como modelo a estrutura administrativa federal. O DIP de Getúlio Vargas em território paraibano correspondia ao Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP). A rádio era dirigida por intelectuais ligados ao interventor e buscava inspiração e orientação na Rádio Nacional do Rio de Janeiro (SOUSA, 2005). O contexto local era de tensões e influenciado pela conjuntura do país:

Durante o mandato de Figueiredo os coronéis voltaram a ter prestígio e passaram a ocupar, aos poucos, posições de destaque no governo. Foi desencadeada ainda no período uma feroz campanha anticomunismo, onde até a Igreja, à beira do integralismo, foi atraída para essa orientação. Os governos populares da França e Espanha eram condenados através do jornal *A União*, que chegou a publicar elogios a Hitler e Mussolini. Sem Constituição e sem eleições, o Estado Novo encontrou guarida na Paraíba (SOUSA, 2005, p. 74).

Até 1945 o estado teve como interventor o ex-diretor do jornal *Correio da Manhã*, Ruy Carneiro (1940-1945), de viés mais populista. Sua gestão coincidiu com a deflagração da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), na qual o rádio teve um papel informativo importante. Na Tabajara, sob a direção de Abelardo Jurema (1940-1945), passou a exigir-se mais dos locutores, como o domínio do inglês, função na qual os jovens se destacavam. O jornalismo da emissora, por sua vez, tinha como inspiração a BBC de Londres.

Na década de 1950, os Diários Associados do paraibano Assis Chateaubriand (1892-1968) incorporaram em sua cadeia o jornal *O Norte*. O empresário ainda tentou arrematar a

Rádio Tabajara, mas o governador, José Américo de Almeida (1950-1956), recusou a oferta. Enquanto a emissora se popularizava e se profissionalizava, surgia a Rádio Arapuan AM, a segunda de João Pessoa e a quinta da Paraíba, com uma programação semelhante à da Tabajara, sua maior concorrente.

Em 1953, nasceu o jornal *Correio da Paraíba*, do político e empresário Teotônio Neto, que ainda dirigia as Organizações Teone, constituídas por um escritório, o periódico, pela Editora Teone, a Livraria Teone, a Cabral Representações e a Ipuera Mineração. Entre os seus primeiros diretores estava o escritor Afonso Pereira. O diário sobressaia-se pela cobertura de assuntos políticos e pelo engajamento em temáticas do desenvolvimento do Nordeste, tendo sucursais em cidades do estado e no Brasil.

Sobre as condições de trabalho, Araújo (1986) afirmou que o periódico tinha um dos melhores salários entre os concorrentes. Os jornalistas dessa época também não tinham formação na área e começavam cedo. Severino Ramos (1938-2018), por exemplo, um dos profissionais mais destacados de sua geração, começou sua carreira jornalística como repórter aos 17 anos de idade. Entre as mulheres Raimunda Cordeiro é considerada a primeira mulher a ter a carteira profissional assinada. Dela não obtivemos mais informações além desta registrada no livro de Araújo (1986).

Do exposto, vemos como a criação de jornais e emissoras de rádio estão ligadas a fins políticos, tanto que seus fundadores são gestores públicos ou mesmo empresários que acrescentaram mais um empreendimento a sua cadeia de empresas. O jornalismo que se fazia tinha viés opinativo, em defesa ou contra alguém, com periódicos declarando seus posicionamentos e empreendendo uma campanha aberta. No caso dos órgãos oficiais, eles eram, sobretudo, um balcão de prestação de contas. Mas podemos observar também a relação entre os profissionais, velhos e moços em *A Imprensa* e o idealismo dos jovens no lançamento de seus próprios veículos. Embora a juventude tivesse seu lugar, era preciso ter habilidades e conhecimentos para ocupar determinadas funções, como o de locutor. No tópico a seguir veremos como os jornalistas atuaram em mais um contexto repressivo.

### 3.2 JORNALISTAS ENGAJADOS E IMPRENSA ALTERNATIVA

A Paraíba da década de 1960 viveu sob a sombra dos conflitos agrários. Ainda em 1958 foi criada a Associação dos Trabalhadores e Lavradores Agrícolas, em Sapé, mais conhecida como Liga Camponesa, liderada por João Pedro Teixeira, com o objetivo de lutar contra as

péssimas condições de trabalho do homem do campo. O movimento tinha o apoio de uma parcela da imprensa paraibana, além de parlamentares progressistas, da Frente de Mobilização Popular, da Campanha de Educação Popular (CEPLAR), de segmentos da Igreja, de estudantes, das esquerdas e de membros de viés liberal da classe média local.

O envolvimento dos jornalistas foi lembrado por alguns dos profissionais entrevistados para este trabalho. Em depoimento, Gonzaga Rodrigues citou que a cobertura do assassinato de João Pedro Teixeira foi um dos episódios que mais marcou sua carreira, na companhia do repórter Severino Ramos<sup>4</sup>. Em um de seus livros, intitulado de *Café Alvear*, registrou nas primeiras páginas o desembarque de camponeses, saindo da estação ferroviária para uma grande manifestação no Parque Solón de Lucena, no Centro de João Pessoa, em 1962. No meio da multidão, um círculo sobre a imagem destacava a presença dos jornalistas João Manoel de Carvalho, Malaquias Batista Filho e do próprio Gonzaga Rodrigues.

De 1958 a 1966, durante dois mandatos, o governador da Paraíba foi Pedro Gondim. Sua gestão, que tentava agradar o povo e os latifundiários, segundo Cittadino (1998), enfrentou episódios conturbados como uma manifestação estudantil em novembro de 1963, em razão do preço das passagens; a chacina de Mari, em janeiro de 1964; e a invasão da Faculdade de Direito em março de 1964. Quando foi deflagrado o Golpe Militar, o político apoiou o regime:

A adoção de um esquema fortemente repressivo através do policiamento ostensivo nas áreas de conflitos no campo, o esmagamento de qualquer tentativa de realização de manifestações contestatórias em João Pessoa e em outras localidades, o tratamento dispensado pela Polícia Militar aos estudantes sitiados na Faculdade de Direito e a mudança imposta ao aparelho repressor do estado são claros indicativos do novo direcionamento político adotado pelo governo, voltado agora para as forças sociais mais conservadoras. Muito mais do que apenas o reforço da vinculação com as classes conservadoras, o que se percebe a partir desse posicionamento de Gondim é o estabelecimento, anteriormente ao 31 de março, de uma franca sintonia do Governo do Estado com os interesses e com o pensamento das Forças Armadas em consequência dos acontecimentos dos primeiros meses do ano (CITTADINO, 1998, p.103).

Quando estabeleceu-se o Golpe, houve um movimento de aprovação por parte de instituições e partidos políticos como a União Democrática Nacional (UDN) e do Partido Social Democrático (PSD), da Assembleia Legislativa e da Câmara Municipal que obedeceram ao AI-5, dos setores militares, da própria sociedade paraibana, de uma parcela da Igreja Católica e da imprensa, com alguns jornalistas e colunistas que lançaram notas de apoio à ditadura, às forças armadas e contra o comunismo (NUNES et al., 2017). São exemplos *A Imprensa*, representada

---

<sup>4</sup> RODRIGUES, Luiz Gonzaga. **Entrevista**. [15 de agosto de 2019]. João Pessoa. 1 arquivo.mp3 (1h25min.). Entrevista concedida à Marcella Machado.

pelo arcebispo Dom Mario de Miranda Villas Boas, *O Norte* com Antônio Barroso Pontes e o *Correio da Paraíba*, com Agrimar Montenegro.

Entretanto, essa postura não foi unânime, principalmente no período de maior repressão contra os movimentos estudantis e camponês, sobretudo com a censura. No relatório da Comissão Estadual da Verdade e da Preservação da Memória do Estado da Paraíba, depoentes citaram o espaço dado pelos jornais *O Norte*, *A União*, *O Momento*, *Correio da Paraíba* e por programas de rádio para tratar das questões do campo em reportagens e entrevistas, além de mencionar os nomes de jornalistas como Nonato Guedes, Frutuoso Chaves, Severino Ramos, José Euflávio, Gisa Veiga, Wellington Farias, Chico Pinto, Pedro Moreira, Fernando Moura, entre outros, pelo trabalho realizado enquanto a ditadura militar esteve vigente, acentuadamente entre as décadas de 1970 e 1980 (NUNES et al., 2017).

Wellington Farias (2019) relembrou que ele foi o primeiro repórter a entrevistar Elizabeth Teixeira, viúva de João Pedro Teixeira, quanto ela voltou da clandestinidade, na década de 1980<sup>5</sup>. Já Frutuoso Chaves (2019) destacou que entre os fatos históricos que cobriu na reportagem estava o movimento das Diretas Já (1983-1984): “Eu acompanhei como jornalista, como partícipe desse acontecimento. Até há pouco (...) encontrei um crachazinho emitido pelo Quarto Exército para cobrir a campanha das Diretas aqui na Paraíba.”<sup>6</sup>

Outros profissionais eram vetados e censurados pelo que escreviam ou falavam, assim como por suas filiações partidárias, geralmente ligadas ao comunismo e ao socialismo. O engajamento político e social era uma característica comum dos jornalistas das gerações mais antigas. Antes, ainda em 1959, apareciam nomes de jornalistas na diretoria do Movimento Nacionalista Brasileiro, seção da Paraíba, publicados em *O Semanário*<sup>7</sup>, como Joaquim Ferreira Filho, João Manoel de Carvalho, Adalberto Barreto, Malaquias Batista, Luiz Gonzaga Rodrigues, Veiga Cabral, Rafael Mororó, Linduarte Noronha, Jório Machado, Benedito Souto, Elcir Dias, Carlos Augusto de Carvalho, entre outros. A organização, criada em junho de 1957 no Rio de Janeiro, tinha por objetivo geral lutar pela independência econômica do Brasil. O movimento teve como sede de fundação a Associação Paraibana de Imprensa (ARAÚJO, 1985).

<sup>5</sup> FARIAS, Wellington. **Entrevista**. [4 de outubro de 2019]. João Pessoa. 1 arquivo.mp3 (2h5min.). Entrevista concedida à Marcella Machado.

<sup>6</sup> CHAVES, Frutuoso. **Entrevista**. [21 de agosto de 2019]. João Pessoa. 1 arquivo.mp3 (54min.). Entrevista concedida à Marcella Machado.

<sup>7</sup> CARVALHO, João Manoel de. O Movimento Nacionalista da Paraíba amplia seus quadros e elege sua nova. **O Semanário**. João Pessoa, 16 a 22 de abr. de 1959, ano 4, n.º. 155. Disponível: [http://memoria.bn.br/pdf/149322/per149322\\_1959\\_00155.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/149322/per149322_1959_00155.pdf). Acesso em: 20 de jan. de 2020.

Nos anos de 1960, houve casos de jornalistas presos por suas atividades paralelas, como Maria José Limeira Ferreira (1941-2012), quando ainda era estudante de Filosofia, em 1964, sendo presa por mais duas vezes pelas forças repressivas. Na década de 1970, ela ingressou no jornalismo, ocupou cargos de repórter e de direção em diversos jornais, como *A União*, *O Momento* e *Correio da Paraíba* (CABRAL, 2012). Maria José Limeira Ferreira foi uma das fundadoras do Movimento pela Anistia na Paraíba, em 1978. Outros nomes foram lembrados pelo jornalista Evandro da Nóbrega:

Do dia primeiro em diante, começou a caça – até nas redações – aos jornalistas considerados ‘subversivos’. A API, onde um serviço de alto-falantes transmitia antes as notícias captadas das emissoras do Sul do País, já fora devidamente vasculhada. À noite, veículos militares, transportando soldados armados dirigiram-se aos jornais. (...) A tropa entrou sem aviso, comandada por um major. Este trazia longo rol de nomes de jornalistas ‘suspeitos’: Adalberto Barreto, presidente da API, diretor geral da rádio Tabajara, e um dos principais animadores da Frente de Mobilização Popular; Gonzaga Rodrigues (que se encontrava há meses num leito de hospital); Severino Biu Ramos; Nathanael Alves; João Manoel de Carvalho; Jório de Lira Machado; Malaquias Batista, Wills Leal; Paulo Pontes; Paulo Melo e outros (NÓBREGA, apud, NUNES et al., 2017, p. 647-648).

Até o fim da década de 1960, registrou Araújo (1986, p. 73), poucos periódicos despontaram já que, “amedrontados, poucos jornalistas aventuravam-se a fundar novos jornais”. Nos anos de 1970 a imprensa alternativa também teve suas experiências em João Pessoa, com publicações de vida curta, como o *Edição Extra* que circulou entre agosto e outubro de 1971 e *O Furo*, de dezembro de 1979 a março de 1980. Os jornais, segundo Moura e Barreto (2014, p. 259), oscilavam “entre uma linha mais crítica e politizada, no caso de *O Furo* e outra mesclada com apelos de erotização com o uso predominante da figura de mulher associada a frases de duplo sentido contendo insinuações”. Ambos tinham jornalistas e colaboradores com uma média de idade entre vinte a quarenta anos e que já escreviam para a imprensa tradicional.

Entre os impressos, em 1971 foi criado o *Jornal da Paraíba*, em Campina Grande, pelo grupo Admar Borges, Josusma Viana e Maurício Almeida, passando a ser de propriedade do empresário José Carlos da Silva Júnior, em 1975, com sua redação transferida para João Pessoa em 2001. O diário nasceu com feições modernas, seguindo um padrão industrial. Em 1973 foi fundado *O Momento*, de Jório Machado, que, segundo Araújo (1986, p. 74), “já nascia espreitado pelas forças militaristas”. O jornalista já havia sido preso em 1964 e fichado como comunista.

Mesmo em um contexto crítico, entre os anos de 1960 e 1970, a radiofonia pessoense também se desenvolveu. Em 1967 foi inaugurada a Rádio Correio da Paraíba AM. Como parte da política de interiorização promovida pelo Regime Militar, nasceram as primeiras FMs, como a Rádio Arapuan, em 1979, pioneira nesse seguimento e outras como a O Norte, Rede Litorânea de Rádio, Cidade Verde, Antena 4, Correio, Universitária, Cabo Branco, Jovem Pan e Tabajara, estas últimas já por volta dos anos de 1990. As rádios FMs, ao contrário das AMs, são caracterizadas pela transmissão de músicas com apresentação ou locução ao vivo ou gravada, com diferentes segmentos, como adulto, jovem, gospel ou popular.

Foi durante a década de 1970 que o radiojornalismo se profissionalizou. A Rádio Tabajara buscou imprimir características do Repórter Esso. O formato mais jornalístico também foi seguido pela Arapuan, com os radioescutas e noticiaristas em busca de notícias em tempo real, assim como no *Correio da Paraíba*. Segundo Sousa (2005, p. 137), “o radiojornalismo paraibano era feito com a ajuda de radiotelegrafistas que, de fones nos ouvidos, captavam os boletins enviados pelas agências noticiosas em código Morse”, tendo nas salas de redação um tradutor, responsável por dar forma a essas notícias.

Os jornalistas veteranos que pesquisamos viveram esse período histórico, pelo menos uma parcela deles. Esta foi uma época de intersecção entre o engajamento político e a profissionalização do jornalismo. Mesmo em um contexto repressivo, abriram-se novos espaços para a atuação dos profissionais na imprensa, com novas rádios e jornais, assim como a inovação de práticas jornalísticas. Os trabalhadores das mídias nessa fase representam significativamente a divisão geracional proposta por Kucinski (1998, 2003), no que diz respeito aos jornalistas que militaram ou acompanharam os movimentos estudantis da década de 1960 e os “focas” da década de 1970. Estes últimos vindos do curso de Comunicação Social, como veremos adiante.

### 3.3 ENTRE COBRAS CRIADAS E FOCAS

Um marco significativo do fim dos anos de 1970 no contexto local foi a criação do curso de Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em 1977, com habilitações em Jornalismo e Relações Públicas. A graduação na área foi uma das mais de vinte fundadas naquela década e uma das 365 escolas superiores de jornalismo criadas no Brasil até final do século XXI. Só no Nordeste foram 59 delas (LOPES, 2013). Sua fundação está situada no contexto de multiplicação das faculdades de comunicação e dos serviços nesse setor no país,

resultante do momento vivido pelo Brasil entre 1968 e 1973, durante o Regime Militar que ficou conhecido como “milagre econômico”, assim como foi um reflexo da luta da categoria.

A implantação de uma formação superior em jornalismo na capital foi iniciada ainda na década de 1950. Entre 1957 e 1964 chegou a funcionar na Faculdade de Filosofia Nossa Senhora de Lourdes um curso de Jornalismo (MELO, 2009). A instituição recebia as contribuições do jornalista e pesquisador Luiz Beltrão (1918-1986), que ainda ministrou disciplinas de História, Ética, Técnica e Administração.

Na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Arael Costa, Osvaldo Trigueiro, Milton Paiva e Altimar Pimentel compuseram a comissão de criação das habilitações em Jornalismo e Relações Públicas, que ainda tiveram as participações de Gonzaga Rodrigues e José Paulino. O primeiro atuou ativamente para a fundação do curso, solicitando, enquanto presidente da Associação Paraibana de Imprensa (API), sua instalação ao reitor Lynaldo Cavalcanti. Os professores Luiz Beltrão e Roberto Benjamim também foram consultados para a formulação do currículo básico (TRIGUEIRO; MELO, 2008).

Em depoimento para este trabalho, Gonzaga Rodrigues lembrou que em uma de suas posses como presidente da API, na qual contou com a presença do reitor, reivindicou a criação do curso de Jornalismo. Conforme o jornalista, como não havia uma formação específica na área, a carteira de trabalho dos jornalistas era assinada com funções comerciais, com os pagamentos previdenciários realizados no Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes (IAPC). Em seu discurso, Gonzaga Rodrigues destacou: “Nós não somos comerciantes, nós não somos diminuídos por isso, mas nós queremos nossa autonomia profissional e nós só podemos adquirir se a universidade nos acolher.”<sup>8</sup>

Com duração inicial de três anos, o curso de Comunicação Social passou por reformas curriculares, assim como por modificações em seu corpo docente logo nos primeiros anos de vigência. Parte dessas alterações foram reivindicações dos próprios estudantes dessa época: “Sou da turma de 1978.1. Pegamos o curso ainda sendo formado, com algumas deficiências. Não havia nenhum professor, todos vinham de outras universidades. Tivemos professores bons, mas fizemos campanha para retirar alguns” (SORRENTINO, 2020)<sup>9</sup>.

Dentro de um recorte dos jornalistas que teriam cerca de trinta anos de carreira profissional em 2020, observamos que de 1980.1 a 1990.2, o Bacharelado em Jornalismo da

---

<sup>8</sup> RODRIGUES, Luiz Gonzaga. **Entrevista**. [15 de agosto de 2019]. João Pessoa. 1 arquivo.mp3 (1h25min.). Entrevista concedida à Marcella Machado.

<sup>9</sup> SORRENTINO, Silvana. **Entrevista**. [31 de agosto de 2020]. João Pessoa. 1 arquivo.mp3 (1h20min.). Entrevista concedida à Marcella Machado.

UFPB formou 293 jornalistas, segundo dados da Coordenação do Curso (REZENDE; VALUSCA, 1995). Por uma questão operacional, as informações referentes à primeira turma de concluintes de 1979.2 não constam na instituição. Números da Delegacia Regional do Trabalho (DRT) mostraram que de 1940 a novembro de 1993 havia 915 jornalistas com registro profissional na Paraíba. O valor só não era maior porque parte dos graduados não tiravam o documento, assim como também não buscavam filiação no sindicato da categoria.

A fundação de uma graduação tornou obrigatória a posse do diploma para o exercício da profissão. Entretanto, a novidade despertou controvérsias. Os jornalistas do “batente” avaliavam o curso como extremamente teórico, destacando-se por suas deficiências na formação dos jovens que saíam das universidades, principalmente pela ausência da prática da profissão em seus currículos. Enquanto o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado da Paraíba (SindJor-PB) empreendia uma luta em defesa da formação, jornais como o *Correio da Paraíba* detonavam uma campanha contra a exigência do Registro Profissional e do Diploma de Nível Superior, ainda acentuada na década de 1990<sup>10</sup>.

No chão de fábrica, os jornalistas divergiam quanto à imagem dos universitários do jornalismo. Em uma publicação de *A União* da década de 1980, reproduzida por Rezende e Valusca (1996), jornalistas, professores e estudantes traçaram um perfil do setor de Comunicação no Brasil e no estado. Severino Ramos apontava o curso como “extremamente teorizante e teoricista” e criticava a existência de professores que não passaram pelas redações. A falta de prática também foi ressaltada pelo professor Jomard Muniz de Brito.

O jornalista Cecílio Batista, embora defendesse a necessidade da graduação, acreditava mais na vocação profissional. Para Lena Guimarães, o jornalismo era uma atividade mais intuitiva e que, portanto, sua qualidade independia do diploma universitário, já que as mesmas deficiências eram encontradas em ambos. Para o professor Luiz Custódio, o jornalista formado pela universidade e o graduado pela experiência diferenciavam-se apenas por uma questão de orientação e criatividade, já que os dois estariam trabalhando com a mesma realidade (REZENDE; VALUSCA, 1996).

A universidade funciona, assim, como um espaço de aprendizado e de socialização do jornalismo, com os discursos contrários à formação partindo, em geral, de um grupo autônomo e intelectualizado (PEREIRA, SOUSA; MOURA, 2014). Rezende e Valusca (1996) acreditavam que o curso, a partir dos primeiros formados, promoveu uma renovação do contingente de profissionais nas redações pessoenses. A qualificação, como em qualquer área,

---

<sup>10</sup> PAUTINHA. **Campanha do Correio exhibe desespero**. João Pessoa, ano 1, nº 4, 1 de setembro de 1994.

é um critério decisivo na contratação de trabalhadores. No campo comunicacional não poderia ser diferente.

Além de uma nova mão de obra, o acirrado mercado jornalístico ainda se transformaria mais com a chegada da televisão, no fim da década de 1980, e da informatização do impresso, fenômenos que exigiriam novas habilidades dos jornalistas e uma universidade mais afinada com as modificações nas rotinas produtivas das empresas de comunicação. Vemos, desse modo, como a cultura profissional e o sistema de mídia também influenciavam o que era ensinado na universidade.

### 3.4 READAPTAÇÕES E A ENTRADA NO DIGITAL

A história do telejornalismo em João Pessoa começou na década de 1980, mas na Paraíba o pioneirismo é de Campina Grande, com a TV Borborema, integrante dos Diários Associados. O canal entrou no ar em caráter experimental em 1963. O seu conteúdo era desenvolvido com o apoio de produtores da TV Tupi de São Paulo e do Rio de Janeiro, e por pessoas que trabalhavam no rádio. Os profissionais da radiofonia campinense foram os primeiros a estrear o vídeo, tanto nas funções de chefia, como na apresentação. Mesmo com dificuldades técnicas, naquele mesmo ano a emissora começou a fazer transmissões ao vivo, como as de jogos de futebol.

De acordo com Souto Maior (2017), a TV Borborema colaborou na modernização e qualidade gráfica dos jornais Associados, como o *Diário da Borborema*, em Campina Grande e *O Norte*, em João Pessoa, adquirindo os equipamentos de impressão *offset*. Até a década de 1970, os periódicos eram impressos no sistema linotipo, quando a antiga impressora *Duplex* foi substituída por uma *Gross*, que funcionava em João Pessoa (RIOS, 2003). Land Seixas, diagramador e presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado da Paraíba, em depoimento para o livro *A União: escola de jornalismo*, lembrou que *O Norte* foi o primeiro a implantar o sistema de computadores a frio. Segundo ele, não existia mão de obra qualificada para essa nova tecnologia na Paraíba, com exceção dos Diários Associados (CARNEIRO, 2018).

Na capital, a televisão chegou em 1986, ainda em caráter experimental, com a TV Cabo Branco, fundada por Milton Cabral, Antônio Cabral e Aluísio Moura, posteriormente adquirida pelo empresário José Carlos da Silva Júnior. Nessa fase, a emissora ainda era repetidora da TV Bandeirantes, e produzia dois telejornais, o Jogo Aberto, apresentado na hora do almoço por

Edilane Araújo, e o noturno Câmera 7, por Geraldo Oliveira. Em 1º de janeiro de 1987 o canal estreou de modo definitivo, já como afiliada da Rede Globo. O contexto daqueles primeiros anos é relatado por Sílvio Osias:

Estávamos no Brasil do Plano Cruzado, do governo Sarney, e às vésperas de uma eleição. O deputado federal Tarcísio Burity seria eleito governador pelo PMDB. As primeiras edições do Câmera 7 falavam das eleições, das ações da Sunab para garantir o êxito do Plano Cruzado, cobriam os eventos esportivos, a agenda cultural da cidade. Dava ao pessoense a oportunidade de se ver todas as noites num telejornal (...). João Pessoa demorou muito para ter o seu primeiro canal. Vivíamos do que as repetidoras nos ofereciam. Basicamente, do que era produzido no Recife. A chegada da TV Cabo Branco foi, portanto, um marco na vida da cidade. O Câmera 7 era, por certo, um telejornal cheio de limitações. Mas era o resultado do esforço de uma equipe consciente de que desempenharia o papel histórico de por no ar a primeira emissora de televisão de João Pessoa (OSIAS, 2016, *on-line*).<sup>11</sup>

A equipe era formada por profissionais do impresso, do rádio e egressos do curso de Comunicação Social, todos com pouca ou nenhuma experiência em televisão, contratados por meio de testes. Eram comandados por Erialdo Pereira, correspondente do *Jornal do Brasil* na Paraíba, com passagem pela Rádio Nacional, e editor-geral da emissora. Parte da mão de obra da empresa foi absorvida da Escola Técnica Federal (ETF-PB) para a parte mais operacional (SOUTO MAIOR, 2017).

No curso de Comunicação Social da UFPB, no início da década de 1980, os programas da disciplina de telejornalismo eram gravados em estúdios em outro estado: “A professora Miriam Moema ensinou jornalismo de TV. Aqui a gente não tinha TV e fomos gravar os nossos programas em Natal” (FIGUEIREDO, 2019). O setor de televisão do Espaço Cultural José Lins do Rego também era utilizado para essa atividade. Mesmo sem muita tradição na área na capital, as vagas abertas atraíram muitos jornalistas:

Assim como no jornal chegamos totalmente sem noção na televisão. Eu tinha tido uma breve experiência numa TV de Pernambuco que veio fazer uma cobertura de Carnaval aqui, alguns anos antes, acho que eu tinha uns 21 anos. Lembraram de mim na TV Cabo Branco. Era eu, Naná Garcez, Saulo Moreno que está em Brasília, Ruth Avelino, Joanildo Mendes, Karla Almeida e José Vieira Neto. Nelma Figueiredo e Maria Helena [Rangel] vieram depois. Soraia Bandeira ficou só um mês lá. A gente foi aprendendo na marra a fazer as coisas. Não tivemos treinamento em outras afiliadas, nada. Fomos observando

---

<sup>11</sup> OSIAS, Sílvio. Primeiro jornal da TV Cabo Branco foi ao ar há 30 anos. **Jornal da Paraíba**. João Pessoa, 27 de out., 2016. Disponível em: <http://blogs.jornaldaparaiba.com.br/silvioosias/2016/10/27/primeiro-jornal-da-tv-cabo-branco-foi-ao-ar-ha-30-anos/>. Acesso em: 20 jan. 2020.

o trabalho de outros repórteres, como eles começavam o texto, onde eles faziam a passagem (VEIGA, 2019)<sup>12</sup>.

No dia 1º de janeiro de 1987 também entrava no ar a TV O Norte, pertencente aos Diários Associados, afiliada da TV Manchete, tendo como diretor-presidente Marconi Góes, Haroldo Reis, como diretor de operações, vindo de experiência na TV Tupi, e Abelardo Jurema Filho como superintendente. Para a contratação de funcionários para os seus quadros foi lançado um edital de convocação ainda em 1986, no jornal *O Norte*, para os cargos de repórter, locutor noticiário e operador de áudio e vídeo, com posterior realização de testes. Não exigia-se dos candidatos a formação em Jornalismo. Muitos dos aspirantes estavam em início de carreira (NEVES, 2015).

Os primeiros programas do canal foram o Jornal O Norte 1ª Edição, apresentado por Anchieta Filho, voz conhecida da radiofonia, e o segunda edição, com a dupla Gilson Souto Maior, que vinha da TV Borborema, e Beth Menezes, também do rádio, além de Sílvio Carlos que os ancorava aos sábados. Nelma Figueiredo, Jonas Batista, Selma Vidal, entre outros, foram os primeiros repórteres da emissora, todos recém-formados, sendo este o primeiro contato com televisão. Em 1998, a TV O Norte se filiará a Rede Bandeirantes. A jornalista Nelma Figueiredo<sup>13</sup>, em entrevista para uma pesquisa sobre a história do veículo no estado, lembrou como foi o ingresso:

A maioria das pessoas que entraram junto comigo na O Norte eram recém-formados assim como eu, estávamos chegando ao mercado de trabalho. Eles colocaram o edital de convocação no próprio *O Norte* impresso, receberam currículos de todo o Nordeste e fizeram uma seleção e foram eliminando fazendo teste de áudio, teste de vídeo e no fim selecionaram cinquenta e fizeram testes mais precisos e nós estreamos. Acho que eramos cinco repórteres (FIGUEIREDO apud NEVES, 2015, p. 71).

A partir dos anos de 1990 outras emissoras de televisão surgiram, com a vantagem de ter em seus quadros profissionais com mais vivência na área, mas mesmo assim o pessoal do rádio também deslocou-se para o vídeo. A juventude dos repórteres e apresentadores, assim como o movimento migratório de radialistas para a televisão caracterizam o telejornalismo local até hoje, quando se vê uma mudança contrária. Em 1991 foi inaugurada a TV Tambaú, como afiliada da Rede Manchete, e depois, em 1995, do SBT. A equipe era formada por dois

<sup>12</sup> VEIGA, Gisa. **Entrevista**. [2 de outubro de 2019]. João Pessoa. 1 arquivo.mp3 (1h1min.). Entrevista concedida à Marcella Machado.

<sup>13</sup> A jornalista Nelma Figueiredo morreu, aos 53 anos, em decorrência de um câncer de pulmão, no dia 30 de março de 2018. Com 32 anos de profissão, atuou como repórter das TVs O Norte, Cabo Branco, Correio e Tambaú, além da assessoria de comunicação do Detran-PB. Em 2015, trocou a televisão pelo rádio, onde apresentou o CBN João Pessoa e depois o CBN Cotidiano. Mesmo em tratamento, continuou na apresentação do programa.

apresentadores vindos da TV Potengi, do Rio Grande do Norte, Luciane Loureiro e Lourimar Neto, responsáveis pelo Tambaú Notícias, e por seis repórteres. Já em 1992 entrava em cena a TV Correio, do empresário Roberto Cavalcanti.

Enquanto a televisão se profissionalizava, os jornais impressos se informatizavam. O processo começou nas oficinas dos periódicos, com a aquisição de equipamentos mais modernos. Mas as motivações não estavam ligadas exclusivamente à qualidade do conteúdo. Segundo Meireles (1994, p. 45), nos primeiros anos da década de 1990, as empresas tiveram que encontrar “soluções econômicas que viabilizassem seus produtos culturais, resultando em cortes consideráveis de pessoal, em função da diminuição de assinantes, leitores avulsos e anunciantes”. As transformações também influíram na academia, com a criação e substituição de disciplinas. Os estudantes passaram a ter aulas de Editoração Eletrônica em Vídeo-Texto, no lugar de Mecânica da Diagramação, por exemplo.<sup>14</sup>

O computador foi um novo ator em cena, instalado no Nordeste ainda em 1968. No estado, a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) foi um importante laboratório para o desenvolvimento da informática, com a criação do Núcleo de Processamento de Dados, em 1976, a modernização do setor com a instalação de um IBM 4341, em 1984, da Internet em 1994, e do Núcleo Setorial de Computação, em 1995. Antes mesmo de ser adotado nas redações paraibanas, alguns jornalistas já utilizavam as máquinas em seus escritórios particulares (SILVA; SOUSA, 2003), como Evandro da Nóbrega, ainda na década de 1980, e Wellington Farias que criou o primeiro portal intitulado “Mural de Notícias”, nos anos de 1990. Até então, os jornais apenas continham cadernos ou páginas sobre informática, seguindo o exemplo de *O Globo*, entre outros. No estado, *O Norte* estreou uma coluna, fundada e escrita pelo próprio Evandro da Nóbrega.

Nesse sentido, o *Correio da Paraíba* é considerado o pioneiro nos processos de informatização, passando por duas grandes reformas, a partir do Projeto Líder, em 1991 e o editorial e informático, de 1993 em diante (RIOS, 2003; ROSAS, 2015). O jornal vivia uma fase de declínio desde o assassinato de seu diretor, Paulo Brandão, primo e sócio do empresário Roberto Cavalcanti, em 1984. As investigações da Polícia Federal apontaram o político Wilson Braga como participante e provável autor intelectual do crime. As suspeitas e a campanha eleitoral na qual Braga disputaria com Tarcísio Burity transformaram o periódico em um panfleto político.

---

<sup>14</sup> MAGALHÃES, Augusto. Rumo à informatização: computadores vão invadir a Redação. *Correio da Paraíba*. João Pessoa, 5 de agosto de 1993.

De acordo com Rosas (2015, p. 40), em entrevista com o superintendente Alexandre Jubert, as mudanças passaram por diversos setores e começaram ainda em 1990, com a contratação de um novo editor, Rubens Nóbrega, e de uma nova equipe. Com isso, além de transformações na redação “o *Correio* também sofreu alterações logísticas e de *marketing*, como mudança na entrega e circulação do jornal. Entre as mudanças, novidades e novas estratégias do Projeto Líder, constava o *ombudsman*<sup>15</sup>”. Inspirado no pioneirismo da *Folha de S. Paulo*, em 1989, é considerado o primeiro jornal do Norte/Nordeste e o segundo do país a ter a figura do ouvidor (ROSAS, 2015; MOURA, 2018).

Os *ombudsmans* do *Correio* foram os jornalistas e professores Alarico Correia Neto e Carmélio Reynaldo, entre 1991 e 1993, e o jornalista Rubens Nóbrega, em 1995. A implantação da figura do ouvidor no *Correio da Paraíba* se deu simultaneamente ao processo de informatização, iniciado pela parte gráfica e pelos classificados. Para isso, o diário contou com a assessoria das empresas que empreenderam as reformas da *Folha de S. Paulo*, *Estadão*, *Jornal do Brasil*, entre outros. Nesse contexto, foi criada uma Coordenação de Informática<sup>16</sup>, novos cadernos foram lançados, reduzidos ou extintos e o jornal rodava em menos tempo e páginas.

Assim como ocorreu na própria *Folha de S. Paulo*, as mudanças também vieram acompanhadas de demissões. Segundo Meireles (1994, p. 23), a implantação da informática, no primeiro semestre de 1994, coincidiu “com um surto demissionário na empresa. Além dos cortes de pessoal em nome da redução de gastos com folha de pagamento, outras ‘retiradas estratégicas’ de profissionais aconteceram”, isto é, de profissionais contrários a forma como a informatização era gerida. Nesse período uma equipe de sessenta funcionários foi reduzida a 45, contando com os trabalhadores que tinham imunidade sindical, além de muita negociação<sup>17</sup> (MEIRELES, 2019). O *Correio* chegou a publicizar o oferecimento de cursos para que os próprios jornalistas manipulassem as ferramentas, e não técnicos. Em 1997, o *Correio da Paraíba* passou a ser disponibilizado na internet.

Disputando o pioneirismo e a concorrência estava o jornal *O Norte*, o primeiro na preferência dos leitores e o que melhor pagava aos jornalistas, depois de um período sob intervenção. O periódico que adotou o *offset* ainda em 1973 anunciou em uma Nota ao

<sup>15</sup> A autoria pela inclusão da figura do *ombudsman* no Projeto Líder é disputada entre Rubens Nóbrega e Alexandre Jubert (ROSAS, 2015).

<sup>16</sup> MAGALHÃES, Augusto. Rumo à informatização: computadores vão invadir a Redação. **Correio da Paraíba**. João Pessoa, 5 de agosto de 1993.

<sup>17</sup> MEIRELES, Giovanni Emmanuel Silva. **Entrevista**. [outubro de 2019]. João Pessoa. 1 arquivo.mp3 (1h12min.). Entrevista concedida à Marcella Machado.

público<sup>18</sup>, na edição de fevereiro de 1994, a aposentadoria das oficinas para entrar de vez na era da informática. Alguns profissionais foram mantidos para operar as máquinas e outros foram remanejados para a editoração eletrônica. O suplemento dominical *Jornal da Moda*, assinado pela jornalista Lílian Moraes<sup>19</sup> iniciou a informatização, em 1993. Ainda em 1994, o superintendente Francisco Roberto<sup>20</sup> anunciava a criação de um Curso Extra de Computação para reciclar e aperfeiçoar os jornalistas da redação. A substituição das máquinas de escrever pelo computador ocorreu em 1995, com sua edição publicada na internet (RIOS, 2003).

O jornal *A União*, já em 1993, anunciava que seria informatizado<sup>21</sup>, destacando que não haveria demissões, mas remanejamento de pessoal já que o setor de revisão, por exemplo, deixaria de existir. O projeto incluía o treinamento de funcionários na redação e nas oficinas, a aquisição de computadores e impressoras a *laser*, a criação de um banco de dados para a área de Pesquisa e a microfilmagem de seu acervo. Em 1994, o veículo começou a usar a telefoto, sistema que permitia que a imagem chegasse digitalizada. No mesmo ano os computadores aposentaram as velhas máquinas de escrever.

No *Jornal da Paraíba*, a década de 1980 foi marcada pela transição para o *offset*, a informatização da paginação e outras modificações e reestruturações. No início dos anos de 1990 os sistemas informatizados chegaram a todos os setores, incluindo a redação. Sua página na *web* surgiu em 1996 e em 2001 recebeu uma sede em João Pessoa. Em 2011, sua plataforma na internet deixou de ser um repositório da versão impressa e se tornou o *JP Online*, com atualização constante e notícias em tempo real.

Assim como afirmou Meireles (1994), Rezende e Valusca (1996) concluíram que a informatização em João Pessoa visou mais a redução de gastos do que o melhoramento da qualidade dos jornais. Algumas publicações dos próprios periódicos sugeriam o contrário, demonstrando entusiasmo do empresariado e das chefias, assim como a expectativa dos jornalistas pela adaptação, apresentado como uma grande e importante revolução, com a formação de áreas específicas para auxiliarem na transição e a elaboração de conteúdos sobre informática em suas páginas:

A prova disso foi a forma como ela chegou às redações: sem nenhum cuidado ou acompanhamento adequado junto ao pessoal que, na maior parte, nunca havia trabalhado com computador. A intenção, portanto, passou longe de ser

<sup>18</sup> ROBERTO, Francisco; BANDEIRA, Nonato. O NORTE totalmente informatizado. **O Norte**. João Pessoa, ano: 85, 1994.

<sup>19</sup> MORAES, Lílian. Da máquina de escrever ao computador. **O Norte**. João Pessoa, 7 mai. 1994.

<sup>20</sup> O NORTE. A nova fase do jornal O Norte. **O Norte**. João Pessoa, 7 mai. 1994.

<sup>21</sup> QUESTÃO DE ORDEM. Jornal A União será informatizado. **Questão de Ordem**. João Pessoa, 15 a 30, jul. 1993.

a capacitação da redação para que se pudesse fazer um produto melhor. O que estavam sendo visados (...) eram a ‘queima’ de várias etapas do processo de produção, a agilização desse processo e a redução de gastos com pessoal (política de demissões). Porém, há um consenso entre os profissionais da área de que informatização foi a grande evolução do jornalismo paraibano nos últimos 15 anos [de 1980 a 1995] (REZENDE; VALUSCA, 1996, p. 105).

Os primeiros *sites* continham apenas uma transição do conteúdo impresso dos jornais. A partir da primeira década do ano 2000 surgiram os portais de notícia em formato de empresa, entres eles o portal *WCom* (2000), portal *Correio* (2004), *ClickPB* (2005) e *PBAgora* (2009), que ainda estão em circulação e outros mais pioneiros que saíram do ar (SINÉSIO, 2013). Os jornalistas também se apropriaram do espaço dos *blogs*, dedicados à política ou a cultura, alguns deles ainda ativos em 2021 como o *Poder, Política & Cia*, do jornalista Hermes de Luna, criado no início dos anos 2000.

Enquanto novas plataformas surgiam, outras mais antigas entravam em extinção, acompanhadas do desemprego. O mercado, que sempre foi competitivo e reduzido, encolheu ainda mais, exigindo dos jornalistas novas alternativas de trabalho. Portais, *blogs*, entre outros canais estavam entre as opções disponíveis. O serviço público também se lançava como uma oportunidade, abraçada ainda muito cedo na carreira dos jornalistas paraibanos. São esses dados que veremos com mais atenção no tópico a seguir.

### 3.5 O JORNALISTA LOCAL E AS REFERÊNCIAS DE MERCADO

Dados da Superintendência Regional do Trabalho no Estado da Paraíba (SRTb/PB) mostram que o jornalista paraibano é jovem, entre os 25 e os 39 anos de idade, do gênero feminino, de cor parda e com atuação na capital paraibana. Segundo o órgão, na Paraíba há 1.496 jornalistas com registro profissional. Desses, 858 estão lotados em João Pessoa. Conforme a Relação Anual de Informações Sociais (Rais), entre 2016 e 2018, havia 353 jornalistas com vínculos ativos na cidade pessoense (236) e nos municípios de Campina Grande (70), Patos (27), Cabedelo (9), Conde (3), Teixeira (3), Serra Branca (2), Boa Vista (2) e Bayeux (1). Desse total, 184 eram mulheres e 169 eram homens.

A faixa etária dos profissionais era formada por jovens, em sua maioria, entre os 18 a 24 anos (22), de 25 a 29 (43) e, sobretudo, entre os 30 e 39 anos de idade (152). No grupo etário entre os quarenta a 49 anos de idade havia 55 jornalistas, no de cinquenta a 64 anos estavam setenta deles e os com 65 anos ou mais somavam apenas onze dos profissionais, nas mais

diversas funções jornalísticas. No recorte étnico-racial, entre os autodeclarados, a maior parcela se classificava como parda ou preta (93) ou como branca (79).

Quadro 1: Vínculos ativos por faixa etária de 2016 a 2018

CIDADE	FAIXA ETÁRIA					
	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 64	65 ou mais
João Pessoa	19	23	97	34	52	11
Campina Grande	0	12	37	7	14	0
Patos	2	7	8	10	0	0
Cabedelo	0	0	3	3	3	0
Conde	0	0	2	1	0	0
Teixeira	0	0	3	0	0	0
Serra Branca	1	1	0	0	0	0
Boa Vista	0	0	2	0	0	0
Bayeux	0	0	0	0	1	0
<b>Total</b>	22	43	152	55	70	11

Fonte: Rais – Secretaria Especial de Previdência e Trabalho (SEPRT/ME), 2020.

Uma pesquisa de campo realizada entre março e setembro de 2015 por Gonçalves (2016) na cidade de João Pessoa, com questionário aplicado para 221 jornalistas de todos os grupos etários, identificou quadro semelhante. Segundo a autora, a maioria dos profissionais eram jovens, com um terço deles com idade inferior a trinta anos e quase dois terços com menos de quarenta anos. Apenas 9% tinham idade superior aos cinquenta. Mais da metade dos respondentes estava no mercado de trabalho há até dez anos e 12% acima de vinte anos.

Na capital, onde estão concentrados a maioria dos jornalistas, incluindo os profissionais maduros, as possibilidades de emprego são limitadas. Em 2020, formavam a mídia pessoense os grupos de comunicação como a Rede Paraíba de Comunicação, com a TV Cabo Branco, rádio Cabo Branco FM e CBN-JP (com suas respectivas páginas na internet), portais G1, GE-PB e Jornal da Paraíba; Sistema Correio de Comunicação, com a TV Correio, rádios Correio FM e Mix e o portal Correio; Rede Tambaú de Comunicação, com TV Tambaú, rádio Jovem Pan e porta T5; Sistema Arapuan de Comunicação, com a TV Arapuan, rádios Arapuan FM e Sucesso e o portal Paraíba.com; Sistema Opinião de Comunicação, com a TV Manaíra, rádio Band News Manaíra e o portal OP9; e Rede Paraibana Master, com a TV Master e rádio Master. Em média, esses veículos empregam entre cem e vinte profissionais jornalistas, aproximadamente (GONÇALVES, 2016).

Entre as empresas públicas estavam veículos como a rádio Tabajara e o jornal *A União* da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC); a TV Câmara e a rádio Câmara, da Câmara

Municipal de João Pessoa; TV Cidade, da Prefeitura Municipal de João Pessoa; TV Assembleia, da Assembleia Legislativa da Paraíba; as secretarias de comunicação institucional dos governos do estado e municipal, assim como dos órgãos públicos dos poderes judiciário, executivo e legislativo, além da administração indireta. Seus quadros funcionais variavam na quantidade de servidores entre efetivos/estatutários, comissionados e contratados. Havia equipes com mais de cem funcionários e as com cerca de trinta, lotados em secretarias ou requisitados para outros órgãos.

Outros espaços de atuação para os jornalistas eram os portais independentes, desvinculados de grupos de comunicação, *blogs*, revistas, com perfis noticioso ou segmentado, alimentados por publicidade institucional, além dos de caráter recreativo. Ainda se destacavam como possibilidade de empreendedorismo as empresas de publicidade e de assessoria, geralmente tendo como proprietários profissionais que já desenvolviam atividades no mercado pessoense e que utilizavam os contatos feitos durante os anos de redação para captarem clientes (GONÇALVES, 2016). Em muitos casos, esses meios alternativos são compartilhados por estagiários e jovens jornalistas.

A introdução de novas tecnologias digitais e os processos de organização do trabalho também promoveram uma onda de desemprego nacional, assim como na Paraíba. Só entre 2012 e 2018, cerca de 2.300 jornalistas haviam sido demitidos no Brasil e 7.800 profissionais em empresas de mídia perderam o emprego<sup>22</sup>. Em João Pessoa, alguns episódios contribuíram para aumentar essa estatística. Em 2012, os jornais *Diário da Borborema*, em Campina Grande, e *O Norte*, em João Pessoa, fecharam as portas. Foram despedidos aproximadamente 110 funcionários.

O mesmo aconteceu em 10 de abril de 2016 com o *Jornal da Paraíba*, com o encerramento de sua atividade impressa, demitindo 50% de seus quadros, incluindo 44 jornalistas que não foram realocados na versão digital que contava com onze profissionais (GONÇALVES, 2016). Segundo o comunicado, publicado no dia 7 de abril, assinado pelo presidente do grupo, Eduardo Carlos, a decisão seguiu uma tendência mundial, “resultado do crescimento das plataformas digitais. Mas, também, está relacionada ao agravamento da atual crise brasileira, que atinge o setor produtivo em seus mais diversos segmentos”<sup>23</sup>. Jornalistas

---

<sup>22</sup> Disponível em: <http://passaralhos.voltdata.info/>. Acesso em: 20 jan. 2020.

<sup>23</sup> ABI. Crise leva “Jornal da Paraíba” a encerrar versão impressa. Disponível em: <http://www.abi.org.br/jornal-da-paraiba-anuncia-fim-da-versao-impressa/>. Acesso em: 20 jan. 2020.

veteranos como Marcos Tavares<sup>24</sup>, Gonzaga Rodrigues, Arimatéa Souza e Sílvio Osias, assinavam colunas no periódico. Apenas Sílvio Osias continuou na empresa.

Ainda em 2014, dois anos antes do encerramento de sua atividade impressa, o *Jornal da Paraíba*, junto com sua versão *online*, serviu de laboratório para o processo de convergência iniciado pela empresa, com a integração das duas redações. Em 2011, a Superintendência da Rede Paraíba de Comunicação já ensaiava adotar o modelo de redação integrada quando selecionou membros dos portais do então Paraíba 1 e do *Jornal da Paraíba* para conhecer o modelo implementado pelo jornal *A Gazeta*, do Espírito Santo. Naquele mesmo ano entrava no ar o *site* do Globo Esporte local, no qual os repórteres contratados passaram a produzir para os demais veículos do grupo.

Após reformas editoriais no caderno de esportes, as equipes das plataformas digitais passaram a dividir o mesmo ambiente físico. Dentro desse contexto foi criado o Núcleo Integrado Esportivo (NIE). Para a iniciativa foram contratados mais profissionais, diferente do que ocorre nos processos de convergência, funcionando com dezesseis pessoas atuando em diferentes funções. Uma pesquisa realizada por Carneiro (2015) traçou um perfil dos jornalistas que formavam a equipe do projeto. Destes, 68,75% tinham entre vinte e trinta anos de idade, 18,75% entre trinta e quarenta, 6,25% entre quarenta e cinquenta e, apenas um dos membros tinha mais de cinquenta anos. A maioria era do sexo masculino (81,25%) e apenas três mulheres compunham o quadro. Quanto ao tempo de experiência na carreira, a maior parcela (68,75%) tinha no máximo dez anos no mercado e os mais antigos entre 15 e 36 anos (18,75%).

A novidade na rotina de trabalho multiplataforma foi implementada sem treinamento para os jornalistas. Durante a pesquisa, Carneiro (2015) observou que os jornalistas do NIE não incorporavam a convergência como prática cultural, mas como ferramenta. Segundo a autora, a cultura convergente ainda não estava disseminada no núcleo, ainda que durante o estudo tenha “encontrado indícios de uma nova mentalidade, em relação ao planejamento de produtos multimídia e de maior colaboração entre os profissionais” (CARNEIRO, 2015, p. 202). Em 2017, após uma consultoria com a Fundação Dom Cabral, a Rede Paraíba de Comunicação passou por uma formatação que incluía enxugamento e unificação de direções nas TV’s, rádios e portais.

No decurso dessa pesquisa, também registramos o fechamento do jornal *Correio da Paraíba*. No dia 3 de abril de 2020, a direção do Sistema Correio da Paraíba informou aos seus funcionários e colaboradores o fim das atividades do periódico. Em demissão coletiva, os 182

---

<sup>24</sup> O jornalista, poeta e escritor Marcos Tavares morreu aos 71 anos de idade, no dia 22 de junho de 2020.

funcionários, entre eles 39 jornalistas, tiveram os contratos rescindidos na mesma data em que circulou a última edição do periódico, no dia 4 de abril de 2020.

A direção da empresa atribuiu o encerramento do veículo aos decretos nacionais e estaduais<sup>25</sup> datados de 20 de março de 2020, que suspenderam o funcionamento de estabelecimentos comerciais em todo o país como medida preventiva contra a pandemia do “Novo Coronavírus” (Covid-19). Os atos, segundo o grupo, inviabilizaram a venda comercial e a distribuição do diário. Desde então, as edições circulavam com tiragem e cadernos reduzidos, com parte de suas equipes trabalhando em regime de trabalho remoto ou em férias<sup>26</sup>. A crise dos jornais impressos diante dos meios digitais foi apontada como mais uma das causas do fechamento do veículo.

Após o anúncio do dia anterior, atuais e antigos funcionários, de todas as faixas etárias, utilizaram as redes sociais digitais, portais e *blogs* para lembrarem suas experiências no veículo ou para expressarem preocupação com os colegas desempregados. Esse último aspecto foi ressaltado nas notas publicadas pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado da Paraíba (SindJor-PB) e pela Associação Paraibana de Imprensa (API). Os testemunhos dos jornalistas refletiram o lugar do impresso para este grupo de profissionais maduros, considerando o espaço do jornal como o cenário de uma geração intermediária entre o chamado “jornalismo romântico” e um modelo mais “pragmático”. Mesmo para aqueles que já não formavam seus quadros, o fim do periódico se configurou como o “fim de um ciclo” na vida profissional dos que chegaram a ocupar funções como as de revisor, repórter, chefe, secretário ou editor, entre as décadas de 1960 e os anos 2000.

Observamos essas menções no depoimento do jornalista Fernando Moura que assumiu funções de repórter geral, de política e cultura, editor de economia e do segundo caderno, chefe de redação e editor geral em diferentes épocas no jornal: “Com o fechamento do *Correio da Paraíba*, sucumbe uma parte de nossas histórias profissionais e de vida. Desaparece um pedaço

---

<sup>25</sup> Na Paraíba, o Governo do Estado decretou (Decreto nº 40.134), no dia 20 de março de 2020, estado de calamidade pública, assim como a adoção de medidas temporárias e emergenciais de prevenção de contágio pelo COVID-19 (Decreto nº 40.135), aos quais a direção do jornal *Correio da Paraíba* fez referência. Além de crise na saúde, a pandemia também teve efeitos na economia e no mundo do trabalho, no qual registraram-se demissões e recessão.

<sup>26</sup> A pandemia alterou as rotinas produtivas das empresas de mídia no Brasil e na Paraíba. Diante das recomendações de distanciamento social, uma parcela dos profissionais passou a trabalhar de casa – principalmente os idosos e portadores de doenças crônicas considerados grupos de risco para o vírus – ou em sistema de rodízio. Na Record e na Rede Globo, por exemplo, foram afastados jornalistas com mais de sessenta anos como Caco Barcellos (70), Chico Pinheiro (66), Carlos Tramontina (63), Zileide Silva (61), entre outros, assim como os com problemas de saúde como José Roberto Burnier (59). As medidas também foram adotadas na Rede Paraíba de Comunicação, Rede Tambaú, no Sistema Arapuan e no Sistema Correio.

da cidade”<sup>27</sup>. Igual sentimento é refletido na mensagem publicada pela jornalista Marcela Sitônio que trabalhou no periódico na década de 1990: “O *Correio* fecha as portas e, com ele, encerra um ciclo da minha vida também”<sup>28</sup>. Entende-se, assim, a relação dos jornalistas com sua profissão e com as organizações as quais estiveram vinculados como uma filiação que ultrapassa os compromissos empregatícios.

O lugar do trabalho era visto como “segunda casa” ou “família”, assim como uma “escola de jornalismo”, no qual muitos deles iniciaram suas carreiras na profissão. Destacamos essas passagens no depoimento de profissionais que já não estavam nos quadros da empresa, a exemplo da jornalista Madrilena Feitosa: “Foi no *Correio da Paraíba* que dei os primeiros passos no jornalismo (...). Foi minha segunda casa e eles foram também a minha família”<sup>29</sup>. Relação parecida é mencionada por Manoel Raposo: “Foi no jornal *Correio da Paraíba* que iniciei nos anos 60 a minha atividade no meio jornalístico como revisor (...), por onde me tornei repórter”<sup>30</sup>

Nesse sentido, ainda há passagens semelhantes no depoimento do jornalista Jonas Batista: “Meu primeiro emprego como repórter foi no jornal *Correio* no início de 1984”<sup>31</sup> e de Valter Nogueira: “Como profissional, também fiz parte dessa história: comecei como revisor (1986), ainda estudante do curso de Comunicação. Depois, já como repórter, ajudei a confeccionar as páginas da Geral e da Política”<sup>32</sup>. Nessas mensagens revelam-se as carreiras jornalísticas, o percurso desses profissionais na estrutura do jornal, iniciados em estágios ou em funções como a de revisor, com progressivo desenvolvimento até chegar aos cargos de edição, assim como as rupturas, com as idas e vindas na empresa.

<sup>27</sup> MOURA, Fernando. **POMBO CORREIO (edição extra)**. João Pessoa, 3 abr. 2020. Facebook: @fernando.moura. Disponível em: <https://www.facebook.com/fernando.moura.1217/posts/10219897478774718>. Acesso em: 3 abr. 2020.

<sup>28</sup> LUCENA, Marcela Xavier Sitônio. **Fiquei muito triste com a notícia do fechamento do Jornal Correio da Paraíba**. João Pessoa, 3 abr. 2020. Facebook: @marcelaxsitonio. Disponível em: <https://www.facebook.com/marcelaxsitonio/posts/10217160184419543>. Acesso em: 3 abr. 2020.

<sup>29</sup> FEITOSA, Madrilena. **Com certa nostalgia, porque foi no Correio da PB que dei os 1º passos no jornalismo**. João Pessoa, 3 abr. 2020. Facebook: @madrilenafeitosa. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=3167804569916936&set=a.721260131238071&type=3&theater>. Acesso em: 3 abr. 2020.

<sup>30</sup> RAPOSO, Manoel. **Lamento profundamente o encerramento das atividades do jornal Correio da Paraíba**. João Pessoa, 3 abr. 2020. Facebook: @RevistaTribuna. Disponível em: <https://www.facebook.com/RevistaTribuna/posts/2599641950306350>. Acesso em: 3 abr. 2020.

<sup>31</sup> BATISTA, Jonas. Meu primeiro emprego como repórter foi no jornal *Correio* no início de 1984. In: LUCENA, Marcela Xavier Sitônio. **Fiquei muito triste com a notícia do fechamento do Jornal Correio da Paraíba**. João Pessoa, 3 abr. 2020. Facebook: @marcelaxsitonio. Disponível em: <https://www.facebook.com/marcelaxsitonio/posts/10217160184419543>. Acesso em: 3 abr. 2020.

<sup>32</sup> NOGUEIRA, Valter. **Notícia Triste: o Jornal Correio da Paraíba, fundado em 1953, por Teotônio Neto, vai fechar as postas**. João Pessoa, 3 abr. 2020. Facebook: @valter.nogueira.54. Disponível em: <https://www.facebook.com/valter.nogueira.54/posts/2847279622052864>. Acesso em: 3 abr. 2020.

A forma de inserção se dava pelo convite de jornalistas já estabelecidos no grupo ou por indicação de pessoas próximas a estes, com realização de testes nos quais se avaliava a capacidade de apuração, escrita e dos conhecimentos do candidato. Também verifica-se a menção aos “mestres”, título atribuído aos companheiros e chefes. Além da relação familiar e do sentido escolar atribuído às vivências no periódico, há um sentimento de concretização de suas carreiras, como podemos identificar no depoimento da jornalista Gisa Veiga: “Foi no *Correio da Paraíba* que amadureci muito como profissional”<sup>33</sup> e também no de Rubens Nóbrega, que começou a atuar no jornal ainda no ano de 1979 como editor especial, posteriormente como editor geral, depois como *ombudsman* e colunista em sua última passagem: “Mercê da confiança de donos e dirigentes da empresa, projetei-me como jornalista”<sup>34</sup>.

Entram ainda nesses relatos a rememoração de momentos vividos nas rotinas de trabalho, os instrumentos e aspectos técnicos – sendo estes últimos geralmente ligados aos sistemas de impressão, às máquinas de escrever e à digitalização –, além dos ambientes de socialização. Há também alusão a episódios históricos marcantes como a atuação no contexto do Regime Militar, a Constituinte de 1989, a adoção da figura do *ombudsman* e aos processos de informatização, como podemos observar nos trechos a seguir:

Lembrando apenas que passei por (...) experiências inesquecíveis, que entraram para a história do jornalismo paraibano: informatizei a redação e a pré-produção de fotolito, montagem de filmes e gravação de chapas de impressão da nossa gráfica em *offset* implantando o primeiro projeto de introdução de computadores num jornal paraibano. Era um bicho desconhecido. Coisa de ET’s. Verdadeiro filme de ficção científica (MEIRELES, 2020).<sup>35</sup>

Vivenciamos uma das mais desafiadoras missões da contemporaneidade jornalística paraibana, no início dos anos 1990, ao recolocar o matutino na liderança da imprensa local, depois de ter quase sucumbido ao tenebroso universo de uma linha editorial exclusivamente passional, advinda com a morte do empresário Paulo Brandão. Nessa fase, abandonaria a recorrente e precoce prática do ‘*fake news*’, voltando a lidar com fatos reais e os variados lados da notícia. Até *ombudsmen* (Carmélio Reynaldo e Alarico Corrêa Neto) surgiriam desse projeto, provavelmente o mais eletrizante e didático, entre a

<sup>33</sup> VEIGA, Gisa. **Primeiro foi O NORTE**. João Pessoa, 4 abr. 2020. Facebook: @gisa.veiga.9. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10217451917752279&set=a.4213109488419&type=3&theater>. Acesso em: 4 abr. 2020.

<sup>34</sup> NÓBREGA, Rubens. **Para Walter Santos sobre o Correio da Paraíba**. Blog do Rubão, João Pessoa, 5 abr. 2020. Disponível em: <https://rubensnobrega.com.br/2020/04/05/sobre-o-correio-da-paraiba/#more-18453>. Acesso em: 5 abr. 2020.

<sup>35</sup> MEIRELES, Giovanni Emmanuel Silva. **Jornal Correio: sangue, suor e lágrimas**. João Pessoa, 3 abr. 2020. Facebook: @giovanniemmanuel.silvameireles. Disponível em: <https://www.facebook.com/giovanniemmanuel.silvameireles/posts/2813935302056956>. Acesso em: 3 abr. 2020.

chegada do *offset* (década de 1970) e a era digital, a partir dos anos 2000 (MOURA, 2020).<sup>36</sup>

A pior lembrança dos meus trinta anos do *Correio* foi trabalhar certo tempo, durante o AI5, com um censor sentado na redação lendo o que podia ou não ser divulgado, no dia seguinte. E o leitor nem sabia desse confisco de ideias, notícias e informações. Retratos da ditadura. Teve um dia que troquei a faixa vermelha da tinta de impressão no papel, do preto (meio apagada) para o vermelho (nítido) e ele perguntou se eu era comunista (BRITO, 2020).<sup>37</sup>

Vemos assim, a dimensão da memória funcional dos jornalistas veteranos, sobretudo no que se refere aos episódios históricos, aos pares e aos personagens emblemas da profissão no estado. Nesse sentido, o fechamento das empresas de comunicação e o encolhimento das vagas de empregos formais do mercado tornam a carreira no jornalismo vulnerável às oscilações econômicas, sociais, políticas e tecnológicas. Nesse cenário, as demissões coletivas ocorrem com mais frequência (PITHAN; VACLAVIK; OLTRAMARI, 2018).

Os episódios de demissão, as transformações na formação e no mercado, assim como a inserção das tecnologias digitais e de outros instrumentos de trabalho como relatados neste capítulo sobre o cenário em João Pessoa podem ser compreendidos como pontos de inflexão na carreira, ou seja, como o rompimento com a condição anterior. Essas quebras podem conduzir os profissionais a trabalhos instáveis e precários, com uma alta rotatividade nas redações composta por um exército de reserva formado por *freelancers*, atuação como Pessoa Jurídica – PJ, contratos temporários e por prestação de serviços etc. (LELO, 2019).

Esta pesquisa, desse modo, assenta-se nesse contexto, ao buscar analisar as carreiras profissionais dos jornalistas veteranos no exercício do jornalismo na cidade de João Pessoa. No próximo capítulo apresentamos de que forma nossa investigação foi estruturada teórica e metodologicamente para compreendermos as trajetórias dos jornalistas maduros em distintos cenários, no reflexo das contingências e na constituição das linhas de carreira na profissão na era da juvenização.

---

<sup>36</sup> MOURA, Fernando. **POMBO CORREIO (edição extra)**. João Pessoa, 3 abr. 2020. Facebook: @fernando.moura. Disponível em: <https://www.facebook.com/fernando.moura.1217/posts/10219897478774718>. Acesso em: 3 abr. 2020.

<sup>37</sup> BRITO, Gilvan de. A pior lembrança dos meus trinta anos do Correio foi trabalhar certo tempo, durante o AI5. In: BASÍLIO, Astier. **É mais um jornal que enterro**. Moscovo, 4 abr. 2020. Facebook: @astier.basilio. Disponível em: <https://www.facebook.com/astier.basilio/posts/10218747737697252>. Acesso em: 4 abr. 2020.

## 4 METODOLOGIA DE PESQUISA

O presente estudo teve como intuito pesquisar as carreiras profissionais de jornalistas veteranos no mercado de trabalho no cenário das mudanças estruturais no jornalismo quando atingida a maturidade e do processo de juvenização da profissão. Por jornalistas maduros consideramos aqueles com cinquenta anos ou mais em idade, com trinta anos ou mais de atuação no jornalismo, cujo ingresso na profissão é anterior à informatização das redações, detentores de uma memória funcional e de um capital na cultura profissional. Nossa investigação utilizou-se de uma triangulação de métodos, com abordagens quantitativa e qualitativa que envolveram levantamento bibliográfico, mapeamento exploratório, aplicação de questionário e realização de entrevistas semiestruturadas com um grupo de catorze jornalistas.

A pesquisa teve início com o levantamento da literatura disponível sobre jornalistas veteranos e juvenização do jornalismo, assim como dos estudos sobre envelhecimento e trabalho. Em seguida, iniciamos um mapeamento dos profissionais com mais de cinquenta anos de idade que estavam no exercício de atividades jornalísticas na cidade de João Pessoa, durante os anos de 2019 e 2020, em grupos de mídia, órgãos públicos das esferas municipal, estadual e federal, e em veículos de comunicação independentes. Nesse levantamento consideramos os jornalistas que estivessem nas mais diversas ocupações, seja como repórteres, editores, apresentadores, assessores ou em cargos de chefia, direção, coordenação e gerência.

Os dados do mapeamento foram coletados por meio do expediente dos veículos de comunicação privados e por solicitação via Lei de Acesso à Informação (Lei nº 12.527/2011) do quadro de funcionários em 2019 e 2020, no caso dos órgãos públicos, para o qual também consultamos o Sistema de Acompanhamento da Gestão dos Recursos da Sociedade (Sagres). A partir desse levantamento, identificamos os nomes de 232 jornalistas. Por meio dele endereçamos a uma amostra um questionário para traçar um perfil dos profissionais maduros e selecionamos catorze jornalistas para o estudo de suas carreiras profissionais.

Para as entrevistas buscamos profissionais de gerações distintas, com ingresso no jornalismo entre as décadas de 1960 e 1980, e que estivessem em atuação na área, independente do vínculo profissional. Partimos da divisão geracional proposta por Kucinski (1998, 2003), na qual um primeiro grupo era composto por profissionais que testemunharam a queda do nazismo e do Estado Novo, em 1945; o segundo abrangia os jornalistas que militaram ou acompanharam os movimentos estudantis da década de 1960; e o terceiro englobava os “focas” da década de 1970. No nosso estudo, adaptamos essas propostas considerando o contexto da Paraíba.

Nessa relação entre maturidade e mercado de trabalho, essa pesquisa teve como objetivo analisar quais foram as escolhas, negociações e mobilidades na carreira que justificaram a permanência dos jornalistas maduros na profissão diante do cenário de mudanças estruturais e juvenização do jornalismo. Para tanto, abordamos suas histórias de vida em uma perspectiva profissional de modo a compreendermos suas trajetórias por meio de suas narrativas biográficas.

Na análise dos dados das entrevistas utilizamos tabelas de indução analítica (BECKER, 2008). Desse modo, identificamos quais os espaços e funções ocupados pelos jornalistas veteranos no mundo laboral ao longo de suas trajetórias; verificamos como administraram as transformações técnicas, práticas, ideológicas e identitárias na profissão; e observamos como estabeleceram relações com os seus pares e demais participantes do sistema de convenções jornalístico.

Na última seção deste capítulo trazemos tópicos que trataram da relação entre pesquisadora e os entrevistados. Consideramos de fundamental importância estabelecer o contexto das entrevistas e os diálogos intergeracionais. Da mesma forma, destacamos as limitações dessa investigação que parte de diferentes perspectivas e lugares de fala. Estas envolvem experiência e juventude, assim como a universidade e o mercado de trabalho.

#### 4.1 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Para o desenvolvimento deste estudo realizamos uma pesquisa exploratória sobre os estudos relacionados aos jornalistas veteranos e a juvenização da profissão, assim como sobre a utilização da abordagem do interacionismo simbólico nos trabalhos acadêmicos no jornalismo. Sobretudo nos interessou identificar aqueles que aplicavam o conceito de carreira ao nosso campo de estudo. Nos tópicos a seguir apresentamos como operamos tal busca e os resultados encontrados.

##### **4.1.1 A definição de jornalista veterano pelas pesquisas acadêmicas**

Os jornalistas veteranos já foram objetos de artigos, monografias, dissertações, teses e capítulos de livros, serviram de informantes em análises sobre o jornalismo ou mesmo foram personagens de narrativas biográficas ou de coletâneas memorialísticas. Há uma série de estudos nos quais são mencionados e caracterizados. É a partir deles e da análise dos nossos

próprios dados que podemos traçar um perfil inicial dessa figura considerando seus pontos em comum. Também nos preocupamos em localizar projetos acadêmicos e outros trabalhos científicos nos quais o tema do envelhecimento fosse enfocado pela perspectiva do jornalismo.

Na pesquisa no campo de buscas do Catálogo de Teses & Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), inserimos termos como “jornalistas veteranos”, “antigos jornalistas” e “jornalistas experientes” como forma de direcionar os resultados para trabalhos próximos ao nosso sobre a carreira dos jornalistas maduros em João Pessoa. O portal nos retornou 433 dissertações e teses que tratavam da identidade jornalística, modificações no mercado e no perfil dos jornalistas, precarização, entre outras temáticas correlatas ou distantes. Oito deles se referiram especificamente à veterance ou ao envelhecimento. Ampliamos nossas pesquisas para artigos publicados em revistas, anais de eventos e livros. Mesmo em obras nas quais esses atores não eram os protagonistas, localizamos contribuições pertinentes para as nossas discussões.

Em resumo, pudemos identificar, da leitura dos estudos considerados, uma tendência na abordagem dos jornalistas veteranos a partir da perspectiva tecnológica, considerando os processos informáticos e digitais, no sentido da adaptação ou da resistência às novas práticas jornalísticas que os acompanham. Outro aspecto focado foram os conflitos intergeracionais, na busca por compreender como se estabelece a relação entre jovens e velhos profissionais do jornalismo. As pesquisas também abordavam a exclusão ou permanência desse profissional no mercado de trabalho. Incluiu-se ainda a figura do mais experiente como um referencial de memória de sua época.

Em sua pesquisa sobre *O Mundo dos Jornalistas*, Travancas (1992) entrevistou cerca de cinquenta profissionais do Rio de Janeiro, de diferentes veículos de comunicação, dividindo-os entre “jovens” e “eternos” jornalistas para compreender como se constituía suas identidades e em que estas estavam ancoradas, em uma perspectiva antropológica. O veterano no seu estudo é definido como o mais velho e experiente, com mais de vinte anos de vivência na profissão, bem-sucedidos em suas carreiras e notórios pelo seu trabalho.

A autora observou que havia neles uma identidade em comum quanto ao papel da carreira em suas vidas, da relação com a profissão e na forma como mantinham-se envolvidos com ela mesmo após tantos anos de atividade. Eram vistos como uma elite não só do jornalismo, mas da sociedade, dado que eram “pessoas famosas, notórias pela sua profissão, têm prestígio, algumas mais, outras menos poder, estão bem situadas financeiramente e todas se mostram bem-sucedidas em termos profissionais” (TRAVANCAS, 1992, p. 79).

Já Lobo (2010), em seu estudo *Processos de socialização em jornalismo: adestrando 'focas' ou treinando trainees* investigou as visões de mundo e concepções entre jornalistas veteranos e principiantes, a partir da análise etnográfica de cursos oferecidos por dois grupos empresariais de jornal impresso. O autor utilizou os conceitos de *habitus*, capital e campo de Pierre Bourdieu para observar os aspectos envolvidos nas socializações entre novos e velhos. Na pesquisa, Lobo (2010) caracterizou os jornalistas mais experientes como detentores de um capital cultural adquirido pelas vivências na profissão, sem diploma de jornalista, que estabelecem uma tutela de ensinamento do jornalismo para os mais jovens e que aderem a um discurso saudosista em seus relatos.

Em artigo intitulado *Historia personal de la enseñanza del periodismo*, Gómez (2007) descreve esse papel de mestre dos mais jovens que o jornalista mais velho desempenhava nas redações. Antes das universidades de Jornalismo surgirem no mundo eram eles os professores, tradição seguida em muitos países nos quais os jornalistas mais experientes formavam um grupo de referência:

Os velhos jornalistas eram, então, mestres dos que se iniciavam. E essa foi durante um longo período a mais efetiva pedagogia para preparar os cronistas e noticiaristas que, mais tarde, se converteriam em redatores e, talvez, com o passar do tempo, no 'cabeça' da empresa editorial na qual haviam chegado sem outras armas além da incipiente vocação, certa avidez literária e, por acaso, uma particular necessidade de expressar sua opinião (GÓMEZ, 2007, p. 1, tradução nossa).<sup>38</sup>

Por veteranos, Silva (2018) considerou os nascidos entre as décadas de 1940 e 1970, a partir do critério geracional, na pesquisa *Fatores de conflitos entre diferentes gerações de jornalistas na imprensa de Campo Grande (MS)*. O autor considerou na análise do estudo as mudanças profissionais ocorridas nas dimensões ideológica, tecnológica e profissional, a partir dos grupos *Baby Boom*, X e Y. Para identificar possíveis enfrentamentos intergeracionais entre veteranos e novatos, o pesquisador entrevistou quinze jornalistas. Seus informantes mais velhos tinham mais de sessenta anos de idade e mais de quarenta de carreira.

Segundo o autor, entre as características dos veteranos, pertencentes à geração *Baby Boom*, estava a visão do jornalismo como sacerdócio, ofício que não pretendiam deixar mesmo depois da aposentadoria. Tinham ainda um sentido de dever social, fidelidade aos empregadores, respeito à hierarquia e valorização da experiência. No que diz respeito ao

---

<sup>38</sup> Los 'viejos' periodistas eran, entonces, maestros de los que se iniciaban. Y esa escuela fue durante un largo período la más efectiva pedagogía para preparar a los cronistas y noteros que, más tarde, se convertirían en redatores y, a lo mejor, con el paso del tiempo, en la cabeza de la empresa editorial a la que habían llegado sin más armas que la incipiente vocación, cierta avidez literaria y acaso una personal necesidad opinativa<sup>38</sup> (GÓMEZ, 2007, p. 1).

relacionamento com profissionais jovens, a pesquisa não identificou conflitos no discurso dos entrevistados já que os mais velhos não disputavam mais espaço no mercado, estavam estabilizados ou fora da área. A Geração X, ainda no grupo dos mais experientes, também tinha uma forte ligação com o trabalho e eram mais adaptados às tecnologias do que os anteriores, vistos como imigrantes digitais. Estes detinham mais de quarenta anos de idade e cerca de vinte de carreira.

Um estudo sobre as carreiras dos jornalistas-seniores brasileiros compôs um dos capítulos do livro *O jornalista: do mito ao mercado*, organizado por Adghirni, Pereira e Moraes (2017). Com o título de *O lugar do jornalista sênior nas empresas de mídia*, a pesquisa de Adghirni (2017) teve como objetivo verificar como os veteranos reagem às mudanças provocadas pela introdução das tecnologias digitais no processo de produção de notícias e como permaneciam ativos, apesar da idade madura, nas principais empresas de mídia do país. O estudo não considerou os assessores de imprensa, de comunicação, jornalistas funcionários de órgãos governamentais e empresas privadas, professores de jornalismo e consultores em comunicação.

Na pesquisa foram entrevistados vinte jornalistas, de grandes conglomerados de mídia, selecionados pelo critério de idade cronológica<sup>39</sup>, sendo catorze homens e seis mulheres, com uma amostra escolhida de forma aleatória. Adghirni (2017) usou a expressão jornalista “sênior”, comumente aplicado no ambiente corporativo, que designa o indivíduo que acumula mais tempo de experiência profissional em contraposição a “júnior”, o mais jovem e iniciante. As questões de pesquisa diziam respeito a carreira a partir da formação, trajetória, veículos onde trabalhou, cargos ocupados; principais dificuldades enfrentadas na travessia do jornalismo tradicional para as tecnologias digitais; mudanças nos conceitos de notícia; relações com os jovens jornalistas; faixa salarial; permanência no trabalho e perspectivas pós-aposentadoria.

Em outros estudos observamos que a questão temporal e a memória também atribuíram sentidos à veterance e nomeavam grupos. Em 1950, foi criada, no Rio de Janeiro, a Ordem dos Velhos Jornalistas (OVJ), por iniciativa de antigos sócios e ex-conselheiros da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), com o objetivo de constituir a história da imprensa nacional. Com base nas publicações da OVJ, Ribeiro (A.P.G, 2006) escreveu um capítulo intitulado *Velhos*

---

<sup>39</sup> Segundo Adghirni (2017), o intuito era entrevistar jornalistas com mais de 60 anos de idade, mas uma sondagem inicial demonstrou que estes eram raros nas empresas de mídia comercial. Foram ouvidos profissionais que atuavam em grandes conglomerados de mídia: Rede Globo de Televisão (Globo News e Globo Esporte); jornal O Globo (sede no Rio de Janeiro); jornal Valor Econômico (sucursal de Brasília); jornal O Estado de S. Paulo (sucursal de Brasília e redação em São Paulo); jornal Folha de S. Paulo (redação em São Paulo); jornal Correio Braziliense (redação em Brasília); Rede Brasil Sul de Comunicação (RBS); Cia. Jornalística Caldas Júnior (ambas em Porto Alegre) e jornalistas que têm blogs hospedados em grandes jornais, tais como O Globo e Sul 21.

*jornalistas: memória, velhice e identidade profissional*, no livro *Construções do tempo e do outro: representações e discursos midiáticos sobre a alteridade* (FREIRE FILHO; VAZ, 2006), com o objetivo de refletir sobre a relação destes elementos no sentido da profissão e do processo de envelhecimento.

Os próprios sócios da OVJ autodenominavam-se “velhos”. Nos periódicos da entidade, em circulação durante as décadas de 1960 e 1980, os jornalistas costumavam relatar suas trajetórias profissionais e os sentidos da profissão, de modo a promover suas recordações e a construção da história do jornalismo (RIBEIRO, A.P.G. 2006). A OVJ surgiu em um contexto de reformas redacionais e editoriais nos jornais, um movimento que levou à substituição dos antigos jornalistas e à contratação de equipes mais jovens com idades entre vinte e trinta anos. Nas publicações da Ordem, os veteranos tanto rememoravam o “jornalismo boêmio”, como exaltavam a “modernização” da imprensa. Na década de 1960, nasceu a Ordem dos Velhos Jornalistas em São Paulo, cujos fundadores tinham mais de 25 anos de profissão.

Já Buitrón e Campos (2005), no livro *Periodismo por dentro: una pausa en medio del vértigo*, mostraram que o termo “velhos jornalistas” está também associado aos profissionais que tendem a permanecer estagnados em antigos conceitos, métodos e procedimentos, resistentes aos processos de renovação no jornalismo, o que desconsidera a idade como definição. Esse conceito caminha com o de “velho jornalismo”, constituído por práticas anteriores às transformações tecnológicas digitais aos quais os jornalistas precisam adaptar-se aos processos produtivos para manterem-se no mercado.

Os impactos provocados pela informática na imprensa foram a base do estudo *Cemitério de elefantes: a exclusão de jornalistas veteranos nas redações no Distrito Federal*, de Garschagen (2012). O uso do termo “cemitério” é uma referência ao afastamento dos profissionais de “cabelos brancos” da apuração, considerando esses indivíduos como “meio mortos, meios vivos, sem energia para se reinventarem em um ambiente de competitividade” (GARSCHAGEN, 2012, p. 27), recolhidos aos aposentos. O autor realizou um levantamento bibliográfico da imprensa brasileira e reuniu depoimentos sobre o afastamento dos profissionais maduros.

Já no campo da Gerontologia, os sentidos do envelhecer na profissão foi o tema da pesquisa *A velhice e o envelhecimento: seus significados na vida de um grupo de jornalistas com mais de 60 anos de idade*, de Pagenotto (2011). Foram entrevistados seis profissionais da imprensa escrita do Estado de São Paulo, com o objetivo de analisar a relação entre os jornalistas e o modo como envelhecem nessa atividade, e suas reflexões sobre o processo pessoal e sociocultural do envelhecimento.

Uma das características observadas por Pagenotto (2011), no campo profissional, foram os marcadores cronológicos que esse grupo trazia em seus discursos. Foram exemplos o período da ditadura militar, o engajamento nos partidos políticos de esquerda, a influência dos movimentos das décadas de 1960 e 1970, o feminismo, a entrada dos computadores na redação e as transformações no fazer jornalístico e as tensões intergeracionais. Nesse *corpus*, a autora não identificou a ideia de exclusão dos jornalistas, mas observou que todos se encontravam ocupando funções de colaboradores terceirizados ou como *freelancer*. Pagenotto (2011) enxergou nessa condição um indício de que não haveria espaço para eles nas redações. Ainda assim, segundo a pesquisadora, ao se mostrarem ativos, subvertiam o imaginário da aposentadoria como recolhimento do mais velho.

Em consulta aos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) do Bacharelado em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), disponíveis nos últimos cinco anos no portal da coordenação, não localizamos monografias que contivessem no título termos como “envelhecimento”, “idoso”, “velhice” ou “veterano”. Entretanto, havia pesquisas que foram realizadas com jornalistas mais experientes para produção de perfis, análises de obras ou entrevistas sobre o jornalismo.

No Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ) da UFPB, na busca pelas mesmas palavras-chave, localizamos uma dissertação intitulada *Conteúdos digitais interativos para pessoas idosas: uma proposta para o telejornal da TV UFPB*, de Correia (2016), pesquisadora com faixa etária correspondente ao seu objeto de estudo. Entretanto, a pesquisa é voltada para um público específico, sem focar os jornalistas. Outros trabalhos dentro desse programa tiveram os jornalistas veteranos como objeto de estudo por meio de perfis biográficos e entrevistas sobre temáticas pertinentes ao campo jornalístico, com mestrados pertencentes aos diferentes grupos etários.

Uma das pesquisas de caráter biográfico foi o livro-reportagem *No rastro de Hilton, esbarrei na minha existência: diário de uma jornalista em sua primeira grande reportagem*, de Ramos (2017), sobre Hilton Gouvêa, considerado um dos mais antigos repórteres ainda em atividade no estado, com uma carreira de mais de quarenta anos no jornalismo. No livro-reportagem *O processo de construção dos colunistas de opinião no jornalismo paraibano*, Procópio (2016) entrevistou sete jornalistas, dos quais cinco eram veteranos como Rubens Nóbrega, Lena Guimarães, Walter Santos, Nonato Guedes e João Manoel de Carvalho.

Além de uma tendência na abordagem temática, também identificou-se uma similaridade metodológica nas pesquisas encontradas. A maioria dos trabalhos partiu do ponto de vista antropológico, com inspiração etnográfica, ou seja, trabalhando com a descrição dos

costumes ou da cultura de um grupo. Nesse sentido, foram utilizadas técnicas como a observação participante, entrevistas em profundidade, diário de campo, além da organização de grupos focais e da aplicação do método biográfico em pesquisas com diferentes *corpus*. Essa relação entre Antropologia e Jornalismo, segundo Lago (2007), surgiu com mais ênfase por influência da chamada “Escola de Chicago”, ainda no início do século XX. No tópico adiante damos continuidade ao nosso levantamento bibliográfico. Nele tratamos das pesquisas sobre juvenização da profissão jornalística.

#### **4.1.2 Ramificações do processo de juvenização na literatura jornalística**

Para o nosso estudo buscamos compreender o processo de juvenização do jornalismo e suas principais características. Nas obras que tratavam da história das mídias, do mercado de trabalho, da convergência profissional, entre outras temáticas correlatas, bem como em entrevistas, identificamos menções referentes à composição do quadro pessoal das redações, no que diz respeito ao gênero e a faixa etária dos jornalistas.

Um dos exemplos foi o estudo de Kucinski (2003) sobre a imprensa alternativa durante o período do Regime Militar (1964-1985). No expediente desses periódicos o pesquisador identificou jornalistas de diferentes gerações. Os mais velhos haviam sido demitidos por questões políticas e ideológicas dos grandes jornais e foram substituídos por profissionais menos experientes.

Ribeiro (2006), em sua tese de doutorado em Ciências Sociais, defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em 1992, analisou as condições e contradições do trabalho jornalístico. O autor realizou uma observação participante nos jornais *Folha de S. Paulo* e em *O Estado de S. Paulo*, bem como entrevistas com quinze jornalistas. Em seu recorte, o autor verificou como ocorria a entrada dos jovens na profissão, sobretudo em fases de transição editorial e tecnológica.

Em sua dissertação de mestrado em Sociologia Política, defendida na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Baldessar (1998) investigou mais especificamente as mudanças ocorridas na redação e nos procedimentos de trabalho com a informatização. Por meio de um grupo de discussão na internet, a pesquisadora reuniu jornalistas de diferentes faixas etárias e regiões do país, entrevistando dezesseis deles que vivenciaram a transição da máquina de escrever para o computador. O estudo identificou as novas exigências na formação dos profissionais e as dificuldades de adaptação ao novo instrumento, assim como as vantagens que os mais jovens tinham com relação a essas transformações.

Um artigo de Josephi e Oller Alonso (2018) abordou a temática da juvenização ao comparar as idades da força de trabalho jornalística com a da força de trabalho geral, em sessenta países, com base nos dados do projeto *Worlds of Journalism Study* (WJS). Os pesquisadores concluíram que o jornalismo é uma profissão de jovens, além de apresentarem motivos e consequências desse processo na carreira jornalística. Estudos quantitativos e qualitativos realizados no Brasil, na América Latina, Europa e América do Norte também apresentaram e discutiram este cenário (MICK; LIMA, 2013; MOREIRA; OLLER ALONSO, 2018; PEREIRA; LE CAM, 2018; PEREIRA, 2019).

Diante do quadro presente nesses estudos, também pesquisamos mais especificamente por “juvenização” ou “juvenilização” do jornalismo nos repositórios de busca. Na nossa pesquisa ainda articulamos o processo com o conceito de etarismo. Assim, procuramos por casos de ageísmo na mídia na Paraíba, nas demais regiões brasileiras e em outros países, reportados em publicações noticiosas ou discutidos em pesquisas acadêmicas. Identificamos, por exemplo, episódios de preconceito etário na *British Broadcasting Corporation* (BBC), corporação pública de rádio e televisão do Reino Unido, reportados por apresentadoras e repórteres. No Brasil, não localizamos estudos específicos sobre a temática, mas destacamos algumas passagens em trabalhos como o de Stawski (2015).

Em sua tese de doutorado apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Stawski (2015) investigou como a figura feminina era apresentada dentro do espectro do telejornalismo brasileiro, analisando as apresentadoras Renata Vasconcellos, Raquel Sheherazade e Paloma Tocci. A pesquisadora identificou características comuns entre as mulheres ao longo da história do jornalismo de televisão, com destaque para juventude, sobretudo com relação ao seus companheiros de bancada, em geral, mais velhos. Diante desses e de estudos complementares, desenhamos a fundamentação teórica da nossa pesquisa. Nosso levantamento também contemplou investigações com abordagem interacionista, como descrevemos no tópico a seguir.

#### **4.1.3 Interacionismo Simbólico e os estudos no jornalismo**

Em pesquisa também ao Catálogo de Teses & Dissertações da Capes e ao *Google Acadêmico* localizamos alguns trabalhos com abordagem interacionista. Entre eles estavam as pesquisas desenvolvidas por Grohmann (2009), Pereira (2009, 2011, 2018), Bueno, Alves e

Ferreira (2017), Silva (2017), Abrão (2018) e Oliveira (2018). Nesse sentido, nos interessou encontrar pesquisas que se centrassem no conceito de carreira.

No levantamento tivemos acesso à tese de doutorado *Os jornalistas-intelectuais no Brasil: identidade, práticas e transformações no mundo social*, defendida por Pereira (2008), no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (PPGCOM/FAC/UnB). A pesquisa de Pereira (2008) teve como objetivo analisar o processo de construção identitária de indivíduos que dividiam a atividade jornalística com outros espaços sociais como a literatura, a universidade, o engajamento político etc. O pesquisador selecionou dez jornalistas a partir dos quais analisou como negociavam suas práticas e estatutos no mundo social dessa categoria. Para isso o autor adaptou pressupostos contidos na obra *Mundos da Arte*, de Howard Becker (2010) e conclusões extraídas do livro de Travancas (1992).

O interacionismo simbólico também foi base para uma pesquisa intitulada *A dimensão ideológica do jornalismo e o outro generalizado: formação acadêmica e mercado de trabalho na construção profissional do estudante de Jornalismo da UFRN*, apresentado por Silva (2015), ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGEM/UFRN). O que o autor definiu como dimensão ideológica relacionava-se a uma construção discursiva que envolvia os valores, práticas, representações e a cultura profissional, compartilhada entre os membros de um mesmo mundo social, que produziam sentido. Seria, assim, a ideia do jornalista como representante da sociedade, mediador imparcial, integrante da esfera do contrapoder, de um comunicador, um intelectual ou artista, herói e mesmo constituído de características negativas.

Nessa direção, o pesquisador, ao investigar como esse grupo formava a sua ideologia profissional, utilizou tanto autores do mundo jornalístico, como os interacionistas como Becker (2010), Blumer (1980), Mead (1973) e Strauss (1999), além das adaptações de mundo social de Travancas (1992) e Pereira (2003, 2008, 2009). Desse modo, com a realização de grupos focais, tendo em vista a natureza do interacionismo simbólico e demais conceitos, Silva (2015) identificou que o *self* do estudante adere a essa dimensão ideológica, mas que esse outro generalizado, conceito trazido por Mead (1973), poderia sofrer alterações ao longo da trajetória desse jornalista. Dentro da abordagem interacionista, nossa pesquisa apropria-se do conceito de carreira e das reflexões desses pesquisadores. Nas seções seguintes tratamos de aspectos metodológicos da nossa pesquisa.

## 4.2 MÉTODOS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para esta pesquisa utilizamos métodos mistos de coleta de dados. Nos tópicos seguintes descrevemos nossa concepção das Histórias de Vida e da formulação de entrevistas, assim como as características desta na investigação com jornalistas. Também apresentamos outras formas de levantamento e registro de informações úteis para o estudo. Explicamos também como foram realizados o mapeamento exploratório e o questionário.

### 4.2.1 Histórias de vida na perspectiva profissional

Para analisarmos as carreiras profissionais dos jornalistas veteranos, optamos pelo método das histórias de vida. Essa linha parte do interesse em recuperar informações de uma realidade social a partir do registro da vida de uma pessoa. Sua construção advém de uma visão subjetiva a respeito de um curso de vida, diante de expectativas, experiências e resultados, em direção a um olhar refletido no passado que inclui aspirações, objetivos, eventos, relações sociais e pontos de virada, entre outros fatos (HEINZ, 2016). A história de vida pode ser enfocada tanto como documento, quanto como técnica de captação de dados, estando ambas diretamente relacionadas.

De acordo com Becker (1997), a história de vida não é um “dado”, uma autobiografia ou mesmo ficção. É, na realidade, a busca por um relato da experiência de um indivíduo e uma interpretação desse sujeito inserido no mundo no qual vive. O papel do pesquisador neste processo é o de orientar seu informante de acordo com as temáticas que se propõe a investigar, questionando-o sobre os acontecimentos e contrastando informações. A partir da obtenção desse longo depoimento, o investigador tem diante de si um amplo espectro de análise.

As duas principais vantagens das histórias de vida são seu poder de direcionamento que permite especificar um evento e, sua capacidade de captar mais plenamente a dimensão temporal dos fatos investigados e seu encadeamento (LINES; MORALES; VIRUET, 1988). Há ainda outras possibilidades, tais como servir como ponto de referência de avaliação de teorias, como auxílio para áreas de pesquisa a ela relacionadas tangencialmente, no fornecimento de uma visão do lado subjetivo de processos institucionais, ampliação de variáveis de uma área de estudo devido a sua riqueza de detalhes e ainda a possibilidade de dar um sentido à noção de “processo” (BECKER, 1997).

Entre suas desvantagens estão a dificuldade de encontrar argumentos válidos para que seja imputado representatividade, confiabilidade e veracidade aos dados obtidos. As críticas quanto ao método se referem ao seu caráter subjetivo. Pesquisadores argumentam que é errôneo buscar técnicas mais apuradas para torná-lo objetivo e que o mais correto é assumir suas características, ou seja, sua subjetividade enquanto (re)construção e interpretação do real (SALTALAMACCHIA, 1992). Justifica-se, desse modo, o uso de diferentes fontes, além das entrevistas com os informantes principais, a confrontação de respostas e dados, assim como o auxílio de outros recursos como o diário de campo e a transparência por meio da descrição dos métodos e da transcrição das entrevistas nas pesquisas que a utilizam.

Em uma perspectiva de compreensão do processo social, entendido como uma interação simbolicamente mediada, os cientistas optam pelo uso da entrevista e de questionários para analisar os sujeitos. Desse modo, como afirma Becker (1997, p. 110-111), “ela descreverá episódios interativos cruciais nos quais novas fronteiras de atividade individual e coletiva são forjadas, nos quais novos aspectos do eu são trazidos à existência”, apresentando desse modo uma base realista do processo subjacente.

Para a construção das histórias de vida há diferentes técnicas na vertente sociológica, tais como as que se baseiam nas autobiografias, cartas e diários, nas quais são os próprios autores que relatam suas experiências; os testemunhos orais, onde o indivíduo apresenta sua visão como membro de uma determinada circunstância social e temporal; e a enquete ou questionário biográfico, com o qual o investigador propõe perguntas ao informante para averiguar a vida e as relações do indivíduo pesquisado. Já na tradição antropológica privilegia-se a observação participante e o uso de entrevistas (grupais, individuais, dirigidas ou não-dirigidas).

Para a pesquisa sobre a carreira dos jornalistas veteranos optamos por uma triangulação metodológica, baseada na perspectiva antropológica. Como estivemos diante de diferentes configurações profissionais, a utilização da observação participante seria inviável, assim como o tempo reduzido para o acompanhamento da rotina dos profissionais também não se adequaria às características necessárias para ser configurada como etnografia. Ocorre que, para se compreender o comportamento de pessoas e de grupos, assim como sua evolução, é necessário observá-los por um longo período e não em um único momento. No tópico a seguir descrevemos nossa compreensão dessa escolha metodológica.

#### **4.2.2 Monólogos e diálogos na entrevista**

Na geração das histórias de vida, as entrevistas podem ser aplicadas de forma individual ou em grupo, de caráter dirigido ou não-dirigido, combinadas com as observações de comportamento dos interlocutores e das situações de realização destas. Na nossa pesquisa nos apropriamos das entrevistas semiestruturadas e em profundidade. Nessa modalidade o entrevistador é livre para experimentar as diversas e numerosas perguntas que o levem a atender suas questões de pesquisa. Estas podem ser abandonadas, trocadas ou refeitas para compreender as causas e requerer um aprofundamento das respostas dadas pelo informante (KAUFMANN, 2013).

Por ser uma técnica de interação social, conforme Medina (2011), esta impõe restrições e aspectos que devem ser considerados ao longo de sua realização como as condições de tempo, a desigualdade e a mobilidade de *status*, a sensibilidade do entrevistado e do entrevistador, as organizações envolvidas, entre outros fatores. Segundo a autora, por estar na área de interação social, a entrevista envolve, além da técnica, um compromisso com a comunicação coletiva. Ainda por estar ancorada na linguagem, a entrevista está sujeita a desvios, fabulações e dissimulações, conforme alertou Morin (1973). Daí a necessidade da perspicácia do pesquisador para compreender a construção da realidade a partir dessa narrativa.

De acordo com Hammer e Wildavsky (1990), a entrevista não deve se converter em um interrogatório e, apesar de sua aproximação com o contexto de uma conversa, é melhor pensada como um monólogo guiado. Nem completamente livre e nem de todo controlada, nela o entrevistador encaminha a discussão em direção às áreas que sejam mais proveitosas para a pesquisa, na busca pelo aprofundamento das temáticas. Para os autores, a decisão sobre quais perguntas serão feitas em cada momento está acompanhada da combinação de dois elementos: “por um lado, o prévio planejamento sobre os temas que se pretende abordar, por outro, as reações do entrevistado que nos levarão por assuntos por ele apresentados, no caso de os julgarmos interessantes” (HAMMER; WILDAVSKY, 1990, p. 41, tradução nossa).<sup>40</sup>

Com base em experiências de pesquisa, Pereira e Neves (2013) empreenderam uma reflexão a respeito da entrevista com jornalistas, profissional acostumado a aplicar tal técnica em sua atividade cotidiana, mas que desconhece, em geral, suas diferentes dinâmicas da modalidade na pesquisa acadêmica. Os pesquisadores apontaram uma série de aspectos que devem ser observados na relação entrevistador-jornalista. Trabalhos anteriores com estes profissionais mostraram como podem procurar se impor como “*experts*” da técnica de

---

<sup>40</sup> “Por un lado, la planificación previa respecto a los temas que se quieren cubrir, por otro, las reacciones del entrevistado que nos llevarán a seguir asuntos por el planteados, en caso de juzgarlos interesantes” (HAMMER; WILDAVSKY, 1990, p. 41).

entrevista, apropriarem-se do vocabulário acadêmico e terem um desejo de colaborar na condução da própria pesquisa, além de adotarem uma "linha oficial" com o uso de discursos correntes para descrever ou explicar situações.

Para quadros como esses, os autores recomendam aos pesquisadores que tentem prolongar ao máximo o tempo da entrevista, para que entrevistador e entrevistado se habituem aos termos da interação, "invertam" os papéis durante a entrevista e partilhem informações e pontos de vistas ligados à experiência pessoal do investigador, o que deixaria o informante mais à vontade, além de alternarem questões de pesquisa com perguntas vinculadas à vida particular do entrevistado. Em um segundo momento descreveremos nossa relação com os pesquisados, cenários e reflexões sobre esses encontros. A seguir apresentamos outras formas de registros utilizadas na pesquisa.

#### **4.2.3 Unidades de registros da memória**

De forma a ampliar os dados da pesquisa, artigos, monografias, teses e dissertações, livros, biografias, publicações em redes sociais digitais dos jornalistas ou sobre eles, tanto no que se refere a suas trajetórias pessoais, quanto no que diz respeito a aspectos referentes aos seus trabalhos, foram considerados neste estudo. Essa diversidade de fontes é comum nos trabalhos com abordagem de narrativas orais de histórias de vida que ainda inclui o uso de conteúdos fotográficos, audiovisuais e de arquivos da internet (FRISCH, 2008).

A partir desses conteúdos anteriores às entrevistas foi possível fazer associações e contrastar depoimentos com temáticas pertinentes, coletar dados sobre os informantes e acrescentar novos aspectos para serem discutidos na investigação junto aos jornalistas. Os documentos permitem acompanhar a maturação dos indivíduos, o desenvolvimento de um grupo, de uma instituição ou de uma cultura, práticas e comportamentos (TREMBLAY, 1968), como em uma espécie de corte longitudinal, ou seja, a comparação de uma pessoa em diferentes fases da vida.

Ao longo da pesquisa tivemos acesso a projetos memorialísticos e livros com depoimentos de jornalistas, tais como *Imprensa de cada um: 15 anos depois*, nos quais constavam entrevistas e artigos desses profissionais, de Rezende e Valusca (1996), *A União: Escola de Jornalismo*, de Carneiro (2018), o programa *Cobra Criada*, de Nóbrega (2018), além de cadernos comemorativos de jornais e de entidades de classe. Também consultamos obras escritas pelos jornalistas com relatos de suas trajetórias profissionais, crônicas, artigos, reportagens, encontrados em livrarias e sebos, assim como recebidos dos entrevistados ao longo

do estudo. No tópico a seguir apresentamos mais um instrumento de registro das informações coletadas.

#### **4.2.4 Percepções em diário de campo**

Diante de uma circunstância interativa como a entrevista e em um amplo universo de dados, a utilização de um diário de campo nos permitiu registrar diversas situações e percepções ao longo do estudo. Na investigação sobre a carreira dos jornalistas veteranos esse tipo de documentação foi útil para anotações referentes aos informantes, aos contextos das entrevistas, a forma de relacionamento deles com a pesquisadora, as dificuldades e qualquer outro dado que contribuísse no curso da atividade de pesquisa.

Conforme Demo (2012), o diário de campo pode conter tanto notas de caráter mais descritivo, com registros de gestos, pessoas, ações e conversas preliminares ou paralelas, como também ser um recurso escrito de cunho mais reflexivo, no qual estão expressos os pontos de vista do pesquisador, suas ideias e preocupações (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Essa ferramenta também foi importante para rememorar aspectos da entrevista e para marcar outros que não poderiam ter sido registrados pelo gravador.

Iniciamos nosso diário com as reflexões da primeira orientação, datada de 15 de fevereiro de 2019, com as sugestões de ampliação do recorte, anteriormente composto apenas por profissionais de dois grupos de mídia. Nas páginas seguintes, após o fichamento de algumas leituras encaminhadas pela orientadora, escrevemos observações iniciais sobre o nosso objeto de pesquisa, lembrando o que já tínhamos lido e ouvido dos jornalistas veteranos sobre a sua relação com o envelhecimento, as mudanças na carreira e nossas percepções sobre o mercado de trabalho atual. Os discursos envolviam o entendimento de uma idade de corte na televisão e o prazo de validade em determinados postos no jornalismo, assim como a necessidade da reinvenção.

Esse documento nos serviu tanto como um bloco de anotações de possíveis referências e para fichamento do material lido, quanto para traçar os passos da pesquisa com os nomes de prováveis entrevistados, a estrutura dos capítulos e questionamentos que surgiram ao longo do estudo. Desse modo, pudemos acompanhar a própria evolução de nossa investigação ao estabelecer relações entre maturidade e jornalismo, assim como entre idade da força de trabalho brasileira e faixa etária dos jornalistas.

Em um segundo caderno passamos a relatar o contexto das entrevistas já realizadas, nossa relação com os entrevistados, desde o primeiro contato até o encontro efetivo. Foram

registrados aspectos não captados pelo gravador como os gestos, a postura, o tom e ritmo de voz, o clima em que começavam e terminavam os encontros, detalhes do ambiente, as interrupções, entre outros aspectos.

Nestas páginas também destacamos os primeiros elementos comuns dos discursos como o ingresso no mercado por meio de indicações, as redações barulhentas, a presença dos mestres, as mudanças nas linhas de carreira, entre outros pontos. Também agregamos neles informações sobre jornalistas veteranos registradas em livros, assim como novas reflexões sobre o nosso objeto de pesquisa e as referências teóricas. No tópico a seguir apresentamos mais um procedimento do estudo.

#### **4.2.5 Mapeamento exploratório do cenário local**

De modo a identificar em quais espaços e ocupações no mercado de trabalho estavam os jornalistas veteranos, partimos da organização de um mapeamento exploratório dos vínculos profissionais na cidade de João Pessoa. Para realizarmos esse levantamento estabelecemos um recorte dos campos de atuação de nosso objeto de estudo, delimitado entre ambientes privados, públicos e independentes. A primeira fase do levantamento foi iniciada em julho de 2019 e encerrada em janeiro de 2020.

No caso dos ambientes privados, incluímos os conglomerados de mídia sediados na capital paraibana. Desse modo, selecionamos a Rede Paraíba de Comunicação, Sistema Correio de Comunicação, Rede Tambaú de Comunicação, Sistema Arapuan de Comunicação, Sistema Opinião de Comunicação e Rede Paraibana Master. Foram, ao todo, 26 veículos, com nove emissoras de rádio, seis canais de televisão, oito portais, dois *sites* e um jornal impresso que estava em circulação até a data da coleta.

Com relação aos órgãos públicos, inicialmente delimitamos os da esfera estadual e municipal. Desse modo, integraram esse mapeamento a Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), circunscrevendo-se à Rádio Tabajara e o jornal *A União*, as secretarias de comunicação do Estado e a do município, além das assessorias dos poderes públicos como as do Judiciário (Tribunal de Justiça da Paraíba e Ministério Público da Paraíba) e do Legislativo (Assembleia Legislativa, Câmara Municipal e Tribunal de Contas do Estado). Posteriormente, incluímos as instituições federais como Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB), Tribunal Regional do Trabalho da 13ª Região (TRT13), na primeira fase, e depois a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Instituto Federal da Paraíba (IFPB), entre abril e maio de 2020.

Entre os meios particulares independentes consideramos as plataformas digitais e as revistas. No caso dos portais, *blogs* ou iniciativas audiovisuais, listamos aqueles que foram registrados na base de dados do Alexa, empresa que realiza um ranqueamento de *websites* conforme o número de acessos. Para melhor exatidão nos dados buscamos informações na Associação de Mídias Digitais da Paraíba (AMIDI). Em 20 de abril de 2020 tentamos contato com o presidente da entidade, o jornalista Heron Cid, mas não obtivemos retorno. Até a última consulta na internet, em novembro de 2020, a AMIDI não tinha página oficial.

Ainda no caso dos veículos de comunicação privados independentes, incluímos as revistas em circulação na cidade. Havia uma variedade de publicações temáticas deste segmento, fossem em órgãos particulares ou públicos, mas não era objetivo do estudo realizar um levantamento delas. Optamos por partir daquelas com finalidade jornalística informativa, com exemplares impressos ou digitais. Foram consideradas as revistas Nordeste e A Tribuna, as mais tradicionais na cidade de João Pessoa.

Entre os dias 31 de julho e 8 de agosto de 2019 enviamos *e-mails* com solicitações de dados para a pesquisa para as direções de jornalismo e departamentos de recursos humanos dos grupos de mídia, conforme indicação de funcionários das empresas. Pedimos o número total de empregados nos respectivos grupos de comunicação, quantos eram os jornalistas com mais de cinquenta anos de idade, seus nomes, funções ocupadas, os maiores e menores salários, assim como quais eram os vínculos empregatícios. Como as solicitações não foram respondidas, como alternativa buscamos realizar um mapeamento por meio dos expedientes disponibilizados em seus canais e suas programações.

Quanto aos órgãos públicos, encaminhamos semelhante solicitação entre 25 de julho e 9 dezembro de 2019, por meio da Lei de Acesso à Informação (Lei nº 12.527/2011), no Sistema Eletrônico do Serviço de Informações ao Cidadão (e-SIC) e pelas ouvidorias. Os pedidos começaram a ser respondidos a partir do dia 6 de agosto do mesmo ano. Sobre o contato e o conteúdo das respostas fazemos algumas observações. Até o momento de redação desta pesquisa, em novembro de 2020, nosso pedido no portal do Ministério Público Estadual (MPPB) ainda estava em análise. A Câmara Municipal de João Pessoa (CMJP) não respondeu às duas solicitações enviadas e as informações nos foram repassadas, posteriormente, pela Secretaria de Comunicação.

No que se refere ao conteúdo das respostas, estas nos chegaram com formatos variados. Embora tenhamos exposto no texto que acompanhava as solicitações que considerávamos as diversas funções jornalísticas, tais como repórteres, editores, apresentadores, locutores, assessores, além dos cargos de chefia, direção e gerência, alguns órgãos tinham em seus

registros, ora servidores lotados como jornalista, ora por função, ou por ambos. Nesse aspecto, nos baseamos no Decreto nº 83.284, de 13 de março de 1979, que regulamentou o exercício da profissão de jornalista. Mesmo não atendendo as modificações ocorridas na área, esta é a legislação mais recente.

Quanto à integralidade das respostas dos pedidos, em alguns casos foram apresentados dados parciais, como a Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB) que não repassou detalhes de seus quadros, mas retornou com as principais informações sobre a quantidade de jornalistas com mais de cinquenta anos de idade. O mesmo ocorreu com EPC que não encaminhou os nomes dos empregados. No que se refere à Secom-PB, percebemos que na listagem dos servidores, uma parcela deles constava como funcionários cedidos ou requisitados de outras entidades como a EPC, TJPB, TCE, TRT13 e ALPB. Ao consultarmos o Sistema de Acompanhamento da Gestão dos Recursos da Sociedade (Sagres), ferramenta do Tribunal de Contas do Estado da Paraíba (TCE-PB), percebemos ainda que havia servidores do perfil estudado que não constavam nos encaminhamentos destes órgãos. No portal do Sagres estavam registrados o nome do trabalhador, data de ingresso no serviço público, lotação e salário.

Em nosso mapeamento, tanto no caso dos órgãos públicos, quanto das empresas privadas, alguns nomes se repetiram. Isso ocorria quando um servidor era lotado em uma instituição e era requisitado por outro, ou quando um jornalista atuava em mais de uma empresa ou função, ou mesmo no serviço público. Ao longo do nosso estudo, também registramos o falecimento de jornalistas que compunham esse levantamento. Como a pesquisa ainda estava em curso, decidimos não os manter na contagem. Com relação aos demitidos ou que deixaram os empregos após o mapeamento, os mantivemos tais como identificados.

Para dar uniformidade aos dados, iniciamos o processo de limpeza destes a partir das informações comuns que constavam nas respostas. Em um documento no *Excel* listamos, manualmente, os jornalistas por instituição, órgão ou empresa aos quais estavam vinculados, cargo e, quando possível, identificação por nome ou gênero. Foram montadas três planilhas nas quais havia, individualmente, os dados dos jornalistas da iniciativa privada, do serviço público e os de veículos independentes. Contabilizamos em cada uma o número de pessoas, de funções e vinculações. Nomes que se repetiam foram excluídos e os que não constavam nas solicitações foram acrescentados. Essa separação nos trouxe uma dimensão da distribuição dos jornalistas maduros no mercado de trabalho local. Já em uma quarta planilha agrupamos as três bases para ter um quadro geral do quantitativo de profissionais.

Também realizamos um levantamento junto à Secretaria Especial de Previdência e Trabalho, órgão vinculado ao Ministério da Economia (SEPRT/ME), para traçar um perfil dos

jornalistas com registro profissional na Paraíba, principalmente em João Pessoa. A solicitação foi enviada via Lei de Acesso à Informação em 8 de setembro de 2020 e respondida em 25 de setembro do mesmo ano. No documento em *Excel* constavam dados por faixa etária, gênero e etnia-raça, de 2016 a 2018, tendo como fonte o relatório da Relação Anual de Informações Sociais (Rais). No tópico a seguir descrevemos a elaboração do questionário que compôs mais uma etapa da pesquisa.

#### **4.2.6 Elaboração de um questionário**

A partir do mapeamento exploratório, identificamos 232 jornalistas com idade igual ou superior aos cinquenta anos, na cidade de João Pessoa, nas instituições e empresas analisadas. Diante desse quadro, avaliamos a viabilidade da aplicação de um questionário para essa amostra. Com a possibilidade de contactá-los pelos canais digitais, ampliamos os perfis dos trabalhadores que não foram incluídos no mapeamento inicial, como no caso dos jornalistas que trabalhavam em agências de publicidade, editoras, demais órgãos federais, do terceiro setor e desempregados.

Iniciamos a elaboração das questões dirigidas aos jornalistas observando nossos objetivos e questões de pesquisa. O questionário aplicado, com 26 perguntas, no formato de múltipla escolha, buscava respostas sobre o lugar do jornalista no mercado de trabalho e a relação deste com a maturidade. No primeiro bloco identificou-se o jornalista por nome, gênero, faixa etária, formação e tempo de carreira; e por sua situação laboral, veículos, funções, regime de trabalho, vínculos e rendimentos salariais. O segundo bloco apresentou dados sobre as horas trabalhadas, ritmo das atividades na maturidade, aposentadoria, mudanças na profissão nesse estágio da vida, relação com as novas tecnologias, problemas no mercado, movimento sindical, relacionamento com os jovens e com a sua própria geração, saúde e atributos da maturidade.

Dentro dessas questões, para analisarmos os motivos de permanência dos jornalistas veteranos no mercado de trabalho, mesmo depois de aposentados, utilizamos os itens constantes na “Escala de Importância das Perdas Percebidas pelos Executivos frente à Aposentadoria” (FRANCA; VAUGHAN, 2008), no formato de múltipla escolha. Já quanto aos atributos com relação à maturidade, usamos como base os aspectos presentes na “Escala Neri de Atitudes em Relação à Velhice” (NERI, 1991).

Originalmente, a Escala é composta por trinta pares de adjetivos bipolares, com sete níveis de intensidade e usada para avaliar os conceitos de “o velho é” e “quando eu ficar velho serei”. No nosso estudo, optamos por listar os elementos e solicitar que os respondentes

identificassem as principais características com quais identificavam-se com relação ao mercado de trabalho e à maturidade. Nas alternativas sobre os problemas de saúde foram consideradas as doenças mais comuns do trabalho, com base em um estudo realizado por uma operadora de saúde com vinte mil executivos brasileiros em 2014. Estas constavam na Classificação Internacional de Doenças.

A aplicação do questionário foi realizada de forma virtual, por meio da plataforma do *Google* Formulários. As questões eram de múltipla escolha e seleção. A lista foi acompanhada por um texto de apresentação nos quais constavam o objetivo, o público a quem era dirigido, a identificação da pesquisadora, instruções sobre as questões e explicações sobre o sigilo das respostas. A página ficou aberta durante vinte dias, de 9 a 28 de setembro. O *link* foi compartilhado diretamente com os jornalistas por meio de redes sociais digitais como *Facebook*, *Instagram* e *LinkedIn*, assim como por aplicativos de mensagens como *WhatsApp* e por *e-mail*. O questionário recebeu um total de 65 respostas, das quais 64 foram aproveitadas.

#### 4.3 PROCEDIMENTOS DE SELEÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Para a seleção dos jornalistas veteranos entrevistados utilizamos uma série de critérios, como idade cronológica e tempo de carreira. Já para a interpretação dos dados coletados, desenvolvemos categorias e as aplicamos em tabelas de indução analítica. Nos tópicos a seguir descrevemos esses procedimentos trabalhados no estudo.

##### 4.3.1 Critérios de seleção dos jornalistas

Para a fase das entrevistas combinamos o fator etário com a experiência profissional de trinta anos ou mais de atividade jornalística. Esse grupo é composto por indivíduos que já atingiram a maturidade, estágio que “diz respeito a experiências vividas pelos sujeitos sociais ao longo de suas vidas, que resultam em qualidades conquistadas por suas trajetórias pessoais e coletivas” (GUSMÃO, 2001, p. 114), que já passaram por outras fases de transição e participação em “várias configurações de *status* e instituições, como a família, escola, universidade, empresas e mercado de trabalho” (HEINZ, 2016, p. 23).

O intervalo vital de no mínimo três décadas é uma referência importante nos estudos demográficos, pois é constituído por pessoas que construíram e constroem uma trajetória de vida muito diferenciadas do ponto de vista subjetivo e social. Dentro desse período uma série

de modificações foram operadas na sociedade, o que nos permite averiguar distanciamentos, aproximações, permanências e reconfigurações nas trajetórias dos indivíduos pertencentes às diferentes gerações e contextos históricos, sociais, políticos e econômicos. Outro aspecto a considerar é que os trinta anos marcam o tempo de contribuição necessário para a aposentadoria de jornalistas, o que já seria um indicativo de que estes profissionais também experienciam o duplo aposento.

Logo, a experiência é entendida neste trabalho como o capital obtido por meio da academia, do fazer jornalístico, das rotinas produtivas, das estruturas organizacionais, da identidade e da deontologia da profissão, das socializações, da relação com os pares, fontes e com os públicos, das convergências de funções, habilidades e meios. Os trinta anos de atividade profissional abarcam os jornalistas que tenham ingressado na profissão entre as décadas de 1950 e 1980. São, portanto, de diferentes gerações, sujeitos dotados de certas características típicas, diferenciando-os das demais, mas que mesmo em movimentos de contraposição, encontram semelhanças durante sua convivência em uma mesma época. Segundo Ortega y Gasset (1992, p. 4), “uns e outros são homens de seu tempo, e por mais que se diferenciem, ainda mais se parecem”.<sup>41</sup>

Outro fator importante foi estar ativo no desempenho de atividades jornalísticas. Independente da configuração profissional na qual se encontrasse, a atuação do jornalista maduro em algum veículo ou plataforma de comunicação o configurava como um potencial informante dessa pesquisa, de forma a compreendermos sua relação com o trabalho jornalístico na maturidade. Mesmo diante da aposentadoria, muitos trabalhadores optam por prolongar suas atividades laborais, em razão dos baixos rendimentos ou por experienciam essa fase da vida de formas distintas.

Por estarmos lidando com a relação Comunicação e Trabalho, interessou-nos compreender os distintos vínculos empregatícios, de modo que buscamos abarcar os profissionais *freelancer*, empregados ou contratados em empresas de comunicação, pessoa jurídica, os jornalistas sindicais e os que desempenhavam atividades de forma voluntária. Também consideramos as diferentes funções. De acordo com Fígaro (2018, p. 179), “o mundo do trabalho se constitui como território físico e simbólico no qual uma multiplicidade de relações, saberes, ações, poderes e disputas se materializam”, cabendo aos pesquisadores investigarem a densidade desse cenário. Nesse contexto, segundo a autora, “a comunicação é o elo que permite ao sujeito trabalhar e expressar-se como ser social” (ibidem, p. 179).

---

<sup>41</sup> “Unos y otros son hombres de su tiempo, y por mucho que se diferencien, se parecen más todavía” (ORTEGA Y GASSET, 1992, p. 4).

A pesquisa considerou jornalistas tanto os que passaram pelos cursos de graduação de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, portanto, jornalistas diplomados, como também os jornalistas sem diploma, com registro profissional, formados na prática cotidiana da profissão. Mick e Lima (2013) apontaram que no Brasil 98% dos jornalistas profissionais possuíam diploma em Ensino Superior, 89% formação específica em jornalismo e 6% tinham Ensino Superior Incompleto. Esse quadro nos possibilitou investigar o papel da formação nos processos de carreira.

Pelo mapeamento inicial dos jornalistas veteranos, percebemos que a maioria deles eram homens, com atuações em áreas próximas como a política e a cultura. A figura da mulher jornalista passou a ter mais visibilidade a partir dos anos de 1980 com sua maior inserção no mercado de trabalho e nas universidades (BUITONI, 1986). Em João Pessoa, é possível que esse movimento tenha ocorrido a partir da criação do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no segundo semestre de 1977<sup>42</sup>. Desse modo, também consideramos na seleção dos profissionais as mulheres jornalistas que ocupassem funções ou trabalhassem em editorias semelhantes para que a questão de gênero também tivesse espaço na análise. No tópico a seguir apresentamos o resultado de nosso recorte.

#### **4.3.2 Recorte dos profissionais escolhidos**

Considerando os critérios de atuação profissional de trinta anos ou mais, a situação de atividade, as diferentes gerações temporais e os distintos vínculos empregatícios, entrevistamos catorze jornalistas que desempenhavam funções jornalísticas na cidade de João Pessoa entre 2019 e 2020. Os nomes dos profissionais foram identificados a partir de um mapeamento exploratório, por meio de jornais impressos, programas de televisão e rádio, portais e *blogs*, além de projetos memorialísticos escritos (livros, artigos, trabalhos acadêmicos) e audiovisuais (entrevistas, depoimentos), assim como por solicitação do quadro funcional dos grupos de mídia comercial e dos órgãos públicos.

Para tanto, definimos um recorte de jornalistas em duas gerações. A primeira se refere aos profissionais que ingressaram no jornalismo entre as décadas de 1960 e 1970. Nesse caso, também incluímos um jornalista que começou sua carreira nos anos de 1950 pela

---

<sup>42</sup> A jornalista e escritora Fátima Araújo (1986) relata em *Paraíba: imprensa e vida* um expressivo aumento de mulheres na redação do jornal *A União*, colaboradoras em colunas e suplementos voltados para assuntos femininos, na década de 1970.

impossibilidade de formar um grupo específico. A segunda abarcava profissionais que iniciaram-se na profissão na década de 1980. Nossa classificação aproximou-se, portanto, da proposta por Kucinski (1998; 2003). O autor, após pesquisar sobre a imprensa brasileira durante o Regime Militar (1964-1985), identificou três divisões geracionais.

A primeira era composta pelos profissionais que testemunharam a queda do nazismo e do Estado Novo, em 1945; a segunda abrangia os jornalistas que militaram ou acompanharam os movimentos estudantis da década de 1960; e a terceira englobava os “focas” da década de 1970. Dos nossos entrevistados identificamos profissionais das últimas duas épocas, com a diferença de que neste último grupo partimos dos primeiros graduados no curso de Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) nos anos de 1980. A seguir apresentamos um quadro com os entrevistados.

Quadro 2: Jornalistas veteranos entrevistados e as décadas de ingresso no jornalismo.

<b>PRIMEIRA GERAÇÃO (1960-1970)</b>	
<b>Jornalistas</b>	<b>Década de ingresso no jornalismo</b>
Gonzaga Rodrigues	1951
Frutuoso Chaves	1965
Nonato Guedes	1971
Wellington Farias	1977
Sílvio Osias	1974
Kubitschek Pinheiro	1977
Silvana Sorrentino	1978
<b>SEGUNDA GERAÇÃO (1980)</b>	
<b>Jornalistas</b>	<b>Década de ingresso no jornalismo</b>
Edilane Araújo	1984
Gisa Veiga	1980
Ivani Leitão	1983
Lúcia Figueiredo	1980
Madrilena Feitosa	1983
Hermes de Luna	1982
José Vieira Neto	1982

Fonte: A autora, 2020.

Buscamos em nosso recorte refletir o cenário da época no qual havia mais homens na redação, até os anos de 1970, e mais mulheres, a partir da década de 1980 (ROCHA, 2004), como resultado da criação do curso de Comunicação Social na UFPB (ARAÚJO, 1986). No

quadro a seguir descrevemos os locais de atuação e os cargos ocupados pelos jornalistas entrevistados no período de realização da pesquisa.

Quadro 3: Jornalistas veteranos, os locais e funções nas quais atuam

<b>PRIMEIRA GERAÇÃO (1960-1970)</b>		
<b>Jornalista</b>	<b>Local de atuação</b>	<b>Cargo</b>
Gonzaga Rodrigues	A União	Cronista
Frutuoso Chaves	Tribunal de Contas do Estado	Assessor de Imprensa
Nonato Guedes	Os Guedes/Polêmica Paraíba/Revista A Tribuna	Colunista/Colunista/Repórter
Wellington Farias	PB Agora	Colunista
Sílvio Osias	Jornal da Paraíba/CBN	Blogueiro/Colunista
Kubitschek Pinheiro	Correio da Paraíba/A União/Tribunal de Justiça da Paraíba/Assembleia Legislativa da Paraíba	Repórter-colunista/ Repórter-colunista/Assessor de Imprensa
Silvana Sorrentino	Detran-PB	Chefe da Assessoria de Imprensa e Relações Públicas
<b>SEGUNDA GERAÇÃO (1980)</b>		
<b>Jornalista</b>	<b>Local de atuação</b>	<b>Cargo</b>
Edilane Araújo	TV Cabo Branco	Editora de qualidade e projetos especiais
Gisa Veiga	Assembleia Legislativa da Paraíba/Paraíba Online	Assessora de Imprensa/Colunista
Ivani Leitão	TV Manaíra	Editora-chefe do Fala Cidade
Lúcia Figueiredo	Sintes-PB	Assessora de Imprensa
Madrilena Feitosa	UFPB-Centro de Informática	Assessora de Imprensa
Hermes de Luna	TV Correio/Blog Poder, Política & Cia	Editor e Apresentador-Editor/Blogueiro
José Vieira Neto	TRT13 <sup>a</sup>	Assessor de Imprensa

Fonte: A autora, 2020.

Em média, os jornalistas maduros de ambos os grupos tinham de um a dois vínculos de trabalho. Estes estavam em empresas de mídia privada, em instituições ou órgãos públicos, assim como em plataformas digitais independentes. Entre os cargos estavam os de gestão, como editor, assessor de imprensa e como colunistas. No tópico a seguir descrevemos os procedimentos de análise das entrevistas.

#### 4.3.3 Análise e interpretação dos dados

Para compreender como se desenvolveu a carreira dos jornalistas veteranos, utilizamos como método qualitativo para o tratamento das entrevistas a indução analítica (IA). Nessa abordagem, parte-se da coleta e análise de casos, fenômenos e fatos individuais, observando

suas singularidades para, posteriormente, compará-los entre si no intuito de identificar elementos comuns e recorrências. Com base nas relações verificadas são realizadas generalizações que procuram oferecer uma explicação universal para determinado evento (BÊRNI; FERNANDEZ, 2012).

A indução analítica, em sua formulação menos rigorosa, é também utilizada para responder perguntas de pesquisa que envolvam o “como” ou o “de que forma”. As entrevistas com diversos indivíduos, enquanto procedimento de coleta de dados, possibilitam ao pesquisador descobrir variáveis, que também podem ser percebidas como os “passos de um processo”, explorar sua significação, e procurar sua operação em casos sucessivos (BECKER, 2008).

Para análise das entrevistas desse estudo, estabelecemos categorias fundamentadas nas diferentes facetas de mobilidade de carreira, baseadas nos estudos de Becker e Strauss (2009). Observamos, assim, as estruturas organizacionais das empresas de jornalismo, o fluxo de ocupações na profissão e as transformações no mercado jornalístico que alteraram perfis profissionais e formas de produção (MARCHETTI; RUELLAN, 2001; LOBO, 2010; PEREIRA; ADGHIRNI, 2011; PEREIRA, 2011; MICK; LIMA, 2012; FIGARO; NONATO; GROHMANN, 2013; JORGE, 2013; LOPES, 2013; MICK, 2015; PEREIRA, 2015; JOSEPHI; OLLER ALONSO, 2018; MOREIRA; OLLER ALONSO, 2018; PEREIRA, 2019).

Deste modo, consideramos categorias gerais descritas por Becker e Strauss (2009) e identificadas nos depoimentos dos entrevistados, tais como os movimentos de recrutamento e substituição nos quadros das empresas, o papel da formação nas formas de ingresso na profissão, as modalidades de ligação e ruptura dos vínculos de emprego, as passagens de *status* e a ocupação de cargos menos prestigiados e os de gestão, as diferentes rotas e fluxos desenhados pelos jornalistas em suas carreiras e a interdependência entre as trajetórias profissionais. Também analisamos outros fatores tais como as socializações, a maternidade e a família, saúde, aposentadoria, idade, relações e influências externas, constrangimentos organizacionais, a migração de mídias e plataformas, assim como as carreiras alternativas.

Em um primeiro momento, cada entrevista foi analisada individualmente, a partir das escolhas e negociações na carreira. Em uma segunda etapa agregamos os dados em “tabelas de verdade” de indução analítica, um instrumento lógico “que exhibe todas as combinações possíveis de um conjunto de propriedades para criar tipos” (BECKER, 2008, p. 128). Estas envolviam causas e circunstâncias das mobilidades na carreira profissional por parte dos jornalistas maduros. Essa operação nos permitiu identificar similaridades, interseções e diferenciações entre as trajetórias, em distintos arcos temporais (STRAUSS et al., 1992).

A partir desse procedimento pudemos identificar novas categorias para o nosso estudo, os roteiros de carreira mais comuns, as principais ocupações na maturidade e a transição dos jornalistas veteranos para as ambiências digitais. Sendo assim, cada variável foi apresentada com a análise das entrevistas com os jornalistas do primeiro grupo, daqueles que iniciaram suas trajetórias na profissão de 1960 a 1970, e as do segundo, que ingressaram no jornalismo a partir da década de 1980. Destacamos, assim, as recorrências e aspectos singulares dos casos, dentro de seus respectivos contextos, em um diálogo com autores que tratam dos aspectos mencionados. Na seção a seguir descrevemos as situações na relação entre a pesquisadora e os entrevistados.

#### 4.4 DIÁLOGOS INTERGERACIONAIS

Antes de apresentarmos as trajetórias profissionais dos jornalistas pesquisados, adiantamos alguns dados do nosso recorte, assim como episódios da realização das entrevistas. Entendemos que o encontro com esses personagens também se constitui como dados de análise. Com os entrevistados mantivemos, em alguns momentos, diálogos entre duas gerações de graus etários distintos, ou um monólogo guiado no qual narravam livremente suas histórias. Outros elementos como a disponibilidade para as entrevistas e os locais foram características significativas desse grupo, aqui compartilhados por meio de reflexões.

##### 4.4.1 Realização das entrevistas

As entrevistas foram iniciadas em agosto de 2019 e encerradas em setembro de 2020. Os encontros foram agendados conforme a disponibilidade dos jornalistas. Entre os que contactamos e tivemos respostas positivas, marcamos para o mesmo dia ou para as semanas seguintes. Com alguns profissionais já havíamos tido um contato prévio ou já os conhecíamos, o que facilitou o acesso. Outras aproximações foram intermediadas por pessoas em comum ou abordados diretamente. A duração das entrevistas variou entre uma e duas horas.

Embora esse seja um aspecto técnico da pesquisa, também se constitui em um importante elemento de análise. Os locais nos quais as entrevistas foram realizadas e os momentos em que ocorreram, a forma como entramos em contato com os jornalistas e se tínhamos relações anteriores ou não trazem dados sobre o fazer jornalístico, suas rotinas

profissionais e subjetividades antes mesmo de iniciarmos os diálogos ou os monólogos guiados apropriadamente, a partir de suas narrativas funcionais.

O nosso primeiro entrevistado foi o jornalista Gonzaga Rodrigues, em 15 de agosto de 2019, na Academia Paraibana de Letras (APL), no Centro da capital, local que ele sugeriu. Nos foi relatado, enquanto o aguardávamos, que ele costuma ser muito solicitado para entrevistas e que elas são marcadas naquele ambiente. O cronista é membro da APL e tem uma importante ligação com aquele lugar, principalmente com os livros: “Quando eu entro nessa biblioteca, lembro que existe livro. E que os livros têm alguma afinidade comigo. Porque eu vou nas livrarias dos *shoppings* e não vejo nenhuma afinidade dos livros comigo” (RODRIGUES, 2019). O contato com o jornalista foi intermediado pelo produtor cultural Gil Sabino. Na ligação por telefone, o jornalista chamou-se de “vagabundo” por não trabalhar e só ficar em casa escrevendo o que chamou de “besteiras”. Contou que escreve na quinta-feira e encaminha no dia seguinte a crônica que é publicada em *A União*. Este nos presenteou com o livro *Café Alvear: ponto de encontro perdido*, uma coletânea de textos seus.

Entrevistamos Frutuoso Chaves no dia 21 de agosto de 2019, em uma sala no mesmo andar da assessoria de comunicação, no prédio do Tribunal de Contas do Estado (TCE), no bairro de Jaguaribe. Entramos em contato com ele via rede social digital, por onde já havíamos tratado de outros assuntos, anteriormente. A entrevista com Edilane Araújo também foi marcada em seu ambiente de trabalho, no bairro de Tambiá, no dia 22 de agosto de 2019, em sua sala que fica localizada em frente à redação da TV Cabo Branco. O ambiente é repleto de fotos com familiares e amigos, novas e antigas, em espaços como o rádio e a televisão, além de medalhas das corridas de rua que participou, o que demarca o seu lugar na empresa. Conhecemos a jornalista há mais de dez anos e ela já foi objeto de estudo de um trabalho anterior<sup>43</sup>.

A entrevista com Sílvio Osias foi feita no dia 2 de setembro de 2019, em sua residência, na zona norte de João Pessoa. A pesquisadora Maryellen Badarau nos acompanhou. Livros de arte e de música, além de quadros na mesma temática compunham o ambiente, tendo o latido de seus cães como som de fundo. Já tínhamos contato com o jornalista antes deste trabalho. Ele nos presenteou com o livro *Cinema por escrito*, uma compilação de críticas de cinema de Antônio Barreto Neto que Sílvio Osias organizou.

Entrevistamos Nonato Guedes em 4 de setembro de 2019, na Livraria do Luiz, no Centro, local frequentado por intelectuais, artistas e escritores, veteranos como ele e Gonzaga

---

<sup>43</sup> Edilane Araújo foi uma das radialistas perfiladas para o Trabalho de Conclusão de Curso desta pesquisadora que traçou perfis de mulheres radialistas, no livro reportagem intitulado *A voz feminina do rádio: vida e protagonismo de mulheres radialistas em João Pessoa*. Também foram entrevistadas Irece Botelho, Josy Gomes e Zélia Gonzaga.

Rodrigues, sugerido pela pesquisadora. A leitura é, inclusive, um dos principais instrumentos de formação do jornalista desde o início de sua trajetória. O encontramos no balcão de pagamento da livraria já com várias obras em mãos. Já havíamos conversado com ele em outras ocasiões via rede social digital. No mesmo dia marcamos com Lúcia Figueiredo, em sua sala, na sede do Sindicato dos Trabalhadores em Ensino Superior do Estado da Paraíba (Sintes-PB), na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Também já a conhecíamos antes dessa pesquisa.

No dia 2 de outubro de 2019 entrevistamos Gisa Veiga também na Livraria do Luiz, após o seu expediente na Assembleia Legislativa, próximo ao estabelecimento. A jornalista tinha mais disponibilidade nesse dia porque houve um imprevisto no trabalho. Já tínhamos contato com a jornalista antes da pesquisa. Em 4 de outubro de 2019 marcamos com Wellington Farias, na direção da Central de Aulas da UFPB, na qual é servidor público desde 1995. Não sabíamos dessa informação, embora já o tenhamos visto várias vezes na universidade. O jornalista tinha dificuldades de locomoção porque fez uma cirurgia para tratar de um câncer na bexiga.

No dia 30 de outubro de 2019 conversamos com Kubitschek Pinheiro, na redação do jornal *Correio da Paraíba*, um de seus locais de trabalho, no Centro. O jornalista havia dado duas opções, pela manhã no Correio ou à tarde no Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB), no qual é assessor de imprensa. A redação estava praticamente vazia no horário, por volta das 9h, apenas com um repórter, um fotógrafo e a chefe de reportagem. Já havíamos tido contato com ele anteriormente. No mesmo dia marcamos com Ivani Leitão, na sede da TV Manaíra, no Centro, também depois do programa do qual é editora-chefe. Esperamos por quase meia hora pela entrevistada que ainda estava resolvendo questões de trabalho. Não a conhecíamos pessoalmente antes da entrevista, mas acompanhamos sua trajetória profissional.

As entrevistas foram retomadas em agosto de 2020 e realizadas pela plataforma de chamadas de vídeo *Google Meet*, devido ao isolamento social resultante da pandemia do Novo Coronavírus. A nossa décima primeira entrevista foi com Silvana Sorrentino, em 31 de agosto de 2020, no início da tarde. Mesmo em casa e trabalhando de forma remota, esse horário escolhido por ela foi justificado por ser o mais tranquilo dentro de sua rotina. Já a conhecíamos antes desse encontro. No mesmo dia entrevistamos Hermes de Luna, no final da tarde, como sugerido por ele. O jornalista também estava em casa, depois de cumprir expediente na TV Correio. Não tínhamos contato com ele antes da pesquisa.

No dia 1º de setembro entrevistamos José Vieira Neto, no final da manhã. O jornalista estava em horário de expediente no Tribunal Regional do Trabalho da 13ª Região (TRT13), no Centro. Fomos interrompidos duas vezes por demandas de seu ofício. Não o conhecíamos

pessoalmente antes da entrevista. Nossa décima quarta entrevistada foi Madrilena Feitosa, em 16 de setembro de 2020, depois de um adiamento por questões particulares da jornalista. Ela também estava em casa e já tínhamos contato prévio. No tópico a seguir apresentamos alguns aspectos da nossa relação com os(as) pesquisados(as).

#### **4.4.2 O velho e o novo no contexto da pesquisa**

A experiência de entrevistas com jornalistas já é marcada por caracterizações próprias, como verificado nas análises de Pereira e Neves (2013). Inicialmente, esperávamos que houvesse algum tipo de resistência por parte dos(as) pesquisados(as), já que estávamos diante de gerações distintas e há relatos de que essas faixas etárias vivem ou viveram momentos de conflito (TRAVANCAS, 1992; SILVA, 2018). Entretanto, isso não ocorreu. Os diálogos ou monólogos guiados ocorreram de forma receptiva, com os(as) entrevistados(as) demonstrando interesse pelos questionamentos e disposição para respondê-los. O fato de compartilharmos dos mesmos códigos profissionais do jornalismo também pode ter contribuído para esse desempenho.

Na nossa pesquisa chamou a atenção a relação estabelecida entre o velho e o novo, sendo o primeiro os(as) entrevistados(as) e o segundo a pesquisadora. Não raro, os(as) profissionais assumiam o lugar de uma espécie de “guardiões(ãs) da memória” e das práticas do passado, pressupondo que sua ouvinte desconhecia a realidade de sua época. De fato, o período no qual iniciaram suas trajetórias só nos é conhecido por livros e depoimentos ouvidos e lidos. Esse distanciamento geracional influía nas respostas dadas. No depoimento de Frutuoso Chaves foram comuns marcações como: “Você é novinha, não sei se você percebe como eram as redações antigas”, “você vai ter a oportunidade de ver isso aí”, “Barreto Neto você não chegou a conhecer”, “não sei se você conheceu as linotipos famosos”, “eu não sei se você acompanhou, de leitura certamente”.

O “só para você ter uma ideia” foi recorrente na entrevista com Gonzaga Rodrigues quando explicava situações do trabalho e do aprendizado jornalístico. O mesmo ocorreu com Wellington Farias com o “só para você sentir o clima”, antes de explicar algo de sua geração e o “não é do seu tempo”, “acho que esse gravador você nunca viu não, tem que ver, na Rádio Tabajara deve ter”, “você sabe o que é o texto final? Não sabe nem o que é. Tá na universidade, não se fala nisso lá, não?”, por exemplo, com as devidas explicações. As diferenças geracionais eram, assim, claramente estabelecidas.

Em alguns casos, não bastava conhecer a história do jornalismo paraibano, práticas e personagens, mas deter uma bagagem cultural sobre cinema, música e literatura, como na entrevista com Sílvio Osias. Ao recordar de algumas obras que conheceu ao longo de sua trajetória, o jornalista comentava ou perguntava com colocações como: “Não sei qual é a sua ligação com o cinema, não sei se você viu”, “você não conhece Perdidos na noite, não?” “eu consegui editar o livro com as críticas de Antônio Barreto Neto, *Cinema por escrito*, não sei se você conhece” e “não sei se vocês viram esse filme”. Ele também fazia analogias de cenas de filmes com experiências que viveu. O mesmo ocorreu no diálogo com Wellington Farias quando se referia a livros, autores ou filmes, e Kubitschek Pinheiro quando comparava seu processo criativo com o dos artistas da música brasileira e citava obras, principalmente filosóficas.

Jornalistas veteranos e novos jornalistas também apareceram em passagens nas quais surgiram episódios de mudanças na profissão, no mundo e na carreira: “Não é para vocês sentirem porque vocês não tiveram outra vivência”, comentava Gonzaga Rodrigues sobre as transformações. “Lastimo que você faça parte de uma geração em que o jornalismo impresso está virando um dinossauro”, “isso é ruim para vocês que estão ingressando agora”, “você vai entender, quando você entrar no batente, você vai ver”, eram afirmações do discurso de Frutuoso Chaves. “Tem jornalista daqui a trinta anos? É até ruim lhe dizer isso, você tão jovem, mas você está na academia, você tem consciência disso, há de ter”, questionava Sílvio Osias. “Por mais que vejamos gente saindo dos cursos tão malformados, eu ainda acredito no futuro dessa profissão porque têm as Marcellas, têm os Felipes”, pontuava Edilane Araújo. “Eu queria que o movimento sindical hoje pudesse atender a esse público jovem que está entrando no mercado de trabalho, queria até saber o que é que a gente pode fazer”, lamentava Lúcia Figueiredo.

Os conselhos e mensagens para a juventude também foram frequentes. Wellington Farias, quando tratava das dificuldades do mercado nos disse: “Eu vou lhe dar um conselho: estude para ser professora. Não tem mais redação para você trabalhar” e, em outro momento: “Leia, porque se você não ler, você fica na mesmice”. Já Frutuoso Chaves direcionava sua experiência aos jovens em geral: “Você tem que ter uma certa liberdade para dizer não. Não pode temer muito a perda de emprego. Em qualquer profissão que você estiver. A decência, a honradez, a dignidade têm que falar mais alto. É o conselho que eu dou para os mais novos”.

Diante desses pequenos recortes já observamos a tutela de ensinamento, de mestres e do saber adquirido e vivido. Também percebemos como alguns deles ocupavam o lugar de

“senhores da memória e dos esquecimentos”<sup>44</sup> (LE GOFF, 1992), tanto dos fatos, quanto da profissão, naquilo que Namer (1988) enquadrava como memória funcional. Do mesmo modo, ao invés do conflito, temos a preocupação do veterano com as gerações seguintes, com o futuro da profissão e com as instabilidades do mercado para o jovem. É o movimento contrário ao encaminhamento da pesquisa, o momento no qual estabelece-se um diálogo intergeracional, com percepções convergentes sobre objetos distintos.

Também observamos uma certa tendência nas narrativas de um mesmo jornalista. Como já tínhamos leituras anteriores de suas trajetórias, percebemos que costumavam repetir as mesmas passagens. Eles seguiam um fluxo de contar quem eram enquanto profissionais e episódios significativos. O “como foi sua escolha pelo jornalismo?” os levava a um bloco único no qual demonstravam alguma inclinação para a área, os cargos ocupados e a importância de alguns deles, com as respectivas empresas, até chegar ao emprego presente.

Após essa explanação, passávamos para perguntas mais específicas sobre as escolhas e as circunstâncias de cada etapa mencionada. Os jornalistas demonstravam também a preocupação em não fugir do assunto da pesquisa ou em se estenderem além do que julgavam necessário na conversa: “Quando eu tiver encomprando muito você pode dar sinal”, adiantou Gonzaga Rodrigues, ou um “eu acho que eu falei demais”, no caso de Nonato Guedes e ainda “não sei se respondi o que você queria”, a exemplo de Silvana Sorrentino e Madrilena Feitosa. Mesmo com essas alertas e observações, o monólogo guiado prosseguia.

Mesmo quando julgavam que aquilo que diziam não era relevante para o estudo, continuavam a falar de modo ilustrativo: “Tem um episódio interessante nessa época que, não tem a ver com a nossa conversa, mas eu cito”, antecipou Sílvio Osias para contar de um momento em que Gonzaga Rodrigues foi vetado para o cargo de diretor-técnico de *A União* no governo de Ivan Bichara (1975-1978) por ser considerado comunista. O próprio Gonzaga Rodrigues se desculpou por estar mencionando assuntos de ordem política e social durante a entrevista: “Você me perdoe que eu estou entrando numa matéria que talvez não lhe interesse”. Uma pergunta sobre as coberturas históricas deu licença a ele para destacar outros personagens que conheceu: “Já que tu me puxou para isso, quero te dizer o seguinte, não esqueço no meio de tudo isso uma figura extraordinária que foi uma espécie de escudo dos estudantes, escudo de todo mundo, que foi um negro chamado [Dom] José Maria Pires”.

---

<sup>44</sup> Segundo Le Goff (1992, p. 426), “tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva”.

Observar essa bagagem histórica e cultural se mostrou necessária na própria análise de suas trajetórias e no capital adquirido ao longo de suas vivências, principalmente no jornalismo e em outros mundos sociais. Como continuação dessa exposição da experiência de entrevista intergeracional, no tópico a seguir descrevemos mais alguns aspectos que nos auxiliaram a compreender o contexto da pesquisa.

#### **4.4.3 Diálogos, atos e omissões na entrevista**

Ao longo das entrevistas foi interessante perceber como as histórias individuais interseccionavam-se umas com as outras, com jornalistas que conviveram na mesma redação, com colegas, chefes e coberturas. Poderíamos quase dizer tratar-se de uma memória coletiva (HALBWACHS, 1990). Além disso, alguns fatos já nos eram conhecidos pela fase da pesquisa bibliográfica e do levantamento documental. Com esses instrumentos, como citado anteriormente, pudemos cruzar dados e até informações omitidas pelos jornalistas: “Como é que você sabe?”, foi a reação do jornalista Wellington Farias ao mencionarmos o nome de um empresário que ele não quis citar no relato de um episódio. As datas e a empresa correspondiam com depoimentos de outros jornalistas sobre experiências que não se relacionavam, mas que tinham a mesma origem. “Essa história que você já conhece toda”, foi a resposta inicial de Edilane Araújo quando perguntamos sobre o início de sua carreira, lembrando a entrevista anterior de 2018 para outro trabalho.

Outro ponto que destacamos foram os silêncios e as recordações que a entrevista provocava. Havia uma sucessão de espaços vazios entre uma fala e outra. Nesses casos, imaginávamos até que o entrevistado tivesse encerrado o seu raciocínio e passávamos para a pergunta seguinte, mas pediam para retornar e completar a questão anterior ou lembravam-se de algo mais para frente. Mesmo quando finalizávamos as entrevistas, nas conversas de bastidores continuavam surgindo dados importantes para a pesquisa, como quando Ivani Leitão falou sobre o peso da idade como motivo para reduzir a carga de trabalho. Segundo Noberto Bobbio (1997, p. 30-31), “as recordações não afloram se não as formos procurar nos recantos mais distantes da memória” e isso leva tempo já que “relembrar é uma atividade mental que não exercitamos com frequência porque é desgastante ou embaraçosa”. Todos os nossos entrevistados passaram por essa experiência.

Frases como “estou esquecida, vai perguntando”, “ah, lembrei”, e “antes disso” foram comuns no discurso de Gisa Veiga. “Não me pergunte nada de data muito específica que eu não vou saber”, foi uma recomendação de Edilane Araújo que recuperamos para esse trabalho.

“Você é uma entrevistadora. Você conversando, você me deixou chegar num negócio que propositadamente eu jamais me lembraria, realmente, que foi marcante para mim isso”, foi um relato que expressou com clareza os efeitos desse exercício de memória na fala de Gonzaga Rodrigues. “Eu estava onde mesmo?”, comentava Wellington Farias nos momentos de dispersão quando muitas histórias surgiam e o levavam a perder o raciocínio anterior, o que atribuiu à doença.

Também registramos as interrupções nas entrevistas. No caso de Nonato Guedes, como estávamos em um ambiente público, amigos vinham cumprimentá-lo, relembando histórias antigas ou com um aperto de mão. Foram quatro momentos assim. Edilane Araújo, pelo vidro, acenava para os colegas que passavam diante de sua sala. Quando começou o telejornal do meio-dia, lembrou-se de algumas tarefas e fez um questionamento: “Toda vez é para eu olhar essa vinheta. Acho que está rodando a vinheta sem ter Campina Grande porque agora é estadual. Notou que mudaram as cadeiras? (Risos)”. No caso de Gonzaga Rodrigues, ele pediu para parar a gravação para procurar um de seus livros na biblioteca da APL para mostrar uma fotografia de jornalistas em uma manifestação: “Eu queria pegar pra você ver como era, ter uma ideia. A gente não estava aqui apenas como jornalista pra cobrir. A gente estava como jornalista participante”. Também paramos no diálogo com Frutuoso Chaves para ele atender demandas de trabalho do TCE.

Hermes de Luna pediu um instante para procurar documentos que tinham a data de criação de um programa. Silvana Sorrentino, por exemplo, foi interrompida pelo marido para ouvir alguns conselhos sobre alguns fatos mencionados por ela. Do mesmo modo, como já dissemos, José Vieira Neto, por estar em seu ambiente de trabalho, também precisou fazer algumas pausas para atender a algumas demandas ou para informar aos colegas que estava em uma conferência ao vivo. Esses episódios não prejudicaram o curso das entrevistas. No tópico a seguir descrevemos mais um elemento dessa comunicação intergeracional.

#### **4.4.4 Auto-edição, performance e jornalistas na pesquisa**

Em nenhum momento os(as) jornalistas buscaram orientar a realização da pesquisa, entretanto observamos que havia certa expectativa no curso que ela deveria seguir, como uma sequência cronológica já que se tratava de uma história de vida. Os(as) entrevistados(as), apesar da preocupação demonstrada em alongarem-se, previam que haveria uma edição de seus depoimentos e uma melhor forma de escrevê-los. Nesse caso, fizemos apenas pequenos ajustes referentes a coloquialidade da fala.

Um(a) dos(as) entrevistados(as), inclusive, solicitou que o gravador fosse pausado para que pudesse refletir e elaborar uma resposta sobre a experiência da maturidade. Esse episódio remete, por exemplo, às gravações de passagens pelo repórter de TV ou de um material de rádio, nos quais há a possibilidade de se refazer uma apresentação. Logo, mesmo na condição de fontes, nossos(as) entrevistados(as) não abandonavam o lugar de jornalistas.

Mesmo com o gravador posicionado diante ou ao lado deles e conscientes da finalidade da pesquisa, os(as) jornalistas faziam confidências, relatavam fatos e expunham avaliações que não eram de conhecimento público. Um(as) deles(as), depois de contar algo, chegou a brincar perguntando: “Você guarda *off*?”, em uma alusão ao “*off the record*”, traduzido como informação “fora dos registros”, estratégia usada no jornalismo no relacionamento com as fontes.

Havia também aqueles que, embora não tivessem interesse na divulgação, deixavam a cargo da pesquisadora julgá-los se eram pertinentes para o estudo ou não, assim como aqueles que pediam que certas informações não fossem inseridas, principalmente no que dizia respeito a nomes de pessoas. Essas indicações ou sugestões foram feitas tanto no momento da entrevista, tanto posteriormente por mensagens em aplicativos e redes sociais digitais.

No que se refere às omissões de nomes e episódios, tanto de solicitações, quanto implicitamente, avaliamos a pertinência e decidimos ocultá-los nas transcrições e na citação dos depoimentos já que estes não alteravam o sentido das narrativas se não constados. Compreendemos que a entrevista, enquanto uma interação social, possibilita que certas vulnerabilidades e desabafos aflorem pelo próprio exercício de memória ao qual são desafiados, os levando a rever seus históricos de vida e a avaliá-los criticamente com as experiências maduras. O contato prévio com alguns dos jornalistas também possibilitava essa relação de confiança, inclusive na seleção das partes mais delicadas dos depoimentos.

Assim, após essas observações iniciais sobre as interações entre os(as) entrevistados(as) e a pesquisadora, no próximo capítulo apresentamos e analisamos as carreiras dos(as) catorze jornalistas entrevistados(as). Destacamos na seção os diversos arcos temporais de suas trajetórias e escolhas feitas ao longo de percurso que podem justificar a permanência e a longevidade desses profissionais na profissão na maturidade.

## 5 O JORNALISTA E A CARREIRA

Neste capítulo apresentamos um miniperfil dos(as) catorze jornalistas entrevistados(as) desta pesquisa. Trata-se de um enfoque sintético sobre o currículo de vida profissional dos(as) participantes do estudo, diferenciando-se das narrativas com características biográficas que aprofundam-se nos aspectos subjetivos e complexos dos indivíduos. Desse modo, destacamos dados da origem geográfica dos personagens, suas formações, ocupações, ingresso e atividades no jornalismo, bem como suas produções, reconhecimentos e premiações. As informações resultaram tanto das entrevistas realizadas exclusivamente para esta pesquisa, quanto do cruzamento de outras bases.

Dividimos esse miniperfis em dois grupos. O primeiro é formado pelos(as) jornalistas que ingressaram na profissão entre os anos de 1960 e 1970. Foram eles: Gonzaga Rodrigues, Nonato Guedes, Frutuoso Chaves, Sílvio Osias, Wellington Farias, Kubitschek Pinheiro e Silvana Sorrentino. O segundo é constituído por aqueles(as) que iniciarem-se no jornalismo a partir da década de 1980. Dele participam: Edilane Araújo, Gisa Veiga, Ivani Leitão, Lúcia Figueiredo, Hermes de Luna, José Vieira Neto e Madrilena Feitosa.

### 5.1 A PRIMEIRA GERAÇÃO: 1960-1970

Nesta geração de 1960 a 1970 estão os jornalistas que ingressaram nas redações de jornalismo antes dos cursos de Comunicação Social no estado da Paraíba ou da exigência do diploma para o exercício profissional. Os veículos impressos, o rádio e o serviço público eram as opções de trabalho para esse grupo no início de suas trajetórias.

#### 5.1.1 Gonzaga Rodrigues

Luiz Gonzaga Rodrigues é natural de Alagoa Nova, localizada na Microrregião do Brejo Paraibano, local onde iniciou sua militância cultural e literária. Ainda na juventude mudou-se para Campina Grande, cidade que tinha como marcas econômicas a indústria e o comércio, com oportunidades de empregos muito distintas das aspirações do rapaz que sonhava tornar-se poeta ou, talvez, escritor: “Eu era um sujeito meio preguiçoso para esses trabalhos. Gostava mais de ler, de poesia e coisa e tal”.

Assim, João Pessoa se transformou no seu novo destino por oferecer mais possibilidades: “Órfão de pai, minha mãe lá no interior, deixei ela sozinha com seus quase sessenta anos para vir lutar por um lugar para mim”. Na capital, nos primeiros anos morou na Casa do Estudante, em condições precárias que a pouca idade faziam parecer insignificantes, e

matriculou-se no Lyceu Paraibano. Sua carreira jornalística foi iniciada como revisor no jornal *O Norte*, em 1951, no qual chegou por meio do jornalista José Leal, parente de um amigo próximo.

Em *O Norte*, Gonzaga Rodrigues atuou, inclusive, no processo de modernização do periódico: “O modelo americano já estava chegando por aqui e a gente participando sem universidade, só com a leitura dos outros jornais como *Jornal do Brasil* e *Diário Carioca* que já o haviam adotado”. Pouco depois, *A União*, periódico oficial do Estado, abriu um concurso para a vaga de revisor: “O concurso era a gente trabalhar durante seis meses. Até que fizeram uma depuração e ficamos uns seis. Comecei assim e vendo as pessoas escreverem e fui achando bom”.

Em *A União*, nos primeiros anos, Gonzaga Rodrigues ocupou as funções de noticiarista e repórter: “Não fui um bom repórter. Faltou em mim a audácia, a curiosidade, a paciência de perguntar, acuidade que tem que ter na hora. Eu fui um repórter, simplesmente, que ia lá e cobria os acontecimentos”. Ainda foi secretário de redação e diretor-técnico do jornal. Em 1954, iniciou-se no gênero símbolo de sua trajetória: a crônica. Com ela teve passagens não só por *A União*, mas por outros periódicos como *Correio da Paraíba* e *Jornal da Paraíba* em diferentes anos.

O jornalista participou, ao lado do repórter Severino Ramos, da cobertura do assassinato do líder camponês João Pedro Teixeira, em 1962: “Esse foi o fato mais importante que eu cobri. Outro fato foi a instalação da Sudene, em Recife. Acompanhei a entrada do Golpe de Estado de 1964, sobretudo em 1968, com estudante recebendo pancada no meio da rua, tiros de baioneta”. Seu engajamento com as Ligas Camponesas, em pleno Regime Militar (1964-1985), rendeu-lhe perseguição por parte das forças policiais e seu afastamento dos jornais por ser considerado comunista.

Além da militância na redação, Gonzaga Rodrigues ocupou-se de outras atividades, como a de assessor de imprensa e secretário de Comunicação do Estado e do Município de João Pessoa. Ainda foi eleito, por dois mandatos consecutivos (1975-1977 e 1977-1979), presidente da Associação Paraibana de Imprensa (API): “O sangue e o calor da API correspondiam ao da época, a essa participação do jornalista na rua, nos fatos, dentro do negócio. Não era o jornalista na redação aqui para receber e ficar digitando no computador, não”. Sua segunda gestão também foi marcada pelo discurso de posse no qual dirigiu ao reitor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) um pedido para a criação da graduação em Comunicação: “Até me emociono quando eu vejo essa jogada que a gente deu e que nós ganhamos o curso”.

Ao mesmo tempo desenvolvia sua carreira literária por meio de suas crônicas. Publicou coletâneas como *Notas do Meu Lugar, Um sítio que anda comigo; Filipéia e outras saudades, Retrato de Memória e Café Alvear*. Em 1993, tornou-se ocupante da cadeira n.º 37 da Academia Paraibana de Letras (APL). Em 2009, o jornalista autodidata recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela UFPB. Em 2013 foi homenageado com o Título de Cidadão Pessoaense e a Medalha do Mérito da Cidade de João Pessoa. Aposentou-se pelo Estado nos anos de 1980. De 2013 a 2018 assinou a coluna “Crônica do Cotidiano”, na rádio CBN. Desde 2006 atua como colunista em *A União* e milita na Academia Paraibana de Letras (APL).

### 5.1.2 Frutuoso Chaves

Frutuoso Batista Chaves Neto é natural da cidade de Itambé, no estado de Pernambuco. Mudou-se para Pilar, na Paraíba, ainda na infância. Desde cedo demonstrava talento na produção de textos, mas foi ao ler uma reportagem sobre o escritor pilarense José Lins do Rego, na revista *O Cruzeiro*, que o rapaz decidiu ser jornalista: “Eu estava folheando a revista e tomei um choque porque estava Pilar nela, as ruas, os amigos do meu pai sendo entrevistados”. Ingressou na imprensa como *office-boy*, em 1965, em um jornal de campanha intitulado *Tribuna do Povo*, em João Pessoa, indicado pelo então deputado estadual Clóvis Bezerra, um amigo de seu pai: “Eu e um irmão precisávamos ajudar no sustento da casa. Não havia carteira assinada e o pagamento era semanal”. Lá, aprendeu sinais de revisão, o que o credenciou a ocupar uma vaga na função em outros jornais.

Por indicação do mesmo deputado, foi nomeado para *A União*, onde trabalhou como contínuo e passou a revisor do Diário Oficial. Foi reenquadrado como noticiarista na gestão do governador Ernâni Sátiro (1971-1975). Em *A União* ainda ocupou os postos de copidesque, redator, secretário de redação e chefe de reportagem. Na década de 1970 atuou também no *Correio da Paraíba* no qual teria uma segunda passagem, em 2000, como redator e editor do caderno de Economia, a convite do empresário e proprietário Roberto Cavalcanti.

Durante a década de 1980 foi editor do jornal *O Norte*, periódico de maior circulação do estado na época, em atendimento ao convite do então superintendente dos Diários e Emissoras Associados na Paraíba, Marconi Góes, a quem fora apresentado pelo jornalista Erialdo Pereira. Nesse período também atuou como *freelancer* para o *Estado de S. Paulo*, durante as férias do jornalista Antônio Barreto Neto, e como correspondente de *O Globo*, do Rio de Janeiro, na Paraíba: “Eu acumulava a função com a de editor de *O Norte*, com a aquiescência das duas direções, porquanto um jornal não concorria com o outro”. Deixou a

direção do jornal após discordar do tratamento dado a uma matéria de cunho eleitoral exigido pelos diretores da empresa.

Pouco depois, recebeu um convite do empresário Josélio Gondim, fundador da revista *A Carta*, para o cargo de diretor de redação e, ao mesmo tempo, ocupou uma vaga no Gabinete Civil do Governador para auxiliar o Secretário de Comunicação Social, o jornalista Martinho Moreira Franco, na gestão de Tarcísio Burity (1987-1991). Também escreveu para o *Jornal do Comércio*, do Recife, e para a revista *Algo Mais*, em ambos convidado pelo jornalista pernambucano Roberto Tavares que conheceu quando correspondente de *O Globo*.

Em 1998, Frutuoso Chaves assumiu a assessoria de imprensa do Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB) e, posteriormente, do Tribunal Regional Eleitoral (TRE-PB). Aposentado pelo Estado, atua desde 2001 como assessor de imprensa no Tribunal de Contas do Estado (TCE-PB), atendendo ao chamado do então presidente Flávio Sátiro. De 2000 a 2016, escreveu os editoriais do *Jornal da Paraíba*, a convite do então editor Luiz Carlos do Nascimento. Em 2020, tornou-se colaborador do Ambiente de Leitura do portal Carlos Romero, no qual publica artigos e crônicas sobre o cotidiano.

### 5.1.3 Nonato Guedes

Raimundo Nonato Guedes de Aquino nasceu em Cajazeiras, no sertão da Paraíba, e entrou no jornalismo por vocação: “Meu pai tinha uma mercearia lá e eu ajudava. Quando não havia clientes ou compradores, eu ficava imitando os locutores do rádio com o exemplar do *Correio da Paraíba* que era o jornal que a gente recebia”. Sua trajetória no mundo do trabalho jornalístico começou entre os nove ou onze anos como *office-boy* na Rádio Difusora de Cajazeiras: “Minha função era comprar cigarros, café e servir aos locutores e às autoridades que visitavam a emissora. Eu já demonstrava interesse pela redação”.

A condição imposta pelo diretor da rádio para a progressão de Nonato Guedes seria ter um curso de datilografia: “Encaixei num horário muito difícil para mim porque incluía as aulas no Colégio Estadual, três expedientes na rádio e quarenta minutos de aula de datilografia. Seis meses depois concluí o curso, aprovado com louvor”. Assim, assumiu a função de redator, ou melhor, radioescuta: “A gente gravava o noticiário das emissoras de fora e copiava as principais matérias, tanto nacionais, como internacionais. Eu não apresentava noticiário, simplesmente preparava material e entregava lá para o locutor”.

Depois foi chamado pelo diretor de programação, Zeilton Trajano, da Rádio Alto Piranhas, para montar o seu Departamento de Jornalismo. Ainda na região trabalhou como

correspondente do jornal *Tribuna do Ceará*, de Fortaleza, e como redator da sucursal do *Correio da Paraíba*: “Não tinha redator em Cajazeiras e eu passei a escrever quatro, cinco matérias por dia. A *Tribuna do Ceará*, na época, estava querendo competir com o *Correio* dentro de Cajazeiras, porque ela chegava antes”.

Ao mesmo tempo que iniciava sua carreira jornalística, tanto no rádio, quanto nos jornais, Nonato Guedes mantinha em Cajazeiras uma militância cultural: “Fui da Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese, participei do centro cívico do colégio estadual e de festivais de poesias. Além disso, fui o primeiro presidente do Cineclubes Vladimir Carvalho, instalado numa semana universitária que aconteceu lá”.

Em 1978, mudou-se para João Pessoa, tornando-se repórter do *Correio da Paraíba* e locutor na Rádio Correio, depois de um acordo com a direção do jornal para que a sua carteira de trabalho fosse assinada, o que não havia sido feito enquanto trabalhava como redator em Cajazeiras. Na empresa, já na capital, iniciou-se como colunista de política substituindo o titular do cargo, o jornalista João Manoel de Carvalho: “Meu chefe de reportagem era Júlio Santana, mas havia também os editores de página, Carlos Aranha e Walter Galvão, que foram os meus professores na chegada. A primeira pauta que recebi foi entrevistar dom José Maria Pires”.

Poucos meses depois foi convidado pelo superintendente dos Diários e Emissoras Associados na Paraíba, Marconi Góes, para trabalhar em *O Norte*, na chamada equipe dos “Imbatíveis”. No mesmo ano passou a correspondente do jornal *O Estado de São Paulo*, na Paraíba: “Fiquei sete anos no Estadão, com carteira e matérias assinadas, distribuídas pela Agência Estado. Fiz matérias conjuntas com Geneton Moraes Neto, Pedro Zan, Carlos Garcia, Carlos Chagas e Freitas Neto. Foi meu curso de jornalismo, praticamente”.

Da década de 1980 em diante atuou como repórter, editor e redator em jornais como *Correio da Paraíba*, *O Norte* e *O Momento*. Em *A União*, ocupou o cargo de editor no governo de Wilson Braga, em 1983, e de superintendente, na gestão de Ronaldo Cunha Lima, a partir de 1991. Convidado por Aluísio Moura e Erialdo Pereira, tornou-se apresentador, entrevistador e colunista de política na TV Cabo Branco: “Havia o Bom Dia Paraíba que eu apresentava com Otinaldo Lourenço e tinha o Paraíba Meio-Dia, com Chico Maria, três entrevistas ao vivo. Fui o primeiro jornalista local a mediar debates eleitorais na TV Cabo Branco”. Nonato Guedes atuou ainda em emissoras de rádio como Arapuan, Correio e Tabajara. Também foi repórter da revista *A Carta*, correspondente da revista *Isto É*, em João Pessoa, e assessor de comunicação.

Além do trabalho em redação, foi vice-presidente da Associação Paraibana de Imprensa (API) na gestão de Severino Ramos, de 1981-1983, e presidente da entidade no início da década de 1990: “Promovi um seminário sobre jornalismo e política, em 1982, em plena campanha

para as eleições de governador (...). Isso marcou muito a retomada da sintonia da API com a própria sociedade (...). Quando fui presidente fiz outros seminários e palestras isolados”.

Nonato Guedes também publicou livros. Foi um dos organizadores do livro *O jogo da verdade: Revolução de 64 30 anos depois* e da coletânea *A Fala do Poder: discursos comentados de governadores da Paraíba*. Desde 2016 escreve sobre política para o portal Os Guedes, criado em parceria com o irmão jornalista Lenilson Guedes, e para a revista *A Tribuna*.

#### 4.1.4 Wellington Farias

Wellington Alexandre de Farias é natural de Serraria, na Paraíba. Planejava ser muitas coisas na vida, menos jornalista: “Pensei em ser jogador de futebol e criei um time. Pensei em ser músico e estudei violão clássico na Escola de Música Antenor Navarro. Lá pelos meus dezoito, dezenove anos, num subemprego, fui bilheteiro do Estádio Almeidão”. Do jornalismo só conhecia o jornalista Gilvan de Brito, assessor de imprensa do governador Ivan Bichara (1975-1978) e chefe do departamento de radiojornalismo da Rádio Tabajara da Paraíba. Dele ouviu uma proposta que aceitou prontamente: “Gilvan disse: ‘Vai surgir uma vaga na Rádio Tabajara, você topa?’”.

Assim, Wellington Farias iniciou sua história na comunicação como radioescuta na Rádio Tabajara, em 1977, em um estágio não-remunerado de seis meses. Depois, passou também para o jornal *A União* como repórter, indicado pelo jornalista Paulo Santos que havia sido demitido da função. Ainda na Tabajara, atuou como repórter policial formando dupla com Livardo Alves. No início da década de 1980 foi para *O Norte*. Nos anos de 1990 retornou para *A União* como chefe de reportagem e editor geral, durante dois anos. Posteriormente, foi convidado para compor a equipe de reportagem do *Correio da Paraíba* no qual ficou por 23 anos: “Passei mais tempo no *Correio da Paraíba* do que na minha casa. Vareei madrugadas”. Também foi correspondente por seis meses de *O Globo* e *freelancer* na revista *Veja*.

Entre os momentos e reportagens marcantes de sua trajetória está a descoberta do plágio do cantor paraibano Zé Ramalho, na letra da faixa título do disco “Força Verde”, idêntica a um poema do dramaturgo e poeta irlandês William Butler Yeats. O texto também havia sido usado em uma edição da revista do Incrível Hulk e foi reconhecido por um colecionador que prontamente encaminhou o material para Wellington Farias, então chefe de reportagem do jornal *A União*, em 1982.

Outro fato marcante foi a cobertura da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento: “Fui o único jornalista da Paraíba presente na Eco-92”. Outro episódio foi a entrevista com Elizabeth Teixeira, viúva do líder camponês João Pedro Teixeira: “O primeiro cara a entrevistar aquela mulher, voltando da clandestinidade, fui eu. A minha geração não sabia nem quem era, ninguém sabia”.

No rádio, as suas primeiras experiências à frente do microfone foram comentários políticos no programa A Hora da Bronca, apresentado por Bernardo Filho, na Correio AM, nos anos 2000, e depois na CBN. Em 2011 estreou como comentarista político no programa Correio Verdade com os apresentadores Heron Cid e Fabiano Gomes. Nessa época também passou a fazer participações no Correio Manhã, da TV Correio. Em 2013 foi um dos entrevistadores do programa Imprensado, da RCTV, com Adriana Bezerra e Wanja Nóbrega. Em 2014, integrou o Rede Debate, da mesma emissora, com a equipe formada por Hermes de Luna na apresentação e comentários de Lena Guimarães e José Vieira Neto.

Em 2015 apresentou o Dedim de Prosa, na TV Assembleia. Em 2017, foi contratado pelo Sistema Arapuan, acompanhando os colegas Heron Cid e Fabiano Gomes. Após quase dois anos afastado por problemas de saúde, estreou em 2019 como colunista do portal PB Agora. O jornalista mantém ainda uma militância cultural paralela na cidade de Serraria como professor de música e de resgate da memória local por meio de depoimentos e objetos.

### 5.1.5 Sílvio Osias

Sílvio Osias Lins de Albuquerque é natural de João Pessoa e cresceu entre a paixão pelo cinema e o rádio. Convivia também com os amigos de seu pai, como o jornalista Gonzaga Rodrigues e Nathanael Alves. Na juventude, frequentava as salas de exibição de filmes, seguidas de debate, interessado em conhecer os críticos de cinema, entre eles, Antônio Barreto Neto, seu guru: “Um dia terminou o filme e eu fui atrás dele. Puxei conversa e ele foi receptivo. Passou a me emprestar uns livros e a gente começou a construir uma amizade. Ele começou a ler meus textos e acabou me elevando para os jornais”.

Assim, Sílvio Osias começou sua trajetória no jornalismo escrevendo crítica de cinema para o jornal *Correio da Paraíba* como colaborador, em 1974, aos quinze anos de idade e, no ano seguinte, em *A União*, quando Barreto Neto assumiu a direção-técnica do periódico: “Ele me levou para fazer o roteiro, a agenda, filmes do dia, televisão, teatro. Eu fazia em casa e levava para um escritório de *A União*, no Centro”.

Aos dezenove anos, ingressou no curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), deixando temporariamente a atividade. Na graduação reencontrou-se com os jornalistas das redações do *Correio da Paraíba* e de *A União*. Sílvio Osias entraria de fato no ambiente de jornal como crítico de cinema, semestres depois, no jornal oficial, passando depois a copidesque enquanto estava na graduação.

Na década de 1980 atuou na Secretaria de Comunicação do Estado (Secom-PB), levado por Gonzaga Rodrigues, e retornou para *A União* como chefe de reportagem. Com a fundação da primeira televisão em João Pessoa, passou a integrar a equipe pioneira da TV Cabo Branco como chefe de redação e editor do telejornal noturno: “Trabalhava o dia inteiro. Seis horas da manhã tinha o Bom Dia Paraíba no ar, mas com entrevistas que eram gravadas à noite. Teve uma época que tinha JPB terceira edição. Eu não saía de lá antes de meia-noite”.

Entre os grandes momentos do jornalismo que vivenciou, Sílvio Osias destacou a cobertura do caso do diretor da Penitenciária Desembargador Flósculo da Nóbrega, feito refém pelos presidiários: “O jornal foi tomando um rumo, eu editando o negócio e a gente entrando com *flashes*”. Outro fato marcante foi o assassinato de Raimundo Asfora, vice-governador eleito, alguns dias antes da posse, em 1987. Entram ainda o atentado cometido por Ronaldo Cunha Lima contra a vida do ex-governador da Paraíba, Tarcísio Burity, em 1993; a morte do governador Antônio Mariz, em 1995; e o projeto de cobertura da votação popular do paraibano do século XX que elegeu Augusto dos Anjos, em 2001.

Depois de vinte anos na TV Cabo Branco, pediu demissão e foi contratado pela TV O Norte para a função de editor-chefe, convidado pelo diretor de jornalismo, Luiz Carlos do Nascimento. Em 2009 voltou para *A União* como editor, levado pelo superintendente Nelson Coelho, na gestão de José Maranhão (2009-2011). Exonerado do cargo com a mudança no governo estadual, foi contratado pela TV Correio como editor, indicado por Walter Galvão: “Foi um momento que houve umas reformulações lá e surgiu uma vaga de edição do programa Correio Manhã, mas não era do meu perfil editar aquele tipo de programa. Galvão percebeu isso e me colocou no jornal da noite”. Posteriormente, tornou-se editor-chefe na emissora.

Em 2014, voltou para o impresso no *Jornal da Paraíba* no projeto de Publieditorial: “Eram duas pessoas, uma que vendia os espaços e eu com carta branca para contratar. Era tudo terceirizado para não envolver o pessoal da redação. Eu contratava repórteres, fotógrafos, já tinha uma equipe a quem eu recorria”. O jornalista também escrevia uma coluna no jornal. Com o fim de sua versão impressa, em 2016, aposentou-se em 2017 por tempo de serviço. Ainda assim, o jornalista mantém-se como blogueiro na plataforma digital do jornal e tem uma coluna intitulada Sexta de Música, na rádio CBN.

Sílvio Osias também é o organizador de um livro de críticas de Antônio Barreto Neto, com o título de *Cinema por escrito* e de *Meio Bossa Nova Meio Rock'n' Roll*, coletânea de crônicas sobre música publicadas no *Jornal da Paraíba*. O jornalista também assinou o roteiro da obra que conta a história de Luiz Gonzaga em quadrinhos, com ilustrações de Megaron Xavier.

### 5.1.6 Kubitschek Pinheiro

Ariosvaldo Kubitschek Pinheiro de Vasconcelos nasceu em São José de Piranhas, no sertão da Paraíba. Antes de ir à escola já havia aprendido a ler e a escrever com o pai. Na juventude, organizava eventos na região e escrevia sobre eles. Desde essa fase ele já considerava-se jornalista. Em 1975 mudou-se para João Pessoa para cursar as etapas finais depois da oitava série. Fez vestibular para Comunicação Social, mas não foi aprovado. Assim, decidiu cursar Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

No final de 1977 começou a escrever na coluna do leitor do jornal *O Norte*. No início dos anos de 1980 passou para o caderno *Gente e Lazer*, no mesmo periódico, editado por Wellington Pereira e publicado aos domingos: “Começou a dar uma loucura na cidade porque ninguém sabia quem eu era e por que escrevia aqueles textos”. Depois de graduado, estagiou no *Correio da Paraíba*. Pouco depois ingressou em *O Momento* com a coluna *Kotidiano*, em formato diário: “Eram todas essas coisas e cenas do mundo que eu vejo e que publico hoje nas redes sociais”.

Contratado pelo *Correio da Paraíba*, começou a fazer entrevistas com artistas locais e nacionais. Como redator-entrevistador, além do caderno de cultura, também escrevia para as áreas de Economia, Comportamento e em edições temáticas. No jornal também mantinha uma coluna na seção de Opinião. Permaneceu na empresa até o seu fechamento em abril de 2020.

É colunista e repórter especial em *A União* com textos publicados aos domingos. Desde maio de 2020 escreve a “Coluna do K” no portal MaisPB, a convite do diretor Heron Cid. Uma vez por semana também redige matérias para o *site* Os Guedes. É servidor da Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB), à disposição do Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB), desde a década de 1990, onde é assessor de imprensa e escreve notícias com foco cultural e atualiza diariamente as redes sociais digitais do órgão.

Kubitschek Pinheiro também é responsável pelas assessorias de uma faculdade particular e produz um jornal eletrônico de uma instituição médica privada, além de

correspondente na capital de uma rádio do sertão. Em suas redes sociais digitais, publica textos, fotos e cenas do cotidiano na TV K.

#### 4.1.7 Silvana Sorrentino

Silvana Sorrentino nasceu em João Pessoa e iniciou sua trajetória no jornalismo em 1978 ao ingressar no curso de Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Um ano depois, começou a atuar em redação de jornal. Ainda não existia regulamentação do estágio e nem a obrigatoriedade do diploma: “Eu e uma amiga, Ana Maria Sá, fomos pedir emprego no jornal *O Norte*. O editor era Evandro da Nóbrega e ele nos deu as pautas. Tive a sorte e a confiança dele e a matéria foi manchete no dia seguinte”. Foi contratada como auxiliar de escritório e seis meses depois teve a carteira assinada como repórter.

Em 1982, aceitou uma proposta para trabalhar na equipe de reportagem em *A União*, feita pelo superintendente da época, o jornalista Petrônio Souto: “O jornal era mais aconchegante, eles recebiam melhor, tinha uma interação melhor. Eu fazia de tudo. Comecei como repórter de geral, depois consegui ficar só no caderno de Cultura”. Em 1985, com a mudança estatutária da empresa, tornou-se servidora pública lotada na Casa Civil do Governador.

No início da década de 1990 teve uma rápida passagem pelo *Correio da Paraíba*. Em 1995, passou a atuar na Secretaria de Comunicação da Prefeitura Municipal de João Pessoa (Secom-JP). Nessa época, Silvana Sorrentino estava dividida entre a assessoria de imprensa e a redação: “O primeiro eu achava confortável e gostava do trabalho. Casei em 1982, com o jornalista Fernando Moura, e tive três filhos, um atrás do outro. O batente do jornal para mim não estava muito interessante porque eu ficava muito tempo longe dos meus filhos”.

Enquanto era assessora de imprensa, também fazia matérias especiais para *A União* e para a revista *Ponto de Cem Réis*. Em sua trajetória também foi revisora e administradora da Editora Textoarte, criada em parceria com o marido. Nos jornais, chegou a substituir algumas vezes colunistas sociais como Astrid Bakke, Goretti Zenaide e Gerardo Rabello quando eles se ausentavam.

Em 2004, foi requisitada para assumir a função de supervisora de comunicação da Justiça Federal na Paraíba (JFPB): “Passei doze anos lá. Esse dos juízes era um mundo que eu não tinha convivido. Foi uma experiência maravilhosa, desafiadora. Eu precisava me impor diante daqueles magistrados que dificilmente poderiam ser contestados”. Desde 2016, Silvana

Sorrentino é Chefe da Assessoria de Imprensa e Relações Públicas do Departamento Estadual de Trânsito (Detran-PB).

## 5.2 SEGUNDA GERAÇÃO: 1980

A geração dos anos de 1980 encontra o jornalismo como um campo mais profissionalizado, com formação superior e com a possibilidade de trabalho em novas mídias como a televisão. Nessa fase, iniciam a aproximação com as tecnologias digitais, com a informatização e por outros instrumentos de trabalho.

### 5.2.1 Edilane Araújo

Edilane Carvalho de Araújo, nascida em João Pessoa, começou sua trajetória na comunicação por meio da Rádio Arapuan AM, na qual foi convidada para fazer um teste como locutora, em 1984. Inicialmente reprovada, foi convidada para uma nova tentativa quando conseguiu a vaga, tornando-se a primeira voz feminina em programa ao vivo de emissora FM local: “Me espelhei nos homens, em como eles fazia o FM no rádio. Você tinha que falar muito pouco porque FM era praticamente só para você ouvir música”. Além da locução, passou a fazer programação das canções tocadas durante as transmissões dos programas.

Quando começou a trabalhar em rádio, cursava Economia na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Fez vestibular e entrou no curso de Comunicação Social, mas, devido à rotina intensa de trabalho, não conseguiu conciliar e concluir a graduação. No início dos anos de 1990 migrou para a rádio Cabo Branco FM quando ainda estava sendo criada e montada a sua equipe. Na emissora, também ocupou a gerência de programação e participou da adesão da Jovem Pan (antes Rádio Cidade) ao grupo: “Fiquei muito insegura porque eu era uma menina comparada aos outros gerentes da empresa, a maioria homem. Para me fazer ouvir, eu tinha que realmente me impor naquele meio”.

Em 1986, com a fundação da TV Cabo Branco, integrou o pioneiro quadro de apresentadores da emissora: “A TV na minha trajetória foi uma consequência. O meu primeiro contato com televisão foi fazendo comercial. E no surgimento da TV aqui, como não tinha nome local, me convidaram para fazer um teste”. Estreou no vídeo ancorando o telejornal do meio-dia, o Jogo Aberto. Depois, migrou para a apresentação do JPB<sup>2</sup>a Edição, deixando a função em março de 2019.

É graduada em Gestão em Processos Gerenciais por uma instituição particular. Na Rede Paraíba de Comunicação ocupa o cargo de editora de qualidade e projetos especiais, criado após

a empresa passar por uma consultoria e mudar quadros em seu organograma: “Eu escolhi fazer Gestão porque eu já era gestora, mas não tinha a formação e achava que precisava. E, então, surgiu essa função”.

### 5.2.2 Gisa Veiga

Adalgisa Veiga de Medeiros é natural de João Pessoa e começou a escrever contos ainda na infância: “Minha mãe achou bonito o que eu fazia em um caderno e mandou colocar uma capa vermelha, com letras douradas, como um livro. Aquilo que me estimulou ainda mais”. Sua escrita continuou na adolescência com poemas que eram publicados em um suplemento infanto-juvenil no jornal *O Norte*.

Ingressou no curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e um de seus primeiros empregos foi como repórter de *A União*, quando ainda estava na graduação, levada pelo jornalista Sílvio Osias: “Minha carteira não era assinada como jornalista ou repórter, mas como auxiliar de escritório. Lá foi minha grande escola prática, sem desmerecer o curso”. Pelo jornal ainda teria outras passagens.

No *Correio da Paraíba*, no qual trabalhou em mais de uma ocasião, foi repórter e secretária de redação, assim como em *O Momento*, indicada pela jornalista Lena Guimarães. Também foi chefe de redação e colunista eventual em *O Norte*: “Houve uma espécie de intervenção em *O Norte*. Veio um pessoal de Brasília e me chamaram para ir para lá. O salário era maravilhoso, melhor do que o de qualquer editor-chefe”.

Na televisão, na segunda metade da década de 1980, integrou a primeira equipe de repórteres da TV Cabo Branco, indicada novamente por Sílvio Osias: “Eu tive uma breve experiência numa televisão de Pernambuco que veio fazer uma cobertura de Carnaval aqui, acho que alguns anos antes. Assim, lembraram de mim na TV Cabo Branco”. Também passou pela TV O Norte, na qual fazia boletins e matérias de rede para a Bandeirantes nos anos de 1990. Foi para a TV Tambaú atuar como comentarista de economia: “Acho que até hoje não houve uma mulher comentarista de economia aqui. Depois, passei a apresentar eventualmente nas férias de um e de outro, e a ser entrevistadora”.

Nos anos 2000, Gisa Veiga foi para o *Jornal da Paraíba* no qual trabalhou como editora política, colunista política e passou nove meses como editora-geral: “A minha coluna, modéstia à parte, era muito lida e muito bem aceita”. Ainda na Rede Paraíba de Comunicação, fez participações como entrevistadora de política no Bom Dia Paraíba. Servidora do Estado, nessa época era assessora de imprensa da Controladoria Geral do Estado (CGE-PB) e requisitada da

Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB) desde 2006. Também atuou na assessoria de comunicação do Ministério Público do Trabalho (MPT-PB).

Em 2014 submeteu, junto com a jornalista Andréia Barros, um projeto à direção da TV Master e passou a apresentar o programa *Sobretudo*. Também graduada em Direito por uma instituição privada, milita esporadicamente na área. Ainda no jornalismo, Gisa Veiga é assessora de imprensa de um deputado da Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB), da Associação dos Magistrados do Trabalho da 13ª Região (AMATRA 13) e colunista do portal Paraíba Online.

### 5.2.3 Ivani Leitão

Ivani Leitão Silva decidiu-se pelo jornalismo durante o vestibular, ainda em dúvida sobre se optaria por Letras ou Comunicação Social dentro da área de Humanas, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Aprovada em 1983, buscou conhecer e se envolver com a profissão desde o início. Sua primeira experiência foi um estágio na Rádio Universitária: “Eu fazia um programa que era da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (PRAC), com temática rural. A gente viajava para conhecer os projetos”.

No último período do curso de Comunicação Social, no segundo semestre de 1987, conseguiu um estágio no jornal *O Momento*. Depois de graduada foi efetivada como repórter de geral: “O jornal impresso me ensinou muito porque ele permite a você discorrer mais sobre os fatos. Quando eu fui para a televisão, tive que me adaptar a escrever mais enxuto”.

Em 1991 foi convidada para trabalhar na TV Cabo Branco como repórter e ficou por quase dezoito anos: “Eu tive experiência na reportagem e depois passei um período na produção de matérias”. Nessa fase fez muitas reportagens policiais e com temática ambiental. Nesta última recebeu o Prêmio AETC-JP de jornalismo pela reportagem “Erosão ameaça a barreira do Cabo Branco”: “Eu não esperava, foi uma surpresa. Talvez por isso tenha me marcado tanto. Tenho em casa os vídeos e, de vez em quando, eu a vejo”.

Em 2008 migrou para a TV O Norte, na qual apresentava o programa de entrevistas *O Norte Agora*, com o jornalista Luís Torres. Alguns meses depois, quando a emissora passou a se chamar TV Clube, Ivani Leitão tornou-se editora de um telejornal do meio-dia: “Foi a minha primeira experiência nessa área de edição”.

A jornalista Ivani Letão atuou ainda na assessoria de imprensa da Defensoria Pública do Estado da Paraíba (DPE-PB). No rádio, em 2012, assumiu a apresentação do *Jornal Estadual*, na Rádio Tabajara, ao lado de Ulisses Barbosa. Deixou o emprego no veículo anos depois. Na

agora TV Manaíra, do Sistema Opinião de Comunicação, é editora-chefe do programa Fala Cidade.

#### 5.2.4 Lúcia Figueiredo

Lúcia de Fátima Figueiredo nasceu em Itaporanga, no sertão paraibano. O seu objetivo inicial não era ser jornalista: “A princípio queria Direito porque eu tinha um senso de justiça muito elevado desde cedo. Mas problemas familiares me colocaram numa situação que o Direito ficou muito injusto para mim”. A paixão pelo rádio, seu único meio de comunicação na zona rural, a instigou a escolher o jornalismo.

Em 1980 ingressou no curso de Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Formada, em 1985 começou a trabalhar como assessora de imprensa de uma vereadora em Bayeux, cidade da Região Metropolitana de João Pessoa: “O dinheiro que ela pagava, a gente investia no movimento, no próprio partido”. Na mesma época também se engajou em um jornal alternativo chamado *A Ponte* no município.

Em 1989 entrou na Rádio Tabajara da Paraíba, na gestão de Gilson Souto Maior: “Foi um sonho. Era uma rádio que escutava na zona rural lá no sertão da Paraíba e de repente me vi trabalhando nela”. Estagiou durante seis meses na função de produtora. Mudou o vínculo para prestadora de serviços e na presidência de Sílvio da Silva Tó (1990-1991) teve sua carteira de trabalho devidamente assinada: “Eles colocam a gente como produtora porque não podem colocar como redatora que é uma função de jornal. Preferem colocar como rádio porque ganha menos, por causa do sindicato, do piso de jornalista”.

Na Rádio Tabajara permaneceu por vinte anos. Na FM foi redatora dos programas Jornal Tabajara, Informativo Tabajara e Agenda Cultural. Também atuou como repórter da Revista Estadual e do Carro de Frequência Modulada-FM, com entradas ao vivo de qualquer lugar da cidade de João Pessoa. Também foi produtora do Programa Germano Barbosa e do Show da Manhã, além de apresentadora do Teletipo, noticiário curto transmitido de quinze em quinze minutos na programação.

Além do rádio, também trabalhou em jornal impresso, desde o início dos anos de 1990. Pelas colegas Núbia Ramos e Evanice Gomes soube que *O Norte* precisava de revisores. Quando se apresentou, logo foi admitida: “Quase não tinha jornalista na revisão. Era mais o pessoal de Letras, os de nível médio”. Por essa época, devido aos problemas existentes na empresa, começou a se envolver com as questões sindicais: “Quando a gente entrou no

sindicato, a gente começou a fiscalizar, porque revisão é uma função jornalística e tem que ser para jornalista. Nós, as meninas e eu, demos essa característica”.

No jornal *O Norte* participou de uma greve: “A gente da revisão foi quem a segurou. Nós fomos a revelação”. No periódico permaneceu por catorze anos e na mesma função: “A maioria desse período foi para a redação. Eu não fui. O tempo que fiquei foi na revisão. Como eu tinha outro trabalho, não quis mudar”. Em 1993, quando houve eleição, iniciou sua militância no Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado da Paraíba (Sindjor-PB). Nele, compôs a diretoria em três gestões. Também integrou, por dois mandatos, o Departamento de Saúde e Previdência da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj). Em 2019 foi eleita vice-presidente regional do Nordeste da Fenaj.

No período 1989.1 ingressou no curso de Serviço Social pela UFPB. Em 2008, deixou a Rádio Tabajara para assumir um cargo em um concurso público da Fundação Desenvolvimento da Criança e do Adolescente "Alice de Almeida" (Fundac-PB): “Tive que optar. Não podia acumular porque a Rádio Tabajara é uma empresa pública, mesmo de direito privado. Saí de lá no último dia do prazo final para assumir esse concurso, em dúvida”.

Além do trabalho em jornal e rádio, também continuou a fazer assessoria de imprensa. Trabalha nessa função no Sindicato dos Trabalhadores em Ensino Superior do Estado da Paraíba (Sintes-PB), com sede na UFPB, e na secretária de comunicação da Central Única dos Trabalhadores na Paraíba (Cut-PB).

### **5.2.5 Madrilena Feitosa**

Diolinda Madrilena Feitosa Silva nasceu em Iara, no Ceará, e concluiu os estudos em Cajazeiras, no sertão paraibano. Aos 17 anos de idade foi aprovada no vestibular para o curso de Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa: “Não houve uma vocação pré-determinada. Foi uma junção de experiências de vida, com as coisas que eu estava fazendo, com as coisas que eu me identificava, com as oportunidades”.

Ainda na graduação, estagiou como assessora de imprensa no Serviço Social do Comércio (Sesc), na capital. Em 1988, no último período do curso, soube que havia duas vagas abertas para repórter no jornal *Correio da Paraíba*. Ela e o jornalista Adelson Barbosa conseguiram os empregos. Lá estagiou por um mês e permaneceu por dois anos. Quando ainda estava no jornal, o jornalista Antônio Vicente conseguiu para ela um cargo na Prefeitura Municipal de João Pessoa: “Teve depois um concurso público para jornalista com dez vagas e passei em primeiro lugar”. Foi demitida do *Correio da Paraíba* por aderir a uma greve com a

participação de jornalistas. Sua segunda passagem pelo periódico foi em 2001, convidada por Adelson Barbosa.

Na mídia impressa ainda trabalhou em *O Combate* e *O Momento* como repórter: “O editor Adelson Barbosa me chamou. Ele sempre estava me chamando para trabalhar, era assim com os amigos”. Em 1991, Madrilena Feitosa foi indicada pela professora Cida Ramos para ser assessora de imprensa do deputado Simão Almeida. Na política, trabalhou em diversas campanhas eleitorais com programas de rádio para o guia eleitoral de candidatos como Nadja Palitot e José Maranhão.

Em 1993 teve a sua primeira experiência com televisão. Foi produtora e repórter do programa Paraíba Meio-Dia, da TV Cabo Branco. Para lá foi indicada por um colega que estava de saída da emissora: “O lugar mais estressante que já trabalhei foi numa TV privada, mas eu aprendi muito”. Em 1994, também assumiu a assessoria de imprensa do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) na Paraíba.

Em 1995, passou em primeiro lugar em um concurso público para o cargo de jornalista na UFPB: “Sempre dei sorte em concurso. Fiz ao mesmo tempo uma seleção para um mestrado em Comunicação e Culturas Contemporâneas na Bahia. Passei em primeiro lugar. Só que eu passei nos dois ao mesmo tempo. Não ia deixar meu emprego por um mestrado”. Na universidade trabalhou por cinco anos fazendo assessoria de imprensa direta da reitoria. Com a criação da TV UFPB, a equipe de assessores migrou para o canal.

Pela emissora, de 2007 a 2008, atuou como repórter para o Canal Futura – em um convênio entre a universidade e a Fundação Roberto Marinho – e coordenou um programa chamado Ciência Aberta. Nesse entremeio, de 2009 a 2011, fez um mestrado em TV Digital na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP): “Quando eu voltei a TV Digital estava no auge e pude desenvolver muitos projetos. Coordenei um nacional, o Brasil 4D, com o professor Guido Lemos. Esse ganhou cinco prêmios, dois nacionais e três internacionais”. Ainda coordenou o I Fórum Paraibano de TVs Públicas na Era Digital e o Fórum Latino-Americano de Televisão Digital.

Na TV UFPB permaneceu por dez anos: “Saí quando terminou a gestão de Rômulo Polari (2008-2012) e da professora Sandra Moura como diretora”. Com a criação do Centro de Informática (CI), em 2014, foi convidada pelo professor Guido Lemos para assumir a assessoria de comunicação de lá e na qual permanece há seis anos: “No CI eu poderia continuar os trabalhos com TV Digital”. Entre 2015 e 2016, trabalhou com a produção de conteúdos digitais, junto com a jornalista Kelyanne Alves, para uma plataforma interativa para o governo federal.

Madrilena Feitosa também é pesquisadora de TV Digital no Núcleo de Pesquisa e Extensão (Lavid) da UFPB.

### 5.2.6 Hermes de Luna

Hermes de Luna Silva nasceu em Sapé, cidade localizada a 42 km de João Pessoa. Na Escola Técnica de lá cursou Engenharia Mecânica, na qual conheceu um colega que pretendia fazer jornalismo. Foi pelos planos do amigo que o rapaz, que já escrevia poemas, gostava de desenho e teatro, identificou-se com a área. Em 1982 ingressou no curso de Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e, em seguida, no de Direito pela mesma instituição. Já em 1986, ainda na graduação, integrou a equipe de correspondentes de um projeto da Rede Globo Nordeste no período eleitoral, na cobertura na Paraíba: “Cheguei a trancar o primeiro período de Direito por causa das viagens no projeto da Globo”.

No início da carreira foi difícil conquistar uma vaga no mercado de trabalho em João Pessoa: “Eu tentei várias vezes entrar numa redação e não consegui. Eu avaliava que meu texto estava aquém do que eles queriam na época”. Fez um teste para o *Correio da Paraíba*, mas não foi aprovado pelo editor, o jornalista Rubens Nóbrega. Em casa, Hermes de Luna buscou aprimorar seu texto.

Pouco depois, recebeu a ligação de um ex-colega de curso, o jornalista Ivo Marques, o informando da abertura de vagas no semanário *O Momento* que havia se tornado diário: “Cheguei, me deram uma matéria e me mandaram pra rua. Voltei e entreguei o texto ao editor, Luís Eduardo Carvalho. Ele chamou Jacinto Barbosa, secretário de redação, e mostrou a chefe de reportagem, Janete Leal. Disse para trazer a carteira de trabalho e que eu estava contratado”. Em *O Momento* atuou como repórter, secretário de redação e editor dos cadernos de Economia e Cultura. Na mesma época foi assessor de imprensa na Procuradoria Geral do Estado.

No governo de Tarcísio Burity (1987-1991) *O Momento* fechou as portas e recebeu do editor de política de *O Norte* um convite para trabalhar no jornal: “Eu já tinha uma fama de repórter que dava furo na área de política, que trazia boas informações, que tinha fontes. Então, foi mais fácil”. Uma das manchetes que recorda foi a matéria em que Tarcísio Burity afirmava que não passaria a faixa para Ronaldo Cunha Lima, na transição do governo estadual, em 1991: “Numa reunião no Palácio da Redenção, entrei na fila do ‘beija-mão’ dos funcionários e perguntei: ‘O senhor vai passar a faixa pra Ronaldo?’. Ele disse não. O editor duvidou, foi confirmar a informação e disse que podia publicar como manchete”.

Ficou de dois a três anos em *O Norte*, até que foi convidado pelo deputado Gilvan Freire (1991-1995) para ser assessor de imprensa dele na Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB). Ainda trabalhou nas gestões de Carlos Dunga, Nominando Diniz e Arthur Cunha Lima, por exemplo. Dentro desse período também foi levado para o *Correio da Paraíba* pela jornalista Lena Guimarães: “Ela era colunista de política e a gente sempre se encontrava nas coberturas. Era uma de minhas inspirações. Alguém saiu e ela me convidou para ser repórter. Quando se tornou editora, assumi a coluna no lugar dela”.

No jornal, Hermes de Luna teve mais de uma passagem: “Em alguns momentos consegui conciliar o *Correio da Paraíba* como repórter de política e na assessoria, mas nunca misturei as coisas”. No rádio, teve breves participações na *O Norte*, como apresentador de um programa das seis da noite, e na *Correio 98 FM*. Já em televisão, sua atuação no vídeo começou depois que elaborou um projeto de programa intitulado, inicialmente, de “Via Paraíba” e o encaminhou ao superintendente do Sistema Correio, Alexandre Jubert: “Era um programa que mostrava as coisas da Paraíba. Ele gostou, mas disse que tinha que ter um nome com Correio e ficou *Correio Cidades*”. Passou a ser exibido aos sábados e, como não tinha outro profissional disponível para ancorá-lo, o próprio Hermes de Luna assumiu a apresentação.

Entre idas e vindas na redação e nas assessorias de imprensa, retornou ao Sistema Correio de Comunicação quando da fundação da Rede Correio de Televisão (RCTV): “Eram dois programas, um à noite e outro diário”. Depois, migrou para a TV Correio para fazer comentários políticos no *Correio Debate*. Com a saída do jornalista Giovanni Meireles, assumiu a apresentação e o cargo de editor, no qual permanece desde 2012.

Nas plataformas digitais, Hermes de Luna foi um dos pioneiros no estado ao criar um *blog*, o Poder, Política & Cia, em 2006: “Nunca tive a intenção de dar muita visibilidade ao meu *blog*. Não tenho pressa para publicar. Não tem *banner* nenhum. Foi na época que saí do *Correio da Paraíba*, por necessidade, enquanto estava na Assembleia Legislativa”. Em 2020, a página foi vinculada ao Portal Correio.

### **5.2.7 José Vieira Neto**

José Vieira Neto nasceu em Pombal, no sertão paraibano, em uma família como muitos contadores de histórias, como os seus avós paternos e maternos. Os carros de som que passavam e o rádio foram os primeiros meios de comunicação pelos quais se encantou na infância e na adolescência. A inclinação para o jornalismo foi crescendo junto com ele: “Participei de um

jornalzinho do centro acadêmico da escola e escrevia poesias”. Quando estava completando os estudos, decidiu-se pelo curso.

Ingressou na graduação em Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em 1982: “O curso foi minha caixa de ferramentas para a profissão. Os professores não me moldaram só para a profissão, mas também o meu caráter”. No primeiro ano, já pediu emprego na Rádio Maringá, em Pombal. Também estagiou na Rádio Universitária na qual, posteriormente, foi contratado.

No começo de 1986 participou de uma seleção para atuar como correspondente da Rede Globo Nordeste: “Fomos treinados durante três meses em Recife. Tive contato com os grandes jornalistas da época que vieram passar suas experiências como Leda Nagle e Francisco José. O trabalho da Paraíba foi considerado o melhor dos três estados do Nordeste participantes”. A desenvoltura no projeto rendeu a ele um convite para trabalhar na emissora no estado pernambucano quando uma vaga foi aberta. Questões familiares o fizeram recusá-lo, mas foi indicado pelo repórter Francisco José para um emprego na recém-criada TV Cabo Branco.

José Vieira Neto chegou em dezembro de 1986 e foi o último repórter a integrar a equipe. Deixou a TV Cabo Branco anos depois por discordâncias sindicais. Quando foi criada a TV Tambaú, recebeu um convite do jornalista Joanildo Mendes para ir para a nova emissora na qual também foi repórter e apresentador. Com quinze anos de carreira, decidiu migrar para a assessoria de imprensa. Trabalhou no Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB), fundou o núcleo de comunicação do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB), atuou na área em uma distribuidora de energia elétrica local, a Energisa, e no Tribunal Regional do Trabalho da 13ª Região (TRT13), no qual entrou em 2003.

No Tribunal Regional do Trabalho da 13ª Região (TRT13) o seu desafio foi assessorar a primeira mulher presidente de um tribunal na Paraíba: “Já estou aqui há nove gestões. A cada novo mandato eu tenho que ter novos projetos, algo novo e que me motive, senão o próximo presidente não vai me querer”. Mesmo fora das redações, continuou ativo nas produções externas. Em 2008 criou o canal Vida Arretada, no *Youtube*, com conteúdos de turismo e viagens.

Em 2012, quando Sistema Correio de Comunicação abriu a Rede Correio de Televisão (RCTV), recebeu um convite para fazer o Vida Arretada na TV. Depois, o projeto entrou como quadro do programa Correio Espetacular, na TV Correio. Foram cinco anos no ar. Entre 2019 e o início de 2020, José Vieira Neto assinou uma coluna de Turismo na rádio CBN: “Fiquei impressionado com essa experiência. Foi uma tristeza quando eu disse que ia sair. Não tinha

como fazer por conta do trabalho no tribunal. Tinha que pesquisar muito para fazer a coluna”. Em janeiro de 2021, deixou o Tribunal Regional do Trabalho da 13ª Região (TRT13).

## 6 ANÁLISE DA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Nesta seção analisamos as carreiras profissionais dos jornalistas veteranos no exercício do jornalismo na cidade de João Pessoa. Foram, ao todo, catorze entrevistados(as), divididos(as) em dois grupos. O primeiro é formado por aqueles(as) que iniciaram-se no jornalismo entre as décadas de 1960 e 1970. O segundo inclui a geração que ingressou na profissão a partir dos anos de 1980. O primeiro tópico apresenta um perfil do(a) jornalista veterano(a). Nos itens seguintes, identificamos as escolhas e negociações realizadas pelos(as) profissionais ao longo de suas trajetórias. Além dos depoimentos, também foram inseridos dados do mapeamento exploratório e do questionário nas seções.

### 6.1 O PERFIL DO JORNALISTA VETERANO PESSOENSE

Com o cruzamento da amostra do questionário e do mapeamento exploratório, realizados para esta pesquisa, entre os anos de 2019 e 2020, pudemos traçar um perfil dos jornalistas veteranos no exercício de atividades jornalísticas na cidade de João Pessoa. Nosso levantamento identificou 232 profissionais com cinquenta anos ou mais em idade cronológica no mercado de trabalho na capital. Consideramos esse marco temporal por a quinta década de vida marcar a acentuação do processo de envelhecimento humano (VARELLA; JARDIM, 2009). Assim, também estabelecemos uma relação com a maturidade profissional. Nos referimos aos jornalistas nessa pesquisa como “maduros”, “mais experientes”, “veteranos” e “mais velhos”, contrapondo o termo “idoso”.

Chamar de idoso aquele que viveu mais é arrancar seus dentes na linguagem. Velho é uma palavra com caninos afiados – idoso é uma palavra banguela. Velho é letra forte. Idoso é fisicamente débil, palavra que diz de um corpo, não de um espírito. Idoso fala de uma condição efêmera, velho reivindica memória acumulada. Idoso pode ser apenas “ido”, aquele que já foi. Velho é – e está (BRUM, 2012, *online*).<sup>45</sup>

Desse modo, tratar do envelhecimento do jornalista, sobretudo na carreira jornalística, é uma forma de reconhecimento da experiência como condição de valorização profissional. Além disso, dentro desse recorte, observamos pelo mapeamento que a presença masculina foi quase três vezes maior do que a das mulheres. Pelo formulário, o retrato dos participantes do

---

<sup>45</sup> BRUM, Eliane. Me chamem de velha. Eliane Brum. **Desacontecimentos**. São Paulo, 20 de fev. de 2012. Disponível em: <http://elianebrum.com/opiniao/colunas-na-epoca/me-chamem-de-velha/>. Acesso em: 21 de abr. de 2020.

estudo foi semelhante ao do nosso levantamento. Desses, 55,4% eram homens e 44,6% das respondentes eram do gênero feminino. Quanto à idade, a faixa etária dos jornalistas maduros se manteve entre os 50 e os 59 anos (61,5%). Os profissionais com 60 a 69 anos de idade formavam 33,8% da amostra e os que estavam entre os 70 anos ou mais correspondiam a 4,6%. No que se refere ao tempo de carreira, 81,6% acumulavam mais de trinta anos de experiência profissional no jornalismo, 13,8% de 20 a 25 anos e 4,6% de 10 a 15 anos na profissão.

Quadro 4: Perfil dos respondentes do questionário

GÊNERO		FAIXA ETÁRIA (ANOS)			TEMPO DE CARREIRA (ANOS)			
Feminino	Masculino	50 a 59	60 a 69	70 a 79	10 a 15	20 a 25	30 a 35	40 ou mais
44,6%	55,4%	61,5%	33,8%	4,6%	4,6%	13,8%	58,5%	23,1%

Fonte: A autora, 2020.

Os jornalistas veteranos também completaram, em alguma etapa de suas vidas, um curso superior, o que representava 78,5% do total. A maioria dos profissionais era formada por egressos da graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo (73,4%) ou de áreas afins, como Rádio e TV e Relações Públicas. Entre os outros campos de formação mencionados estavam o Direito, Letras, Serviço Social, História, Ciências e Gestão. Uma pequena parte, composta por 12,3% dos respondentes também ingressaram em algum programa de pós-graduação, em temáticas como Redação Jornalística e Mídias Digitais.

Em relação aos espaços ocupados pelos jornalistas maduros no mercado de trabalho na capital, contabilizamos os nomes de 161 profissionais nos órgãos públicos mapeados, como a Rádio Tabajara e o jornal *A União*, nas secretarias de comunicação do Estado e a do município, assim como no Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB), Assembleia Legislativa (ALPB), Câmara Municipal de João Pessoa (CMJP), Tribunal de Contas do Estado (TCE), Tribunal Regional do Trabalho da 13ª Região (TRT13), Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Instituto Federal da Paraíba (IFPB). Pelo questionário, 44,6% dos jornalistas veteranos estavam enquadrados como servidores públicos e 26,2% detinham cargo comissionado.

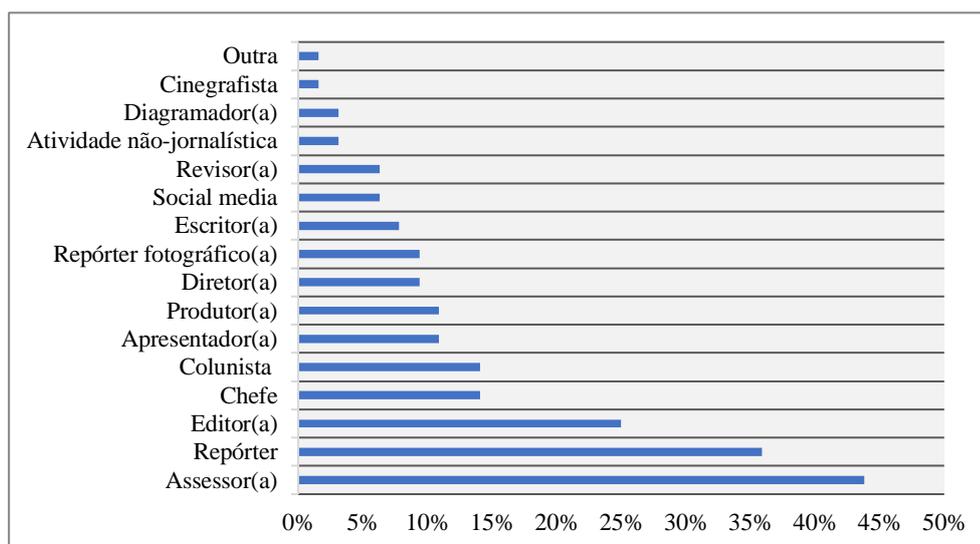
Também identificamos 56 jornalistas com cinquenta anos ou mais em idade em veículos de seis grupos de mídia de João Pessoa. Foram mapeados a Rede Paraíba de Comunicação, Sistema Correio, Sistema Arapuan, Sistema Opinião, Rede Tambaú e a Rede Master. Considerando também portais, *blogs*, canais de vídeos e revistas, 43 profissionais atuavam nessas plataformas independentes. Entre os participantes do formulário, 23,1% atuavam no

mercado de trabalho por meio de contrato com carteira assinada. Vínculos precários como *freelancer* e Pessoa Jurídica (PJ) receberam 12,3% das menções.

Desse modo, como adiantado pelo mapeamento, entre os veículos e áreas de trabalho, mais da metade dos jornalistas afirmou atuar em assessorias de imprensa (61,5%). Esta, no entanto, poderia ser dividida com outras frentes de atividades. Dentre as mídias tradicionais, a televisão (18,4%), o rádio (15,4%), o jornal impresso (15,4%) e as revistas (4,6%) foram as principais ambiências laborais dos profissionais veteranos. Uma parte deles, correspondente à 36,9%, também estava inserida nas plataformas digitais como portais, *blogs* e canais de vídeo.

Quando consideramos as funções jornalísticas, somando o percentual de editores, diretores e chefes, percebemos que 48,5% dos profissionais estavam à frente de cargos de gestão, tanto nas assessorias e empresas públicas, quanto nas mídias privadas. A condição de assessor de imprensa (43,8%) era a segunda ocupação mais mencionada pelos participantes da pesquisa. O ofício como repórter era mantido por 35,9% dos pesquisados, mesmo para os que ocupavam postos em assessorias. O percentual de colunistas era de 14,1%, seguido dos apresentadores e produtores, ambos com 10,9%, e dos repórteres-fotográficos com 9,4%. Entre as novas ocupações aderidas pela profissão estava a de *social media* desempenhada por 6,3% deles. Fora do jornalismo diário, os jornalistas também assumiam atividades como escritor (7,8%) e revisor (6,3%).

Gráfico 1 – Funções desempenhadas pelos jornalistas veteranos



Fonte: A autora, 2020.

No que se refere ao rendimento salarial dos jornalistas, 38,5% recebiam de três a seis salários-mínimos, considerando a base de 2020 no valor de R\$ 1.039,00. Ainda entre os respondentes, 23,1% tinham uma renda média de dois a três salários-mínimos, 25,5% de sete a dez e 9,3% ultrapassavam os dez salários-mínimos. Dados disponibilizados no *site* da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), referentes à data-base de abril de 2016 a 2018, mostravam que o piso salarial da categoria na Paraíba variava conforme o veículo. Para Rádio e TV era de R\$ 1.503,99, para TV de R\$ 1.956,05 e em jornal de R\$ 1.887,71. Um total de 7,7% dos jornalistas auferia de um a dois salários-mínimos.

Quanto à vinculação a entidades e representações sindicais, 78,3% dos participantes do questionário da nossa pesquisa eram filiados ao Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado da Paraíba (SindJor-PB), 66,7% à Associação Paraibana de Imprensa (API) e 8,3% ao Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Radiodifusão e Televisão do Estado da Paraíba (STERT-PB). Dos respondentes, 10% não eram associados a nenhuma organização e 6,7% integravam outros grupos. O envolvimento dos sindicalizados e associados também foi baixa. Do total, 36,2% quase nunca frequentavam reuniões e eventos das entidades, 22,4% iam de vez em quando e apenas 13,8% tinham presença regular.

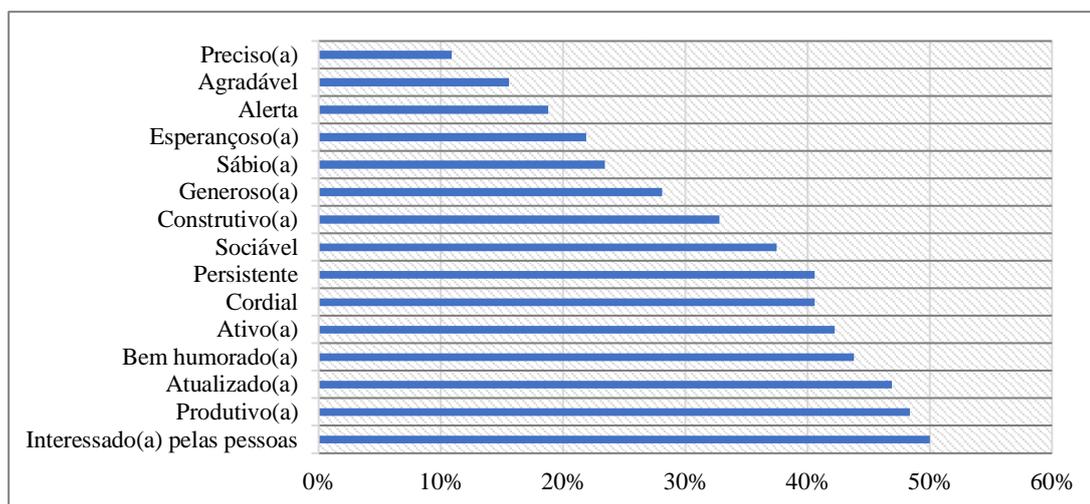
Quando questionados sobre os motivos para mudanças na carreira na fase madura da vida, 75% apontaram as transformações provocadas pelas novas tecnologias no ambiente de trabalho, 43,8% as demissões e remanejamentos causadas pela extinção de funções e 40,6% se referiram aos processos de organização do trabalho que precarizaram as relações trabalhistas. Esses fatores involuntários também foram acompanhados por eventos individuais, como as questões financeiras (31,3%), as relacionadas ao avanço da idade (25%), pela autonomia para a autogestão de negócios (18,8%), por problemas de saúde (10,9%) e assuntos familiares (3,1%). Observa-se ainda que para 9,4% não ocorreram transformações nessa etapa de suas trajetórias profissionais.

Quanto à aposentadoria por regime previdenciário, dos participantes da pesquisa, a diferença foi mínima entre os que já estavam aposentados e os que ainda não haviam planejado entrar nessa condição, representados por um percentual de 49,2% e 50,8%, respectivamente. No primeiro caso, estas ocorriam, em 42,4% das vezes por tempo de contribuição, referente aos trinta anos de exercício profissional, e em 6,8% das ocorrências por idade. Entretanto, em geral, mantinham-se ativos no mercado de trabalho.

Em relação à maturidade profissional, os jornalistas veteranos atribuíram-se uma série de características, majoritariamente, positivas sobre esta etapa de suas trajetórias. Desse modo, estes consideram-se interessados pelas pessoas (50%), produtivos (48,4%), atualizados

(46,8%), bem-humorados (43,8%), ativos (42,2%), cordiais (40,6%), persistentes (40,6%), sociáveis (37,5%), construtivos (32,8%), generosos (28,1%), sábios (23,4%), esperançosos (21,9%), alertas (18,8%), agradáveis (15,6%) e precisos (10,9%).

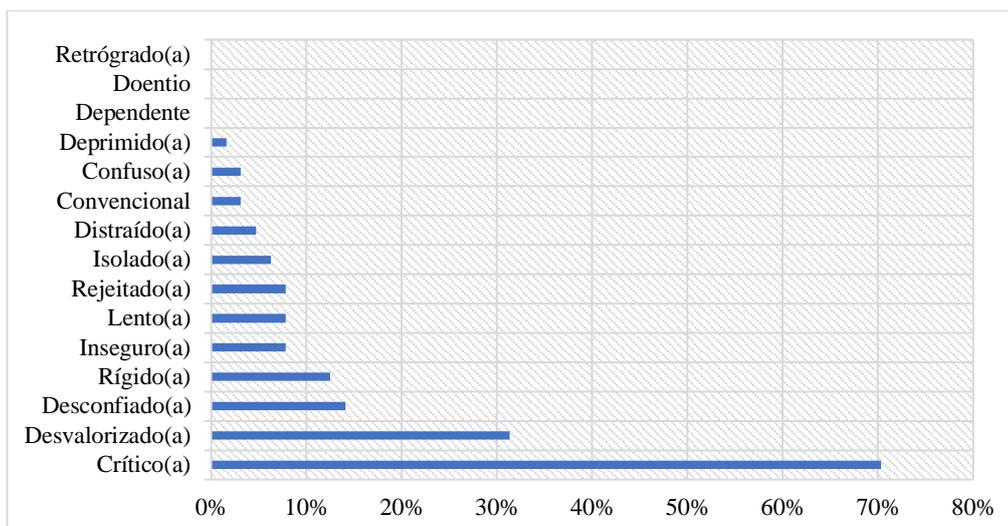
Gráfico 2 - Atributos profissionais positivos na maturidade



Fonte: A autora, 2020.

Já entre os atributos negativos, assim classificado por esse instrumento, estava o ser crítico, com 70,3% das menções e o sentir-se desvalorizado para 31,3% dos jornalistas maduros. As características desfavoráveis receberam em média quatro respostas cada, sendo que três delas não foram escolhidas. Ainda assim, 14,1% dos profissionais disseram que se percebiam desconfiados, 12,5% julgavam-se rígidos, 7,8% eram inseguros, lentos ou viam-se como rejeitados, 6,3% supunham-se isolados, 4,7% como distraídos, 3,1% como convencionais ou confusos, e 1,6% como deprimidos.

Gráfico 3 - Atributos profissionais negativos na maturidade



Fonte: A autora, 2020.

Esse perfil do jornalista veterano no exercício de funções jornalísticas na cidade de João Pessoa é reforçado pela análise dos depoimentos com os(as) catorze profissionais entrevistados(as) para esta pesquisa, do primeiro e do segundo grupo. No tópico a seguir passamos a identificar e discutir as contingências, negociações e escolhas feitas pelos jornalistas ao longo de suas carreiras para a mobilidade na profissão e permanência no mercado diante dos processos de exclusão dos trabalhadores maduros dos ambientes laborais.

## 6.2 INSERÇÃO PROFISSIONAL E RECRUTAMENTO

Em alguma medida ou momento da carreira, os jornalistas precisaram da indicação e convite de colegas, professores, gestores privados e públicos para entrar no mercado de trabalho ou mudar de emprego. Esse movimento também poderia ser realizado por concurso público, seleção interna e pela apresentação voluntária do candidato. Em geral, essas redes de contato são estabelecidas pela própria experiência no meio jornalístico, construídas na socialização profissional nas empresas e órgãos, assim como no ambiente acadêmico durante o período de formação. Tal constatação nos encaminha para a afirmativa de que “o ser humano existe somente dentro de uma rede de relações” (BORGES, 2006, p. 222).

Relações consolidadas com os colegas e superiores também envolviam a capacidade de trabalho característicos da profissão. São exemplos pautas que tornam-se manchetes, furos jornalísticos, agenda de fontes, domínio das diversas fases do processo produtivo e capacidade para lidar com distintas plataformas e linguagens. Nesse sentido, os primeiros anos no exercício

da profissão foram essenciais para o desenvolvimento da carreira, dentro e fora das empresas e instituições.

Neste aspecto, a fundação do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, no segundo semestre de 1977, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), demarcou a principal diferença entre os dois grupos de jornalistas entrevistados nesta pesquisa. Apesar deste elemento, as formas de recrutamento foram semelhantes e não passaram por transformações significativas ao longo do tempo. Na condição de estudantes, os jornalistas passavam por períodos de estágio, ainda na própria universidade, e em projetos externos. Nesse caso, conforme os depoimentos, os professores desempenhavam um papel importante no acompanhamento e avaliação dos estudantes para pré-selecionar aqueles que se destacassem pela qualidade do texto, por notas altas, comportamento, habilidades e competências.

Nesse sentido, os estágios foram passagens marcantes na trajetória dos jornalistas do segundo grupo, a exemplo de Lúcia Figueiredo: “Na Tabajara, entrei como estagiária e fiquei durante seis meses. Depois fiquei como prestação de serviço. Na gestão de Sílvio da Silva Tó na Presidência da Rádio minha carteira foi assinada” (FIGUEIREDO, 2019)<sup>46</sup>. A entrevistada mencionou algo comum nessa experiência que era a efetivação dos estagiários depois de formados.

O jornalista José Vieira Neto também passou por uma experiência desse tipo no início da graduação: “Entre no curso em 1982 e em 1983 eu já fui bater nas portas da Rádio Universitária, onde o coordenador era o professor Carmélio Reynaldo. Fui lá e pedi pra estagiar” (VIEIRA NETO, 2020)<sup>47</sup>. O estágio mencionado era dirigido aos estudantes do último período, como no caso de Ivani Leitão que passou por ele e, posteriormente, no jornal *O Momento*. Ambos foram efetivados, na Rádio Universitária e no diário, respectivamente.

Os jornalistas José Vieira Neto e Hermes de Luna, por exemplo, viveram uma fase profissional parecida na graduação, na segunda metade da década de 1980, com um projeto de cobertura eleitoral promovido pela Rede Globo no Nordeste: “Chegaram lá pedindo indicação da coordenação do curso de dois alunos que se destacavam pelas notas, comportamentos, habilidades com texto. A coordenação escolheu eu e Denise Vilar” (LUNA, 2020)<sup>48</sup>. Além do

---

<sup>46</sup> FIGUEIREDO, Lúcia. **Entrevista**. [4 de setembro de 2019]. João Pessoa. 1 arquivo.mp3 (50 min.). Entrevista concedida à Marcella Machado.

<sup>47</sup> VIEIRA NETO, José. **Entrevista**. [1 de setembro de 2020]. João Pessoa. 1 arquivo.mp3 (1h17min.). Entrevista concedida à Marcella Machado.

<sup>48</sup> LUNA, Hermes de Luna. **Entrevista**. [31 de agosto de 2020]. João Pessoa. 1 arquivo.mp3 (1h8min.). Entrevista concedida à Marcella Machado.

critério do bom desempenho nas aulas do curso, os jornalistas tiveram a vantagem da juventude para passar no teste:

Eles queriam na época repórteres jovens. Eles não queriam quem estava há muito tempo no mercado porque consideram que essas pessoas eram viciadas ou tinha vinculação política com alguém. Foi feito um edital e fixado no mural da coordenação do curso com um número de telefone. Ligava, dizia o nome, telefone e estava inscrito (VIEIRA NETO, 2020).

A desvinculação de grupos políticos e econômicos, atribuídos à juventude, apareceu em depoimentos de outros jornalistas como justificativa para a contratação de profissionais com menos tempo de carreira. Ainda dentro da temática da universidade, um fenômeno que se destacou foi o ingresso no ensino superior de jornalistas já experientes no mercado, incluídos na primeira geração. Uma parcela, entretanto, não chegou a concluir todos os semestres, como Frutuoso Chaves: “Larguei o curso de jornalismo acho que no terceiro período. Vêm afazeres que você não consegue ser mais estudante, encargos profissionais que não dá mais para conciliar com estudo” (CHAVES, 2018), relatou em entrevista ao jornalista Rubens Nóbrega, em 2018.

Ainda assim, a passagem de alguns dos jornalistas pelo ensino superior também funcionava como uma forma de conhecer os profissionais em formação e recrutá-los para as redações nas quais atuavam. Sílvio Osias iniciou-se na profissão ainda na adolescência. Se afastou da redação por um período para concluir os estudos e fazer o vestibular. O profissional já era conhecido por jornalistas como Agnaldo Almeida, que também ingressou no curso, mas não chegou a concluí-lo. Na universidade os dois se reencontraram e Agnaldo Almeida o levou de volta para *A União*. Sílvio Osias saiu formado da instituição, mas demorou para cumprir a carga horária necessária. Esse atraso foi benéfico em algumas ocasiões, quando da formação da equipe da TV Cabo Branco, por exemplo:

Essa correria minha de redação acabou me atrasando na universidade. Eu demorei muito, abandonava e voltava. O fato de eu ter demorado na universidade me permitiu conhecer gente de outras turmas. Ruth Avelino e Gisa Veiga eu já conhecia. Naná Garcez eu já conhecia. Joanildo Mendes eu conheci lá no curso, depois Denise Vilar, Saulo Moreno, Karla Almeida, essa galera toda. Erialdo Pereira dizia: ‘Sílvio, e aí quem vai ser?’. Eu respondia: ‘Eu tenho uns rapazes e umas moças lá na universidade que a gente pode testar’. Eu levava, a gente testava, uns davam certo, outros não (OSIAS, 2019).<sup>49</sup>

<sup>49</sup> OSIAS, Sílvio. **Entrevista**. [2 de setembro de 2019]. João Pessoa. 1 arquivo.mp3 (2h16min.). Entrevista concedida à Marcella Machado.

Os jornalistas que haviam chegado há mais tempo na redação dos veículos tinham um papel importante nesse sentido, como iniciar os recém-formados no mundo do jornalismo. De tal modo, a imersão no mercado e o desenvolvimento profissional dentro dele imprimiam a identidade da profissão dentro desse período de adaptação e aceitação por parte de seus pares mais antigos, em um processo de renegociação dos símbolos aprendidos e interiorizados durante a graduação. Em alguns aspectos, como observamos nas entrevistas, a vivência pré-jornalística no curso era mais rigorosa do que a experienciada nas empresas jornalísticas, sobretudo pelas diferenças entre a temporalidade e a demanda de produção.

Pelos depoimentos é possível perceber a recorrência de uma espécie de ritual de passagem dos jovens “focas”, marcado por um período de submissão a rotinas de trabalho desgastantes que entravam pela madrugada, a falta de recursos para o trabalho, a adaptação do texto, a construção de relações com fontes, a aceitação de salário mais baixo do que o piso de jornalista por registro irregular na carteira, permanência no caderno policial à noite, considerada a parte menos nobre da profissão (RAMOS; PAIVA, 2007), ou no de Cidades, mais generalista. Esses sacrifícios são vistos pelos entrevistados como uma condição natural viabilizada pela própria juventude e pela necessidade de começar a carreira.

Do mesmo modo, enfrentar as difíceis condições de trabalho parecia ser uma espécie de prova inicial que determinaria a permanência do jornalista na profissão. Os dois grupos de entrevistados destacaram passagens semelhantes desses primeiros anos, a exemplo de Silvana Sorrentino: “Quando você chega no jornal é obrigada a fazer de tudo. Tinha jornal aos domingos e uma vez por mês se trabalhava no domingo. Nesse dia é que se fazia tudo mesmo, inclusive as matérias policiais” (SORRENTINO, 2020)<sup>50</sup>.

Os jornalistas do segundo grupo também citaram situações parecidas, como Gisa Veiga: “Naquela época não tinha carro com fotógrafo para todas as matérias. A gente andava a pé ou o carro ia deixar e, muito tempo depois, passava para buscar” (VEIGA, 2019)<sup>51</sup>. As dificuldades também funcionavam com treino contra o tempo, o que geravam desgastes físico e mental, como pontuou Ivani Leitão: “Já teve vez de eu sair de um local para outro a pé para pegar todas as fontes da reportagem e levar com rapidez” (LEITÃO, 2019)<sup>52</sup>. Hermes de Luna demarcou as semelhanças entre as gerações quanto às atividades e os tipos de cobertura no início de carreira:

---

<sup>50</sup> SORRENTINO, Silvana. **Entrevista**. [31 de agosto de 2020]. João Pessoa. 1 arquivo.mp3 (1h20min.). Entrevista concedida à Marcella Machado.

<sup>51</sup> VEIGA, Gisa. **Entrevista**. [2 de outubro de 2019]. João Pessoa. 1 arquivo.mp3 (1h1min.). Entrevista concedida à Marcella Machado.

<sup>52</sup> LEITÃO, Ivani. **Entrevista**. [30 de outubro de 2019]. João Pessoa. 1 arquivo.mp3 (42 min.). Entrevista concedida à Marcella Machado.

“Comecei como repórter à noite, de plantão. Fazia tudo à noite, de assassinato a cobertura de evento” (LUNA, 2020).

No caso do primeiro grupo de entrevistados, os jornalistas comumente iniciavam-se como copidesques, redatores ou revisores, e não necessariamente como repórteres, o que seria mais habitual quando graduados. O setor da revisão também seria modificado com a chegada dos primeiros jornalistas diplomados, como relatou Lúcia Figueiredo. No entanto, antes disso essa área era geralmente a porta de entrada para os que precisavam de um emprego e para os interessados na profissão, a exemplo de Gonzaga Rodrigues:

Apareceu um concurso de revisor no jornal *A União*. Era um jornal de muito prestígio, de maior circulação do estado e que reunia os profissionais mestres de qualidade. Nesse tempo não havia nem curso de Comunicação, muito menos universidade. Então, eu fui lá e fiz o concurso. O concurso era a gente diariamente trabalhar durante seis meses. Até que fizeram uma depuração e ficamos uns seis. Então, comecei assim (RODRIGUES, 2019)<sup>53</sup>.

Esse também foi o caso de Frutuoso Chaves, Nonato Guedes, Wellington Farias e Sílvio Osias, do primeiro grupo de jornalistas entrevistados para a pesquisa. Posteriormente, estes alcançariam progressão na carreira, de uma forma muito semelhante, tornando-se repórteres e ocupando cargos de gestão. É comum em suas narrativas que estes se caracterizem como repórteres-redatores, em essência, mesmo tendo passado por colunas, editorias, direções e chefias.

Independente da fase de início, a vivência na redação, de certo modo, preparava os próximos passos dos jornalistas na carreira, agregada a uma visão mais ampla do mercado e das oportunidades de desenvolvimento profissional nele. Nesses primeiros anos construíram uma reputação no meio jornalístico que os credenciaram a ocupar outros postos. A partir da adoção de alguns atributos, os entrevistados buscaram justificar suas movimentações no mercado. Os trechos de depoimentos dos jornalistas do primeiro e do segundo grupo exemplificam essa observação:

O pessoal gosta muito da minha participação porque eu sempre segui uns conselhos. Ser eternamente repórter foi uma lição, ter lado foi outra e a terceira lição, o que eu adotei como meta foi o seguinte. O famoso José Américo de Almeida, o escritor, dizia: ‘Ver bem não é ver aquilo que todo mundo vê. Ver bem é ver aquilo que os outros não veem’. Então, se eu vou para uma cobertura jornalística, eu vou atentando para perceber um fato ali que ninguém está vendo, ou um documento, ou uma declaração, alguma coisa (FARIAS, 2019)<sup>54</sup>.

<sup>53</sup> RODRIGUES, Gonzaga. **Entrevista**. [15 de agosto de 2019]. João Pessoa. 1 arquivo.mp3 (1h25min.). Entrevista concedida à Marcella Machado.

<sup>54</sup> FARIAS, Wellington. **Entrevista**. [4 de outubro de 2019]. João Pessoa. 1 arquivo.mp3 (2h5min.). Entrevista concedida à Marcella Machado.

Eu nunca fiquei desempregada, sem nada, sempre tinha um trabalho, desde quando comecei na profissão. Eu queria em dez anos ter feito tudo justamente para ter uma base para enfrentar o mercado. Se me aparecesse uma demanda por edição, eu sabia editar. Se me surgisse uma demanda para escrever, eu sabia escrever. Se me aparecesse uma demanda por qualquer coisa, eu sei fazer, tenho experiência (FEITOSA, 2020)<sup>55</sup>.

Ter experiência em várias áreas, assim como destacou Madrilena Feitosa, era uma espécie de plano de carreira do(a) profissional jornalista. Como observamos dos depoimentos, Sílvio Osias, por exemplo, destacava-se pelo bom texto e Silvana Sorrentino pelo relacionamento com as fontes e pela transparência. Muitos dos convites para trabalho de Hermes de Luna se deram por sua fama de dar furos na área de política. José Vieira Neto apontou como diferencial saber gravar e editar as suas próprias matérias na televisão e nas assessorias de imprensa. Em ambos os grupos, o acúmulo de experiência é acompanhado pelo requisito da atualização constante de suas competências e visões de mercado.

Assim e entre outras características, os jornalistas atribuíram os motivos para o desenvolvimento na profissão e dos convites para ocupar os postos disponíveis no mercado. Além das qualidades e das competências, os profissionais contavam também com o auxílio de uma série de fatores involuntários, ou seja, que não dependiam apenas de uma capacidade individual para a locomoção na carreira. No tópico a seguir tratamos de um deles, relacionado à abertura de novas vagas de trabalho.

### 6.3 CRIAÇÃO DE NOVOS VEÍCULOS E PROJETOS

A mobilidade na carreira esteve, em muitos casos, relacionada à fundação de novas empresas ou mesmo à execução de projetos inovadores dentro dos empreendimentos já existentes. Assim ocorreu no Brasil quando da chegada do rádio, na década de 1930, e da televisão, a partir dos anos de 1950, e do mesmo modo com as reformas gráficas e técnicas nos jornais impressos, além da criação de outros periódicos, concentrados principalmente no eixo Rio de Janeiro-São Paulo.

O *Diário Carioca*, em 1951, por exemplo, adotou o lide, a pirâmide invertida nas notícias, o manual de redação e formou a primeira equipe de copidesques na redação. O *Jornal do Brasil*, a partir de 1956, implementou reformas em diferentes gestões, criou um suplemento

---

<sup>55</sup> FEITOSA, Madrilena. **Entrevista**. [16 de setembro de 2020]. João Pessoa. 1 arquivo.mp3 (1h13min.). Entrevista concedida à Marcella Machado.

dominical que contava com a colaboração de jovens poetas, escritores e artistas plásticos (ABREU, 2002), contratou treze novos repórteres e mais uma geração jovem vinda de jornais como o próprio *Diário Carioca*, para imprimir uma nova mentalidade na empresa.

Nesse mesmo percurso, os jornais como *Diário Carioca*, *Jornal do Brasil* e *Tribuna da Imprensa* introduziram a função de editor. Foram lançadas, pela Editora Abril, a revista *Realidade* (1966), com a proposta de reportagens imersivas e investigativas que retratavam o Brasil real, formada por cerca de trinta profissionais com média de trinta anos de idade (RIBEIRO, 1998), e a revista *Veja* (1968), inspirada na norte-americana *Time*.

O *Jornal da Tarde* (1966), também criado na mesma época, caracterizado por reportagens de fôlego, capas marcantes, diagramação moderna, era formado por uma equipe jovem. Tinha nos seus quadros jornalistas mineiros e nordestinos, além do maior percentual de mulheres na reportagem de toda imprensa paulista (RIBEIRO, 1998). Entre as iniciativas marcantes estava o Projeto Folha, da *Folha de S. Paulo*, que pretendia promover um jornalismo “crítico, pluralista, apartidário e moderno”.

Desse modo, na Paraíba, no primeiro caso estava a criação de emissoras de rádio e de televisão, sobretudo entre as décadas de 1970 e 1990, com as FMs, e a partir do final dos anos de 1980, no qual foram inauguradas as TVs Cabo Branco e O Norte, em João Pessoa, e a TV Tambaú, em meados de 1990. Nossos entrevistados, de ambos os grupos, exemplificaram essa observação em seus depoimentos:

A Cabo Branco FM começou há 25 anos. Eu fazia a abertura. Era uma rádio totalmente nova, início de um projeto de São Paulo que tinha esse formato, as vinhetas, o estilo que o locutor tinha que se enquadrar naquele padrão de voz, tinha um relógio, era tudo muito rígido. Não era toda voz que eles enquadravam nesse quadro da Rede Contato. Fiz piloto, outras pessoas fizeram também e chegou-se ao quadro inicial da emissora (ARAÚJO, 2019).<sup>56</sup>

Edilane Araújo, do segundo grupo, se juntaria a outros contemporâneos e a jornalistas mais antigos quando da função da TV Cabo Branco. Nela estavam alguns de nossos entrevistados como Sílvio Osias, Gisa Veiga e José Vieira Neto naquela que é considerada a primeira equipe. Esta também incluía Ruth Avelino, Saulo Moreno e Karla Almeida, egressos de outras turmas do curso de Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

---

<sup>56</sup> ARAÚJO, Edilane. **Entrevista**. [21 de agosto de 2019]. João Pessoa. 1 arquivo.mp3 (1h7min.). Entrevista concedida à Marcella Machado.

No caso dos jornalistas da segunda geração, ocorreu uma mudança maior com a chegada dessa nova plataforma de trabalho.

Estabeleci um vínculo com Aluísio Moura [um dos fundadores] na condição de chefe de reportagem [de *A União*], ali na redação. Quando Aluísio foi formar a equipe da televisão me levou junto. Naquele momento, em 1986, troquei o impresso que parecia ser o meu caminho pelo jornalismo de televisão. Tem gente que até hoje não me associa ao impresso porque só na Cabo Branco eu passei vinte anos, mais dois anos na TV O Norte e mais três anos na TV Correio, quer dizer, são 25 anos de televisão. E nesses 25 anos, comandando. Na Cabo Branco eu era o chefe de redação. No Norte e na Correio eu era o editor-chefe (OSIAS, 2019).

Quando da fundação da TV Tambaú, novos profissionais foram recrutados, a exemplo de José Vieira Neto, Gisa Veiga, Nelma Figueiredo, Jonas Batista e Rosa Aguiar. Nessa fase, o mercado não tinha mão de obra qualificada para essa modalidade de veículo de comunicação, o que proporcionava uma maior oferta de emprego no setor. Com a chegada do século XXI, este já não seria o caso.

Mesmo com uma excedente de força de trabalho, em 2012, quando da criação da RCTV, emissora de canal fechado do Sistema Correio de Comunicação, os profissionais maduros foram convidados a participar da nova empresa, no caso de Hermes de Luna, chamado para fazer dois programas no veículo, de José Vieira Neto para apresentar na televisão um projeto seu de viagens e, de Wellington Farias como comentarista de temas políticos.

Além da criação de novos empreendimentos de comunicação, iniciativas dentro dos grupos já existentes davam oportunidades de crescimento na carreira. Esses projetos poderiam ser a organização de novos departamentos ou editorias, a expansão de empresas ou a formação de uma nova equipe para algum programa de televisão ou rádio. Assim como no caso anterior, esses movimentos poderiam ocorrer tanto no início e no meio da carreira, quanto na fase madura. Nossos entrevistados de ambos os grupos trouxeram exemplos dessas circunstâncias. Vejamos o caso dos jornalistas do primeiro:

A Rádio Alto Piranhas, da Diocese de Cajazeiras, tinha um diretor de programação lá chamado Zeilton Trajano. Ele me chamou para montar o Departamento de Radiojornalismo. Topei porque era uma proposta interessante, um desafio. Comecei a ver os pontos vulneráveis e comecei a preencher os quadros. Passei a incorporar o que a concorrente não fazia como, por exemplo, a cobertura da Câmara dos Vereadores. Instituí a prática de entrevistar obrigatoriamente qualquer pessoa que fosse notícia que chegasse a Cajazeiras. Adotei os dois jornais, o de meio dia, no horário concorrente com a Difusora, e um dez horas da noite. Então, em seis meses a gente conseguiu

a liderança no jornalismo (...). Minha projeção no rádio (...) criou uma área de certa competência e isso me credenciou como redator (GUEDES, 2019)<sup>57</sup>.

Desse modo, ao mesmo tempo que o jornalista se desenvolvia na carreira, também movimentava uma estrutura maior que atingia outros profissionais. O pioneirismo de Nonato Guedes seria observado em outros momentos de sua trajetória jornalística, como primeiro repórter da revista *A Carta*, na fundação da Revista *Ponto de Cem Réis*, quando esteve na Superintendência de *A União* e na criação da editoria de Economia no jornal, assumido pela repórter Gisa Veiga. Nesse sentido, essa experiência a qualificaria como a primeira mulher comentarista de economia na TV Tambaú. O semanário *O Momento*, quando tornou-se diário, também precisou aumentar seu quadro de funcionários. Nele estavam repórteres como Gisa Veiga, Ivani Leitão e Hermes de Luna, por exemplo.

O Projeto Líder, do jornal *Correio da Paraíba*, no início da década de 1990, também arregimentou muitos profissionais do mercado, fosse das emissoras de televisão, quanto dos demais impressos. A iniciativa tinha como objetivo assumir a liderança no lugar de *O Norte* ao realizar uma reforma gráfica e editorial no periódico, com alterações também na logística e no *marketing*. O editor da época era o jornalista Rubens Nóbrega. Dos nossos entrevistados, pelo menos três deles de cada grupo estavam no *Correio da Paraíba* nesse período de formação de uma nova equipe, como destacou Wellington Farias: “Rubens Nóbrega (...) saiu catando os melhores da TV Tambaú, do jornal. Eu tive a sorte de ir, convidado por ele, um orgulho, porque a gente sabia que estava num timaço” (FARIAS, 2019).

Nessa perspectiva, a criação de novos veículos e o começo de novos projetos também poderiam estar associados ao início de uma nova gestão à frente da empresa e no recrutamento da equipe para desenvolver a proposta apresentada. É um movimento de duas vias, que beneficiava uns em detrimento de outros como parte da rotatividade da profissão. No tópico a seguir analisamos esse caso específico na trajetória dos jornalistas veteranos.

#### 6.4 POSSE DE NOVOS GESTORES

A entrada de novos gestores à frente da empresa, departamentos e editorias têm efeitos positivos para uns e negativos para outros, a depender do perfil, do projeto e das preferências do ocupante. Demissão, admissão, promoção e remanejamento estão entre os movimentos possíveis na carreira diante dessa circunstância. São “nestes momentos críticos que surgem as

---

<sup>57</sup> GUEDES, Nonato. **Entrevista**. [4 de setembro de 2019]. João Pessoa. 1 arquivo.mp3 (2h15min.). Entrevista concedida à Marcella Machado.

ocasiões para a emergência ou o reforço de divisões internas ao mundo dos jornalistas” (SOUZA, 2010, p. 48). Para Hermes de Luna, por exemplo, quando o jornal *O Momento* mudou de dono e um outro jornalista assumiu a editoria, este o promoveu de repórter a secretário de redação:

Eu nunca tinha passado por essa experiência. O secretário de redação é um faz tudo dentro da redação. Hoje não tem mais secretário de redação, mas tinha o editor, o editor-adjunto, secretário de redação, chefe de reportagem. Secretário é aquele cara que se faltou papel a culpa é dele, se saiu o título errado na primeira página a culpa é do secretário de redação. Mas foi um aprendizado muito legal de gestão, como gestor e como profissional (LUNA, 2020).

Entretanto, as mudanças de direção nem sempre são benéficas para todos e, em certos contextos, são acompanhadas por uma carga de “dramaticidade” (SOUZA, 2010). Foi o caso de Sílvio Osias. Com a chegada de uma nova editora-geral na TV Cabo Branco, o jornalista sentiu-se excluído e pediu demissão: “Eu não fico sendo fritado em canto nenhum. Ela veio de fora e não me queria porque tinha a prerrogativa de botar alguém dela” (OSIAS, 2019). Depois de mais de duas décadas na emissora, foi contratado pela TV O Norte como editor-chefe. O jornalista retornaria à Rede Paraíba de Comunicação, posteriormente, na direção de um projeto de Publieditorial no *Jornal da Paraíba* e, depois, com uma coluna em um *blog* na versão digital do periódico.

No caso da jornalista Madrilena Feitosa, mesmo estando dentro de uma instituição pública, por decisão própria decidiu deixar suas funções na TV UFPB, com a eleição de um novo reitor e a saída da antiga diretora: “Ia entrar uma nova gestão na TV UFPB, com pessoas com as quais eu não tinha relação” (FEITOSA, 2020). Na ocasião, a direção do Centro de Informática da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) havia sido assumida por um parceiro de projetos na emissora que a convidou para ser assessora de imprensa do centro.

Os constrangimentos organizacionais (BREED, 1993) identificados pelos jornalistas com relação à autoridade das novas chefias os predispunham a uma mudança involuntária no curso de suas carreiras. Já não falamos do início da trajetória jornalística, mas de uma fase mais experiente, com o profissional já firmado no mercado e com sua rede de contatos consolidada. Assim, no ciclo da rotatividade abre-se uma vaga para os que virão e outras oportunidades para os que saem, como analisamos no tópico seguinte.

## 6.5 DEMISSÃO OU SAÍDA DO OCUPANTE

Na maior parte dos casos, todo recrutamento foi resultado de uma necessidade de substituição. Nesse contexto, o que varia são os motivos da saída do antigo ocupante. É diante de uma vaga aberta que a rede de contatos do jornalista poderá agir para levá-lo ao referido posto. A demissão é uma das razões. Esta, em um primeiro cenário, pode ocorrer por uma ação involuntária por parte do titular. Os entrevistados do primeiro grupo que passaram pelo jornal *A União* relataram casos recorrentes dessa categoria. Por exemplo, erros e desgastes cometidos por diferentes profissionais contribuíram para que Wellington Farias ingressasse como repórter no periódico e Sílvio Osias assumisse o cargo de editor-geral:

No dia anterior eu tinha ido ao *shopping* e encontrado Juca Pontes. Falei para ele que estava desempregado e não tenho idade para isso (...). Juca estava na *União* quando o superintendente demitiu o editor. Ele disse: ‘Quem vem pra cá?’. Juca disse: ‘Tenho um editor: Sílvio Osias’. Um dos diretores disse: ‘Beleza, é um amigo nosso, tal’. O superintendente ligou na hora e assim eu fui (OSIAS, 2019).

Nonato Guedes tornou-se correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo*, na Paraíba, no final da década de 1970, depois da demissão do jornalista Antônio Barreto Neto do cargo por um erro cometido em uma matéria que foi, posteriormente, desmentida. O critério para a escolha foi o fato de o repórter ser novo e não ter ligação com grupos políticos ou econômicos no estado: “Não sei como se deu a minha ida para o *Estadão*. Suspeito que tenha tido dedo de Erialdo Pereira na história, junto com Carlos Garcia e tal. Eu sei que eu fui chamado para uma conversa” (GUEDES, 2019).

Gonzaga Rodrigues, por sua vez, considerava que ser secretário de comunicação do Estado foi um “puro acidente” e resultado de suas amizades. Entretanto, o fator sorte também poderia estar acompanhado da saída voluntária do antigo ocupante, como no caso dos jornalistas do segundo grupo. Edilane Araújo recebeu a proposta de assumir a gerência de programação das rádios Cabo Branco FM e Jovem Pan com o desligamento do antigo gestor. A primeira experiência de Madrilena Feitosa com televisão foi resultado da ida de um colega para uma outra cidade, a quem pediu que a indicasse para a vaga de produtora. Hermes de Luna, do mesmo modo, assumiu editorias com a saída de colegas:

A TV Cabo Branco estava montando sua equipe. Gisa Veiga que era a editora de Economia foi chamada para aquela primeira turma de repórteres e o editor Luís Eduardo Carvalho chegou e disse: ‘Não quer ser editor de economia, não?’. Passou um tempo, em Cultura, não sei quem foi que saiu de cultura. Perguntam: ‘Tu já trabalhaste com cultura?’ (LUNA, 2020).

O mesmo ocorreria mais recentemente no Correio Debate, na TV Correio, no qual Hermes de Luna assumiu a apresentação e a editoria depois da saída dos antigos âncoras. O terceiro fator de mobilidade é a progressão ou promoção na carreira do ocupante anterior no mesmo veículo. Reter os profissionais produtivos oferecendo melhores condições de trabalho e de salário também é uma estratégia das empresas que favorecem o preenchimento do antigo posto, seja por profissionais internos ou externos ao veículo.

O próprio Hermes de Luna entrou como repórter de política no jornal *Correio da Paraíba* porque alguém havia saído, a convite da jornalista Lena Guimarães que era colunista do periódico. Quando assumiu a editoria da empresa, o convidou para ocupar o espaço da coluna. Privilegiou-se, assim, o capital humano interno. A mudança nos postos de gestão é um dos motivos desses movimentos de ingresso e ascensão dos recém-chegados, como vimos na seção anterior. Outra eventualidade também pode promover a elevação temporária na carreira, como analisamos no tópico a seguir.

## 6.6 RECESSO DE FÉRIAS DO TITULAR

O recesso de férias ou o afastamento por questões particulares dos colegas de trabalho eram uma condição favorável para demonstrar experiência e como prova de reconhecimento. Nos depoimentos dos jornalistas do primeiro e do segundo grupo identificamos passagens que retrataram essas oportunidades na substituição em colunas, cadernos, editorias e na correspondência de reportagem de jornais do Sudeste. No início da carreira, por exemplo, Frutuoso Chaves conseguiu trabalhar no Diário Oficial do Estado ao preencher uma vaga aberta com as férias de um dos revisores, assim como em outro momento de sua trajetória:

Fui tirar as férias do Geraldo Sobreira, que era o correspondente de *O Globo* na Paraíba. Geraldo me pediu para substituí-lo. Topei e fiquei um mês produzindo material. Ao cabo desses trinta dias eu parei de fazer a remessa de matérias e fui cobrado. Eu fiquei dez anos como repórter de *O Globo*, do Rio de Janeiro, vinculado a sucursal de Recife e produzindo matérias da Paraíba (CHAVES, 2019).

No caso de Frutuoso Chaves, a experiência foi mais duradoura. Wellington Farias, por sua vez, chegou a substituí-lo durante o período de férias, reforçando o papel da rotatividade para que todos tenham oportunidades na carreira e a importância dos laços. Nonato Guedes também teve uma chance considerada precoce em assumir como redator substituto a coluna de política do jornalista João Manoel de Carvalho, ainda em 1978, quando chegou em João Pessoa,

para trabalhar no *Correio da Paraíba*. O colega havia se afastado para tratar de assuntos particulares.

Convidar colegas externos às empresas ou escalar profissionais da casa para substituir profissionais em férias, folgas ou em qualquer tipo de licença é uma prática comum na profissão. Geralmente os recrutados têm experiência na função ou mesmo são ex-funcionários dos veículos. Nesses casos, a abertura de uma vaga possibilita ao jornalista ter vivências em novos postos de trabalho, assim como melhorar a renda. Silvana Sorrentino, por exemplo, era convidada para substituir as colunistas sociais, embora não tivesse o perfil desse segmento: “Sabia redigir, ser mutável, ser adaptável, então, aceitava. Para mim o que fosse novidade eu estava aceitando” (SORRENTINO, 2020).

Lúcia Figueiredo, na Rádio Tabajara, vez por outra, estava entre os profissionais escolhidos para a substituição: “Uma vez na semana trabalhava como redatora, porque o redator, Nakamura Black, folgava no domingo. Escalavam uma equipe para produzir e era legal porque a hora extra do domingo a gente recebia bem” (FIGUEIREDO, 2019). Na TV Tambaú, Gisa Veiga e José Vieira Neto apresentavam programas e telejornais nas férias e folgas dos colegas, enquanto estavam na reportagem ou em outras funções.

O bom desempenho nos cargos no papel de “cobrir férias” é uma alternativa para progredir na carreira, caso o jornalista esteja disponível para acumular funções ou esteja precisando de emprego. No tópico a seguir analisamos mais uma condição de mobilidade profissional que não depende dos interesses dos repórteres, como no caso do fechamento dos veículos de comunicação.

## 6.7 FECHAMENTO DE EMPRESAS

Dentre os fatores involuntários que alteram o curso de uma carreira jornalística está o fechamento de empresas de comunicação. Nesse sentido, é o encerramento de veículos impressos, como jornais e revistas, que acarretam o maior número de demissões. Fatores políticos e econômicos podem estar associados ao encerramento desses empreendimentos. A diferenciação geracional nesse caso se refere às novas tecnologias digitais que também contribuíram com a crise da mídia em papel, na segunda década do século XXI, em João Pessoa.

Do ponto de vista político, *O Momento*, do jornalista Jório Machado, superintendente de *A União* à época, fechou com a entrada do governo Tarcísio Burity (1987-1991). Nessa fase, do segundo grupo, Hermes de Luna trabalhava no periódico e perdeu o emprego. Quando saiu,

recebeu um convite de um editor de política para trabalhar em *O Norte*. Problemas econômicos também decretaram o fim das sucursais dos jornais cariocas e paulistas na Paraíba. Jornalistas da primeira geração como Erialdo Pereira, Lena Guimarães, Severino Ramos, José Euflávio, Evandro da Nóbrega, Luiz Augusto Crispim, Nonato Guedes e Frutuoso Chaves, por exemplo, foram correspondentes da *Folha de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*, *O Estado de S. Paulo*, *Correio Brasiliense*, das revistas *Visão*, *Veja*, entre outros.

Nonato Guedes começou a trabalhar como correspondente de *O Estado de S. Paulo*, em 1978, quando havia recém-chegado a João Pessoa. Ao mesmo tempo também atuava no *Correio da Paraíba*, ambos os empregos com carteira assinada. A sua saída do periódico ocorreu num momento crucial na história das sucursais entre as década de 1980 e 1990: “Fui demitido por contenção de despesas já na crise do Estadão, que demitiu vários funcionários, fechou sucursais, mas foi um dos melhores períodos da minha vida” (GUEDES, 2019). Justamente a primeira a fechar foi a do *Estado de S. Paulo*, seguida pelas do *Jornal do Brasil* e de *O Globo*.

Neste século XXI, o fechamento de três importantes jornais impressos da capital deu novos rumos as carreiras dos jornalistas, sobretudo em uma fase mais madura. Alguns migraram para outros impressos que encerraram as atividades poucos anos depois ou foram para *A União*. Houve ainda aqueles transferidos para projetos dentro da mesma empresa que agregavam o veículo, ou buscaram novas formas de trabalho em outras plataformas, ou mesmo recorreram à entrada na aposentadoria. O primeiro a ruir foi *O Norte*, em fevereiro de 2012, em razão de dificuldades econômicas. Em 2004 o jornal já havia passado por um redução de custos e diminuição de sua produção.

Em 2016 foi a vez do *Jornal da Paraíba* anunciar o encerramento de suas atividades, com a demissão de cerca de 120 profissionais. As causas apontadas foram o crescimento das plataformas digitais e o agravamento da crise econômica brasileira. Nessa fase, jornalistas do primeiro grupo como Sílvio Osias, Gonzaga Rodrigues e Frutuoso Chaves, entre outros, tinham vínculo com a empresa. No caso dos nossos entrevistados, suas carreiras seguiram caminhos distintos. Sílvio Osias foi um dos poucos mantidos no jornal em sua versão digital, por meio do *blog*. Antes do fechamento o jornalista trabalhava no projeto de *Publieditorial*:

No primeiro ano a gente teve um faturamento alto, vendemos muito bem. No segundo ano houve uma certa queda, as coisas no Brasil foram se complicando, o jornal fechou e acabou. No *online* a gente ainda fez um pouco, mas o povo não quis comprar. Eu fiquei na redação, fui uma das poucas pessoas mantidas na equipe. Criaram essa história da coluna no *blog* para mim e eu fiquei lá (...). No ano seguinte, em 2017, eu me aposentei por tempo de serviço (OSIAS, 2019).

O trabalho do jornalista passou a ser feito de casa com essa nova plataforma. Frutuoso Chaves, editorialista do *Jornal da Paraíba* por dezesseis anos, já dividia essa tarefa com a assessoria de imprensa do Tribunal de Contas do Estado (TCE). A tecnologia também proporcionava que o trabalho pudesse ser realizado de forma remota: “Nunca deixei de produzir um editorial se estivesse a serviço do Tribunal em São Paulo, Rio de Janeiro, onde estivesse. A internet permite você produzir seu texto e mandar para quem quiser” (CHAVES, 2019). O jornalista considerava essa sua última atividade no “batente”.

Gonzaga Rodrigues, por sua vez, continuou sua carreira no jornalismo como cronista, dessa vez, em *A União*. Sua volta foi celebrada em matéria no próprio jornal no qual sua trajetória na profissão se desenvolveu, como destacou o jornalista e colunista Martinho Moreira Franco: “O jornal reconquista quem iniciou a carreira de jornalista em suas páginas, inicialmente como revisor, depois como redator, colunista e diretor” (CABRAL, 2016). Já em abril de 2020, com o fechamento do jornal *Correio da Paraíba*, outros profissionais foram desafiados a iniciar uma nova fase de mobilidades.

O agravamento da crise econômica e a tendência no encerramento de veículos impressos, sobretudo em razão dos avanços das plataformas digitais foram as causas da decisão que levaram ao fechamento do *Correio da Paraíba*. Dentre os nossos entrevistados que trabalhavam no periódico estava o jornalista Kubitschek Pinheiro. Antes mesmo da demissão, ele já colaborava com o jornal *A União*, com a Rádio Independência, assim como era assessor de imprensa de instituições públicas e privadas. A mudança mais significativa na carreira do jornalista foi o vínculo estabelecido com o portal MaisPB, atendendo a um convite antigo do diretor do *site*. Além de colunista, também passou, em maio de 2020, a coordenar o menu de Opinião da plataforma e uma nova editoria voltada para a cultura.

Em sua última edição, o *Correio da Paraíba* trouxe depoimentos dos jornalistas dos cadernos de Política, Economia, Esportes e dos principais colunistas que estavam há duas ou três décadas no jornal. Dos depoimentos dos veteranos destacamos os relatos de “continuidade” do trabalho no jornalismo. É que mesmo estando no impresso, esses profissionais já ocupavam espaços nas ambiências digitais. Encontramos essas marcações em um trecho da coluna de Fábio Cardoso: “Ficamos aqui e que a história da imprensa paraibana lembre desse jornal e da coluna. A atuação principal agora fica no meu *site* (...), que espero que todos me acompanhem”<sup>58</sup>. O mesmo vimos na coluna de Edinho Magalhães: “Nossos encontros apenas

---

<sup>58</sup> CARDOSO, Fábio. Últimas notícias (2). *Correio da Paraíba*, João Pessoa, 4 abr. 2020.

mudam de plataforma”<sup>59</sup>. Também aparece mensagem similar na última publicação de Abelardo Jurema: “Mas a coluna (...) não vai parar por aqui. Haverá de prosseguir em seu desiderato, informando aos seus leitores através de outras plataformas”<sup>60</sup>.

É sintomático do contexto de demissão dos profissionais maduros com o fechamento do veículo o depoimento do jornalista e ex-funcionário do *Correio da Paraíba*, Fábio Cardoso, publicado no *Facebook*, no dia do jornalista, 7 de abril: “Não é fácil estar próximo dos 60 anos de idade, ver o jornal em que você trabalhava há mais de 25 anos fechar as portas e você ser demitido”<sup>61</sup>. Outro caso semelhante foi o do jornalista Pessoa Júnior que, mesmo com o fim do impresso, continuou a publicar uma página diagramada em suas redes sociais, trabalho iniciado no dia 12 de abril por, segundo ele, “compromisso com o esporte”.

Abelardo Jurema também seguiu com a publicação de sua coluna como no jornal que já era reproduzida em seu *site*. O diferencial são as notas para informações de última hora, possibilidade que não havia no papel e uma página com artigos. Desde 21 de abril de 2020 o jornalista também escrevia em uma coluna em *A União*. Em 21 de maio do mesmo ano, a jornalista e especialista em moda, Lílian Moraes, passou a colaborar com o portal Gerardo Rabello. Assim, podemos observar como os profissionais buscavam alternativas diante da redução das possibilidades no mercado de trabalho. No tópico a seguir, analisamos como outros fatores influenciaram na mobilidade da carreira jornalística. Nesse caso, esta é considerada em conjunto com circunstâncias pessoais.

## 6.8 CASAMENTO, MATERNIDADE E PATERNIDADE

As escolhas de carreira não estavam apenas relacionadas com as possibilidades de ascensão e reconhecimento profissional. A vida pessoal e financeira – sobretudo para oferecer mais qualidade de vida à família – orientava as decisões sobre quais oportunidades aceitar e quais abrir mão. O casamento, a maternidade e a paternidade foram circunstâncias que alteraram o roteiro da atividade jornalística. Essas outras instituições estabeleceram, assim, novas formas do jornalista se relacionar com a carreira.

<sup>59</sup> MAGALHÃES, Edinho. Obrigdo, Correio. *Correio da Paraíba*, João Pessoa, 4 abr. 2020.

<sup>60</sup> JUREMA, Abelardo. Missão cumprida. *Correio da Paraíba*, João Pessoa, 4 abr. 2020.

<sup>61</sup> CARDOSO, Fábio. **Não é fácil estar próximo dos 60 anos de idade**. João Pessoa, 7 de abr. 2020. Facebook: @fabio.cardoso.906. Disponível: <https://www.facebook.com/fabio.cardoso.906/posts/2977763248925654>. Acesso em: 6 out. 2020.

Nesse sentido, a experiência de José Vieira Neto a ilustra de forma radical. O jornalista havia recebido um convite para trabalhar na Globo Nordeste, em Recife. Em pouco tempo emplacou reportagens de rede nos principais telejornais da matriz, como o Globo Esporte, Jornal Hoje, Esporte Espetacular e Jornal Nacional. O repórter Francisco José, de quem se tornou amigo, também propôs treiná-lo para ser seu substituto. Entretanto, a permanência na capital pernambucana durou pouco tempo. José Vieira Neto se casou e sua esposa não se adaptou à cidade, o que acarretou em seu retorno para João Pessoa. Já na capital paraibana, o próprio Francisco José o indicou para um emprego na recém-criada TV Cabo Branco, na qual ficou por quase duas décadas.

Destacamos também a ocorrência de casamentos entre jornalistas. Dos nossos entrevistados, pelos menos três mantinham a união e quatro tinham filhos de relacionamentos dessas alianças. Constituir família era uma responsabilidade que obrigava os profissionais a deixarem ou a diminuir a rotina de redação para ingressar em assessorias de comunicação e imprensa. Para as mulheres, essa mudança ocorria para que passassem mais tempo com os filhos:

Eu tinha casado em 1982 e tinha três filhos, um atrás do outro. O batente do jornal para mim naquela época não estava muito interessante porque eu ficava muito tempo longe dos meus filhos. Optei por ficar na Secretaria de Comunicação da Prefeitura e fiquei fazendo matérias esporádicas, especiais para o jornal *A União* (SORRENTINO, 2020).

Seus filhos também a acompanhavam no trabalho na impossibilidade de deixá-los em casa enquanto estava em *A União*. No caso de Silvana Sorrentino, a decisão pela assessoria também se deu porque seu marido, também jornalista, havia ficado desempregado após o fechamento do Banco do Estado da Paraíba (Paraiban), no qual ele trabalhava, na década de 1990. Edilane Araújo, em algumas ocasiões, também precisou levar a filha ainda pequena para os estúdios da rádio.

A maternidade fazia as mulheres repensarem suas escolhas de carreira e a avaliar com mais critério suas decisões. Gisa Veiga, por exemplo, teve três filhos. No nascimento do primeiro deles ainda administrou trabalhos simultâneos em televisão e impresso: “Continuei em jornal e TV, por um tempo. Depois que fui fazendo a opção de TV ou jornal” (VEIGA, 2018)<sup>62</sup>. Depoimentos de jornalistas no livro *União: Escola de Jornalismo*, reforçavam a tese. Em março de 2002, com cinco meses de gravidez, a jornalista Fábica Carolino, esposa de Hermes

---

<sup>62</sup> VEIGA, Gisa. *Cobra Criada: Gisa Veiga*. TV Câmara. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/ugy2bLWcgJg>. Acesso em: 10 mai. 2020.

de Luna, recebeu um convite para assumir a diretoria técnica do jornal *A União*: “Lembro que ainda resisti, por estar grávida. Mas, logo, lembrei do sonho que me acalentava desde a adolescência (...)” (CAROLINO, 2018, p. 282-283). Desse modo, as jornalistas preferiam enfrentar a tripla jornada com a administração da carreira, da casa e dos filhos (ROCHA, 2014).

De acordo com Nogueira (2017), enquanto para a mulher o nascimento dos filhos aumenta a quantidade de tempo que elas investem nas atividades domésticas e reduz o dedicado ao trabalho remunerado, para o homem o quadro é totalmente inverso. Com a paternidade estes assumem maior responsabilidade e complexidade na atividade profissional – embora com menos possibilidades de desenvolver a carreira –, e sentem a necessidade de trabalhar por mais horas ou em melhores empregos para aumentarem a renda familiar.

O depoimento do jornalista Frutuoso Chaves, do primeiro grupo, ilustra a observação de Nogueira (2017). Segundo ele, o profissional na Paraíba é obrigado a ter mais de um vínculo empregatício devido aos baixos salários pagos, sobretudo quando comparado a estados como Pernambuco e Rio Grande do Norte. A situação contribuía para a pouca participação paterna no núcleo familiar:

Meu primeiro filho, Márcio, nasceu em 1979, quando eu era chefe de reportagem de *A União*. O segundo, Nélio, nasceu em 1981. Na época, eu acumulava as funções de editor de *O Norte* e correspondente de *O Globo*, empregos assumidos em atendimento a convites prontamente aceitos em razão de melhores salários. Breno, o último, veio ao mundo em 1987. Eu me mantinha nos dois jornais (...). É claro que a corrida de uma redação para outra dava-se em prejuízo da convivência familiar. Saía-se de manhã e chegava-se em casa à noite. Males do ofício (CHAVES, 2019).

O emprego público foi a escolha de Gonzaga Rodrigues a certa altura de sua carreira: “Foi que eu verifiquei que já estava quarentão e que ganhava muito pouco, que o jornal até ali só tinha me dado dificuldade para criar a família, uma família grande” (RODRIGUES, 2019). Desse modo, casamento e família estavam entre os motivos por trás das escolhas de empregos que oferecessem melhores condições financeiras e tempo livre para o relacionamento com o grupo familiar. Em uma fase mais madura, a busca por mais convívio com os netos também surge como justificativa para repensar carreira, como nos depoimentos de Frutuoso Chaves e José Vieira Neto. No tópico a seguir tratamos de um outro motivo para mudanças na profissão, resultante de constrangimentos organizacionais e da ética.

## 6.9 DISCORDÂNCIAS EMPRESARIAIS E EDITORIAIS

A entrada e a saída dos postos de trabalho também se relacionavam às divergências editoriais, empresariais e políticas com o grupo de comunicação com o qual o jornalista tinha vínculo. Estas poderiam ocorrer com a chegada de um novo gestor que iria selecionar os profissionais com os quais tinha afinidade – preterindo os já estabelecidos na casa –, por discordâncias quanto à linha editorial e à consciência do jornalista, assim como por quebra de acordos e interferências no trabalho jornalístico.

Nos depoimentos de nossos entrevistados identificamos a ocorrência dessas incompatibilidades em distintos momentos da carreira, em ambos os grupos. Destacamos inicialmente a motivação política. Pelos menos três jornalistas relataram que foram demitidos, exonerados, vetados ou reincidiram contratos por questões dessa ordem. Gonzaga Rodrigues, por exemplo, foi cotado para assumir a direção técnica de *A União*, no governo Ivan Bichara (1975-1978). Após montar a equipe do jornal, soube que sua nomeação havia sido negada. Desde o início do Regime Militar (1964-1985) o jornalista havia sido perseguido e obrigado a se afastar das redações:

Perdera o lugar comissionado na Universidade, chefe ou diretor-fundador da editora, exonerado por um médico de aparência cordial que se tornara reitor ‘*pro-tempore*’. Na imprensa oficial e mesmo na particular evitavam-me. Companheiros de redação e de outros carnavais que antes me assediavam, corriam de mim às léguas. Com exceções, é evidente. Minhas artes, se alguma vez as tive, já não interessavam. Foi a passagem mais apertada de minha vida, agora com mulher e filhos (RODRIGUES, 2016, p. 111).

Nesse caso, retornaria o trabalho em *O Norte* e, em outras gestões mais adiante, se tornaria diretor técnico de *A União*. Sílvio Osias, em cenário mais democrático, relatou um episódio recente em que foi exonerado do cargo de editor quando um novo governador assumiu o mandato. Ao consultar o novo secretário de comunicação, o jornalista obteve como resposta que não teria espaço na nova gestão, mas que não inviabilizaria sua contratação na iniciativa privada. A afirmativa, considerada grave pelo entrevistado, demonstra o peso da máquina pública no mercado de comunicação no estado. Nesse caso, o jornalista conseguiu uma vaga como editor de um programa em uma emissora de televisão, por intermédio de um colega.

O desligamento de empresas por questões políticas também poderia ocorrer de forma voluntária, resultado de uma divergência, também em contexto democrático, no caso dos jornalistas do segundo grupo. A ligação de empresários da comunicação com determinados grupos políticos na Paraíba é parte da constituição histórica das mídias no estado, seja por relações de parentesco e amizades, questões econômicas ou ideológicas, ou mesmo pelo próprio interesse em ocupar cadeiras na Câmara ou no Senado Federal.

Hermes de Luna, por exemplo, deixou o Sistema Correio em uma ocasião porque a empresa defendia a candidatura do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), e o jornalista a do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Sua saída o encaminhou para a assessoria de imprensa na Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB). A divergência, no entanto, não inviabilizou o seu retorno para a empresa em um momento posterior.

Gisa Veiga vivenciou episódio semelhante em um jornal local, no qual um gestor tentou atacar um adversário utilizando-se da coluna política da jornalista. O constrangimento a obrigou a se demitir, embora gostasse de escrever: “O veículo tem sempre um candidato da sua preferência. Enquanto não era colunista, não sentia essa interferência. Sentia nas páginas o que deveria ser manchete e o que não” (VEIGA, 2019). Após essa ocasião, a jornalista assumiu a assessoria de comunicação do Ministério Público do Trabalho na Paraíba (MPT-PB).

Problemas sindicais fizeram com que o jornalista José Vieira Neto pedisse demissão da TV Cabo Branco. Nesse ínterim, voltou para a Rádio Universitária e recebeu o convite de um amigo para atuar na recém-criada TV Tambaú. O episódio não impediu seu retorno ao grupo de comunicação no qual, posteriormente, assumiu uma coluna de turismo na rádio CBN. As greves por melhores condições de trabalho e cumprimentos dos acordos salariais também movimentaram as carreiras, primeiro com a paralisação geral dos trabalhadores em 1989 e em mobilizações individuais nas empresas.

A participação no movimento grevista rendeu a jornalista Madrilena Feitosa sua demissão do *Correio da Paraíba*, depois de dois anos como repórter e a de outros profissionais. Antes de sua saída, ela já tinha um cargo na assessoria de comunicação da Prefeitura de João Pessoa, na qual permaneceria depois como servidora concursada. Greves também ocorreram no jornal *O Norte*, na década de 1980, e na Rádio Tabajara, em 1993. Na ocasião, Frutuoso Chaves era o editor em *O Norte*. A mobilização visava a melhoria de salários:

Eu entrei na redação e um dos diretores disse: ‘Dezoito demitidos na tua redação’. Eu disse: ‘Dezenove’. Ele perguntou: ‘Quem é o décimo nono?’. Eu disse: ‘Eu. Como vou fazer jornal sem jornalista?’. Eu tinha assumido com Marconi Góes, que era o superintendente dos Diários e Emissoras Associados aqui na Paraíba, o compromisso de contratar e demitir. E de ninguém botar matéria ou retirar matéria do jornal sem meu conhecimento. Eu disse pra Marcondes: ‘Não quero ser dono do jornal, nem pretendo. Mas eu não posso descer um jornal no dia e um outro no dia seguinte’ (CHAVES, 2019).

A saída do jornalista se deu, no entanto, após discordar do tratamento dado a uma matéria de cunho eleitoral exigida pelos diretores da empresa. Lúcia Figueiredo participou também de uma greve na Rádio Tabajara: “Tiramos a rádio do ar. O presidente Biu Ramos caiu,

veio Petrônio Souto e atendeu ao que a gente queria” (FIGUEIREDO, 2019). Nesse caso, a jornalista não sofreu retaliações e permaneceu por vinte anos na emissora. Esses episódios mostram também a capacidade de mobilização da categoria.

A saída de Wellington Farias do Sistema Arapuan de Comunicação, já em uma fase mais madura da carreira, ocorreu por descumprimento de acordo salarial. Desse modo, nem sempre eram possíveis negociações, tanto em questões políticas, quanto econômicas, ou mesmo por direitos. No tópico a seguir tratamos de uma outra forma de mobilidade na carreira.

## 6.10 NOMEAÇÕES POLÍTICAS E CONCURSADOS

Dos nossos catorze entrevistados, sete tinham vínculo com órgãos ou instituições públicas, seja como servidores concursados, em cargo comissionado ou por prestação de serviços, nas esferas municipal, estadual, federal, assim como no judiciário. Em geral, estes estavam lotados nas assessorias de imprensa. Esse movimento não é um encaminhamento exclusivo da fase madura dos jornalistas, visto que muitos deles já atuavam como assessores desde o início da carreira. Todos, com apenas uma exceção, tiveram passagens em algum momento de suas carreiras pela iniciativa pública.

Segundo dados disponibilizados via Lei de Acesso à Informação e ouvidorias entre 2019 e 2020, havia, na Paraíba, 104 jornalistas com cinquenta anos de idade ou mais em órgãos públicos como a Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), as secretarias de comunicação do Estado e a do município, nas assessorias do Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB), Assembleia Legislativa (ALPB), Câmara Municipal (CMJP), Tribunal de Contas do Estado (TCE), Tribunal Regional do Trabalho da 13ª Região (TRT13), Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Instituto Federal da Paraíba (IFPB).

De jornalistas vinculados à Secretaria de Comunicação Institucional do Governo da Paraíba (Secom-PB), de acordo com os dados encaminhados no dia 7 de agosto de 2019, havia 27 profissionais com idade igual ou superior aos cinquenta anos. Desses, doze estavam entre as faixas dos cinquenta aos 59 anos, treze entre sessenta e 69 e dois entre 71 e 72. Eram sete mulheres e vinte homens. Havia treze repórteres, quatro redatores, quatro repórteres fotográficos, quatro diagramadores e um locutor apresentador. Todos eles eram estatutários do quadro efetivo.

Observamos, porém, que além de não disponibilizar o quadro total de jornalistas da pasta, não constavam os nomes de outros servidores, como o da diretora de comunicação, o que foi verificado no portal do Sistema de Acompanhamento da Gestão dos Recursos da Sociedade

(Sagres). Não é possível precisar quantos profissionais da área formavam os quadros do governo estadual, já que uma parcela não foi nomeada para cargos jornalísticos. Entretanto, considerando a administração direta e indireta, identificamos setenta jornalistas veteranos, sem considerar a empresa Paraibana de Comunicação (EPC), na faixa de idade entre os cinquenta e os setenta anos.

Na Secom-PB estes jornalistas veteranos estavam em cargos de arquivista-pesquisador, diagramador, ilustrador, locutor, redator, repórter, repórter fotográfico, revisor, assessores de imprensa, além dos que estavam nas funções de direção, coordenação, gerência e chefia. As remunerações desses servidores correspondiam ao cargo, classe e nível, variando de mil a três mil reais. Os maiores salários eram o de diretoria de comunicação, com R\$ 5.500 e o de um repórter que ingressou no serviço público em 1982.

Na EPC, considerando apenas a Rádio Tabajara e o jornal *A União*, havia um total de 56 jornalistas, segundo resposta enviada a pedido de nossa solicitação, em julho de 2019. Desses, trinta tinham idade igual ou superior aos cinquenta anos. Os nomes dos servidores não foram revelados por motivos de confidencialidade. Ainda assim, os cargos ocupados por esses profissionais veteranos eram os de diretor-presidente, diretor de mídia impressa, chefe de reportagem, editor, repórter, repórter fotográfico e apresentador de programa de rádio. O maior salário era o de diretor-presidente, com 57 anos de idade, no valor de R\$ 12 mil, e o menor de apresentador de programa de rádio, na mesma faixa etária, com mil reais. Os vínculos empregatícios eram comissionados, servidor e prestador de serviços, mas não foram especificadas as quais funções se referiam.

Em nova consulta ao Sagres, identificamos que alguns nomes da Secom-PB se repetiam na EPC, já que seus servidores eram cedidos para esta. Entretanto, também observamos servidores que não foram citados na resposta da solicitação. Contabilizamos 78 cargos ocupados por jornalistas nas funções de arquivista-pesquisador, diagramador, editor, locutor, apresentador, produtor, repórter, repórter fotográfico, revisor, redator, produtor, e ainda os de coordenação e direção. Incluímos ainda os colaboradores que assinavam colunas e crônicas. Desses, 59 eram profissionais maduros, na faixa dos cinquenta até os oitenta anos de idade. Em alguns casos, um mesmo servidor prestava serviços tanto para a EPC, como para as secretarias e autarquias, na mesma ou em diferentes funções, com salários distintos.

Quadro 5: Mapeamento dos cargos com jornalistas com mais de 50 anos de idade no setor público

ÓRGÃO	QUANTIDADE DE JORNALISTAS	CARGOS COM VETERANOS
Poder Executivo/Secom-PB	x	27

Poder Executivo/EPC	56	30
Poder Executivo/Secom-JP	40	16
Poder Legislativo/CMJP	32	6
Poder Legislativo/ALPB	38	6
Poder Legislativo/TCE	3	3
Poder Judiciário/TJPB	11	6
Poder Judiciário/TRT3	3	3
UFPB	11	7
IFPB	11	2

Fonte: Dados fornecidos via Lei de Acesso à Informação de julho de 2019 a maio de 2020, 2020.

Na Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP), ligados à Secretaria de Comunicação, segundo dados de novembro de 2019, havia quarenta jornalistas, dos quais dezesseis eram veteranos, atuando nas funções de repórter, assessor de imprensa, repórter fotográfico e em cargos de gestão. Eram oito homens e oito mulheres. As idades variavam entre a faixa dos cinquenta e setenta anos de idade, com vínculos efetivos e por comissão. O salário pago era o do piso de jornalista.

Na Câmara Municipal de João Pessoa (CMJP) incluía-se a TV Câmara, a Rádio Câmara e as assessorias de imprensa. Os dados enviados foram de dezembro de 2019, mas o arquivo só foi enviado em 4 de fevereiro de 2020. Nesse caso, além das informações solicitadas foram incluídas as formações dos jornalistas. Em seus quadros havia 32 servidores graduados em Comunicação Social ou Jornalismo. Desses, apenas cinco<sup>63</sup> estavam na faixa entre os cinquenta e os sessenta anos de idade. Todos eram homens. Eles estavam enquadrados em cargos como assistente de imprensa e divulgação, operador de câmera, assessor de imprensa e assistente parlamentar. Havia profissionais efetivos e os contratados, com uma média salarial de dois mil e quinhentos reais. A maior remuneração, de R\$ 14.587,59, era a de um assessor de imprensa e divulgação, que entrou no funcionalismo público em 1982, e o menor salário, de R\$ 998,00, de assistente de gabinete.

No caso da Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB) existiam a assessoria de imprensa, a TV Assembleia e as redes sociais, com um total 38 funcionários, dos quais 27 atuavam na televisão, segundo os dados disponibilizados em 19 de novembro de 2019. Não foram repassadas informações detalhadas. O setor de Comunicação da Casa de Epitácio Pessoa era terceirizado, com contratos em regime regido pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Apenas seis profissionais que trabalhavam na ALPB tinham entre cinquenta e sessenta

<sup>63</sup> Os jornalistas veteranos na Câmara Municipal de João Pessoa eram seis, porém no dia 11 de fevereiro de 2020 faleceu Unhandejara Lisboa, formado em Comunicação Social e registrado como técnico legislativo.

anos de idade. Eles ocupavam cargos de assessoria, assistentes e de diretoria. Os salários variavam de dois a quatro mil reais.

Já no Tribunal de Contas do Estado (TCE), segundo dados de 29 de julho de 2019, havia dois jornalistas em seus quadros, em cargos de comissão de assessor de comunicação, uma mulher e um homem. A faixa etária destes estava entre os cinquenta e os setenta anos de idade. A remuneração era de R\$ 8.840,66. Entretanto, em consulta à lista de servidores, identificamos o nome de mais um jornalista que ocupava a função de Oficial de Registros, Notificações e Expediente.

No Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB), havia onze jornalistas ligados à Gerência de Comunicação, dos quais seis tinham mais de cinquenta anos de idade. Eram quatro homens e duas mulheres. Estes estavam registrados como técnicos ou oficiais judiciários e supervisores, mas com atribuições de redatores do portal institucional. Eram servidores concursados, requisitados e comissionados. A remuneração mais alta era a de um servidor de 51 anos, com R\$ 9.326,78, e a menor de uma funcionária de 65 anos, com R\$ 1.382,60.

Já no Tribunal Regional do Trabalho da 13ª Região (TRT13), a assessoria de comunicação era formada por três jornalistas com idades entre 54 e 56 anos, sendo duas mulheres e um homem. Uma delas atuava como Chefe do Núcleo de Jornalismo e Mídias Sociais e a outra como assistente, já o terceiro era assessor de Comunicação. Eles eram servidores requisitados do Governo do Estado. As funções eram gratificadas conforme a legislação do serviço público federal.

Na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no campus de João Pessoa, de acordo com os dados enviados no dia 22 de abril de 2020, havia onze servidores no cargo de jornalista e um deles em função gratificada de direção, sendo que desses, sete tinham idade igual ou superior a cinquenta anos. As remunerações variavam de R\$ 4.513,12 a R\$ 8.323,87, com vínculo estatutário. Os nomes puderam ser consultados no portal de acesso à informação da própria instituição.

No Instituto Federal da Paraíba (IFPB), no campus da capital, segundo os dados encaminhados no dia 12 de maio de 2020, havia onze jornalistas no quadro da instituição, regidos pelo Regime Jurídico Único dos servidores públicos federais. Desses, apenas dois tinham idade igual ou superior aos cinquenta. As remunerações variavam entre R\$ 7.380,95 a R\$ 13.783,82, no caso de um servidor que ingressou em 1985.

Em geral, antes da Constituição Federal de 1988, o ingresso no serviço público não ocorria por concurso, mas por nomeação política, sobretudo para aqueles que atuavam no Estado. Essa prática também é intergeracional e hereditária. Outras estratégias que contribuíram

para essa vinculação foi a mudança de regime de A União – Superintendência de Imprensa e Editora, do celetista para o estatutário, em 1985, na gestão do jornalista Aluísio Moura. Silvana Sorrentino integrou esse grupo: “A *União* passou a ser estatutária e todos os jornalistas da época também. Fui lotada na Casa Civil do Governador. Não sei qual foi o critério, mas até hoje eu sou de lá” (SORRENTINO, 2020).

Ter vínculo com alguma esfera do poder público, de certa forma, também facilitava a admissão nas assessorias de imprensa, como ocorreu com a própria Silvana Sorrentino, quando indicada para a Justiça Federal na Paraíba (JFPB): “A jornalista Sônia Lima ligou pra mim perguntando se tinha ligação com algum órgão público, municipal ou estadual porque precisava ter para ser requisitado” (SORRENTINO, 2020). Desse modo, é comum que servidores que estejam lotados em uma pasta, atuem em outras, como também é o caso de Kubitschek Pinheiro, em cargo de comissão: “Eu sou da Assembleia Legislativa, mas estou à disposição do Tribunal de Justiça desde 1990 (...). Às vezes, eles mandam me buscar, então o presidente envia um documento pedindo que eu continue” (PINHEIRO, 2019).

Gonzaga Rodrigues também tem uma trajetória no serviço público, depois de sua atuação nas redações dos principais jornais da Paraíba: “Me passei para o Estado e fazendo dele meu meio de vida. Trabalhei como assessor de comunicação, e eles caíram na besteira até de se iludir comigo e me nomearam secretário de comunicação” (RODRIGUES, 2019). Também há casos raros de jornalistas que pediram demissão do cargo que tinham, a exemplo de Sílvio Osias: “Gonzaga me levou pra Secom, tanto que eu era funcionário efetivo. Pedi demissão depois porque chegou um momento que eu disse: ‘Não vou mais trabalhar no Estado para ficar ganhando sem trabalhar’ (OSIAS, 2019).

Em 1995, foi realizado um concurso para jornalista na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), assim como para outros cargos, como o de datilógrafo. Candidataram-se profissionais como Madrilena Feitosa, Eloise Elane, Wellington Farias, Giovanni Meireles, entre outros. Dos nossos catorze entrevistados, dois foram aprovados, um do primeiro grupo e outra do segundo: “Passei no concurso para a assessoria de comunicação da UFPB. Sou a primeira jornalista concursada da UFPB. Os outros entraram antes da Constituição. Dez anos depois entraram outros por concurso” (FEITOSA, 2020). Mesmo quem não tinha vinculação com os órgãos públicos, também passou por funções nele:

Eu nunca quis coisa com o executivo, mas já fui assessor de imprensa do judiciário, da Assembleia Legislativa, do Ministério Público, da Justiça Eleitoral. Os cargos que a profissão me ofereceu eu passei por eles. Não construí nenhum patrimônio financeiro. Jornalista não constrói patrimônio

financeiro, é impossível. Meu patrimônio é profissional, de dedicação a profissão (VIEIRA NETO, 2020).

Ao consultar o Sistema de Acompanhamento da Gestão dos Recursos da Sociedade (Sagres) pudemos perceber que uma significativa parcela dos vínculos institucionais deram-se ainda entre as décadas de 1960 e 1980. Desse modo, a passagem pelo serviço público, em algum momento da carreira, é um caminho quase obrigatório, sobretudo na busca por estabilidade na vida profissional. Não é possível identificar uma diferença substancial na forma como esse ingresso é feito em ambas as gerações, inclusive porque certas práticas se perpetuam além das gerações estudadas. No tópico a seguir analisamos uma forma específica de mobilidade na carreira que requer criatividade e inovação por parte dos jornalistas.

## 6.11 SUBMISSÃO DE PROJETO

A mobilidade interna numa empresa ou o ingresso em um novo emprego também dependem da criatividade e da proposta de ideias por parte dos jornalistas. Identificamos nos depoimentos dos entrevistados uma semelhança nos trabalhos desenvolvidos, principalmente em uma fase mais madura da profissão, em profissionais de ambos os grupos. As iniciativas relatadas foram realizadas, em sua maioria, em emissoras de televisão, fossem públicas ou privadas.

Um dos casos é o de um jornalista do primeiro grupo. Em 2014, Wellington Farias estreou o programa de entrevistas “Dedim de Prosa”, na TV Assembleia. Na ocasião, o jornalista também trabalhava como apresentador e comentarista no programa Correio Debate, da 98 FM: “Gostava muito de grandes entrevistas. O programa que fiz com maior satisfação na minha vida foi o Dedim de Prosa. Foi um projeto que criei. A filosofia do programa era: ‘Tem uma história emocionante pra contar? Então, senta aqui’” (FARIAS, 2019).

Os outros episódios foram de jornalistas do segundo grupo. Madrilena Feitosa, por sua vez, já concursada na Universidade Federal na Paraíba (UFPB) e atuando na TV UFPB, afastou-se por um período para fazer um mestrado em um tema em ascensão no país:

O padrão de TV Digital estava sendo empregado. Eu já estava na área de TV, estava em ascensão a TV Digital, eu tinha que pesquisar um tema do momento. Tinha parcerias lá que davam certo. Quando eu voltei, precisavam do meu conhecimento. Com o lastro da direção, coloquei em prática tudo o que aprendi, dei uma contribuição para a TV UFPB. Coordenei projetos e implantei diversas ações, inclusive voltados para a sociedade porque nós desenvolvemos uma cultura da TV Digital que não existia (FEITOSA, 2020).

O reconhecimento nessa área e as parcerias renderam premiações e convites para outros projetos. Já nas emissoras privadas, os jornalistas também tinham espaço para desenvolver projetos, inclusive em outras plataformas com as quais não tinham afinidades. Foi o caso de Hermes de Luna, com o programa *Correio Cidades*, enquanto trabalhava no *Correio da Paraíba*: “Sempre gostei de programas que mostrassem as coisas da Paraíba. Sempre disse que o povo do interior gosta de se ver na televisão e a sua cidade. Fiz o *Via Paraíba*, inspirado numa programa que tinha na *Globo News*” (LUNA, 2020). Aprovado pela superintendência, faltava escalar um apresentador que terminou sendo o próprio autor: “Meu negócio não era apresentar, era só editar, produzir, entrevistar” (LUNA, 2020).

Interna ou externamente, havia alternativas para o surgimento de novos programas, como no caso do *Sobretudo*, na TV Master, como relatou Gisa Veiga: “Eu e a jornalista Andreia Barros elaboramos um projeto e o submetemos à diretoria” (VEIGA, 2019). A atração estreou em 2014 e ficou no ar até 2017. Dentre as mídias tradicionais como jornal, rádio e televisão, a jornalista considerava que esse foi seu último trabalho nesse segmento de veículo. Nesse período Gisa Veiga atuava como assessora de imprensa do Ministério Público do Trabalho (MPT) e como colunista política em portais da capital.

No caso da submissão de projetos, como vimos, a aceitação das empresas é um elemento fundante dessa possibilidade na carreira. O domínio que os jornalistas já tinham do mercado facilitava as negociações dos produtos com maiores probabilidades de sucesso na passagem pelo filtro organizacional. No caso das iniciativas que alcançavam a continuidade, mesmo com a saída dos criadores dele, mostravam como esse trabalho também gerava novos postos na profissão. A seguir trataremos de um dos aspectos que confluíram tanto para o fechamento, quanto para a abertura de vagas nesse mercado.

## 6.12 PLATAFORMAS DE MÍDIAS DIGITAIS

No Brasil, as primeiras experiências de jornalismo em redes digitais ocorreram na segunda metade da década de 1990. Os portais – plataformas de notícias em tempo real – só começaram a funcionar em 1996. O primeiro deles foi o *Universo Online (UOL)*, iniciativa da *Folha de S. Paulo* e do site *Brasil On-line*. O projeto mesclava informações do impresso e de conteúdos produzidos diretamente para a página. O *ZAZ*, que hoje denomina-se *Terra*, é da mesma época, nasceu em 1999.

Segundo Barbosa (2016, p. 47), a partir desse momento as empresas jornalísticas, acostumadas ao impresso, tiveram como desafio “montar equipes próprias para apoiar a sua presença digital na *web*, produzir conteúdos diferenciados mais congruentes com o que proporcionava o suporte digital”. Ao retratarem a história das diferentes mídias até chegar a Era da Internet, Briggs e Burke (2004) relembram que, com a introdução de novas mídias, as mais antigas não são abandonadas, mas coexistem e interagem. Portanto, jornal, rádio, revistas e televisão convivem no mesmo ambiente, formando um complexo midiático.

Essas novas ambiências e configurações também foram agregadas às carreiras jornalísticas, assim como quando da chegada da televisão. Ocupar um espaço nas redes digitais se tornou uma alternativa para os jornalistas que não encontravam mais postos no mercado das mídias tradicionais. Na Paraíba, até consulta mais recente ao *Alexa Ranking*, em outubro de 2020, havia 760 plataformas, entre *sites* e *blogs*, sendo que 172 tinham como localização João Pessoa, incluindo cidades da Região Metropolitana.

Nesse sentido, considerando apenas os jornalistas com cinquenta anos ou mais em idade, identificamos quarenta profissionais em atuação durante o período de julho de 2019 a janeiro de 2020, que ocupavam 46 espaços em canais *online*, em 36 iniciativas na capital. Estes ingressaram na profissão entre as décadas de 1960 e 1980, compondo os dois grupos analisados nesta pesquisa. Desses, 90% eram homens, a maioria proprietário de portais, *blogs* ou outros canais e oito eram colunistas, apresentadores ou blogueiros. As mulheres correspondiam a 10%, sendo que apenas uma era proprietária e as demais eram colunistas e repórter.

Quadro 6: Mapeamento dos jornalistas com mais de 50 anos de idade em plataformas independentes

PLATAFORMAS	VETERANOS	EMPREENDEDORES	COLABORADORES
Portal	27	16	8
Blog	11	9	1
Site	1	1	0
Rede Social	1	1	0
Youtube	2	2	2

Fonte: A autora, 2020.

Dos profissionais, 60% estavam em portais, 27% escreviam em *blogs*, 11% produziam conteúdo para canais de vídeo ou redes sociais digitais e 2% mantinham *site*. Desses empreendimentos, 75% dos jornalistas eram proprietários, ou seja, diretores ou editores. Entretanto, nesses casos, além dessa posição, eles também eram produtores de conteúdo ou repórteres, colunistas ou blogueiros, tanto nos empreendimentos individuais, quanto naqueles coletivos que funcionavam como empresas e agregavam funcionários ou colaboradores. Outros 25% atuavam como colunistas, repórteres ou blogueiros em iniciativas de terceiros. Desses

jornalistas, apenas um trabalhava em um grupo de comunicação, oito das plataformas tinham endereço físico, o que não significa que os profissionais atuassem nesses locais.

O que se observou pela própria “memória” de arquivos de *sites* e *blogs*, até mesmo pelas descrições dos veículos, é que a presença dos jornalistas veteranos neles é um movimento recente. Um dos primeiros *blogs* foi o Poder, Política & Cia, de Hermes de Luna, no início do ano 2000. A plataforma surgiu de uma necessidade de continuar ativo no jornalismo, depois de pedir demissão do jornal *Correio da Paraíba*, por divergências políticas com o veículo. Em 11 de junho de 2020, o *blog* foi integrado ao Portal Correio, do Sistema Correio

O jornalista trabalhava na época na assessoria da Assembleia Legislativa: “Eu nunca tive essa coisa de dar muita visibilidade ao meu *blog*. Não tenho pressa para publicar. Não tem *banner* nenhum”. Hermes de Luna demonstrou afinidade com as tecnologias. Foi uma das primeiras pessoas na Paraíba a ter um celular, como premiação em um concurso de reportagens e a fazer entrevistas remotas por vídeo em televisão: “Costumo dizer que sou um profissional que transita nessa área de internet há bastante tempo. Hoje está todo mundo admirado por estar fazendo chamada de vídeo para colocar no ar e eu já fazia isso na RCTV, com o *Skype*” (LUNA, 2020).

O WSCOM, do jornalista Walter Santos, foi um dos primeiros portais em formato de empresa, criado em 2003. Entretanto, antes disso, na década de 1990, com a chegada dos provedores de internet na Paraíba, o jornalista Wellington Farias lançou um *site* intitulado “Mural de Notícias”: “Eu não fazia só as notícias, eu editava e criava os códigos” (FARIAS, 2019). No momento da entrevista o jornalista atuava como colunista de política em um portal, em uma configuração de trabalho que causou estranhamento no profissional:

Eu fui contratado por um portal, o PB Agora. O cara disse: ‘Vamos conhecer nosso ambiente?’. Eu respondi: ‘Bora, vou conhecer um ambiente diferente, de internet’. Quando eu entrei tinha só as cadeiras. Cada um trabalha em casa, a editora mora em Campina Grande. Isso é uma coisa que na minha cabeça, mesmo nos tempos de hoje, não entra. Como é que você combina as coisas, como é que você combina as pautas? É uma coisa meio complicada (FARIAS, 2019).

A maioria das iniciativas, entre portais e *blogs*, surgiu entre 2015 e 2017, período marcado por fechamento de jornais e demissões. A transferência de mídia é visível no caso do jornalista Sílvio Osias que do impresso migrou para a televisão e, com o fechamento da versão impressa do *Jornal da Paraíba*, passou a ter um *blog* no *site* do veículo. A nova atividade veio junto com a aposentadoria. Esse trabalho começou a ser realizado ainda na redação, mas passou a fazê-lo de casa em outro momento. Desse modo, assumiu o *status* de “blogueiro”.

Tenho acesso ao gerenciador e eu mesmo faço as publicações. Quando eu estava na redação, tinha uma manutenção mais rápida das coisas que fazia, uma renovação no conteúdo. Mas depois que fiquei em casa, fiquei fazendo um *post* por dia, às vezes, faço mais de um dependendo da circunstância muito excepcional, mas normalmente faço um *post*. Gosto de escrever à noite e deixar pronto, mas com a possibilidade de ser derrubado por um fato da madrugada (OSIAS, 2019).

Ou seja, mesmo sendo uma atividade para ocupar o tempo livre, o jornalista também se preocupava em atender a atualidade e a urgência dos fatos, como no jornalismo diário. Outro caso é o do jornalista Fábio Cardoso. Com o encerramento do *Correio da Paraíba*, ele também passou a atuar mais ativamente no portal Turismo em Foco. Outros profissionais da empresa também mantinham canais *online* como Pessoa Júnior, Kubitschek Pinheiro, Abelardo Jurema, Adelson Barbosa<sup>64</sup>, Edson Verber, Franco Ferreira e Anchieta Maia. Kubitschek Pinheiro, por exemplo, tinha os canais KPress e TV K no *Instagram*, com uma versão digital de sua coluna em impresso que tratava do cotidiano.

Ao analisarmos os conteúdos dessas plataformas, identificamos que 36% das iniciativas tratavam de política, 31% tinham uma abordagem de assuntos mais generalistas, 12% eram colunismo social, 9% tratavam de aspectos do mundo do turismo, 6% tinham um cunho memorialístico, 3% eram voltados para produções culturais, 2% esportivo e 1% era da editoria policial. Os *blogs* e as colunas eram espaços em essência dos bastidores do contexto político local. Em geral, eram gerenciados por tradicionais comentaristas e analistas políticos do estado, tais como Helder Moura, Hermes de Luna, Marcone Ferreira, Nonato Guedes, Gisa Veiga, entre outros.

Hoje eu atuo basicamente na *web* no *site* Os Guedes, do meu irmão Lenilson Guedes. A gente tem investido nele, é um caminho natural, em vista do que aconteceu com o impresso na Paraíba. Mas é evidente que nós somos um dos poucos *sites* diferenciados da Paraíba porque quando têm acontecimentos históricos a gente dá fatos históricos, você informa o mínimo possível, você situa (GUEDES, 2019).

Desse modo, estar nessas plataformas, além de ser uma forma de se manter ativo na área, também é uma possibilidade de ir na contramão dos modos de produção desse veículo. Da mesma maneira como se investiu no rádio e na televisão, a migração para a *web* também é vista como um movimento esperado. O primeiro grupo de jornalistas se aproxima da classificação

---

<sup>64</sup> O jornalista Adelson Barbosa, de 58 anos de idade, morreu em 27 de junho de 2020, de parada cardiorrespiratória, provocada por um câncer no cérebro, diagnosticado em 2018.

de nativos analógicos, ou seja, aqueles que já eram adultos na década de 1990, com uma formação em mídias impressas, têm guardadas em casa as antigas máquinas de escrever, mas que embora não dominem as tecnologias, “muitos deles se esforçam para se virar no mundo digital” (COSTA, 2014, p. 59).

No quesito rentabilidade, este não parece ser um objetivo claro nessas iniciativas que funcionam mais como um *hobby*. Em casos específicos, os *blogs* e portais nos quais os jornalistas veteranos eram proprietários, a presença de publicidade demonstrou como esses espaços também poderiam visar o lucro e reafirmavam o prestígio desses profissionais por meio da visibilidade de seus canais.

No portal Abelardo Jurema identificamos, em julho de 2019, mais de trinta *banners* de segmentos variados, no Polêmica Paraíba eram mais de quinze, assim como no *site* de Fábio Cardoso (10), Gerardo Rabello (8), Edmilson Pereira (7), Aguinaldo Mota (5), Os Guedes (3) e Djair Toscano (1). O Moçada Que Agita trazia cerca de quarenta parceiros. Alguns *blogs* também agregavam publicidade como o Mais Esportes de Pessoa Júnior (13) e os de Hermes de Luna, João Costa, Marcone Ferreira e Helder Moura, sendo que este último reservava uma página para os conteúdos classificados como patrocinados.

A maioria das inserções de publicidade nessas iniciativas eram da Câmara Municipal de João Pessoa e do Governo do Estado, além de empresas privadas. As seções de transparência fiscal dos órgãos públicos mostravam que os valores pagos a esses empreendimentos com os informes publicitários tinham valores variáveis. Assim, podemos inferir que parte dos jornalistas começavam a utilizar essas plataformas como alternativa financeira, mesmo que não sobrevivessem financeiramente delas. Isso porque, ainda que estivessem nesses canais, a maioria dos jornalistas tinha outros vínculos empregatícios em emissoras de televisão, rádio, jornais impressos, revistas, em assessorias de imprensa ou eram servidores públicos.

Ainda dentro da temática, mas posterior ao período de mapeamento, ressaltamos a atividade do Ambiente de Leitura, um espaço virtual criado em 2008 pelo escritor Carlos Romero, falecido em 6 de janeiro de 2019. Mesmo depois de sua morte, seu filho, o arquiteto Germano Romero, continuou a alimentar a página com textos de outros autores, entre eles, jornalistas veteranos como Gonzaga Rodrigues, Frutuoso Chaves, Thamara Duarte, José Nunes, Josinaldo Malaquias, Walter Galvão, entre outros. O intuito do *site* era abrigar publicações que contribuíssem com o mundo das Letras, universo presente na memória de seu fundador.

No caso dos jornalistas do segundo grupo, estes estão na condição de analógicos digitais “aquele ser nascido analógico, mas com os olhos, os ouvidos e a cabeça voltados para o mundo digital” (COSTA, 2014, p. 59). Dentro dos projetos institucionais na Universidade Federal da

Paraíba (UFPB), Madrilena Feitosa, além daqueles desenvolvidos com a TV Digital, também trabalhou com a produção de conteúdos digitais, com a jornalista Kellyanne Alves, em uma plataforma interativa do Governo Federal. Nesse sentido, a sua vantagem foi o aprofundamento de sua formação no tema: “Meu mestrado foi em educação para as novas tecnologias. Ao mesmo tempo que me eduquei para as novas tecnologias, repliquei o meu conhecimento para outras formas. O meu contato com tecnologia foi aí e não parei mais” (FEITOSA, 2020).

Os canais de vídeo no *Youtube* também se tornaram uma forma alternativa de trabalho jornalístico, o que também possibilitou o *status* de “*youtuber*” aos jornalistas adeptos dessa ambiência. José Vieira Neto uniu o gosto por viajar da família, as habilidades com gravação e edição para criar um canal na plataforma, o “Vida Arretada”. Esse espaço surgiu como um *hobby* e cresceu, sendo levado, inclusive para a televisão.

Veio a popularização do *Youtube*. Sempre fui muito ligado em tecnologia. Lembro que quando surgiram os computadores de mão, de tela monocromática eu já tinha um. Eu não sei, mas devo ter sido um dos primeiros paraibanos a ter um canal no *Youtube*, digamos assim, com mais constância na publicação e com foco mais jornalístico. Meu canal é de 2008. Eu brincava na época, dizia as pessoas: ‘*Mutatis mutandis*, tenho a minha própria emissora de televisão’. As pessoas diziam que era exagero. E fui ficando no *Youtube* (VIEIRA NETO, 2020).

As próprias redes sociais digitais criaram a função do *social media*, responsável pelo gerenciamento desses canais de comunicação. Entre os nossos respondentes do questionário, apenas quatro afirmaram trabalhar com essa atividade. Em geral, ela estava incluída no trabalho em assessoria, muitas vezes, como atribuição para estagiários jovens. Ainda assim, os profissionais maduros como José Viera Neto, no Tribunal Regional do Trabalho da 13<sup>a</sup> Região, e Kubitscheck Pinheiro, no Tribunal de Justiça da Paraíba, atuavam nas duas funções.

Lá eu procuro fazer mais matérias quando há o lançamento de um livro, quando é a assinatura de algum convênio, coisas assim, até porque têm os outros jornalistas e eu já tenho a carga pesada de atualizar as redes. Por exemplo, eu tenho que atualizar as redes constantemente. Às vezes, chego em casa e ainda estão soltando matéria e eu vou postar (PINHEIRO, 2019).

As redes sociais digitais também promoveram o surgimento de “monitores” e “analistas”. “Repórter de *web*”, “redator de conteúdo *online*” ou “*webjornalista*” são algumas outras, resultado do crescimento do alcance da internet (MICK, 2015). Os cargos de direção, como os de secretário ou chefe de redação, editor-chefe ou diretor de redação, convivem com novas designações, tais como “gestor de projetos”, “coordenador ou administrador de mídias/redes digitais”, “consultoria operacional”, entre outros.

Assim como Kubitscheck Pinheiro, o jornalista José Vieira Neto observou que as redes sociais digitais demandam uma comunicação constante. Nesse sentido, a função do assessor de imprensa também se modificou. São menos *releases* e *e-mails*, e mais postagens e conversas por *WhatsApp* com produtores e repórteres dos veículos de comunicação. Gisa Veiga também se encontrava dividida entre as duas atividades e destacou essas transformações: “Você está em casa no sábado ou no domingo e tem que fazer uma postagem, duas, três. Assessoria de imprensa hoje em dia não é só *release*, aliás, o menos que se faz é *release*” (VEIGA, 2019).

Estar nessas ambiências digitais é uma condição obrigatória, reconhecida por nossos entrevistados. Com exceção de Gonzaga Rodrigues, os profissionais das duas gerações ou tinham afinidade com as novas tecnologias, ou buscaram se adaptar para permanecerem ativos no mercado, como comentou Frutuoso Chaves: “Não tem como fugir disso. Ou aprende ou não tem emprego” (CHAVES, 2019). Esse movimento se iniciou com a informatização do processo de produção nos jornais e com a chegada do computador nas redações. Em algumas empresas, técnicos foram contratados para ensinar os jornalistas a manusearem as máquinas, mas em outros grupos a mudança foi drástica e de difícil adaptação.

Eu conhecia a oficina velha, a tipográfica, da impressão a quente, da linotipo. Não fui um bom impressor, mas sabia como funcionava a impressora, o que é que se podia fazer para melhorar a impressão tanto de livro como de jornal. Eu tinha intimidade com a função gráfica do jornal. Então, foi um choque para mim, enquanto para a grande maioria foi uma coisa nova, para mim foi um choque de eu acompanhar, de forma muito rápida, quase até súbita, essa mudança do quente para o frio. Eu acho até que essa mudança do quente para o frio que veio do metal, passou do metal para as pessoas. As redações ficaram frias (RODRIGUES, 2019).

Ainda assim, por estímulo dos filhos e de seus leitores, além da sua crônica no jornal *A União*, Gonzaga Rodrigues foi inserido nas redes sociais digitais com um “Cronicário”, inaugurando uma nova plataforma de atuação na sua carreira, independente de vínculos institucionais. Desse modo, tanto a profissão, quanto o mercado passaram a exigir dos jornalistas uma presença digital.

Na Rede Paraíba de Comunicação, onde Edilane Araújo atua como editora de qualidade e projetos especiais, as mídias sociais passaram do *Marketing* para o Jornalismo. A jornalista teve que aprender a lidar melhor com o meio, inclusive para selecionar os *social media*: “Também estou responsável pelas redes sociais. Já usava a minha particular, mas não exageradamente. O trabalho é cuidar desses perfis para conseguir interagir por lá, puxar essa audiência pelos nossos canais” (ARAÚJO, 2019).

De acordo com Marcondes Filho (2000), o bom jornalista já não é aquele com o melhor texto, mas o capaz de produzir o maior número de notícias em um tempo cada vez mais reduzido. Além disso, esses profissionais “precisam de habilidades e competências que permitam a atuação em diversas plataformas: impressa, tevê, rádio, Internet; e em diferentes linguagens: verbal, escrita, sonora, fotográfica, audiovisual, hipertextual” (FIGARO, NONATO; GROHMANN, 2013, p. 4). Embora estejam em atividade, na maturidade, sobretudo com a acentuação do envelhecimento, outros fatores contribuem para novos encaminhamentos na carreira, como analisamos no tópico a seguir.

### 6.13 BEM-ESTAR E APOSENTADORIA

Na fase mais madura da carreira e com a aceleração do processo de envelhecimento físico e biológico, é comum que o movimento de trabalho seja o de desaceleração. No jornalismo, mesmo as assessorias de imprensa, consideradas empregos mais estáveis e rentáveis, têm se mostrado como incompatíveis com o estilo de vida pretendido para a maturidade. Não é que haja uma diminuição da capacidade laboral, mas um replanejamento do projeto de vida, inclusive profissional.

Do total dos participantes do nosso questionário, 62,5% afirmaram que seu ritmo de trabalho na maturidade, comparado com início de suas trajetórias no jornalismo, era mais moderado, 20,3% responderam que mantinham a constância e 14,1% disseram que a rotina de trabalho era mais acelerada do que na fase anterior. Quando se observa as longas jornadas dos jornalistas na redação no ingresso na carreira e nesse novo período, é possível perceber que esses profissionais exercem suas atividades em cargas horárias além do previsto nos instrumentos regulatórios. A maioria, 35,9%, cumpre até 6h de trabalho, 25% até 8h e 20,3% acima de 10h.

Nossos entrevistados, sobretudo do segundo grupo, expressaram em seus depoimentos essa redução de carga horária e de vínculos empregatícios, a exemplo de Gisa Veiga: “Cheguei a ter três assessorias, mais um veículo ou, então, dois veículos, o que é pior, mais assessoria. Mas eu tinha vinte e poucos anos, eu aguentava o tranco. Hoje, eu não aguento, não” (VEIGA, 2019). Ivani Leitão também diminuiu seu ritmo: “Não vamos dizer que a idade não pesa, não vamos ser hipócritas, porque pesa. Você fica muito cansado. E comecei a tirar [os empregos], chorando, porque sou muito apegada as coisas que faço, os locais onde trabalho” (LEITÃO, 2019).

Outros jornalistas, a exemplo de José Vieira Neto, sentia que seu tempo em assessoria de imprensa estava terminando: “Não é que esteja perdendo o pique, mas estou percebendo que está chegando minha hora de dar uma relaxada, uma aproveitada nessa reta final de vida” (VIEIRA NETO, 2020). Entretanto, a redução não era sinônimo de encerramento da carreira: “Quando eu deixar a assessoria, talvez o caminho nem seja TV, seja o rádio. O rádio é muito vivo ainda para todos” (VIEIRA NETO, 2020). Isso também ocorria porque uma única ocupação já resultava em excesso de trabalho com essas novas atribuições dos jornalistas.

Em uma investigação sobre a qualidade de vida dos jornalistas no trabalho, Heloani (2003, p. 20) observou que “devido às doenças insidiosas e, portanto, de difícil diagnóstico precoce, parte significativa desses profissionais não alcança sequer a aposentadoria”. A afirmação foi baseada em pesquisas da Organização Internacional do Trabalho (OIT), junto a sindicatos de jornalistas. O pesquisador ainda destacou que, com a implantação de novas tecnologias digitais nas redações, esses trabalhadores foram cada vez mais acometidos por Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT).

Questionados sobre diagnósticos de doenças associadas ao trabalho, os jornalistas veteranos pesquisados apontaram como principais problemas de saúde os de visão (41,3%) e as dores nos ombros/pescoço (39,7%), mãos (30,2%) e costas (23,8%). Ligada ao sistema circulatório estava a pressão alta (28,6%), aos respiratórios a rinite (27%) e entre as endócrinas, nutricionais e metabólicas figuravam o excesso de peso (22,2%), colesterol alto (12,7%) e a gastrite crônica (11,1%). Destacaram-se também os transtornos mentais e comportamentais relacionados ao sistema nervoso como a ansiedade (39,7%), insônia (19%), enxaqueca (17,5%) e a depressão (7,9%).

A juvenização da profissão e a saída precoce da carreira também dificultam a chegada a aposentadoria no jornalismo. Esse aspecto da trajetória desses profissionais pode ser observado em um recorte específico como o proposto nessa pesquisa. Dos jornalistas veteranos respondentes do nosso questionário, 44,4% estavam aposentados há cerca de um a três anos, por tempo de contribuição (42,4%) ou por idade (6,8%). No Brasil, de modo geral, de acordo com estimativas da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)<sup>65</sup> e do Ministério da Previdência Social, os homens ultrapassam a idade de 65 anos no mercado de trabalho e as mulheres, em média, permanecem até os 59,3 anos. No regime previdenciário, considerando as

---

<sup>65</sup> A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) foi realizada nos anos de 1982, 1998, 2003, 2008 e 2015.

aposentadorias por tempo de contribuição, a duração média do período avaliado era de 25 anos para os homens e 31,7 para as mulheres<sup>66</sup>.

No caso dos jornalistas participantes do questionário da nossa pesquisa, mesmo aposentados estes continuaram no mercado de trabalho ou ativos na profissão para manterem as condições financeiras (57,1%), pelo prazer pelo trabalho (51,4%), devido a boa relação entre os colegas e equipe (34,3%), entre outros motivos como prover a família (20%), para ocupar o tempo livre (14,3%), pelo poder de liderança (11,4%) e pela própria jornada reduzida (11,4%). O depoimento de Frutuoso Chaves resume esse quadro:

[Permaneci] primeiro porque gosto. E depois por uma questão de sobrevivência. Você perde salário. Eu já disse para minha mulher, é uma confiança que eu vou fazer: não pretendo continuar muito tempo na lide. Vai chegar um momento em que eu vou ter que ir brincar com o neto, vou ter que fazer o que pretendo fazer. Como somos eu e ela, não vamos ter muito problema de subsistência (CHAVES, 2019).

O prazer pelo trabalho também contribuiu para a permanência de Sílvio Osias na Rede Paraíba de Comunicação mesmo depois da aposentadoria, a convite da própria empresa: “Mantive a coluna que eu faço de casa e faço a coluna na rádio CBN, a ‘Sexta de Música’ que eu vou lá uma vez na semana. Eu não fico inativo. Fico fazendo as coisas” (OSIAS, 2019). No caso de Gonzaga Rodrigues, aposentado há mais de trinta anos pelo Estado, sua carreira no jornalismo continuou como cronista pelo mesmo motivo: “Minha crônica é um sustento espiritual. Me isola de um bocado de coisa (...). Fico ali nela, é um momento de céu para mim ali. Eu me sinto feliz com ela (RODRIGUES, 2019).

Também havia aposentados na geração de jornalistas que se iniciaram no jornalismo na década de 1980. Lúcia Figueiredo está nesse grupo desde junho de 2019, mas continua no mercado de assessoria de imprensa. O receio da Reforma da Previdência naquele ano acelerou o processo de quem já queria reduzir o ritmo de trabalho e a obrigação de cumprir horário de expediente todos os dias: “Querida mais qualidade de vida, só ter um para fazer o que gosto, acordar tarde, caminhar. Claro que posso continuar a fazer, se alguém me solicitar uma assessoria. Não impede porque acho que o jornalista pode trabalhar até morrer” (FIGUEIREDO, 2019).

---

<sup>66</sup> Entrou em vigor em 13 de novembro de 2019 a “Nova Previdência”, promulgada pelo Congresso Nacional. A reforma, em meio a muitas controvérsias, trouxe uma série de modificações ao sistema previdenciário brasileiro. Entre elas novas idades de aposentadoria, que passou de 65 anos para homens e 60 para mulheres para 65 e 62 anos, respectivamente; novo tempo mínimo de contribuição de 15 anos para mulheres e 20 para homens no setor privado, sendo necessário ter as referidas idades. Anteriormente, o cálculo do tempo de contribuição era de 30 anos para as mulheres e 35 anos para os homens.

Edilane Araújo também se encontrava na mesma situação. Aposentada por tempo de contribuição desde 2018, manteve a constância no seu ritmo de trabalho. Deixou a apresentação de telejornal, depois de três décadas, e ocupou o cargo de editora de qualidade e projetos especiais da Rede Paraíba de Comunicação, criado após uma reestruturação no organograma da empresa: “Sim, me aposentei. Vou parar? Não. Tenho o que fazer ainda, tenho metas a cumprir. É bom demais acordar e saber que tenho uma agenda e estou indo para o trabalho com vontade de realizar minhas atividades” (ARAÚJO, 2019).

Esses profissionais, portanto, experenciam a primeira fase da dupla aposentadoria, advinda dos regimes previdenciários, em razão do cumprimento das regras para tal. A segunda se refere ao aposento imposto pelo corpo e pela idade, quando já não há vigor físico e mental para o exercício de uma determinada atividade. Nesse caso, o tempo é individual. Ainda assim, a revisão do projeto de vida nesse estágio influencia a carreira. Esse novo cenário leva o jornalista a se qualificar para novas funções, a migrar para outras profissões ou buscar formas alternativas de trabalho para se sentir produtivo.

No grupo dos jornalistas 50+ do nosso questionário, também há aqueles que planejam que a aposentadoria por regime previdenciário ocorra em um intervalo de um a cinco anos (34,9%) e os que não têm projeções para ela (20,6%). O caso de Hermes de Luna exemplifica a segunda alternativa: “Não penso em me aposentar, mas sei que vai chegar uma hora que vou sentir que meu tempo de tela acabou. Mas vou procurar fazer outras coisas no jornalismo” (LUNA, 2020). Silvana Sorrentino também tem o mesmo pensamento: “Já tenho tempo de me aposentar. Não penso em me aposentar. Continuo no batente” (SORRENTINO, 2020).

Nessa etapa da carreira, os jornalistas observam que a profissão já não é a mesma daquela de quando iniciaram sua trajetória no jornalismo. Estes se veem em um período de transição, sobretudo no momento que precisam lidar com as novas tecnologias e com colegas de trabalho que já nasceram em uma época com uma mentalidade digital formada. Na próxima seção analisamos como essa intergeracionalidade participa das carreiras profissionais dos jornalistas veteranos, seja em relações de conflitos, resistência ou de colaboração.

## 6.14 RELAÇÕES GERACIONAIS

O jornalismo é uma profissão em constante processo de transição geracional. No século XXI, porém, ainda permanecem os profissionais que vivenciaram outros períodos sociotécnicos da profissão, anteriores aos processos tecnológicos e organizacionais do trabalho (FIGARO,

2013). Estes encontram-se com uma geração nascida na era das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs). Assim, os ambientes laborais reúnem jornalistas com idades e tempos de carreira distintos. Ou, ao menos, deveriam.

Nas empresas de comunicação, a prática mais comum é a substituição de jornalistas experientes por outros mais jovens (PEREIRA; ADGHIRNI, 2011). A juvenização da profissão dá-se com a contratação de uma parcela de recém-formados em detrimento de profissionais com mais idade e experiência, por parte do empresariado, pois permite a manutenção de salários baixos, a fácil adaptação a linha editorial e ideológica da empresa, além de inserirem-se em arranjos mais precários pela necessidade de entrar no mercado.

Os desencontros entre as diferentes gerações, a falta de tempo para a passagem da experiência de um profissional mais velho para o mais jovem, os novos dispositivos da comunicação, as relações contratuais precárias de trabalho fazem com que o mundo do trabalho do jornalista se torne um caldeirão de tensões, desafios e conflitos (FIGARO, 2013, p. 113).

Em nosso questionário, os jornalistas veteranos demonstraram ter uma dupla relação com os jovens. Do total, 59,3% afirmaram que tinham muita convivência com essa nova geração ou que atuavam em parceria. Outros 39,1% disseram que não conviviam com eles ou que trabalhavam distantes. Essa relação é mais difícil de ser estabelecida com a ausência desse profissional maduro nas redações dos veículos de comunicação e na modalidade de trabalho remoto, sobretudo com as plataformas digitais. Dos entrevistados do segundo grupo, apenas Ivani Leitão, Edilane Araújo e Hermes de Luna tinham uma experiência mais próxima por estarem em mídias tradicionais:

Procuro orientar e dar vez. Se acho que está errado, coloco as coisas no seu devido lugar. Por exemplo, construo uma ideia de texto e entrego ao cara para que ele faça com a sua linguagem. Eu procuro ter essa relação de amizade mesmo. E acho que cada um tem seu espaço, o jornalista mais jovem e o jornalista mais velho. Esse é um processo de transição corporativa. A empresa nunca pode ter só jornalistas jovens, sem experiência do batente, sem ter fontes, principalmente em determinadas áreas, e nem só jornalistas velhos, experientes, porque também não é assim que a coisa funciona, principalmente em televisão. A televisão pede rostos jovens. A televisão tem um tempo de tela, não tem por onde você escapar (LUNA, 2019).

Eu tenho meu olhar, mas eu costumo respeitar o olhar dos repórteres que trabalham comigo na empresa que estou atualmente. Então, eu sou aquela pessoa que eles mandam *off* para mim. Eu tenho o maior cuidado. Às vezes, eu mudo umas coisas, inverte, mas sempre explicando o porquê. Se eles não gostarem da mudança que eu fizer, não tem problema, a gente discute outra forma (LEITÃO, 2019).

No caso de Hermes de Luna, o jornalista tinha mais proximidade com um dos produtores do Correio Debate, no qual é o apresentador. Já Ivani Leitão, no cargo de editora-chefe de um programa também na televisão, lida com uma equipe maior de jovens. Ela é a profissional mais velha em funções jornalísticas na emissora. É o caso também de Edilane Araújo que, apesar de já ser uma referência por estar na TV Cabo Branco desde sua fundação, assumiu um posto na empresa que a coloca em relação direta com todas as gerações, sobretudo com a juventude.

Sei que eu tenho uma imagem que, de certa forma, eles têm respeito por mim, pela minha trajetória aqui. E os mais antigos, não tão ativos quanto eu, também procuro passar essa mesma coisa: ‘Vamos sair dessa zoninha de conforto e vamos também contribuir. Vocês têm experiência, vamos sacudir esses meninos’. Eu fiz isso com elas, com Jô [Vital] e Giovana [Rossini] e foi muito bom o encontro [dos produtores]. E a gente vai ficar fazendo disso uma prática. Acho que é assim, de tempos e tempos estar reciclando. Não pode mais estar parado. Tudo mudando rapidamente, não pode estar esperando as coisas acontecerem. Não mais (ARAÚJO, 2019).

Desse modo, promove-se um ambiente intergeracional, de compartilhamento de experiências que no jornalismo é fundamental quando se considera as pautas e sua angulação. O jornalista veterano também atua como uma figura de transição, tanto de uma cultura profissional, quanto da própria empresa. Nas assessorias de imprensa, a proximidade entre gerações distintas é viabilizada pelas bolsas de estágio. Os jovens são, inclusive, recrutados e selecionados pelos próprios responsáveis pelas assessorias com os quais passam a dividir atividades ou a trabalhar em áreas específicas.

Eu tive muita sorte com meus estagiários. Sabia lidar com eles. Todos eles gostavam muito do trabalho. A gente tinha uma relação muito aberta. Nunca fui de chicote. Sempre fui muito de pedir ajuda, de discutir o que a gente poderia fazer para melhorar. E está sendo assim no Detran com os meus universitários. E eu consigo manter esse respeito, sem precisar levantar a voz e eles estão sempre me ajudando (SORRENTINO, 2020).

Dessa forma, os jornalistas veteranos repetem o mesmo ciclo de socialização profissional que experienciaram no início da carreira. Mesmo em um mercado com configurações variadas, os profissionais maduros também mantinham suas redes intrageracionais. Dos respondentes do questionário, 62,5% afirmaram que tinham muita convivência ou atuavam em parceria com os jornalistas da mesma geração. Outros 37,6% disseram que não tinham proximidade ou trabalhavam distantes. Os motivos apontados para

esse segundo caso são os mesmos dos jovens. No primeiro, além do trabalho, outros espaços de interação podem justificar a resposta positiva.

Esses jornalistas de carreiras duradouras tornam-se ainda exemplos de longevidade profissional, em um processo constante de readaptação e ajustes de suas trajetórias, não recorrendo a transição ou ao abandono desta. O contato entre gerações é um movimento de compartilhamento tanto por parte dos mais velhos, quanto dos jovens, principalmente por meio de sua educação tecnológica vinda destes últimos (FERRIGNO, 2013).

Nesse sentido, no questionário, os respondentes apontaram entre os problemas do mercado de trabalho as limitações intelectuais e culturais nos jornalistas (57,1%) e as deficiências técnicas (41,3%). Essa observação é feita pelo jornalista Nonato Guedes, do primeiro grupo: “Tem muita gente que me surpreende com textos belíssimos, bem fundamentados, mas tem uma turma aí, sobretudo o pessoal de rádio, de alguns *sites* que não têm preocupação nenhuma, só escrevem cinco linhas de matéria” (GUEDES, 2019).

Nas entrevistas, os conflitos intergeracionais não aparecem explicitamente no relato da trajetória de carreira dos jornalistas. Entretanto, na comparação de suas experiências quando jovens e as que vivenciam na maturidade, os profissionais percebem que há certa resistência por parte dos “focas” em ouvi-los. Para Wellington Farias, também do primeiro grupo, esse contato é mais dificultado por parte dessa nova geração: “O cara está fazendo uma coisa e você, humildemente, com a experiência de 43 anos de profissão, arroteia bem muito para dizer: ‘Não acha melhor assim?’ Ele aceita, mas é como se você estivesse se intrometendo no que não sabe” (FARIAS, 2019).

No caso de Sílvio Osias os conflitos intergeracionais foram mais explícitos e contribuíram para o seu pedido de demissão e aposentadoria. O caso ocorreu na redação do *Jornal da Paraíba*. Ele recorda que era chamado para as reuniões da cúpula da empresa e os mais jovens não eram convocados. A partir de sua experiência e observações, o jornalista apresentava sugestões como a de fazer chamadas gravadas mais “descoladas” como o portal G1 fazia: “Com a garotada tatuada, com as blusas não sei que, de barbinha, de brinco, de *piercing*” (OSIAS, 2019). A ideia foi aprovada, mas o jornalista foi, de certa forma, “excluído” de sua execução:

Eu estou na redação, aí entra uma equipe de TV com câmera, luz, tripé, fio para tudo quanto era lado, ligaram tudo. Perguntei: ‘Vão fazer o que aí?’. Fiquei curioso, claro. Responderam: ‘É uma história de umas chamadas descoladas que vão fazer’. Foram fazer. Falei com a chefia: ‘Quer dizer, eu estou lá, tenho 25 anos de televisão e eu fiz essa sugestão, não sou dono dessa sugestão, nem fui eu que inventei, não sou dono da ideia, mas, enfim, tenho

domínio mais do que esse pessoal que vai fazer aí. Eu estou lá dentro, sugiro, a coisa é bem recebida, e estou me oferecendo para fazer'. É a prova cabal de que as pessoas não estão com você ali, não lhe querem, você não faz parte daquele grupo (OSIAS, 2019).

Esses jornalistas tinham em idade o que Sílvio Osias tinha de experiência só em televisão. Foi dele que ouvimos relatos explícitos de etarismo: “Eu sofria *bullying*. Os meninos e meninas não queriam conversa comigo. Fui vendo que não tinha mais idade para aquilo” (OSIAS, 2019). Gisa Veiga também relatou que é vítima de preconceito etário no gabinete do deputado para o qual trabalha na Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB). Tal discriminação parte de jovens contratados. O enftretamento do etaristas é uma alternativa de ação da jornalista.

O estímulo à solidariedade intergeracional e à integração no ambiente de trabalho podem ser formas de combater preconceitos e estereótipos relacionados ao envelhecimento, melhorando a relação entre jovens e maduros. Atualizado, crítico e produtivo, são inclusive, características com os quais os jornalistas veteranos se identificam, como veremos no tópico a seguir.

## 6.15 ATRIBUTOS DA MATURIDADE

No Brasil, a faixa etária da População Economicamente Ativa (PEA) está entre os quinze e 65 anos idade, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Já a Organização Mundial da Saúde (OMS), considera trabalhador em envelhecimento aquele com 45 anos ou mais. As idades, no entanto, são convenções sociais que não medem a capacidade produtiva dos indivíduos. Tais normas etárias também podem mudar com o tempo (NERI, 2001), tanto é que, com a Revolução da Longevidade, novas classificações são elaboradas pelo fato de as pessoas com sessenta anos terem as mesmas capacidades de um indivíduo aos quarenta. Se formos considerar o desenvolvimento humano como um processo dinâmico e interativo de ganhos e perdas (NERI, 1991), o envelhecimento é uma constante que nos acompanha, de fato, desde os primeiros sinais de vida, entretanto:

A atitude da sociedade para com os velhos é (...) profundamente ambígua. Em geral, ela não encara a velhice como uma fase da idade nitidamente marcada. A crise da puberdade permite traçar entre o adolescente e o adulto uma linha de demarcação que é arbitrária apenas dentro de limites estreitos: com 18 anos, com 21 anos, os jovens são admitidos todos na sociedade dos homens. Quase sempre os ‘ritos de passagem’ envolvem esta promoção. O momento em que começa a velhice é mal definido, varia de acordo com as épocas e lugares.

Não se encontram em parte alguma ‘ritos de passagem’ que estabeleçam um novo estatuto (BEAUVOIR, 2018, p. 13).

Do mesmo modo, nos estudos acadêmicos, como não há um conceito estático e definitivo, essa definição depende da perspectiva do pesquisador, do campo de estudo e dos objetivos propostos. Nesta pesquisa o processo de envelhecimento dos jornalistas tem como ponto de partida os cinquenta anos de idade cronológica, considerando aqueles que são decanos na profissão. Essa proposição segue o que afirmam as investigações sobre o desenvolvimento humano e entra em consenso com a autoidentificação dos próprios jornalísticas.

Os jornalistas que nos prestaram depoimentos não demonstraram surpresa por os considerarmos veteranos, com exceção de Hermes de Luna, do segundo grupo, ao refletir sobre a maturidade profissional: “Nunca parei para pensar nessa história de ser um dinossauro. Eu faço jornalismo, sou repórter. Na minha trajetória eu reparei isso: eu sou repórter. Não sou chefe. Eu estou chefe, editor, apresentador, mas vou morrer repórter” (LUNA, 2020).

Segundo Beauvoir (2018, p. 348), “em mim, é o outro que é idoso, isto é, aquele que sou para os outros: e esse outro sou eu”. No entanto, essa é uma consciência gestada por muitos deles que se consideram “dinossauros”, “decanos” ou mesmo “velhos”. Há de fato, um certo orgulho quando percebem-se de uma outra época, carregados na expressão “minha geração” quando se referem aos eventos vividos.

Como afirma Ribeiro (J.C, 2006), ser velho jornalista é ainda ser jornalista e não ex-jornalista. De certo, a intelectualidade profissional não envelhece. Mas a dificuldade da sociedade em acolher aqueles que já viveram muito resulta de uma construção social que vincula à velhice uma série de atributos negativos. O velho é tido como ultrapassado, distraído, exigente, inseguro, crítico, fraco, deprimido, rejeitado, desadaptado, o qual apresenta sinais de demência, perda de memória e marcado pelo fim da vida sexual (NERI, 1991). A velhice é vista como um período vulnerável no qual os anciãos correm mais riscos, onde há a perda dos ideais da juventude, dessintonização com a mentalidade do seu tempo, desinteresse, desconfiança e desamor ao trabalho (ÁVILA, 1978).

O mais antigo de nossos entrevistados foi o jornalista Gonzaga Rodrigues, com 86 anos de idade. Os demais estavam na faixa etária dos cinquenta aos sessenta anos. Ao analisar seus depoimentos sobre a maturidade profissional, os participantes dos dois grupos atribuíam-se características positivas, assim como observamos nos respondentes do questionário. Estes se consideravam atualizados, ativos, produtivos, interessados pelas pessoas e com bom-humor. Podemos exemplificar essas observações com um trecho da entrevista com Kubitschek

Pinheiro, do primeiro grupo: “Eu me mantenho no mercado porque eu trabalho muito (...). Eu procuro sempre me atualizar e escrever coisas novas. Você só se mantém se você tem talento, se você busca o inusitado. No meu caso, eu sinto isso” (PINHEIRO, 2019). Nonato Guedes tinha uma percepção semelhante:

O que muda é, indiscutivelmente, a experiência e a serenidade, a capacidade que você tem de ser um pouco mais tolerante, avaliar com mais cuidado, ser mais criterioso. Tendo a condição de você não puder errar diante de tanto aprendizado que você acumulou. Então, ao contrário do comodismo que esse período sugere ou pode sugerir, no meu caso, pelo contrário, eu tenho uma compulsão maior ainda por aprender cada vez mais, de me aprimorar. Parto do princípio de que não há idade para maiores desafios. Posso estar sendo desafiado, eu tenho 61 anos, posso estar sendo desafiado com 70 anos se eu estiver vivo a fazer qualquer uma coisa que não estivesse nos meus planos (GUEDES, 2019).

O sentir-se produtivo e ativo na profissão era uma necessidade comum a todos os entrevistados, mesmo se já aposentados pelos regimes previdenciários. Em geral, percebemos que a maturidade demarcava transformações nos cursos da carreiras, os encaminhando para outros cargos iniciando uma renovação profissional. Uma pesquisa realizada por Marchetti e Ruellan (2001) mostrou que as trajetórias profissionais se dirigem à prática de um jornalismo mais “sentado” como editor, colunista e comentarista, por exemplo. Nesse sentido, a idade é apontada como uma das causas dessa tendência.

Nossos entrevistados e os respondentes do questionário refletiam esse movimento, acrescidos de outras funções como a reportagem e a assessoria de imprensa. Essa fase da carreira requer, no entanto, uma especialização na nova área de atuação e um esforço maior de acompanhamento das transformações do fazer jornalístico. Essas novas habilidades e conhecimentos adquiridos em cursos superiores e programas de treinamento são unidos como a experiência na profissão. Observamos esse comportamento sobretudo nos jornalistas do segundo grupo:

Estou me sentindo totalmente estimulada, instigada, com toda a disposição para trabalhar. Estou começando, nessa função [de editora de qualidade e projetos especiais] e estou querendo aprender mais, oferecer resultado, porque isso hoje em dia é tudo. Já mostrei o meu talento na apresentação, na minha postura, mas quero oferecer um outro tipo de resultado. Isso é também para mim um estímulo nessa altura da minha vida. Saber que estou no mercado, sim, e estou dando uma contribuição que considero importante (ARAÚJO, 2019).

Um senso crítico mais apurado também foi apontado como uma das características dessas duas gerações de jornalistas maduros. Esse é considerado um atributo negativo pela Escala Neri (NERI, 1991), assim como pelos entrevistados. A desvalorização é outro item com

os quais os profissionais se identificavam. Observamos essa tendência, tanto no questionário, quanto na análise das entrevistas. Mesmo empregados ou em atuação em alguma modalidade na profissão, os jornalistas viam reduzir-se as possibilidades no mercado de trabalho formal, sobretudo no jornalismo diário em redação.

O percebe-se desvalorizado passava pela própria condição do mercado profissional. No questionário, os participantes apontaram como principais problemas a precarização das relações trabalhistas (77,8%), a falta de oportunidades de emprego (55,6%), a perda da identidade jornalística (55,6%), o excesso de atividades (38,1%) e a competitividade acirrada (34,9%). O nível dos profissionais e da produção também estabeleciam uma diferenciação que não considerava a experiência. Nesse sentido, os respondentes percebiam limitações intelectuais e culturais nos jornalistas (57,1%) e deficiências técnicas nos jornalistas (41,3%), coberturas limitadas (34,9%) e a submissão a linha editorial (28,6%).

A desvalorização é um quesito que esteve presente no depoimento da jornalista Gisa Veiga, do segundo grupo. Aos 59 anos de idade, ela já observava as dificuldades que o mercado de trabalho apresentava aos profissionais maduros e os reflexos dessa discriminação na carreira dos jornalistas veteranos:

Uma das coisas que eu aprendi e que é terrível é perceber que o seu talento, o seu preparo, a sua capacidade, não está valendo mais nada para o mercado tradicional de jornalismo. Antes, você tinha um valor, às vezes, era até uma grife do jornal. Hoje, essas pessoas representam um custo que as empresas não estão a fim de pagar. E preferem pessoas mais jovens, preferem pagar menos por pessoas menos experientes, não digo que estas não tenham valor, mas com a bagagem e uma experiência bem menor até pelos seus poucos anos de vida, não têm a vivência de uma pessoa mais experiente. Então, eu sinto que pessoas com mais de cinquenta anos – eu acabei de completar 59 –, estão praticamente descartadas do mercado profissional. A experiência, a capacidade, o talento, não estão mais em conta. É um triste aprendizado (VEIGA, 2019).

O depoimento de Gisa Veiga, do segundo grupo, foi semelhante ao de jornalistas do primeiro, a exemplo de Sílvio Osias, Frutuoso Chaves e Gonzaga Rodrigues. Estes apontam as tecnologias digitais como um dos principais fatores de desvalorização da experiência adquirida ao longo da vida e do exercício profissional. Mesmo para aqueles com algum contato com essas máquinas, seus conhecimentos não são suficientes para disputar o mercado de trabalho com igualdade.

Mudou o veículo. A internet que eu te falei trabalha com novatos, com meninos, com noviços. Nada contra os noviços, é que não tem espaço. Porque com um salário que ele [o patrão] paga a um jornalista experiente, contrata três inexperientes. Preferem, infelizmente, não investir na folha. Preferem custos mínimos (CHAVES, 2019).

Quando eu estava em *O Norte* eu comecei a perceber isso [que a experiência hoje é mais tecnológica]. Porque me lembro que eu tinha uma editora de um dos jornais que um dia eu questionei um conteúdo dela – eu era editor-chefe –, e ela disse: ‘você entende disso, mas não entende disso’ e apontou para o computador e continuou: ‘eu domino essa máquina, não é que você não domine, você senta aí, faz alguma coisa, mas eu domino muito mais do que você. Você não entende disso’ (OSIAS, 2019).

A experiência do desemprego na maturidade não é só uma exclusividade do contexto local. Essa realidade foi vivida pelo jornalista Ricardo Kotscho, próximo de completar setenta anos, com mais de cinquenta de carreira, quando foi demitido da Record News, na qual trabalhava como comentarista e mantinha um *blog* no portal R7. Em texto publicado em sua página do *Facebook* intitulada Balaio do Kotscho, nome do *blog* que mantém desde 2008, relatou que pela primeira vez na vida, desde que começou a trabalhar em jornalismo, com dezesseis anos, estava desempregado. O jornalista Nirlando Beirão<sup>67</sup> também foi dispensado na mesma época. Ambos atuavam no Jornal da Record News, ancorado por Heródoto Barbeiro que até a data desta pesquisa se mantinha no quadro da empresa. O relato de Ricardo Kotscho reflete as dificuldades dos jornalistas veteranos no mercado:

Você descobre que o trabalho não é só teu ganha-pão para pagar as contas no final do mês. No meu caso, sempre foi a própria razão de viver, minha ligação com o mundo. Escrever para contar e comentar o que está acontecendo é a única coisa que aprendi a fazer. Desde o meu primeiro emprego, nunca tinha sido demitido. Foi uma paulada que não esperava, agora que estou próximo de completar 70 anos, com mais de 50 de carreira. Nem sei por onde começar a procurar um trabalho novo. Ao contrário da maioria dos outros 13 milhões de brasileiros sem trabalho, nem adianta distribuir meu currículo porque sou tão antigo que os possíveis empregadores já me conhecem. O mar mercado, como sabemos, não está para peixe. O fato de ser um profissional reconhecido e respeitado, que já trabalhou nas maiores empresas de comunicação do país, de repórter a diretor de redação, não é garantia de nada (KOTSCHO, 2017, *online*).<sup>68</sup>

O próprio jornalista afirmara que sempre foi empregado, que nunca teve negócios ou outras rendas fora do salário e o que recebia da aposentadoria do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) mal dava para custear o plano de saúde. O *blog* Balaio do Kotscho estreou em março de 2020 no portal UOL Notícias, vinculado à *Folha de S. Paulo*, no qual também o

<sup>67</sup> O jornalista Nirlando Beirão morreu no dia 30 de abril de 2020, aos 71 anos de idade, em decorrência de complicações da Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA). Antes do agravamento da doença, trabalhava como redator-chefe da Carta Capital, revista sob a direção de Mino Carta, e comentarista político do Jornal da Record News, comandado por Heródoto Barbeiro. Também mantinha um *blog* no portal R7.

<sup>68</sup> KOTSCHO, Ricardo. **Vida de desempregado**. São Paulo, 6 out. 2017. Facebook: @balaiodokotschooficial. Disponível em: <https://www.facebook.com/balaiodokotschooficial/posts/903387233147069>. Acesso em: 28 mai. 2020.

jornalista atua como repórter especial. Em janeiro de 2021 também passou a ter um canal no *Youtube*. Como vemos, o trabalho é o primeiro *locus* de realização dos indivíduos na busca de uma vida cheia de sentido, dotada de autenticidade (ANTUNES, 2009).

Vê-se, assim, indícios de uma defasagem estrutural. Esta ocorre comumente no campo das estruturas ocupacionais e etárias. No caso de postos de trabalho que dependem de um suprimento de trabalhadores de certa idade, “mudanças na estrutura etária de uma comunidade ou sociedade gerarão carência ou excesso de trabalhadores” (JOHNSON, 1995, p. 65). No jornalismo, atribui-se a saturação do mercado tradicional a proliferação das escolas de jornalismo, a partir da década de 1970 (KUCINSKI, 2007) e nos anos de 1990. Desse modo, vê-se a desproporção entre a oferta e a procura. Além disso, os insustentáveis modelos de negócio dentro das novas dinâmicas econômicas têm ruído, promovendo o fechamento de mais postos de trabalho, o que eleva a competição desigual.

Um importante contributo para explicar a atribuição de estereótipos negativos aos mais velhos é a relação estabelecida entre a teoria sociológica da estratificação por idade (RILEY; JOHNSON; FONER, 1972) e o conceito de defasagem estrutural. A corrente relaciona a idade cronológica – um limitador de experiências biológicas, psicológicas e sociais que seriam comuns a pessoas de uma mesma faixa etária –, e a localização do indivíduo na sociedade – os papéis sociais que deveriam ser desempenhados pelo sujeito com esse perfil. A defasagem estrutural se dá quando “duas características estruturais relacionadas mudam a taxas diferentes e, portanto, deixam de sincronizar-se” (JOHNSON, 1995, p. 65).

Entretanto, os entrevistados de ambos os grupos da nossa pesquisa reforçam a sua ligação com o jornalismo, mesmo diante de cenários adversos. Segundo Cortella (2016, p. 51), “as atividades que realizamos contribuem para formar a nossa identidade profissional”, de modo que ao desempenhar uma determinada profissão ou função, ela também nos faz ao moldar em nós competências e habilidades. Nele construímos uma carreira que nos identifica e responde ao “o que somos” antes de “quem somos”, portanto, “deixar de fazê-lo agora seria me desfazer” (CORTELLA, 2016, p. 55).

Diante do cenário da longevidade, o quadro dos mercados tradicionais tende a se agravar. Nos próximos anos, enquanto a população de 65 e mais anos de idade aumentará com taxas entre 2% e 4% ao ano, a população jovem tenderá a decrescer, segundo projeções da Organização das Nações Unidas (ONU). No jornalismo, diante da transição geracional, com a saída dos profissionais mais velhos e a impermanência de uma juventude à frente da profissão, teremos um cenário historicamente distinto das décadas anteriores.

Na profissão jornalística, assim como em outras ocupações, o trabalho nesse estágio da vida encontra dificuldades para se estabelecer nas sociedades capitalistas, movidas pela lógica do lucro e da produtividade. Há pesquisas que buscam investigar a relação entre regime demográfico e crescimento econômico para identificar as possíveis consequências e efeitos nas empresas tendo como eixo a relação envelhecimento e produtividade.

De fato, em sociedades mais jovens a economia tem um melhor desempenho em virtude do espírito dinâmico e empreendedor das pessoas entre vinte e trinta anos em idade cronológica (SOUZA JUNIOR; LEVY, 2014). É com base nessa justificativa que acredita-se que, com o contínuo aumento da idade média da população, haja um crescimento mais lento da produtividade. Entretanto, os estudos são inconclusivos e os resultados variam de acordo com os países. No tópico a seguir analisamos as carreiras alternativas que os jornalistas entrevistados na nossa pesquisa buscaram desenvolver na fase mais madura de suas trajetórias.

#### 6.16 CARREIRAS ALTERNATIVAS

A escolha pelo jornalismo e seu exercício profissional, em alguns casos, sobretudo na fase madura da vida dos entrevistados, também esteve associado ao desenvolvimento e formação em outras áreas, aplicadas ou não a profissão jornalística. No primeiro grupo, por exemplo, temos um jornalista formado em Filosofia, e no segundo, em Direito, ambos na juventude. O envolvimento com o jornalismo inviabilizou a prática dessas outras atividades em suas trajetórias.

No segundo grupo de jornalistas, no entanto, temos o caso de três jornalistas que fizeram outras escolhas profissionais na maturidade. Edilane Araújo, por exemplo, formou-se em Gestão em Processos Gerenciais na modalidade à distância. Este foi um pré-requisito para assumir o cargo de editora de qualidade e projetos especiais na Rede Paraíba de Comunicação. Já Gisa Veiga e Lúcia Figueiredo optaram por áreas de atuação externas ao jornalismo, como o Direito e o Serviço Social, respectivamente.

Entretanto, essas escolhas não se deram ao acaso. Pelas histórias de vida foi possível perceber em que momentos essas outras possibilidades de carreira se desenvolveram na trajetória dos jornalistas. O envolvimento de Gisa Veiga com a área jurídica começou quando a jornalista estava na assessoria de comunicação do Ministério Público do Trabalho (MPT): “Resolvi fazer o curso de Direito, que sempre tive vontade de fazer mais para agregar conhecimento do que para seguir uma carreira. Adorei ter voltado a estudar” (VEIGA, 2019).

A jornalista-advogada, no entanto, não exercia a advocacia com regularidade. Embora não tivesse um escritório próprio, tinha parcerias e sócios para os quais prestava serviços. Já no caso de Lúcia Figueiredo, a escolha por Serviço Social foi o resultado de uma busca de uma profissão que permitisse uma militância por direitos sociais. Ainda no cursinho pré-vestibular e também na graduação em Jornalismo teve contato com professores e obras socialistas que estimularam sua formação. A própria vivência no interior do estado, diante das desigualdades, foi apontada por ela como fomentador de seu senso de justiça. Assim, o seu segundo curso foi concluído no período de 1989.1, também na Universidade Federal da Paraíba (UFPB):

Eu já sabia o que eu queria [quando entrei na universidade] e me frustrei porque pensei que no jornalismo eu poderia fazer como se fosse uma militância, mas de repente a gente não faz. A gente tem a linha editorial que não é o pensamento da gente. Por conta disso, eu disse: ‘Não vou ficar em jornalismo só’. Ainda fiz Serviço Social pensando que também ia poder fazer alguma coisa, mas em Serviço Social é quase o mesmo. A gente esbarra no sistema, na estrutura que se tem (FIGUEIREDO, 2019).

Em razão de sua segunda carreira, a jornalista-assistente social desligou-se da Rádio Tabajara em 2008, depois de passar em um concurso público. O cargo oferecia melhores condições de salário e estabilidade: “Não podia acumular porque a rádio é uma empresa pública, mesmo de direito privado. Tive que optar. Saí no último dia do prazo final para assumir esse concurso, em dúvida, porque não queria deixar a Rádio Tabajara” (FIGUEIREDO, 2019). Ainda assim, Lúcia Figueiredo continuou atuando na profissão jornalística como assessora de imprensa e na militância no Sindicato dos Jornalistas Profissionais da Paraíba (SindJor-PB) e na Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), nos quais ocupa cargos na diretoria.

Ainda entre os entrevistados, principalmente do primeiro grupo, há exemplos de carreiras alternativas, como a de escritor. É o caso de Gonzaga Rodrigues, imortal da Academia Paraibana de Letras (APL). Ser romancista era o seu desejo antes do jornalismo surgir como um “acidente” em sua trajetória. O jornalista exerce essa atividade como cronista nas páginas dos jornais paraibanos em um percurso iniciado em 1954. Dele resultou a publicação de coletâneas de crônicas e outras obras de não-ficção: “O que me encantava não era a página de jornal, mas de livro (...). Sempre quis ser escritor” (RODRIGUES, 2018).<sup>69</sup>

---

<sup>69</sup> RODRIGUES, Gonzaga. **Cobra Criada**: Gonzaga Rodrigues. **TV Câmara**. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/7P8gwG-vNcs>. Acesso em: 10 mai. 2020.

As próprias crônicas do jornalista refletem a sua vivência em ambientes frequentados por intelectuais, poetas, políticos e homens de negócios, como o Café Alvear que conheceu em 1951. Esse espaço simbólico presente em toda produção gonzaguiana é descrito por ele como o início de sua mais decisiva influência literária e política daquela fase de sua vida. A obra homônima do cronista descreve personagens e episódios de sua memória desse lugar. Mas sua inserção nesse mundo social foi gestada ainda em sua cidade natal e em outras frentes para as quais o jornalismo o aproximou. Além de sua militância cultural nos jornais, a APL, na qual já foi presidente, reforça o estatuto intelectual de Gonzaga Rodrigues.

A crônica também estava sendo trabalhada por Frutuoso Chaves, com um livro no prelo, resultado de textos postados em uma rede social digital: “Deu 160 páginas, já diagramadas, já com capa pronta, prefácio do Sergio Castro Pinto, um texto de orelha do Arnóbio Viana e estou dormindo com essa coisa aí no baú e as pessoas me cobrando” (CHAVES, 2019). A aproximação com o gênero parece ter sido influência do ambiente de redação da época. Ele relembrou nomes como o do próprio Gonzaga Rodrigues que tinha “um nível de crônica para qualquer jornal desse país”; Severino (Biu) Ramos, a quem considera um de seus “gurus; Antônio Barreto Neto, a quem caracterizou como “um dos melhores editorialistas” (CHAVES, 2019). Segundo o jornalista, este tinha um texto absolutamente “ enxuto, redondo, substantivo” e considera que isso o ajudou muito como uma boa escola.

As obras livrescas também foi o caminho seguido por Nonato Guedes. Na época da entrevista o jornalista estava escrevendo as biografias de Dom José Maria Pires e Dom Marcelo Cavalheira. Embora desvinculado do jornalismo diário, a biografia enquanto gênero está incluída como um campo possível de atuação na carreira jornalística. Antes, o entrevistado já havia organizado dois livros com temática política. Esse encaminhamento também não pode ser atribuído a uma experiência exclusiva da fase madura, mas como um reflexo de uma trajetória direcionada desde a juventude:

Tive uma militância cultural paralela. Fui da Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Cajazeiras, participei do centro cívico do colégio estadual e de festivais de poesias na cidade Cajazeiras. Além disso, eu tinha uma atividade cultural. Fui o primeiro presidente do Cineclube Vladimir Carvalho em Cajazeiras que foi instalado numa semana universitária que aconteceu lá (GUEDES, 2019).

Sílvio Osias também trabalhou com coletâneas sobre cinema e música, e com o roteiro de uma obra em quadrinhos sobre Luiz Gonzaga. Seu próprio interesse pelo jornalismo, ainda na adolescência, deu-se por sua afinidade com o universo cinematográfico e pelo rádio, veículo

no qual descobriu o mundo musical. Na adolescência passou a frequentar ambientes nos quais os críticos da cidade costumavam ir como as sessões de cinema na Associação Paraibana de Imprensa (API), no Centro de João Pessoa. Foi quando aproximou-se do crítico Antônio Barreto Neto. Embora pensasse em escrever mais livros na aposentadoria, o jornalista apontou dificuldades financeiras, assim como do mercado editorial e de alcançar um público leitor.

Nesse sentido, segundo Pereira (2008, p. 129), “transformações nas práticas jornalistas podem marginalizar certas carreiras ou levar alguns indivíduos a construir vias alternativas de consagração na profissão”. No caso dos profissionais veteranos, também pode-se observar estratégias para a permanência na atividade, assim como a inserção em outras áreas como forma de sobrevivência. Podemos inferir que o jornalismo, em conformidade com uma tendência mundial, será formado cada vez mais por dois tipos de trabalhadores mais velhos: “um que continua trabalhando por necessidade ou obrigação, outro que o faz por prazer, por satisfação, porque se realiza naquilo que faz” (D’ALENCAR, 2017, p. 106).

Assim, nesses tópicos analisamos características presentes nas carreiras profissionais dos(as) catorze jornalistas veteranos(as) entrevistados(as) para o nosso estudo, articulando-as com os dados obtidos por meio do mapeamento exploratório e do questionário aplicado pela nossa pesquisa, assim como em diálogo com autores que trataram das temáticas em questão. Pela perspectiva das histórias de vida nos foi possível identificar os aspectos que são descritos ao longo desse capítulo. Portanto, assim como nas biografias não é possível decifrar a trajetória de um indivíduo em sua completude, não é improvável que haja mais elementos pertinentes sobre as carreiras dos jornalistas entrevistados que não foram relatados por eles e que poderão ser revelados em futuras pesquisas e mesmo por outras fontes.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa analisou as carreiras profissionais dos jornalistas veteranos no exercício de atividades jornalísticas na cidade de João Pessoa, na Paraíba. O estudo teve como objetivos identificar quais eram os espaços e funções ocupados por estes jornalistas maduros no mundo laboral; verificar como administraram as transformações técnicas, práticas, ideológicas e identitárias na profissão; e observar como estabeleceram relações com os seus pares e demais participantes do mundo do jornalismo.

Baseamos teoricamente o nosso estudo no conceito de carreira, dentro da perspectiva do interacionismo simbólico. Nessa direção, buscamos pesquisas que abordaram o termo o aplicando ao estudo do jornalismo. Na relação entre maturidade e mercado de trabalho, discutimos o fenômeno das mudanças estruturais e suas implicações na profissão, bem como o processo de juvenização da carreira jornalística. Nesse sentido, também procuramos contextualizar o mercado local com as especificidades da mídia paraibana e o perfil da classe jornalística no estado.

Como percurso metodológico, utilizamos um mapeamento exploratório dos jornalistas com cinquenta anos ou mais em idade que estivessem em atuação nos grupos de mídia da capital, nas assessorias de imprensa, órgãos de comunicação institucionais e plataformas independentes. O levantamento foi realizado de julho de 2019 a maio de 2020. Além disso, aplicamos um questionário para os profissionais com a mesma faixa etária e entrevistamos catorze jornalistas, divididos em dois grupos. O primeiro foi formado pelos jornalistas que iniciaram-se na profissão entre as décadas de 1960 e 1970 e o segundo por aqueles que ingressaram no jornalismo nos anos de 1980.

Nos estudos quantitativos e qualitativos que investigam o perfil do jornalista verificamos que é comum que os cortes dos profissionais com mais de cinquenta anos de idade tenham uma baixa representação nos números totais. Assim, a carreira jornalística é investigada sob a perspectiva dos jornalistas que estão na faixa etária entre os 25 e os quarenta anos. Nossa pesquisa, por sua vez, ampliou a análise de um grupo específico, observando suas singularidades dentro de uma profissão em permanente mutação, mas que ainda assim mantêm-se ativos nela. Estes, porém, representam uma geração em transição, composta por profissionais que ingressaram nas redações antes da inserção das tecnologias digitais e das transformações no mundo do trabalho.

Nesse espectro, verificamos por meio de nossa pesquisa que, em João Pessoa, entre os jornalistas maduros estão profissionais que fundaram jornais e revistas ou participaram de

grandes reformas gráficas e editoriais nos impressos, integraram ou comandaram as primeiras emissoras de televisão no estado, contribuíram para a criação do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), compuseram as turmas pioneiras, acompanharam ou eram os “focas” recém-diplomados. Nesse sentido, foram esses jornalistas que experienciaram novas formas de inserção na profissão, os distintos espaços simbólicos de socialização, a abertura e o encolhimento do mercado profissional, bem como inauguraram diferentes roteiros de carreira. São estes também que, em um processo constante de escolhas, agenciamentos e negociações, mantêm suas reputações, estatutos e postos em cenários cada vez mais adversos.

Por meio do mapeamento exploratório e do questionário realizados em nosso estudo podemos descrever o jornalista maduro em João Pessoa como um profissional na faixa entre os cinquenta e os 69 anos, sobretudo do gênero masculino, com atuação centrada no serviço público, sobretudo em assessorias de imprensa. Os homens e as mulheres têm mais de trinta anos de experiência na profissão. Nesse estágio da vida, entre as ocupações mais comuns para as quais se encaminham estão a de assessores de imprensa, os cargos de gestão, como chefias, editoriais e direções, assim como também mantêm-se como redatores-repórteres.

No que se refere à administração de suas carreiras, este percurso inicia-se a partir da busca pela parte prática da profissão, mesmo que ainda no curso ou em estágios. Nesse aspecto, encontram como condição principal para o ingresso em um posto de trabalho a disponibilidade de uma vaga. Nesse primeiro ponto foram as circunstâncias de ocupação e saída que diferenciaram o percurso das trajetórias ao longo de suas carreiras profissionais no jornalismo. Nesse movimento eram considerados critérios objetivos e subjetivos, escolhas individuais e coletivas, assim como voluntárias ou involuntárias.

Do ponto de vista do recrutamento do(a) jornalista, para ambos os grupos, este poderia ocorrer de forma passiva, por início de um novo projeto, fosse de programa ou a criação de uma nova empresa; por demissão involuntária do ocupante anterior ou voluntária para ingressar em cargos melhores em outras empresas; por progressão ou promoção deste dentro da própria empresa; por morte do ocupante; recesso de férias; ou por afastamento por questões particulares. Na modalidade ativa incluiu-se a apresentação voluntária do jornalista, tanto para iniciar a carreira, quanto na maturidade profissional. Nesse segundo caso, essas mobilidades poderiam ser resultado do desemprego voluntário por afastamento por questões de saúde, familiares, de capacitação, por discordâncias empresariais e editoriais ou por seleção em concurso público.

O contexto do mercado de trabalho local também influenciava no curso das carreiras, fosse do ponto de vista empresarial e organizacional, quanto do político, econômico e, sobretudo, do tecnológico. Assim, de forma involuntária, as mudanças em suas trajetórias poderiam ser uma consequência da extinção de funções e processos internos de organização do trabalho, baseado em cortes de custos e substituição por mão de obra mais barata.

Dentre os nossos catorze entrevistados, o elemento mais explícito de diferenciação nas trajetórias dos dois grupos foi o surgimento de novas formas de inserção e de socialização na carreira, sobretudo com a fundação do curso de Comunicação Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em 1977. Dos entrevistados do primeiro espectro – Gonzaga Rodrigues, Frutuoso Chaves, Nonato Guedes, Sílvio Osias, Wellington Farias, Kubitschek Pinheiro e Silvana Sorrentino –, apenas Sílvio Osias e Silvana Sorrentino graduaram-se em Jornalismo. Já do segundo – Edilane Araújo, Gisa Veiga, Ivani Leitão, Lúcia Figueiredo, Madrilena Feitosa, Hermes de Luna e José Vieira Neto –, somente Edilane Araújo não tinha formação superior na área jornalística.

De uma forma geral, todos passaram por diferentes estágios na profissão, dos cargos menos prestigiados, como revisores, por exemplo, aos postos de gestão, tais como editores e diretores, apenas com nomenclaturas e em veículos distintos. Na maturidade, entretanto, seguiram percursos diferenciados entre si, mas a posse de um diploma no jornalismo não surgiu como um definidor desses itinerários.

A longevidade profissional, como podemos observar na análise das entrevistas, é justificada, sobretudo pelas socializações, escolhas e renegociações operadas nos cursos das carreiras. Estas envolvem a adesão a novos estatutos, o ingresso em outras frentes de atuação na profissão, o atendimento de demandas mercadológicas e qualificacionais, a transição de cargos e funções, a aproximação com as instâncias de decisão das empresas e do serviço público, inovações nas práticas, além da interiorização de novos valores profissionais.

Nesse primeiro ponto, as transformações tecnológicas e na organização do trabalho estavam entre as causas mais comuns de alteração no curso de seus roteiros, sobretudo na maturidade. Embora busquem adaptar-se, a velocidade das mudanças do mundo digital é incompatível com o ritmo de assimilação, o que não os impedem de aderir aos novos instrumentos. Assim, tanto no primeiro grupo, quanto no segundo, encontramos jornalistas que atuam em plataformas *online* com a produção de conteúdo em diferentes linguagens, seja textual ou audiovisual. Estes são *blogueiros*, *youtubers*, *social media* e mesmo jornalistas digitais.

Na profissão também observamos nos depoimentos dos entrevistados de ambos os grupos, no mapeamento exploratório e nas respostas dos participantes do questionário, a migração e a cultura do duplo emprego, sobretudo nas assessorias de imprensa, e mesmo em outros veículos de comunicação. Vias alternativas de carreira ocorriam principalmente em períodos específicos da vida dos jornalistas, como da formação da própria família, com o casamento, a maternidade e a paternidade.

No caso das mulheres entrevistadas, a maternidade limitava o desenvolvimento pleno de suas carreiras. Suas escolhas profissionais levavam em consideração aqueles empregos com menos cargas horárias para que pudessem ter mais tempo no cuidado com os filhos. Ainda assim, elas não deixavam de trabalhar devido a esse novo estatuto. Já para os homens, a paternidade os encaminhava para vínculos mais estáveis ou a procurar mais trabalho para aumentar a renda familiar. As longas jornadas, no entanto, os distanciavam do convívio da casa com a esposa e as crianças.

No que se refere às socializações, estas foram responsáveis, tanto no início de suas carreiras, quanto na maturidade, pelas oportunidades de ocupação de vagas no mercado de trabalho e pelos diferentes roteiros de atuação no jornalismo para ambos os grupos considerados na pesquisa. Estavam incluídos na rede cooperativa presente nesses espaços, os professores, (ex-)colegas de curso e de redação, os próprios empresários do setor de comunicação, bem como os membros de outros ambientes sociais como o político e o cultural nos quais o jornalista circulava.

Ao tratarmos especificamente sobre o fator etário em nosso estudo, observamos que este surgia como uma contingência de carreira associada a outros aspectos como a saúde, família, revisão do projeto de vida e, particularmente, pelas dificuldades do próprio mercado, com a precarização das relações trabalhistas, por exemplo. Tanto nas entrevistas com ambos os grupos, quanto no questionário, os jornalistas maduros indicaram que a experiência estava associada a um senso crítico mais aguçado enquanto profissionais. Entretanto, o capital adquirido por eles nesse estágio da vida é subvalorizado pela falta de oportunidades de empregos.

Dos nossos entrevistados do primeiro grupo, apenas três deles estavam em veículos de mídia tradicionais como jornal impresso ou portal gerido por conglomerados de comunicação. Os demais atuavam em assessorias de imprensa ou em empresas independentes. Do segundo, três atuavam em televisão, cada um em uma empresa diferente. Os outros quatro eram assessores de imprensa, com três deles que também prestavam serviços esporádicos para canais de televisão ou plataformas digitais. Nessas condições, os profissionais consequentemente

afastaram-se do jornalismo diário, mas não deixaram de ser jornalistas ao mudarem seu ritmo de trabalho ou vinculações empregatícias.

Desta forma, considerando os resultados obtidos por meio da Escala Diferencial Semântica de Atitudes em Relação à Velhice (Escala Neri), aplicada no questionário da nossa pesquisa, observamos que os jornalistas mostravam-se persistentes, buscavam atualização constante, sentiam-se produtivos, interessados pelas pessoas e suas histórias, ativos e bem dispostos no desenvolvimento de suas atividades no jornalismo. Assim, a maturidade não é acompanhada apenas de sentimentos e avaliações negativas, nem somente por um movimento de afastamento do mercado de trabalho por terem alcançado idade e tempo de serviço para a aposentadoria. Há, portanto, uma percepção de continuidade de suas carreiras, ainda que em outros cenários.

Nesse aspecto etário, também analisamos as relações intergeracionais, ou seja, a solidariedade ou os conflitos entre os profissionais de diferentes cortes temporais. Foram poucos os pesquisados nas entrevistas e participantes do questionário que estavam em espaços de socialização com outras faixas etárias. Esse quadro demonstra, assim, a ausência de um processo de transição histórico entre os jornalistas veteranos e uma juventude recém-chegada ao jornalismo. De tal modo não há a perpetuação de uma cultura profissional, a transmissão de códigos, o compartilhamento de memórias e a consolidação de uma identidade jornalística resultante desse rito de passagem. Ainda assim, os entrevistados dos dois grupos do nosso estudo que afirmaram que atuavam em parceria ou conviviam com os jornalistas jovens, avaliaram que há mais resistência dessa geração quando comparam com suas próprias experiências nessa fase da vida.

Embora os profissionais da faixa etária dos vinte aos trinta anos de idade sejam maioria nas redações e nos postos de trabalho em geral, este fato não desobriga as empresas a desenvolvam práticas que estimulem a solidariedade entre os seus diferentes quadros geracionais. O preconceito etário inicia-se no próprio recrutamento de novos funcionários, a partir da seleção de candidatos nos departamentos de Recursos Humanos. A sugestão que apresentamos aos gestores e aos profissionais do RH como encaminhamento da nossa pesquisa é que a cultura organizacional e os critérios observados nos currículos deem espaço para a pluralidade etária. Há empresas especializadas em consultorias para o mercado 50+ que auxiliarão nessa proposta.

Tratar das carreiras dos jornalistas veteranos no contexto da juvenização da profissão, nos leva, portanto, a abordar a temática da longevidade, alcançada com o aumento da expectativa de vida do brasileiro. Esse fenômeno influencia sobretudo o mercado de trabalho,

a economia e, conseqüentemente, as trajetórias profissionais. O jornalismo, enquanto uma profissão consolidada e as empresas de comunicação, sejam as tradicionais ou as independentes, desse modo, não se eximem da responsabilidade de criar e promover políticas de inclusão, representatividade e proporcionalidade etária, o que também se aplica aos outros grupos minorizados como o das mulheres, negras e negros, das pessoas com deficiência e da comunidade LGBTQI+.

Do ponto de vista da qualificação para o mercado de trabalho, da transição de carreira e da integração intergeracional, as universidades públicas e privadas, as entidades de classe, os sindicatos, bem como as próprias empresas, também desempenham um papel significativo neste cenário. Em parceria, esses atores poderiam realizar cursos e eventos periódicos de atualização profissional, ministrados por conferencistas de diferentes cortes geracionais e áreas temáticas; promover atividades, projetos e mentorias nos quais jornalistas jovens e veteranos pudessem desenvolver novos produtos e empreendimentos com financiamento sustentável; criar em conjunto políticas de estímulo para que os profissionais maduros ingressem em programas de pós-graduação, entre outras práticas de mesmo viés qualificacional e integrador.

A partir da nossa pesquisa percebemos que há um amplo recorte e aspectos pertinentes para futuras investigações sobre a carreira dos jornalistas veteranos. Estes podem ser estudos a partir dos profissionais que ingressaram no serviço público – nas esferas estadual, municipal, federal ou no judiciário –, dos que migraram para as plataformas digitais, daqueles que atuam como escritores ou biógrafos, além dos profissionais maduros que ainda estão em postos tradicionais nos grupos de comunicação, tanto em João Pessoa, quanto nas demais cidades da Paraíba.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. **A modernização da imprensa (1970-2000)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

ADGHIRNI, Zélia Leal. O lugar do jornalista sênior nas empresas de mídia. In: PEREIRA, Fábio Henrique; MORAES, Francilaine Munhoz de (Orgs.). **O Jornalista: do Mito ao Mercado**. Florianópolis: Editora Insular, 2017.

AGNEZ, Luciane Fassarella. **Identidade profissional no jornalismo brasileiro: a carreira dos correspondentes internacionais**. 2014. 371 f., Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/17031>. Acesso em: 7 out. 2020.

AMADO, Adriana et al. Periodismos latinoamericanos: perfil y roles profesionales. In: AMADO, Adriana et al. **El periodismo por los periodistas: perfiles profesionales en las democracias de América Latina**. Montevideo: Konrad Adenauer, 2016.

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 2.ed. São Paulo: Editora Boitempo, 2009.

ARAÚJO, Fátima. **História da API**. João Pessoa: Governo do Estado da Paraíba, 1985.

\_\_\_\_\_. **Paraíba: imprensa e vida (1826 a 1986)**. João Pessoa, 1986.

ARAÚJO, Edilane Carvalho de. **Entrevista**. [16 de janeiro de 2018]. João Pessoa. 1 arquivo.mp3 (60 min.). Entrevista concedida a Marcella Machado.

\_\_\_\_\_. **Entrevista**. [21 de agosto de 2019]. João Pessoa. 1 arquivo.mp3 (1h7min.). Entrevista concedida a Marcella Machado.

ÁVILA, Jarbas José. Geriatria e gerontologia: sua importância no mundo atual. In: **Senecta. Revista Médica – Clínica e Terapêutica da Terceira Idade**. Rio de Janeiro, ano 1, v. 1, p. 5-22, 1978.

BALDESSAR, Maria José. **A mudança anunciada: o cotidiano dos jornalistas e a revolução informacional**. Florianópolis: Insular, 1998.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa (Brasil: 1900-2000)**. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2007.

BARBOSA, Suzana. Brasil. SALAVERRÍA, Ramón (Org.). **Ciberperiodismo en Iberoamerica**. Barcelona: Editora Ariel, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2018.

BECKER, Howard Saul. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. The career of the schoolteacher. In: GLASER, Barney (ed.). **Organizational Careers: A Sourcebook for Theory**. Londres: Routledge, 2007.

\_\_\_\_\_. **Os Segredos e Truques da Pesquisa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. **Outsiders: Estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

\_\_\_\_\_. **Mundos da arte**. Lisboa: Livros Horizonte, 2010.

BECKER, Howard S. et al. **Boys in white: student culture in medical school**. Chicago: The University of Chicago Press, 1961.

BECKER, Howard S.; STRAUSS, Anselm. Careers, personality, and adult socialization. In: GLASER, Barney (ed.). **Organizational Careers: A Sourcebook for Theory**. Londres: Routledge, 2009.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 28 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BERGSON, Henri. **Memória e vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BÊRNI, Duílio de Avila; FERNANDEZ, Brena Paula Magno. **Métodos e técnicas de pesquisa: modelando as ciências empresariais**. São Paulo: Saraiva, 2012.

BERTOCCHI, Daniela. Startups de jornalismo: desafios e possibilidades de inovação. **Contemporanea**, v. 15, n.1, jan-abr., p. 101-117, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9771/1809-9386contemporanea.v15i1.21901>. Acesso em 5 out. 2020.

BLUMER, Herbert. A sociedade concebida como uma interação simbólica. In: IRNBAUM, Pierre; CHAZEL, François. **Teoria sociológica**. São Paulo: Hucitec/EDUSP, 1977.

\_\_\_\_\_. A natureza do interacionismo simbólico. In: MORTENSEN, C. David. **Teoria da Comunicação**. São Paulo: Mosaico, p. 119-138, 1980.

BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari, K. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução: Maria J. Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo M. Baptista. Porto, Portugal: Porto Editora, LDA, 1994.

BORGES, Vany Pacheco. Fontes biográficas: grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo, T.A. Queiroz, 1994.

\_\_\_\_\_. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BREED, Warren. Social control in the newsroom: a functional analysis. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: Questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Editora Veja, 1993.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma História Social da Mídia:** de Guttemberg à Internet. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2004.

BUENO, Thaisa; ALVES, Marcelli; FERREIRA, Fernanda Vasques. Interacionismo Simbólico como ferramenta teórica e metodológica para o estudo no ciberespaço. **Razón y Palabra**, v. 21, n. 96, jan.-mar., p. 456-475, 2017.

BUITONI, Dulcilia Schroeder. **Imprensa feminina**. São Paulo: Ática, 1986.

BUITRÓN, Rubén Darío; CAMPOS, Fernando Astudillo. **Periodismo por dentro:** una pausa en medio del vértigo. Quito: Ciespal, 2005.

BUTLER, Robert. Ageism: a foreword. **J. of Social Issues**, v. 36, n. 2, p. 8-11, 1980.

CAMARANO, Ana Amélia; PASINATO, Maria Tereza. **Envelhecimento funcional e suas implicações para a oferta da força de trabalho brasileira**. Rio de Janeiro: Ipea, 2008.

CAMARANO, Ana Amélia; FERNANDES, Daniele. Condições de empregabilidade do trabalhador mais velho. In: DE NEGRI, João Alberto; ARAÚJO, Bruno César; BACELETTE, Ricardo (Orgs.). **Desafios da nação: artigos de apoio**. v. 2. p. 193-229. Brasília: Ipea, 2018.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

CARNEIRO, Angélica Gomes de Oliveira Lúcio. **Convergência jornalística e cultura profissional:** a experiência do Núcleo Integrado Esportivo da Rede Paraíba de Comunicação. 2015. 304 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Jornalismo), Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8702>. Acesso em: 6 out. 2020.

CARNEIRO, Josélio (Org.). **A União:** escola de jornalismo. João Pessoa: A União, 2018.

CAROLINO, Fábila. A fórmula mágica de A União. In: CARNEIRO, Josélio (Org.). **A União:** escola de jornalismo. João Pessoa: A União, 2018.

CARVALHO, Alex Menezes de. **Ascensão profissional no jornalismo:** redes de relações pessoais, investimento na carreira e inserções políticas na imprensa em Sergipe. 2018. 245 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018. Disponível em: <http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/9246>. Acesso em: 7 out. 2020.

CHARRON, Jean; BONVILLE, Jean de. **Natureza e Transformação do Jornalismo**. Brasília: FAC Livros; Florianópolis: Insular, 2016.

CHAVES, Frutuoso. **Cobra Criada:** Frutuoso Chaves. **TV Câmara**. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r86txndn77s>. Acesso em: 10 mai. 2020.

\_\_\_\_\_. **Entrevista**. [21 de agosto de 2019]. João Pessoa. 1 arquivo.mp3 (54 min.). Entrevista concedida a Marcella Machado.

CITTADINO, Monique. **Populismo e Golpe de Estado (1945-1964)**. João Pessoa, PB: Universitária/Ideia, 1998.

COELHO, Pedro. **Jornalismo e Mercado: os novos desafios colocados à formação**. Covilhã: LabCom, 2015. Disponível em: [http://labcom.ubi.pt/ficheiros/20150223-2015\\_08\\_pedro\\_coelho.pdf](http://labcom.ubi.pt/ficheiros/20150223-2015_08_pedro_coelho.pdf). Acesso em: 6 out. 2020.

CORREIA, Maria Alice de Carvalho. **Conteúdos digitais interativos para pessoas idosas: uma proposta para o telejornal da TV UFPB**. 2016. 105 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Jornalismo) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9610>. Acesso em: 6 out. 2020.

CORTELLA, Mario Sergio. **Por que fazemos o que fazemos?** Aflições vitais sobre trabalho, carreira e realização. São Paulo: Planeta, 2016.

COSTA, Caio Túlio. Um modelo de negócio para o jornalismo digital: Como os jornais devem abraçar a tecnologia, as redes sociais e os serviços de valor adicionado. In: **Revista de Jornalismo ESPM**, n. 9, p. 51-115, 2014. Disponível em: [http://www.omercadodenoticias.com.br/wp-content/uploads/um-modelo-de-negocio-para-jornalismo-digital\\_caio\\_tulio\\_costa.pdf](http://www.omercadodenoticias.com.br/wp-content/uploads/um-modelo-de-negocio-para-jornalismo-digital_caio_tulio_costa.pdf). Acesso em: 6 out. 2020.

D'ALENCAR, Raimunda Silva. **A representação social na construção da velhice**. Ilheus: Editus, 2017.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2012.

DEUZE, Mark. **The people formerly know as the employers**. In: Journalism, vol 10(3), p. 315-318, 2009.

20 DOENÇAS do trabalho mais comuns. **Convenia**. Disponível em: <https://blog.convenia.com.br/doencas-do-trabalho/>. Acesso em: 20 de mar. de 2020.

DUARTE, Jorge; GIUSTI, André. Transformações no relacionamento administração pública federal/imprensa. **Comunicação & Mercado – Revista Internacional de Ciências Sociais Aplicadas**, Centro Universitário da Grande Dourados, Dourados. v. 2, n. 4 jan-jul, p. 7-19, 2013. Disponível em: [http://abcpública.org.br/biblioteca-digital/wp-content/uploads/2021/01/30\\_DUARTE.2013.pdf](http://abcpública.org.br/biblioteca-digital/wp-content/uploads/2021/01/30_DUARTE.2013.pdf). Acesso em: 20 de mar. de 2020.

DUBAR, Claude. A construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. **Cad. Pesqui**, v.42, n.146, p.351-367, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742012000200003>. Acesso em: 18 ago. 2020.

ELLIOTT, Philip. Media Organizations and Occupations: an overview. In: CURRAN, James; GUREVITCH, Michael; WOOLLACOTT, Janet. **Mass Communication and Society**. Londres: Edward Arnold, 1977.

FARIAS, Wellington. **Entrevista**. [4 de outubro de 2019]. João Pessoa. 1 arquivo.mp3 (2h5min.). Entrevista concedida à Marcella Machado.

FEITOSA, Madrilena. **Entrevista**. [16 de setembro de 2020]. João Pessoa. 1 arquivo.mp3 (1h13min.). Entrevista concedida à Marcella Machado.

FERRIGNO, José Carlos. **Conflito e cooperação entre gerações**. São Paulo: Edições Sesc, 2013.

FIGARO, Roseli. Perfis e discursos de jornalistas no mundo do trabalho. In: FIGARO, Roseli; NONATO, Cláudia; GROHMANN, Rafael. **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista**. São Paulo: Editora Atlas, 2013.

\_\_\_\_\_. (Org.). **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**. São Paulo: ECA-USP, 2018.

FIGARO, Roseli; NONATO, Cláudia; GROHMANN, Rafael. **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista**. São Paulo: Editora Atlas, 2013.

FIGUEIREDO, Lúcia. **Entrevista**. [4 de setembro de 2019]. João Pessoa. 1 arquivo.mp3 (50 min.). Entrevista concedida à Marcella Machado.

FRANCA, Lucia Helena de Freitas Pinho; VAUGHAN, Graham. Ganhos e perdas: atitudes dos executivos brasileiros e neozelandeses frente à aposentadoria. **Revista Psicologia em Estudo**, v.13, n. 2, p. 207-216, 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722008000200002>. Acesso em: 18 ago. 2020.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A atualidade no jornalismo: bases para sua delimitação teórica**. 2003. 336 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Culturas Contemporâneas) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, Salvador, 2003. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6056>. Acesso em: 6 out. 2020.

FRISCH, Michael. Three Dimensions and More: Oral History Beyond the Paradoxes of Method. In: HESSE-BIBER, Sharlene N.; LEAVY, Patrícia. (Orgs). **Handbook of Emergent Methods**. New York: Guilford Press, 2008.

FRITH, Simon; MEECH, Peter. Becoming a journalist. Journalist education and journalism culture. In: **Journalism**, v. 8, p. 137-163, 2007.

FRÖHLICH, Romy; HOLTZ-BACHA, Christina. Summary: Challenges for Today's Journalism Education. In: FRÖHLICH, Romy; HOLTZ-BACHA, Christina. **Journalism Education in Europe and North America: An International Comparison**. Cresskill: Hampton Press, 2003.

GARBARINO, Andrea. La 'normalizzazione' dei giornalisti: Ipotesi sugli esiti della socializzazione professionale negli apparati dell'informazione. In: **Sociologia dell'Organizzazione**, n.1, p. 7-53, 1982.

GARSCHAGEN, Sérgio Magalhães. **Cemitério dos Elefantes: a exclusão de jornalistas veteranos nas redações**. Rio de Janeiro: Booklink Editora, 2012.

GERK, Cristine; BARBOSA, Marialva. Jornalismo, Memória e Testemunho: uma análise do tempo presente. **Contracampo**, Niterói, v. 37, n. 01, p. 150-167, abr. 2018/ jul., 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/contracampo.v0i0.1076>. Acesso em: 6 out. 2020.

GOLDENBERG, Mirian. **Velho é lindo!** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GÓMEZ, Reynaldo Claudio. Historia personal de la enseñanza del periodismo. **Question/Cuestión**, v. 1, n. 15, 2007. Disponível em: <https://perio.unlp.edu.ar/ojs/index.php/question/article/view/405>. Acesso em: 5 out. 2020.

GONÇALVES, Wanja Nóbrega Cavalcante. **Jornalistas e mercado de trabalho em João Pessoa**: autorrepresentação e a representação do outro sob o prisma da ética. 2016. 177 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo Profissional) Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9844>. Acesso em: 6 out. 2020.

GROHMANN, Rafael do Nascimento. O Interacionismo e os Estudos em Comunicação. **Revista Anagrama**, v. 3, n. 1, p. 1-14, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35474>. Acesso em: 20 jan. 2020.

\_\_\_\_\_. **Os discursos dos jornalistas freelancers sobre o trabalho**: comunicação, mediações e recepção. 2012. Dissertação (Mestrado em Teoria e Pesquisa em Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-18082012-160234/pt-br.php>. Acesso em: 20 jan. 2020.

GUEDES, Nonato. **Entrevista**. [4 de setembro de 2019]. João Pessoa. 1 arquivo.mp3 (2h15min.). Entrevista concedida à Marcella Machado.

GUILHERMANO, Livia. A crise não é do jornalismo, mas do seu financiamento: entrevista com Jean Charron. **Intexto**, Porto Alegre, RS, p. 5-15, abr. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.19132/1807-858320190.5-15>. Acesso em: 20 jan. 2020.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. A maturidade e a velhice: um olhar antropológico. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). **Desenvolvimento e Envelhecimento**: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas: Editora Papirus, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Douglas T. **Careers in and out of Organizations**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2002.

HAMMER, Dean; WILDAVSKY, Aaron. La entrevista semi-estructurada de final abierto: aproximación a una guía operativa. In: **Revista Historia y Fuente Oral**, n. 4, p. 23-61, 1990.

HEINZ, Walter R. Conceptual foundations of qualitative life course research. **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Número Temático – Famílias e Curso de Vida. Potencialidades, limites e desafios metodológicos, p. 20-37, 2016.

HELOANI, José Roberto. **Mudanças no mundo do trabalho e impacto na qualidade de vida do jornalista**. São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, NPP – Série Relatórios de Pesquisa – Relatório 12/2003. Disponível em: [https://pesquisa-eaesp.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/publicacoes/P00254\\_1.pdf](https://pesquisa-eaesp.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/publicacoes/P00254_1.pdf). Acesso em: 6 out. 2020.

HUGHES, Everett Cherrington. Institutional office and the person. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 63, p. 404-413, nov. 1937.

\_\_\_\_\_. The Making of a physician. **Human Organization**, Washington, n. 14, p. 21-25, 1955.

JAMESON, Frederic. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Editora Ática, 2006.

JEPPERSON, Ronald L. Institutions, institutional effects, and institutionalism. In: POWELL, Walter W.; DIMAGGIO, Paul (Orgs.). **The new institutionalism in organizational analysis**. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1997.

JORGE, Thais Mendonça. **Mutação no jornalismo: como a notícia chega à internet**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

JORNALISTAS contam a História, 5. O Estado Novo e o Getulismo. Depoimento de Joel Silveira ao repórter Gilberto Negreiros. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 1979. Disponível em: [http://almanaque.folha.uol.com.br/memoria\\_5.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/memoria_5.htm). Acesso em: 28 mai. 2020.

JOSEPHI, Beate; OLLER ALONSO, Martin. Re-examining Age: Journalism's Reliance on the Young. **Journalism Journal**, p. 1-22, 2018.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo**. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.

KOTSCHO, Ricardo. **Do Golpe ao Planalto: uma vida de repórter**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KUCINSKI, Bernardo. **Síndrome da antena parabólica: ética no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Perseu Abramo, 1998.

\_\_\_\_\_. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: EDUSP, 2003.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo econômico**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

LAGO, Cláudia. Antropologia e jornalismo: uma questão de método. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

LEITÃO, Ivani. **Entrevista**. [30 de outubro de 2019]. João Pessoa. 1 arquivo.mp3 (42 min.). Entrevista concedida à Marcella Machado.

LELO, Thales Vilela. A precarização das condições de trabalho dos jornalistas de São Paulo segmentada por faixas etárias: Uma identidade profissional em risco? In: **Tempo Social**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 243-261, mai. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2019.146626>. Acesso em: 3 nov. 2020.

LENE, Hérica. **Jornais Centenários do Brasil**. Covilhã: Editora LabCom, 2019. Disponível: [http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/202001071558-201906\\_jornaiscentbrasil\\_hlene.pdf](http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/202001071558-201906_jornaiscentbrasil_hlene.pdf). Acesso em: 20 jan. 2020.

LIMA, Gilmar. Edilane Araújo é uma das apresentadoras brasileiras há mais tempo no comando do mesmo jornal. **GShow**. João Pessoa, 7 de mar. 2019. Disponível em: <https://gshow.globo.com/TV-Cabo-Branco/noticia/edilane-araujo-e-uma-das-apresentadoras-brasileiras-ha-mais-tempo-no-comando-do-mesmo-jornal.ghtml>. Acesso em: de mai. 2020.

LINES, Monserrat; MORALES, Marcel; VIRUET, Eduardo. La historia de vida. In: TOLEDO, Enrique de la Garza (Org.). **Hacia una Metodología de la Reconstrucción: Fundamentos, Crítica y Alternativas a la Metodología y Técnicas de Investigación**. México: Editora Porrúa-UNAM, 1988.

LOBO, Rodrigo Gomes. **Processos de socialização em jornalismo: adestrando "focas" e treinando trainees**. 2010. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, 2010. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-08122010-141343/pt-br.php>. Acesso em: 6 out. 2020.

LOPES, Fernanda Lima. **Ser jornalista no Brasil: identidade profissional e formação acadêmica**. São Paulo: Editora Paulus, 2013.

LOWENTHAL, David. **Past is a foreign country**. Nova York: Cambridge University Press, 1989.

LUNA, Hermes de Luna. **Entrevista**. [31 de agosto de 2020]. João Pessoa. 1 arquivo.mp3 (1h8min.). Entrevista concedida à Marcella Machado.

MARCHETTI, Dominique; RUELLAN, Denis. **Devenir journalistes**. Sociologie de l'entrée sur le marché du travail. Paris: La Documentation française, 2001.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação & jornalismo: a saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker editores, 2000.

MARTIN, Norman; STRAUSS, Anselm. Consequences of failure in organizations. In: GLASER, Barney (ed.). **Organizational Careers: A Sourcebook for Theory**. Londres: Routledge, 2009.

MEAD, George H. **Espírito, Persona y Sociedad: desde el punto de vista del conductismo social**. Paidós Ibérica: Barcelona, 1973.

\_\_\_\_\_. **On social psychology**. Chicago: The University of Chicago Press, p. 358, 1984.

MEDINA, Cremilda de A. **Entrevista: O diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2011.

MEIRELES, Giovanni Emmanuel Silva. **Os focas digitais: jornalistas e informática nas redações paraibanas no início dos anos 90**. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1994.

\_\_\_\_\_. **Entrevista**. [outubro de 2019]. João Pessoa. 1 arquivo.mp3 (1h12min.). Entrevista concedida à Marcella Machado.

MELLADO, Claudia et al. A pré-socialização dos futuros jornalistas: uma investigação das percepções profissionais de estudantes de Jornalismo em sete países. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 10., 2012, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, p. 1-29, 2012.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Brasileiro**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2003.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo: compreensão e reinvenção**. São Paulo: Saraiva, 2009.

MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012**. Florianópolis: Insular, 2013.

MICK, Jacques. Trabalho jornalístico e convergência digital no Brasil: um mapeamento de novas funções e atividades. **Pauta Geral – Estudos Em Jornalismo**, v. 2, n. 1, p. 15–37, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.18661/2318-857x/pauta.geral.v2n1p15-37>. Acesso em: 3 nov. 2020.

MOREIRA, Sonia Virgínia; OLLER ALONSO, Martín. Os jornalistas nas redações: funções, influências e mudanças na prática do jornalismo. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 14, n. 2, p. 316-329, ago., 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.25200/BJR.v14n2.2018.1146>. Acesso em: 3 nov. 2020.

MORIN, Edgar. A entrevista nas Ciências Sociais, na rádio e na televisão. In: MOLES, Abraham A. et al. **Linguagem da cultura de massa**. Petrópolis: Vozes, 1973.

MOURA, Cláudia Peixoto de. **O curso de comunicação social no Brasil: do currículo mínimo às novas diretrizes curriculares**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

MOURA, Sandra; BARRETO, Emília. Os critérios de noticiabilidade no jornalismo de resistência na Paraíba: uma análise dos jornais Edição Extra e O Furo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 11, p. 254-265, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2014v11n1p254>. Acesso em: 20 jan. 2020.

MOURA, Sandra. Rubens Nóbrega, Carmélio Reynaldo e Alarico Correia Neto. In: JAVORSKI, Eliane; GADINI, Sérgio. (Org.). **Ombudsman no jornalismo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2018.

NAMER, Gerard. **Memoire et société**. Paris: Meridien Klincksieck, 1987.

\_\_\_\_\_. Affectivité et temporalité de la mémoire. **L'Homme et la société**, n. 90, Le temps et la mémoire aujourd'hui, p. 9-14, 1988. Disponível em: <https://doi.org/10.3406/homso.1988.2362>. Acesso em: 4 de ago. 2019.

\_\_\_\_\_. Posfácio. In: HALBWACHS, Maurice. **Los marcos sociales de la memoria**. Barcelona: Antrophos, 2004.

NERI, Anita Liberalesso. **Envelhecer num país de jovens: significados de velhice e envelhecimento segundo Brasileiros não Idosos**. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

\_\_\_\_\_. **Desenvolvimento e Envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. Campinas: Editora Papirus, 2001.

NEIVA, Camila Honorato. **O tempo que não parou: Gonzaga Rodrigues: de perseguido político a Doutor Honoris Causa**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

NEVES, Gabriela Barbosa. **Memória do telejornalismo de João Pessoa/PB**. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

NEVEU, Erik. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2008.

NÓBREGA, Rubens. Cobra Criada. **TV Câmara**. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r86txndn77s>. Acesso em: 10 mai. 2020.

NOGUEIRA, Cristiane de Andrade. **O pai e profissional no mundo contemporâneo: benefícios e conflitos da paternidade na carreira**. 2017. Dissertação (Mestrado em Administração) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12139/tde-14062017-112253/pt-br.php>. Acesso em: 26 nov. 2020.

NUNES, Paulo Giovanni Antonino. *et al.* **Relatório final da Comissão Estadual da Verdade e da Preservação da Memória do Estado da Paraíba**. João Pessoa: Editora A União, 2017.  
NUNES, Everardo Duarte; BARROS, Nelson Filice de. Boys in white: um clássico da pesquisa qualitativa completa cinquenta anos. **Hist. Cienc. Saúde**, v. 21, n. 4, p. 1179-1196, 2014. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702014000401179&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702014000401179&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 5 out. 2020.

OLIVEIRA, Gabriela Silva Meneses de. **Contribuições do Interacionismo Simbólico para estudos sobre identidade dos jornalistas**. In: 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, São Paulo, nov., 2018. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2018/paper/viewFile/1175/697>. Acesso em: 2 abr. 2020.

ORTEGA Y GASSET, José. **El tema de nuestro tiempo: la rebelión de las masas**. México: Editora Porrúa, 1992.

OSIAS, Sílvio. **Entrevista**. [2 de setembro de 2019]. João Pessoa. 1 arquivo.mp3 (2h16min.). Entrevista concedida à Marcella Machado.

PAGENOTTO, Maria Lígia Mathias. **A velhice e o envelhecimento**: seus significados na vida de um grupo de jornalistas com mais de 60 anos de idade. 2011, 124 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Gerontologia), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/12381>. Acesso em: 5 out. 2020.

PEREIRA, Fábio Henrique. **Os jornalistas-intelectuais no Brasil**: identidade, práticas e transformações no mundo social. 2008. 469 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2008a. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1155/1/TESE\\_2008\\_FabioHenriquePereira.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1155/1/TESE_2008_FabioHenriquePereira.pdf). Acesso em: 6 out. 2020.

\_\_\_\_\_. Possibilidades de aplicação do conceito de carreiras profissionais nos estudos sobre jornalismo. In: **Anais**, XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Recife, p. 1-15, 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2270-1.pdf>. Acesso em: 6 out. 2020.

\_\_\_\_\_. Os estágios e a construção da carreira jornalística. In: **Anais**, 13º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, Campo Grande, p. 1-16, 2015. Disponível em: <https://conferencias.unb.br/index.php/ENPJor/XIIIENPJor/paper/viewFile/4703/1117>. Acesso em: 6. out. 2020.

\_\_\_\_\_. “Eu sabia que eu não seria bem remunerado antes dos 30 anos”: Os jornalistas on-line na França e a inserção na carreira. In: **Anais**, Jornalismo 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, Universidade Federal de Goiás (UFG), nov. de 2019.

PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. O jornalismo em tempo de mudanças estruturais. In: **Revista Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 24, p. 38-57, jan-jun., 2011. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/intexto/article/view/19208>. Acesso em: 3 abr. 2019.

PEREIRA, Fábio Henrique; NEVES, Laura Maria. A entrevista de pesquisa com jornalistas: algumas estratégias metodológicas. In: **Revista Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n.29, p. 35-50, dez. 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/41898>. Acesso em: 12 mai. 2019.

PEREIRA, Fábio Henrique; LE CAM, Florence. A retórica das mudanças: a circulação internacional de discursos sobre jornalismo on-line. In: COLUSSI, J. et al. **Periodismo Ubícuo**: Convergencia e Innovación en la Nuevas Redacciones. Bogotá: Editorial Universidad del Rosario, p. 111–133, 2018.

PEREIRA, Fábio Henrique; SOUSA, Janara; MOURA, Dione Oliveira. Valores e cultura profissional dos estudantes de jornalismo em Brasília. In: **Estudos em Comunicação**, nº 17, p. 47-74, dez. 2014.

PETRARCA, Fernanda Rios. **“O Jornalismo como Profissão”**: Recursos Sociais, Titulação Acadêmica e Inserção Profissional dos Jornalistas no Rio Grande do Sul. 2007. 308 f. Tese

(Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/10761>. Acesso em: 22 abr. 2020.

PINHEIRO, Kubitschek. **Entrevista**. [30 de outubro de 2019]. João Pessoa. 1 arquivo.mp3 (50 min.). Entrevista concedida à Marcella Machado.

PITHAN, Liana Haygert; VACLAVIK, Marcia Cristiane; OLTRAMARI, Andrea Poletto. Carreiras vulneráveis: uma análise das demissões da mídia como um ponto de inflexão para jornalistas. In: **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 158-171, 2020. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1679-39512020000100158&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1679-39512020000100158&script=sci_arttext). Acesso em: 6 nov. 2020.

PLUNKETT, John. Miriam O'Reilly celebrates ageism victory against BBC. **The Guardian**, 11 de jan. de 2011. Disponível: <https://www.theguardian.com/media/2011/jan/11/miriam-oreilly-bbc-ageism-victory>. Acesso em: 29 jan. 2020.

PONTES, Felipe Simão; LIMA, Samuel. Impactos do mercado jornalístico na vida de seus trabalhadores: um estudo sobre indicadores de saúde dos jornalistas brasileiros. In: **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 26, n. 2, p. 1-19, mai.-ago. 2019. Disponível: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2019.2.31729>. Acesso em: 22 abr. 2020.

RAMOS, Erika Bruna Agripino. **No rastro de Hilton, esbarrei na minha existência**: diário de uma jornalista em sua primeira grande reportagem. 2017. 115 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9745>. Acesso em: 2 mai. 2019.

RAMOS, Sílvia; PAIVA, Anabela. **Mídia e violência**: tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

REZENDE, Jorge; VALUSCA, Nara. **Imprensa de cada um**: 15 anos depois. João Pessoa: Editora Universitária, 1996.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Velhos jornalistas: memória, velhice e identidade profissional. In: FREIRE FILHO, João; VAZ, Paulo. **Construções do tempo e do outro**: representações e discursos midiáticos sobre a alteridade. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2006.

RIBEIRO, Jorge Claudio. **Sempre alerta**: condições e contradições do trabalho jornalístico. São Paulo: Olho d'Água, 2006.

RIBEIRO, José Hamilton. **Jornalistas**: 1937 a 1997: história da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

RILEY, Matilda; JOHNSON, Marilyn; FONER, Anne. **Envelhecimento e sociedade**: uma sociologia da estratificação da idade. Nova York: Russell Sage, 1972.

RIOS, Patrícia. **A influência da internet na prática profissional dos jornalistas dos cadernos de Cultura da Paraíba**. 2003. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Linguagem e Cultura; Políticas Sociais) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande,

2003. Disponível em: <http://tede.bc.uepb.edu.br/tede/jspui/handle/tede/1918>. Acesso em: 8 out. 2020.

ROCHA, Paula Melani. **As mulheres jornalistas no Estado de São Paulo: o processo de profissionalização e feminização da carreira.** 2004. 249 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/1412>. Acesso em: 7 out. 2020.

RODRIGUES, Gonzaga. **Café Alvear: Ponto de encontro perdido.** João Pessoa: A União/Eduepb, 2016.

\_\_\_\_\_. **Cobra Criada:** Gonzaga Rodrigues. **TV Câmara.** 2018. Disponível em: <https://youtu.be/7P8gwG-vNcs>. Acesso em: 10 mai. 2020.

\_\_\_\_\_. **Entrevista.** [15 de agosto de 2019]. João Pessoa. 1 arquivo.mp3 (1h25min.). Entrevista concedida à Marcella Machado.

ROSAS, Juliana Amorim. **Os cães ladram, a caravana passa e ao menos ao leitor se deve reverência: o pioneirismo regional do ombudsman paraibano entre críticas estratégicas e conflitos de ethos.** Dissertação (Programa de Pós-graduação em Comunicação) Setor de Artes, Comunicação e Design, da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1884/48454>. Acesso em: 7 out. 2020.

SALAVERRÍA, Ramón. Velho novo jornalista. **Revista Imprensa**, abr.-mai., p. 24-28, 2016. Disponível em: [https://www.academia.edu/22951848/Velho\\_novo\\_jornalista](https://www.academia.edu/22951848/Velho_novo_jornalista). Acesso em: 6 out. 2020.

SALAVERRÍA, Ramón; NEGREDO, Samuel. **Periodismo integrado: convergência de medios y reorganización de redacciones.** Barcelona: Sol90Media, 2008.

SALTALAMACCHIA, Homero Rodolfo. **La historia de vida: reflexiones a partir de una experiencia de investigación.** San Juan: CIJUP, 1992.

SILVA, Claudio Marcos. **A precarização da atividade jornalística e o avanço da pejotização.** Brasília: Universidade de Brasília, 2014. 215 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Comunicação). Universidade de Brasília. Brasília, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/15710>. Acesso em: 5 mar. 2020.

SILVA, Cleber Femina da. **A dimensão ideológica do jornalismo e o outro generalizado: formação acadêmica e mercado de trabalho na construção profissional do estudante de jornalismo da UFRN.** 2015. 82f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/22789>. Acesso em: 5 out. 2020.

SILVA, Marcelli Alves da. **O percurso do amador para integrar o “mundo do telejornalista”:** uma análise dos vídeos colaborativos que participam da notícia televisiva. 2017. 403 f., il. Tese (Doutorado em Comunicação). Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

SILVA, Elverson Cardozo da. **Fatores de conflitos entre diferentes gerações de jornalistas na imprensa de Campo Grande (MS)**. 2018. 501 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Comunicação), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2018.

SILVA, Edileusa Regina Pena da; SOUSA, Fabrícia Kalene Alves de. **Muito além da redação**: perfil dos 40 anos de jornalismo de Evandro da Nóbrega. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2003.

SINÉSIO, Valéria. **Jornalismo on-line e os portais de notícias de João Pessoa**. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

SORRENTINO, Silvana. **Entrevista**. [31 de agosto de 2020]. João Pessoa. 1 arquivo.mp3 (1h20min.). Entrevista concedida à Marcella Machado.

SOUSA, Moacir Barbosa de. **Do gramofone ao satélite**: evolução do rádio paraibano. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2005.

SOUZA, Candice Vidal e. **Repórteres e reportagens no jornalismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

SOUZA JUNIOR, José Ronaldo de Castro; LEVY, Paulo Mansur. Impactos do novo regime demográfico brasileiro sobre o crescimento econômico (2010-2050). In: CAMARANO, Ana Amélia. (Org.). **Novo regime demográfico**: uma nova relação entre população e desenvolvimento? Rio de Janeiro: Ipea, 2014.

SOUTO MAIOR, Gilson. **História da televisão na Paraíba**. João Pessoa: A União, 2017.

STARR, Paul. Goodbye to the age of newspapers (hello to a new era of corruption): Why american politics and society are about to be changed for the worse. In: MCCHESENEY, Robert; PICKARD, Victor (org.). **Will the Last Reporter Please Turn Out The Lights, the collapse of journalism and what can be done to fix it**. New York, London: New York Press, p. 18-38, 2009.

STAWSKI, Flávia Renata. **Apresentadoras de telejornal**: a efigie da figura feminina no telejornalismo brasileiro contemporâneo, representada por Renata Vasconcellos, Raquel Sheherazade e Paloma Tocci. 2015. 156 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/4767>. Acesso em: 5 abr. 2020.

STRAUSS, Anselm. **Professions, Work, and Careers**. New Brunswick: Transaction, 1975.

\_\_\_\_\_. **Espelhos e Máscaras**: A busca da identidade. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1999.

STRAUSS, Anselm. et al. Maladie et Trajectoires. In: STRAUSS, Anselm. **La Trame de la Négotiation**: Sociologie Qualitative et Interactionnisme. Paris: L'Harmattan, 1992.

TOSCANO, Clélia. A União: novinha em folha. In: CARNEIRO, Josélio (Org.). **A União**: escola de jornalismo. João Pessoa: A União, 2018.

TRÉANTON, Jean-René. Le concept de carrière. **Revue Française de Sociologie**, v.1, n.1, p. 79-80, 1960. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/rfsoc\\_0035-2969\\_1960\\_num\\_1\\_1\\_1737](https://www.persee.fr/doc/rfsoc_0035-2969_1960_num_1_1_1737). Acesso em: 5 out. 2020.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **O Mundo dos Jornalistas**. São Paulo: Summus, 1992.

TREMBLAY, Marc-Adélar. **Initiation à la recherche dans les sciences humaines**. Montreal: McGraw-Hill, 1968.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira; MELO, José Marques de. **Luiz Beltrão: pioneiro das ciências da comunicação no Brasil**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB e INTERCOM, 2008.

UFCG. **História do STI**. Disponível em: <https://www.sti.ufcg.edu.br/historia.html>. Acesso em: 22 jan. 2020.

UMA HISTÓRIA de lutas, conquistas, resistência e muitas vitórias. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 4 abr. 2020.

VARELLA, Dráuzio; JARDIM, Carlos. **Guia prático de saúde e bem-estar: envelhecimento**. Barueri: Editora Gold, 2009.

VEIGA, Gisa. **Cobra Criada: Gisa Veiga**. **TV Câmara**. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/ugy2bLWcgJg>. Acesso em: 10 mai. 2020.

\_\_\_\_\_. **Entrevista**. [2 de outubro de 2019]. João Pessoa. 1 arquivo.mp3 (1h1min.). Entrevista concedida à Marcella Machado.

VETTORAZZO, Lucas. Cada vez mais velha, população brasileira chega a 208 milhões. **Folha de S. Paulo**, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/07/com-populacao-cada-vez-mais-velha-brasil-atinge-208-milhoes-de-pessoas.shtml>. Acesso em: 13 jan. 2020.

VIEIRA NETO, José. **Entrevista**. [1 de setembro de 2020]. João Pessoa. 1 arquivo.mp3 (1h17min.). Entrevista concedida à Marcella Machado.

VILLAS BÔAS, Bruno; SARAIVA, Alessandra. População idosa no Brasil cresce 26% em seis anos. **Valor Econômico**, 2019. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2019/05/22/populacao-idosa-no-brasil-cresce-26-em-seis-anos.ghtml>. Acesso em: 13 jan. 2020.

WEAVER, David; WILLNAT, Lars. **The Global Journalist in the 21st Century**. London: Routledge, 2012.

WORLDS OF JOURNALISM STUDY. **Data and key tables: WJS2 (2012–2016)**. 2017. Disponível em: <http://www.worldsofjournalism.org/data/data-and-key-tables-2012-2016/>. Acesso em: 7 out. 2020.

WU, Wei; WEAVER, David. Making Chinese Journalists for the Next Millennium: The Professionalization of Chinese Journalism Students. In: **International Communication Gazette**, 60 (6), p. 513-529, 1998.

ZHU, Jian-Hua, WEAVER, David H; VEN-HWEI LO, Chongshan Chen; WU, Wei. Individual, Organizational, and Societal Influences on Media Role Perceptions: A Comparative Study of Journalists in China, Taiwan, and the United States. In: **Journalism & Mass Communication Quarterly**, 74 (1), p. 84-96, 1997.

ZELIZER, Barbie. **Taking journalism seriously: news and the academy**. Thousand Oaks: Sage, 2004.

## ANEXOS



### QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO – JORNALISTAS VETERANOS NO MERCADO DE TRABALHO EM JOÃO PESSOA

Este questionário busca investigar o perfil dos(as) jornalistas com cinquenta (50) anos ou mais em idade que estejam ou não no exercício do jornalismo em João Pessoa. São considerados(as) os(as) profissionais com titulação formal em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e áreas afins, assim como os(as) detentores(as) de Registro Profissional (DRT), independente de veículo de comunicação ou de regime de trabalho, incluindo colaboradores(as), autônomos(as), desempregados e os que não exercem funções jornalísticas no período do estudo. Essa pesquisa faz parte da dissertação de mestrado da jornalista e aluna do Mestrado Profissional em Jornalismo, do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Marcella Silva Mousinho Machado. As informações disponibilizadas pelo(a) respondente serão utilizadas exclusivamente para os fins do estudo e não conterá qualquer elemento que permita identificar o(a) participante, como nome ou formas de contato. As questões propostas podem ter mais de uma resposta, a depender do perfil profissional do(a) respondente, sem existir certo ou errado no posicionamento expresso. É de fundamental importância que cada bloco de perguntas seja respondido. Agradecemos a participação e o tempo dedicado!

**NOME:**

**GÊNERO:**

Feminino  
Masculino

**FAIXA DE IDADE:**

50 a 59 anos  
60 a 69 anos  
70 a 79 anos  
80 anos ou mais

**ESCOLARIDADE:**

Ensino Médio Completo  
Ensino Médio Incompleto  
Ensino Superior Completo  
Ensino Superior Incompleto  
Especialização  
Mestrado  
Doutorado

**FORMAÇÃO:**

Comunicação Social – Jornalismo  
Comunicação Social – Rádio e TV  
Comunicação Social – Relações Públicas  
Comunicação Social – Publicidade  
Outra

**OUTRA FORMAÇÃO**

---

**REGISTRO PROFISSIONAL:**

Sim  
Não

**TEMPO DE CARREIRA TEM NO JORNALISMO:**

10 a 15 anos  
20 a 25 anos  
30 a 35 anos  
40 anos ou mais

**SITUAÇÃO DE TRABALHO ATUAL NO JORNALISMO:**

Empregado(a)  
Desempregado(a)  
Aposentado(a)  
Afastado(a)  
Colaborador(a) não remunerado  
Desempenho de funções ou cargos não-jornalísticos

**VEÍCULO(S) DE COMUNICAÇÃO EM QUE ATUA:**

Rádio  
Televisão  
Jornal impresso  
Revista  
Portal  
Blog  
Canal de vídeo  
Assessoria  
Comunicação interna  
Editora  
Agência de publicidade  
Não se aplica

**FUNÇÃO(ÕES) DESEMPENHADA(S):**

Repórter  
 Editor(a)  
 Diretor(a)  
 Chefe  
 Apresentador(a)  
 Produtor(a)  
 Colunista  
 Assessor(a)  
 Social media  
 Repórter fotográfico(a)  
 Cinegrafista  
 Atividade não-jornalística  
 Escritor(a)  
 Revisor(a)  
 Diagramador(a)  
 Outra

**REGIME(S) DE TRABALHO ESTÁ ENQUADRADO(A):**

Carteira assinada  
 Servidor(a) público  
 Cargo comissionado  
 Empresário(a)  
 Freelancer  
 Contrato de prestação de serviços  
 Atuação como Pessoa Jurídica (PJ)  
 Colaborador(a)  
 Outro  
 Nenhum

**VÍNCULOS                    PROFISSIONAIS                    QUE                    MANTÉM                    COM**  
**EMPRESAS/GRUPOS/ÓRGÃOS:**

Um vínculo  
 Dois vínculos  
 Mais de três vínculos  
 Nenhum

**RENDIMENTO SALARIAL MÉDIO:**

1 a 2 salários mínimos  
 2 a 3 salários mínimos  
 3 a 6 salários mínimos  
 7 a 10 salários mínimos  
 10 a 15 salários mínimos  
 Acima de 15 salários mínimos

**HORAS TRABALHADAS POR DIA:**

Até 4h  
 Até 6h  
 Até 8h  
 Até 10h

Até 12h  
 Acima de 12h  
 Não se aplica

**DO SEU PONTO DE VISTA, SEU RITMO DE TRABALHO É MAIS LENTO, ACELERADO OU O MESMO DE QUANDO COMEÇOU A ATUAR NO JORNALISMO?**

Mais moderado  
 Mais acelerado  
 Mantém a constância  
 Não se aplica

**RECEBE BENEFÍCIOS DE REGIME DE APOSENTADORIA?**

Sim. Desde ou a partir deste ano  
 Sim. Há um ano  
 Sim. De três a cinco anos  
 Sim. Há dez anos ou mais  
 Não. Sem projeções  
 Não. Mas pretendo daqui a um ano  
 Não. Mas pretendo daqui a três ou cinco anos

**É APOSENTADO(A) POR?**

Aposentadoria por tempo de contribuição  
 Aposentadoria por invalidez  
 Aposentadoria por idade  
 Aposentadoria especial  
 Não se aplica

**SE É APOSENTADO(A), POR QUE PERMANECE NA ATIVIDADE JORNALÍSTICA? APONTE OS CINCO PRINCIPAIS MOTIVOS.**

Manter as condições financeiras  
 Prazer pelo trabalho  
 Ocupar o tempo livre  
 Prover a família  
 Status ou prestígio social fornecido pelo cargo  
 Relacionamento com os colegas e equipe de trabalho  
 Senso de pertencer à empresa  
 Liderança  
 Poder de decisão  
 Eventos e festas de trabalho  
 Oportunidade de viajar no trabalho  
 Rotina de trabalho reduzida  
 Plano de assistência médica  
 Outro. Qual?

**AS MUDANÇAS DE MAIOR IMPACTO OCORRIDAS NO CAMPO PROFISSIONAL NA SUA CARREIRA COM A MATURIDADE FORAM DE? APONTE NO MÁXIMO CINCO MOTIVOS.**

Caráter tecnológico  
 Processo e organização de trabalho

Extinção de funções  
 Autogestão de negócios  
 Relacionadas à idade  
 Questão familiar  
 Motivos de saúde  
 Financeiras  
 Não ocorreram mudanças  
 Nenhuma das anteriores  
 Outra(s). Qual(ais)?

**DO SEU PONTO DE VISTA, AS NOVAS TECNOLOGIAS DIGITAIS GERARAM?  
 APONTE OS CINCO PRINCIPAIS EFEITOS.**

Maior qualidade de vida  
 Redução da mão de obra  
 Redução de salário  
 Estresse  
 Crescimento na carreira  
 Competição entre colegas  
 Aumento na dificuldade de encontrar trabalho  
 Aumento no ritmo de trabalho  
 Maior produtividade  
 Não ocorrem mudanças

**QUAIS PROBLEMAS IDENTIFICA NO MERCADO DE TRABALHO  
 JORNALÍSTICO DE FORMA GERAL? APONTE OS CINCO PRINCIPAIS.**

Competitividade acirrada  
 Precarização das relações trabalhistas  
 Excesso de trabalho  
 Conflitos geracionais  
 Falta de oportunidades de emprego  
 Perda da identidade jornalística  
 Deficiências técnicas nos jornalistas  
 Limitações intelectuais e culturais nos jornalistas  
 Queda nas angulações e pautas  
 Coberturas limitadas  
 Submissão a linha editorial

**É FILIADO(A) OU ASSOCIADO(A) A(O):**

Sindicato dos Jornalistas da Profissionais do Estado da Paraíba (SINDJOR-PB)  
 Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Radiodifusão e Televisão do Estado da Paraíba (STERT-PB)  
 Sindicato das Agências de Propaganda do Estado da Paraíba (SINAPRO-PB)  
 Associação Paraibana de Imprensa (API)  
 Associação de Mídias Digitais da Paraíba (AMIDI-PB)

**PARTICIPA ATIVAMENTE DAS ATIVIDADES DO SEU SINDICATO OU  
 ASSOCIAÇÃO?**

Regularmente  
 De vez em quando  
 Quase nunca

Não participa

**RELAÇÃO COM OS JOVENS JORNALISTAS NO TRABALHO:**

Pouca convivência

Muita convivência

Não convive

Atuam em parceria

Atuam distantes

Não se aplica

**RELAÇÃO COM OS JORNALISTAS DA SUA GERAÇÃO NO TRABALHO:**

Pouca convivência

Muita convivência

Não convive

Atuam em parceria

Atuam distantes

Não se aplica

**COM QUAIS DESSES PROBLEMAS DE SAÚDE JÁ FOI DIAGNOSTICADO QUE ESTEJAM RELACIONADOS AO TRABALHO?**

Rinite

Alergia de pele

Excesso de peso

Dor de pescoço/ombros

Problema de visão

Ansiedade

Enxaqueca

Colesterol alto

Asma ou bronquite

Insônia

Depressão

Pressão alta

Dor nos braços/mãos

Dor nas costas

Tireóide

Câncer

Gastrite crônica

Diabetes

Úlcera

Problemas na audição

Artrite ou artrose

Osteoporose

**COM QUAIS DESSES ATRIBUTOS SE IDENTIFICA COM RELAÇÃO AO MERCADO DE TRABALHO E A MATURIDADE? PODE MARCAR QUANTOS ATRIBUTOS QUISER.**

Lento(a)

Sábio(a)

Crítico(a)  
Generoso(a)  
Rígido(a)  
Interessado(a) pelas pessoas  
Desvalorizado(a)  
Construtivo(a)  
Convencional  
Cordial  
Dependente  
Agradável  
Desconfiado(a)  
Persistente  
Doentio  
Esperançoso(a)  
Inseguro(a)  
Sociável  
Distraído(a)  
Preciso(a)  
Rejeitado(a)  
Produtivo(a)  
Deprimido(a)  
Alerta  
Isolado(a)  
Atualizado(a)  
Retrógrado(a)  
Ativo(a)  
Confuso(a)  
Bem humorado(a)



## **ROTEIRO DE ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE**

### **A carreira profissional dos jornalistas veteranos em tempos de mudanças estruturais: mercado de trabalho, práticas e socializações**

Universidade Federal da Paraíba

Centro de Comunicação, Turismo e Artes

Programa de Pós-Graduação em Jornalismo – PPJ/UFPB

Pesquisadora: Marcella Silva Mousinho Machado

Orientadora: Sandra Regina Moura

NOME:

#### **PARTE 1: MEMÓRIAS E SOCIALIZAÇÕES**

1. Como, quando e por que ingressou no jornalismo?
2. Em quais empresas e funções atuou? E por que permaneceu e/ou saiu delas?
3. Quais foram suas bases de conhecimento e referências para atuar na área?
4. Como era a redação quando iniciou?
5. O que mudou da redação do início e a de hoje?
6. Quem foram seus contemporâneos?
7. Quem eram as referências da sua época?
8. Como os jornalistas veteranos eram vistos pela sua geração?
9. Quais as habilidades que um jornalista precisava ter?
10. Quais eram os seus instrumentos de trabalho?
11. Como era sua rotina e metodologia de trabalho?
12. Qual era a imagem do jornalista na sua época? Esse perfil mudou?
13. Como era o contato e a relação com as fontes?
14. Como sua relação com os colegas dentro e fora da redação?
15. Como era a relação com o poder, governos etc?
16. Havia contato com a atividade sindical e entidades de classes? Por quê? E como era?
17. De que forma vivenciou o processo de informatização com a chegada dos computadores, internet e outras ferramentas digitais?
18. Quais as foram as coberturas mais marcantes?
19. Ao longo da carreira, buscou fazer cursos, especializações, reciclagens para se manter na profissão ou através das empresas/instituições na qual trabalhou?

**PARTE 2: PRÁTICAS ATUAIS**

20. Quais atividades desempenha hoje?
21. Por que mudou ou está nesta função?
22. Como é sua rotina de trabalho?
23. Utiliza as ferramentas digitais no seu trabalho? De que forma?
24. Que tipo de conhecimentos são necessários para o desempenho desta função?
25. Imaginava estar nesta função nessa fase da vida?
26. Como se vê enquanto jornalista na maturidade?
27. De que forma avalia a profissão hoje?
28. Há espaço para o jornalista veterano no mercado de trabalho?
29. Quais outras atividades desempenha hoje no jornalismo ou fora dele?
30. A profissão gerou reconhecimentos? Como e quais?
31. Vê alguma limitação de alguma natureza, seja física, técnica, social ou tecnológica no seu trabalho ao longo do tempo?
32. Quais valores éticos e profissionais mantém enquanto jornalista?
33. A profissão afetou sua saúde física ou psicológica? De que forma?
34. Pretende aposenta-se e permanecer no jornalismo de alguma forma ou desempenhar outras atividades? Por que aposentou-se e permanece na área?



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa de natureza acadêmica, do Mestrado Profissional em Jornalismo, do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (PPJ-UFPB). Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável.

A pesquisa tem como título **“A carreira profissional dos jornalistas veteranos em tempos de mudanças estruturais: mercado de trabalho, práticas e socializações”**, de autoria da pesquisadora **Marcella Silva Mousinho Machado**. A dissertação propõe um estudo sobre a trajetória profissional dos jornalistas mais experientes. Por jornalistas veteranos consideramos aqueles com mais de trinta anos de atuação no jornalismo, detentores de um capital simbólico na cultura profissional, com ingresso no jornalismo entre as décadas de 1950 e 1980, e que estejam em atuação na área, independente do vínculo profissional. Nessa relação entre a maturidade e o trabalho jornalístico, buscamos identificar quais os espaços e funções os jornalistas maduros têm ocupado no mercado de trabalho pessoense, analisamos as transformações nas práticas e perfis profissionais ao longo de suas trajetórias a partir da percepção deles sobre as próprias identidades e verificamos como o fator intergeracional, tanto da perspectiva cultural, como tecnológica, tem sido vivenciado pelos jornalistas mais experientes e as novas gerações.

Serão realizadas entrevistas semiestruturadas e em profundidade com os jornalistas, assim como pesquisa documental, por meio de artigos, monografias, teses e dissertações, livros, biografias, publicações em redes sociais dos jornalistas ou sobre eles, tanto sobre suas trajetórias pessoais, quanto sobre aspectos referentes aos seus trabalhos. Durante a entrevista será utilizado um gravador de áudio e uma câmera para registro de algumas imagens. Os dados das entrevistas serão analisados e apresentados na dissertação e em eventos da área. Todos os

participantes do estudo serão informados sobre os procedimentos para a realização da pesquisa e sobre os aspectos éticos. Caso decida não participar do estudo, ou resolva, a qualquer momento, desistir dele, não haverá nenhum dano. A pesquisadora estará à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário, em qualquer etapa da pesquisa.

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, \_\_\_\_\_ abaixo assinado, concordo em participar do estudo A CARREIRA PROFISSIONAL DOS JORNALISTAS VETERANOS EM TEMPOS DE MUDANÇAS ESTRUTURAIS: MERCADO DE TRABALHO, PRÁTICAS E SOCIALIZAÇÕES. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora MARCELLA SILVA MOUSINHO MACHADO sobre a pesquisa e procedimentos nela envolvidos.

Local e data \_\_\_\_\_, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_